



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

**MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE**

**O CORDEL NA SALA DE AULA:  
UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO**

**FEIRA DE SANTANA  
2019**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**  
Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900  
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br  
[www.profletras.uefs.com.br](http://www.profletras.uefs.com.br)

**MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE**

**O CORDEL NA SALA DE AULA:  
UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO**

**FEIRA DE SANTANA  
2019**

**MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE**

**O CORDEL NA SALA DE AULA:  
UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros

**FEIRA DE SANTANA  
2019**

**Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado**

C364c Cavalcante, Manoel Cleriston Luna

O cordel na sala de aula : uma proposta para o letramento literário /  
Manoel Cleriston Luna Cavalcante. – 2019.  
219f.: il.

Orientador: Patrício Nunes Barreiros.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana,  
Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras -  
PROFLETRAS, 2019.

1. Letramento literário. 2. Leitura – Formação de leitores. 3. Literatura  
de cordel – Leitura e escrita. 4. Língua portuguesa (Ensino fundamental) –  
Estudo e ensino. 5. Incentivo à leitura. I. Barreiros, Patrício Nunes, orient.  
II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 372.41:869.0(81)-91

Solange dos Santos Rocha – Bibliotecária CRB5/1639

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE**

**O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO  
LITERÁRIO**

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros  
Orientador, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

---

Profa. Dra. Alana de Oliveira Freitas El Fahl  
Examinadora Interna, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

---

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto  
Examinador Externo, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Feira de Santana, 21 de março de 2019

Aos meus pretos, Salém e Guile, pela presença afetuosa!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por dar o dom e mostrar as possibilidades;

Ao povo de casa, por, cada um a seu modo, ser e estar presentes;

Ao professor Dr. Patrício Nunes Barreiros, meu orientador, por apontar caminhos a serem trilhados;

À professora Dra. Alana de Oliveira Freitas El Fahl e ao professor Dr. João Evangelista do Nascimento Neto, por qualificarem nosso trabalho com suas leituras atentas e contribuições fundantes;

Ao grupo que me deu trabalho, Jacivan, Lucivânia e Sandra Maria, por me acolherem, lançarem desafios, por serem exemplos de (com)paixão, compromisso e criatividade;

Aos colegas Camila, Consuelo, Cristiane, Eveline, Fernanda, Gleidson, Graciele e Jeane, por ressignificarem positivamente o sentido de gangue;

Aos professores do PROFLETRAS/UEFS, Dras. Antonilma Castro, Fabíola Vilas Boas, Flávia Aninger, Girlene Portela, Lígia Pellon, Lívia Mendonça, Mariana Fagundes e ao professor Dr. César Vitorino, por partilharem saberes da profissão e da vida;

Ao poeta Valdir Cavalcante de Matos, por partilhar e inspirar a beleza dos versos;

Aos alunos dos 9º ano A da Escola Municipal Madre Paulina, por serem sujeitos parceiros na realização dessa etapa de minha trajetória profissional;

Aos profissionais da EMMP, especialmente direção e orientação, por incentivarem e apoiarem as ações desse projeto;

À professora Marileide Alves, por disponibilizar tempo e atenção a nossa empreitada;

Aos demais amigos e colegas, por torcerem por essa realização;

À CAPES, por incentivar essa pesquisa por meio da bolsa.

A leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com outros. (CHARTIER, 1999, p. 16).



## RESUMO

O presente texto apresenta uma proposta de intervenção pedagógica que tem por objetivo promover o letramento literário dos alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma Escola Municipal, a partir da inserção da Literatura de Cordel nas aulas de Língua Portuguesa. Buscamos, também, contribuir para a formação de alunos leitores/escritores críticos, propiciando-lhes situações favoráveis à expressão de suas subjetividades ou de posicionamentos sobre seus contextos sociais por meio da oralidade e da escrita. O desenvolvimento deste trabalho foi motivado por reflexões suscitadas em nossa prática docente sobre os caminhos tomados no ensino de leitura e de leitura literária na escola, bem como sobre os incipientes resultados em avaliações externas em relação à competência leitora dos alunos. Vinculada à linha de pesquisa “Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes” do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UEFS), esta pesquisa intervenção está inserida no campo das pesquisas de natureza aplicada, em que desenvolvemos uma sequência didática voltada para o letramento literário baseado na leitura e na escrita do gênero poético Literatura de cordel, na qual propusemos a leitura de um livreto de cordel de um autor local, uma vez que constatamos a ausência de escritores locais nos espaços escolares. Estas ações foram pautadas em pressupostos teóricos que discutem a leitura (LEFFA, 1996; MARTINS, 2014), o processo de escolarização da leitura (ZILBERMAN e RÖSING, 2009; KOCH e ELIAS, 2008; BRASIL, 1998; SANTOS, 2010; FUZA, OHUSCHI e MENEGASSI, 2011), a leitura de literatura na escola (DALVI, REZENDE e FALEIROS, 2013; MICHELETTI, 2006), o letramento literário (COSSON, 2006; PAULINO e COSSON, 2009; ZAPPONE, 2008), a Literatura de Cordel e sua presença na sala de aula (ABREU, 1999; MAXADO, 2011; ALVES, 2013; HAURÉLIO, 2013). Com a aplicação da proposta de intervenção, observamos que a Literatura de cordel é um gênero motivador para as práticas de leitura e de escrita na escola. Motivo de orgulho para os alunos sujeitos da pesquisa, as produções realizadas foram socializadas em formato de livretos de cordel para os alunos da escola participante e numa site na plataforma *Wordpress*.

**Palavras-chave:** Leitura; letramento literário; literatura de cordel; ensino de língua portuguesa.

## ABSTRACT

The present study presents a pedagogical intervention proposal that aims to promote literary literacy development in a Municipal School class of 9th grade students, through the insertion of Cordel Literature in the classes of Portuguese Language. We also intend to contribute to the formation of students who are critical readers and writers, providing them with favorable situations to express their subjectivities and positioning about their social context by using orality or writing skills. Reflections about the methodology used to teach reading skills and literary literacy at school as well as the incipient results of external evaluations about students' reading competence motivated the development of this work. Linked to the line of research "Reading and Text Production: social diversity and teachers practice" of the Program of Professional Master in Portuguese (PROFLETRAS/UEFS), this intervention research is inserted on the research field of applied nature in which we developed a didactic sequence to literary literacy based on reading and writing of the poetic genre Cordel Literature. In this sequence, we proposed the reading of a local author Cordel booklet since we verified the absence of local authors on school spaces. The theoretical assumptions that supported those actions were the discussions of reading process (LEFFA, 1996; MARTINS, 2014); the process of literacy schooling (ZILBERMAN and RÖSING, 2009; KOCH and ELIAS, 2008; BRASIL, 1998; SANTOS, 2010; FUZA, OHUSCHI and MENEGASSI, 2011); literary reading at school (DALVI, REZENDE and FALEIROS, 2013; MICHELETTI, 2006); the literary literacy (COSSON, 2006; PAULINO and COSSON, 2009; ZAPPONE, 2008); the Cordel literature and its presence in classroom (ABREU, 1999; MAXADO, 2011; ALVES, 2013; HAURÉLIO, 2013). With the application of the intervention proposal, we observed that Cordel Literature is a motivating genre for the reading and writing practices at school. A reason of proud for the research subjects, the productions were published as Cordel Booklets for the students of the participating school and in a website on the WordPress platform.

**Keywords:** Reading; literary literacy; cordel literature; Portuguese language teaching.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa de localização do distrito Caldas do Jorro-Tucano-BA	42
Figura 02 – Resultados e metas para o IDEB da Escola Municipal Madre Paulina	43
Figura 03 – Indicador de Aprendizado da Escola Municipal Madre Paulina	43
Figura 04 – Distribuição dos alunos por Nível de Proficiência	44
Figura 05 – Faixa etária dos sujeitos da pesquisa	46
Figura 06 – Renda mensal familiar	46
Figura 07 – Nível de escolaridade do pai	46
Figura 08 – Nível de escolaridade da mãe	47
Figura 09 – Esquema da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)	48
Figura 10 – Esquema da SD adaptada por Costa-Hübes (2009)	48
Figura 11 – Esquema da Sequência Didática de Barreiros e Souza (2015)	49
Figura 12 – Esquema da sequência didática adaptada para esta pesquisa	50
Figura 13 – Hábitos de leitura	59
Figura 14 – Página do módulo didático com o texto “O valor que o livro tem”, de Antônio Barreto	62
Figura 15 – Página do módulo didático apresentando a reportagem sobre literatura de cordel	65
Figura 16 – Transcrição da resposta do aluno A35 sobre a reportagem	66
Figura 17 – Grupos de alunos lendo cordel em ambientes da escola	67
Figura 18 – Avaliação do aluno A35 sobre o encontro	68
Figura 19 – Capa do livreto de cordel <i>Prosas de caipira</i> , de Valdir Cavalcante de Matos	69
Figura 20 – Cenas da visita do autor à turma	72
Figura 21 – Grupos de alunos escrevendo a primeira versão dos cordéis	75
Figura 22 – Sextilha produzida pelo aluno A14	79
Figura 23 – Esquema da classificação de cordéis proposta por Maxado (2011)	80
Figura 24 – Tipos de estrofes mais comuns nos cordéis	82
Figura 25 – Transcrição das autoavaliações dos alunos A32 e A34	83
Figura 26 – Cenas da culminância	85
Figura 27 – Produção Inicial I, escrita pelos alunos A01, A06, A08, A20, A21, A31 e A35	90
Figura 28 – Produção Inicial II, escrita pelos alunos A02, A05, A07, A16, A30 e A34	91
Figura 29 – Produção Inicial III, escrita pelos alunos A03, A10, A20, A22 e A23	92

Figura 30 – Produção Inicial IV, escrita pelos alunos A04, A09, A15, A28 e A32	93
Figura 31 – Produção Inicial V, escrita pelos alunos A11, A17, A18, A24 e A33	94
Figura 32 – Produção Inicial VI, escrita pelos alunos A12, A14, A25, A26 e A27	95
Figura 33 – Produção Final I, escrita pelos alunos A01, A06, A08, A20, A21, A31 e A35	100
Figura 34 – Produção Final II, escrita pelos alunos A02, A05, A07, A16, A30 e A34	101
Figura 35 – Produção Final III, escrita pelos alunos A03, A10, A20, A22 e A23	102
Figura 36 – Produção Final IV, escrita pelos alunos A04, A09, A15, A28 e A32	103
Figura 37 – Produção Final V, escrita pelos alunos A11, A17, A18, A24 e A33	104
Figura 37 – Produção Final VI, escrita pelos alunos A12, A14, A25, A26 e A27	105

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01 – Planejamento dos Módulos	52
Quadro 02– Respostas dos alunos à atividade de compreensão de texto	63
Quadro 03 – Respostas dos alunos a questionamentos sobre variedades linguísticas	77
Quadro 04 – Respostas dos alunos sobre variedades linguísticas empregadas no texto literário	78
Quadro 05 – Síntese dos resultados obtidos na produção inicial	99
Quadro 06 – Síntese dos resultados obtidos nas produções inicial e final	107

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01 – Resultados da Avaliação final do projeto	87
--	----

## **LISTA DE SIGLAS**

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CEP – Comitê de Ética para Pesquisas com Seres Humanos

CNS – Conselho Nacional de Saúde

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PP – Projeto pedagógico

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SD – Sequência Didática

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA (D)E LITERATURA.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA E LITERATURA DENTRO E FORA DA ESCOLA.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1.1</b>	<b>Leitura na escola.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Escolarização da literatura (ou da leitura literária).....</b>	<b>22</b>
<b>2.2</b>	<b>LETRAMENTO LITERÁRIO.....</b>	<b>26</b>
<b>3</b>	<b>O GÊNERO CORDEL NA SALA DE AULA.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1</b>	<b>O CORDEL ALCANÇA SEUS LEITORES: LEANDRO GOMES DE BARROS... </b>	<b>34</b>
<b>3.2</b>	<b>O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA: VALDIR CAVALCANTE DE MATOS.....</b>	<b>36</b>
<b>4</b>	<b>O CORDEL VAI À ESCOLA: VEREDAS DA INTERVENÇÃO.....</b>	<b>39</b>
<b>4.1</b>	<b>PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS.....</b>	<b>39</b>
<b>4.2</b>	<b>CONTEXTO DA PESQUISA: ESPAÇO E SUJEITOS.....</b>	<b>41</b>
<b>4.2.1</b>	<b>O espaço da pesquisa: a escola.....</b>	<b>41</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Os sujeitos da pesquisa: os alunos.....</b>	<b>45</b>
<b>4.3</b>	<b>A SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b>	<b>47</b>
<b>5</b>	<b>O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO.....</b>	<b>58</b>
<b>5.1</b>	<b>CAMINHOS TRILHADOS NA INTERVENÇÃO.....</b>	<b>58</b>
<b>5.1.1</b>	<b>Sondagem.....</b>	<b>58</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Sensibilização.....</b>	<b>61</b>
<b>5.1.3</b>	<b>Apresentação do gênero.....</b>	<b>64</b>
<b>5.1.4</b>	<b>Apresentação da situação comunicativa.....</b>	<b>69</b>
<b>5.1.5</b>	<b>Módulo de reconhecimento do gênero.....</b>	<b>72</b>
<b>5.1.6</b>	<b>Produção inicial.....</b>	<b>74</b>
<b>5.1.7</b>	<b>Módulos de intervenção.....</b>	<b>77</b>
<b>5.1.8</b>	<b>Produção final.....</b>	<b>82</b>

<b>5.1.9 Culminância.....</b>	<b>84</b>
<b>5.1.10 Avaliação.....</b>	<b>86</b>
<b>5.2 ANÁLISE COMPARATIVA DAS PRODUÇÕES INICIAIS E FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SEMIABERTO APLICADO AOS PROFESSORES .....</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SEMIABERTO APLICADO AOS ALUNOS.....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>122</b>
<b>APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PROFESSORES.....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICE F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM.....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE G – AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE H – PLANEJAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE I – PERGUNTAS PARA O ESCRITOR LOCAL.....</b>	<b>140</b>
<b>APÊNDICE J – LIVRETO DE CORDÉIS PRODUZIDO PELOS ALUNOS.....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE K – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO FINAL DA SD.....</b>	<b>148</b>
<b>APÊNDICE L – MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO PARA APLICAÇÃO DA SD.....</b>	<b>152</b>
<b>ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....</b>	<b>200</b>
<b>ANEXO B – LIVRETO PROSAS DE CAPIRA.....</b>	<b>206</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta resultados de pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UEFS), seguindo a linha de pesquisa *Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes*, por meio da aplicação da proposta de intervenção pedagógica **O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO**.

Nosso percurso de atuação como professor de Língua Portuguesa, há dezessete anos, no ensino fundamental e, há sete anos, no ensino médio, em duas escolas do município de Tucano-BA, vem suscitando reflexões sobre os caminhos tomados na prática de ensino desse componente curricular e nos levou a buscar a formação em nível de mestrado como oportunidade para problematizar essas questões e propor intervenção para nossa própria atividade docente.

Reconhecemos a importância da leitura – considerada desde o nível elementar de decodificação à prática interativa de atribuir sentido ao texto – como mecanismo de inserção do homem nas práticas sociais, dado que quem não lê, muitas vezes, não participa plenamente de muitas atividades cotidianas na sociedade. Sendo assim, no decorrer da História, coube precipuamente à escola o papel institucionalizado de ensinar a ler.

No entanto, ao fazermos uma análise rápida de materiais didáticos recomendados pelo Ministério da Educação, na observação de algumas aulas de língua, bem como nas reflexões sobre o nosso próprio fazer docente, percebemos práticas de ensino que, pelos avanços dos debates acerca da leitura e de estudo do texto, já deveriam estar superadas. Tais práticas aliadas à carência de bibliotecas com adequada estrutura e efetivo funcionamento na escola, da falta de formação substancial para profissionais (professores e bibliotecários) e de programas eficientes de incentivo à leitura, refletem-se nos resultados das avaliações externas e internas, em que os ínfimos índices de competência leitora demonstram o quanto a escola pública precisa avançar.

Urge que, na escola, a leitura seja concebida e ensinada como prática social, em que serão proporcionados aos alunos instrumentos necessários para que eles ampliem a compreensão, possam elencar e organizar as informações a fim de construir sentidos para a realidade que os cercam. Em outros termos, que seja concretizado eficazmente o objetivo apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de formar alunos capazes de utilizar a linguagem na recepção e produção de textos orais e escritos “[...] de modo a atender

a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso” (BRASIL, 1998, p. 32).

Ademais, percebemos que o trabalho de leitura na escola, de maneira geral, é ainda fragmentado e mecanicista, apesar das inovações da abordagem dos textos por gêneros textuais/discursivos, principalmente a partir da publicação dos PCN. Dois aspectos são percebidos aí: no tocante à leitura, há uma profusão de gêneros textuais das diversas esferas de circulação; no entanto, em relação à escrita, verifica-se uma preferência por gêneros presentes nas práticas sociais cotidianas, como o bilhete, textos instrucionais, a notícia, o e-mail, as cartas argumentativas, até mesmo o conto e a crônica de autores reconhecidos.

Comprendemos, pois, que a escola não tem alcançado o sucesso esperado na formação de leitores e escritores competentes. Ou, nas palavras de Zappone (2008, p. 50-51):

A escola tem como uma de suas metas principais o desenvolvimento de capacidades individuais relacionadas ao codificar e decodificar da língua e não volta sua atenção para os modos como essas práticas podem fazer sentido na vida de seus alunos, o que transformaria a leitura e a escrita em atividades muito mais significativas para os estudantes. (ZAPPONE, 2008, p. 50-51).

Por outro lado, notamos que, em favor da inclusão de gêneros textuais de usos sociais diversos, o texto literário em geral, e, principalmente, dos gêneros poéticos, os quais poderiam tornar a leitura e a escrita práticas de significância, têm recebido pouca atenção nos manuais didáticos e, por conseguinte, nas aulas de língua portuguesa. Além disso, quando trabalhados, são apresentados em fragmentos para exercícios superficiais de interpretação; tomados como modelo de escrita ou desmembrados para atividades de análise linguística. Assim, o letramento escolar configura um “modelo autônomo de letramento, já que todas as atividades com a escrita propostas neste ambiente são feitas com base no texto, de modo que esse é considerado suficiente para produzir um significado que está nele presente e corporificado” (ZAPPONE, 2008, p. 51).

Nesse mesmo viés, compreendemos, conforme Paulino e Cosson (2009, p. 63), que “[...] a leitura de obras literárias cumpre um papel importante no desenvolvimento do ser humano, quer no sentido estrito de favorecer o trato com a escrita, quer no mais amplo de educar os sentimentos e favorecer o entendimento das relações sociais”.

Entendemos, assim, que a leitura do texto literário possibilita ao leitor um diálogo entre o que se é, o que se sabe e o que o texto apresenta. Por isso, na escola, a leitura (literária) deve ser concebida e ensinada como prática social – o que configura o letramento – em que

serão proporcionados aos alunos instrumentos necessários para que eles ampliem a compreensão do texto, de si mesmos e do contexto social; podendo, assim, elencar e organizar as informações a fim de construir sentidos para a realidade que os cerca, assumindo um papel de protagonista que expressa suas visões de si e do mundo através da escrita.

Contudo, entendemos que, quando se estuda o texto literário na escola, quase sempre são utilizados os textos recorrentes de uma parcela de autores consagrados representantes do cânone. Embora se possa discutir o trabalho realizado, esse recorte da literatura tem seu lugar na escola. Por pensar que a literatura deva ser apresentada em seus diferentes aspectos e representantes, a fim de que os alunos possam ampliar seu repertório de textos/autores, preferimos trabalhar nesta proposta de intervenção com um gênero literário não canônico; assim chegamos à Literatura de Cordel.

Nessa perspectiva, surgiu outro elemento a ser considerado: com que autor/autores desse gênero tão profícuo na cultura nordestina deveríamos trabalhar? Uma vez que no município de Tucano-BA, onde resido e atuo como professor, há diversos escritores produzindo crônicas, contos, poemas e romances, os quais são, em grande parte, desconhecidos dos moradores e invisíveis nas escolas dessa localidade, buscamos, dentre esses autores, um autor de Literatura de Cordel, o poeta Valdir Cavalcante de Matos.

Assim, a opção feita por um autor local justifica-se pela possibilidade de promover o encontro do aluno com uma escrita próxima de si, tanto temática quanto geograficamente, em que este aluno veja as discussões que o rodeiam representadas literariamente.

Apresentamos, pois, a pesquisa intitulada **O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO**, a qual se baseou nas seguintes questões: De que maneira pode-se inserir a Literatura de Cordel produzida por autores locais na sala de aula de Língua Portuguesa? Que contribuições podem ser observadas com a inserção dessa Literatura de Cordel numa proposta de intervenção pedagógica visando ao letramento literário de alunos do ensino fundamental, capazes de expressar crítica e criativamente suas subjetividades e/ou compreensão de seu contexto social oralmente e por meio da escrita de cordéis?

Para responder a essa questão, refletimos sobre os resultados de uma proposta de intervenção pedagógica desenvolvida nos moldes de sequência didática (SD), pautadas em atividades de leitura de Literatura de Cordel e da escrita de textos desse gênero poético produzidos por alunos de uma turma de 9º ano, do turno matutino, de uma escola pública da Rede Municipal, localizada no distrito de Caldas do Jorro, município de Tucano, Bahia.

Em busca de darmos conta de nosso objeto de estudo, estabelecemos como principal

objetivo promover o letramento literário dos alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma Escola Municipal, a partir da inserção da Literatura de Cordel nas aulas de Língua Portuguesa, tendo em vista contribuir para a sua formação enquanto leitores/escritores críticos, propiciando-lhes situações favoráveis à expressão de suas subjetividades ou de posicionamentos sobre seus contextos sociais por meio da oralidade e da escrita.

No bojo desse objetivo maior, procuramos alcançar os seguintes objetivos específicos:

- a) desenvolver sequência didática possibilitando aos alunos a prática da leitura e da escrita da Literatura de Cordel e o reconhecimento de seu uso efetivo e de sua esfera de circulação;
- b) proporcionar aos alunos experiências de letramento literário baseado no gênero Literatura de cordel;
- c) apresentar a literatura como forma de expressão e reflexão da subjetividade e de posicionamento social;
- d) refletir sobre as possíveis contribuições do uso da Literatura de Cordel para o desenvolvimento do letramento literário;
- e) possibilitar a circulação dos textos dos sujeitos e, desse modo, o encontro com o público leitor real, por meio de recital para outras turmas da escola e da distribuição de exemplares de livretos com a coletânea de cordéis produzidos.

É válido ressaltar que não temos a intenção de que os alunos produzam cordéis como cordelistas profissionais, com métrica e rimas perfeitas, mas ir além do desenvolvimento da competência leitora, favorecer o desenvolvimento e ampliação de competências escritora e literária, possibilitando experimentar também a escrita de gênero poético, a qual é uma prática pouco valorizada na escola, bem como é uma das atividades possíveis, quando se procura desenvolver o letramento literário.

Pautamos o desenvolvimento desta pesquisa numa reflexão a partir de um arcabouço teórico englobando categorias como a leitura (LEFFA, 1996; MARTINS, 2014), o processo de escolarização da leitura (ZILBERMAN e RÖSING, 2009; KOCH e ELIAS, 2008; BRASIL, 1998; SANTOS, 2010; FUZA, OHUSCHI e MENEGASSI, 2011), a leitura de literatura na escola (DALVI, REZENDE e FALEIROS, 2013), o letramento literário (COSSON, 2006; PAULINO e COSSON, 2009; ZAPPONE, 2008), a Literatura de Cordel e sua presença na sala de aula (ABREU, 1999; MAXADO, 2011; ALVES, 2013; HAURÉLIO, 2013), multiletramentos (ROJO, 2012).

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa de natureza investigativa e de

intervenção (DAMIANI, 2012) dentro da abordagem qualitativa, uma vez que “busca planejar, implementar e avaliar práticas pedagógicas [...] com o intuito de maximizar as aprendizagens dos estudantes nelas envolvidos” (DAMIANI, 2012, p. 2882). Nesta investigação, foram utilizados questionários abertos para fazer uma sondagem e explicitar o contexto de práticas de leitura dos alunos e do trabalho docente neste campo. Para acompanhar o processo e depois proporcionar análise das ações desenvolvidas, foi utilizado o diário de bordo. Assim, foi aplicada uma sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004; COSTA-HÜBES, 2009; BARREIROS e SOUZA, 2015) adaptada aos propósitos desta pesquisa, e com o suporte de fascículos de um módulo didático desenvolvido pelo professor pesquisador especialmente para a proposta de intervenção.

Após a aplicação da intervenção e considerando os resultados obtidos, foi organizada a presente dissertação que se estrutura em seis seções. A primeira seção corresponde a esta *Introdução*, em que refletimos sobre a necessidade de desenvolver atividades pedagógicas por meio da leitura de textos literários; apresentamos nosso objeto de pesquisa, sua justificativa, o objetivo geral e os específicos, o referencial teórico que embasa o estudo, bem como o percurso metodológico adotado.

A segunda e a terceira seções trazem o referencial teórico a partir do qual foi desenvolvido este estudo, mediante a discussão das categorias de leitura, a leitura do texto literário, a escolarização da leitura literária e o letramento literário; além da apresentação do gênero poético estudado, a Literatura de Cordel.

A quarta seção trata da perspectiva metodológica que orienta o desenvolvimento desta pesquisa. São abordados a natureza e os procedimentos da pesquisa, bem como o lócus e os sujeitos envolvidos. Expomos também o planejamento da proposta de intervenção, elaborada a partir de uma sequência didática lançando mão do estudo do gênero Literatura de Cordel.

A quinta seção apresenta a descrição de como se deu a aplicação das atividades desenvolvidas nesta proposta de intervenção e a reflexão sobre os resultados obtidos na aplicação da SD, relacionados ao referencial teórico adotado. Apresentamos também a análise dos cordéis produzidos pelos alunos.

Na última seção, trazemos as impressões sobre as experiências vivenciadas nesse trabalho, desde a sua concepção até a sua conclusão, sempre tendo em vista as limitações da proposta, ao mesmo tempo em que são apontados seus êxitos, considerando que os conhecimentos aqui construídos refletem a implementação de uma abordagem para o ensino Língua Portuguesa, mas têm caráter inicial, obstando assim de possíveis ampliações em estudos futuros.

## 2 LEITURA (D)E LITERATURA

Embora nem sempre a escola pública consiga alcançar os objetivos de promover uma educação de qualidade, principalmente relacionada aos aspectos da leitura e da escrita, reconhecemos que é no chão da escola que alternativas vêm sendo e devem ser experimentadas, a fim de desenvolver novas abordagens para o ensino de Língua Portuguesa.

Nesta seção, tecemos a discussão de aspectos em que se fundamenta teoricamente a pesquisa e subsidiam a elaboração da sequência didática descrita mais adiante. Inicialmente discutimos a respeito da leitura dentro e fora da escola, o que perpassa pela discussão dos letramentos, centrando-nos na reflexão acerca da leitura literária na escola, por compreender que as especificidades desse texto parecem não encontrar ressonância nas práticas de professores e alunos nas aulas do nosso componente curricular; o que nos leva a discutir em seguida o conceito de letramento literário, o qual embasa a proposta de intervenção que pretendemos desenvolver nesta pesquisa. Ressaltamos, pois, que a discussão aqui apresentada não objetiva esgotar os temas abordados, mas apresentar o lastro teórico que fundamenta nossa pesquisa.

### 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA E LITERATURA DENTRO E FORA DA ESCOLA

Ler é um ato individual, mas é também social, e não relacionado apenas ao escrito. No entanto, mesmo em se tratando do texto escrito, este ato envolve aspectos que não estão estritamente ligados ao texto. Para Martins (2014, p. 32), “[...] se trata, antes de qualquer coisa, de uma experiência individual, cujos limites não estão demarcados pelo tempo em que nos detemos nos sinais ou pelo espaço ocupado por eles”. A autora destaca que os sinais mencionados são entendidos como “[...] qualquer tipo de expressão formal ou simbólica, configurada pelas mais diversas linguagens” (MARTINS, 2014, p. 32).

Na obra *Aspectos da leitura*, Vilson Leffa (1996, p. 10) aponta que:

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é portanto reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio

desse mundo. (LEFFA, 1996, p. 10).

Nesse sentido, o ato de ler é baseado na visão, mas que o que é visto/lido é compreendido a partir das visões de mundo do sujeito-leitor. Paulo Freire (2011, [1982]) chama a isso de leitura de mundo. Para ele:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2011[1982], p. 19-20).

Consideramos que o tipo de leitura realizado ou o suporte de leitura utilizado, a depender do objetivo que se tem, caracterizará uma leitura mais ou menos relacionada com o mundo exterior. Martins (2014, p. 22) lembra que, já entre os gregos e os romanos, saber ler e escrever era a base de uma educação adequada para a vida, a qual “[...] visava ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres” (MARTINS, 2014, p. 22).

Dessa forma, compreendemos a leitura como algo intrínseco à vida social, uma vez que a escrita regula as práticas sociais das comunidades letradas, principalmente no mundo ocidental. Assim, nesse contexto mediado pela palavra escrita, é necessário ler e escrever para incluir-se socialmente. E aqui cabe a reflexão sobre como ocorre a escolarização da leitura, já que coube, historicamente, a essa instituição – a escola – o papel precípua de ensinar a ler e escrever.

### **2.1.1 Leitura na escola**

A escola é o espaço institucional de construção e transmissão do conhecimento, embora não seja o único. Esse conhecimento é ensinado/aprendido através de linguagens, as quais, na maioria das vezes, usa o código linguístico. Dessa forma, ensinar a ler e a escrever e, mais especificamente, desenvolver e ampliar a competência leitora e escritora dos estudantes é a função basilar da escola.

De acordo com Zilberman (2009, p. 22), o papel original da escola, intermediando as relações entre o ser humano e a escrita, amplia-se, convertendo-se na principal ponte entre o usuário (estudante) e a cultura, sendo a aquisição da leitura uma das condições de

aprendizagem.

No entanto, para se definir leitura tal qual se apresenta na escola, é necessário considerar outros fatores, uma vez que sua concepção depende da visão, historicamente construída, de sujeito, língua e texto que se adote. Conforme Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011, p. 479), “cada momento social e histórico demanda uma percepção de língua, de mundo, de sujeito, demonstrando o caráter dinâmico da linguagem no meio social em que atua”.

Para a concepção de linguagem como expressão do pensamento<sup>1</sup>, o texto é um produto do pensamento do autor e, conforme Koch e Elias (2008, p. 10):

A leitura, assim, é entendida como o a atividade de captação das idéias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos socio-cognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções. (KOCK; ELIAS, 2008, p. 10).

Na escola, sob a égide da concepção em análise, as atividades didáticas objetivam o domínio individual do código, na qual a prática de leitura é usada apenas para exteriorizar o pensamento do autor, geralmente aqueles considerados modelo do “bem falar” e do “bem escrever”, avaliando-se o seu domínio pela capacidade de o indivíduo expressar-se corretamente pela oralidade (FUZA, OHUSCHI E MENEGASSI, 2011).

Já quando se concebe a linguagem como instrumento de comunicação, o foco está no texto, o qual “[...] é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado” (KOCH, 2008, p. 10). A leitura, então, exige do leitor o foco na linearidade textual para extrair o conteúdo dele subjacente, através do reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. Em suma, a leitura flui no texto, ou, nas palavras de Leffa (1999, p. 18), “a construção do significado não envolve negociação entre o leitor e o texto e muito menos atribuição de significado por parte do leitor; o significado é simplesmente construído através de um processo de extração”.

Compreende-se, pois, que em ambas as concepções apresentadas, o leitor tem uma postura passiva na construção de sentidos do texto, a ele cabe apenas reconhecer ou reproduzir o que foi dito.

---

<sup>1</sup> Utilizamos as expressões de Geraldi (1984), o qual renomeou e ampliou para a realidade brasileira as concepções bakhtinianas de Subjetivismo Idealista, Objetivismo Abstrato e concepção dialógica da linguagem.



A terceira concepção de leitura aqui destacada relaciona-se à concepção de linguagem como interação, consoante a qual os sujeitos são vistos como atores sociais que dialogicamente se constroem e são construídos no texto. Por este viés, de acordo com Koch e Elias (2008), a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido que se realiza mediante os elementos linguísticos e a forma do texto, mas requer a mobilização de outros saberes do evento comunicativo. Aqui, o sentido do texto é construído na interação texto-sujeitos.

A compreensão de leitura que embasa o presente trabalho – concepção interacionista ou dialógica – é a mesma postulada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, p. 69-70), textualmente apresentada a seguir:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69-70).

A compreensão apresentada nos PCN, o qual traz princípios que orientam a educação nacional, não foi ainda, mesmo vinte anos após a publicação do documento, efetivada na prática docente em muitas escolas Brasil a fora.

Ademais, é necessário que as práticas de leitura sejam trabalhadas de maneira a não se restringirem aos seus limites do texto, mas que remeta o leitor à percepção, ao conhecimento e à análise da realidade (SANTOS, 2010). E aqui, o texto literário aparece como possibilidade de mediação para o desenvolvimento dessa percepção. Ou, nas palavras de Zilberman (2009, p. 29): “Leitura e escola talvez devam recorrer à literatura para retomar seu rumo e reavaliar seus respectivos propósitos”. Nessa perspectiva, discutimos na próxima seção, de maneira geral, como a escola toma o texto literário enquanto objeto de estudo e/ou de práticas de leitura.

### **2.1.2 Escolarização da literatura (ou da leitura literária)**

No princípio, o verbo e, por assim dizer, o texto, materializado num suporte de leitura. Leitura essa que pode ter objetivos e funções variadas, mas que sempre tem um caráter

formativo. Acreditamos que, ao ler, impetramos o entendimento do que lemos a partir da compreensão que fizemos. Não compreendemos o ato de leitura como simples decodificação verbal. Nesse processo, algo será transformado, acrescentado, talvez, ao que já possuímos em nossas mentes.

Como consideramos a leitura como um processo que visa à construção da consciência individual, pensamos que a leitura literária possa ser usada como forma de interação com o mundo, como um modo de dialogar com as relações que mantemos com esse mundo, já que, ao fim, essa consciência se realiza no coletivo. Assim sendo, julgamos necessário explicitar a concepção de literatura que embasa nosso trabalho.

Ressaltamos, assim, haver o entendimento de que, conforme Compagnon (2014), “[...] literatura é uma inevitável petição de princípio. *Literatura é literatura*, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura” (COMPAGNON, 2014, p. 45, [grifo do autor]). Por esse mesmo viés, diz Culler (1999, p. 29), que a literatura é aquilo que uma dada sociedade trata como literatura, ou seja, um conjunto de textos que os árbitros culturais conhecem como pertencentes à literatura.

Zilberman (2008, p. 17) afirma que, “a literatura busca dar conta de um universo mais restrito, que acolha apenas a produção que lida com a fantasia e a ficção, manifesta-se por intermédio da linguagem verbal e tem propósitos artísticos, de preferência inovadores”; acrescentando a especificidade temática às definições apresentadas mais acima.

Em suma, de acordo com essas compreensões, para um texto receber a alcunha de literário, ele deve ser reconhecido como tal por alguém com conhecimento ou autoridade na área, como críticos e estudiosos.

Essas considerações ilustram um posicionamento que entendemos ser reducionista. Literatura é isso que foi dito, mas pode ser muito mais. Então, como sugere Abreu (2006), se pensarmos num poeta realmente apaixonado, por não ser exatamente um mundo ficcional ou por não ser reconhecido pelos árbitros culturais, (CULLER, 1999), seus poemas não seriam considerados literatura? (ABREU, 2006).

E com base nesse questionamento, entendemos que a conceituação da literatura permanece em aberto, na medida em que acompanha o dinamismo da cultura na qual se insere. Entretanto, coadunamos com a definição de Candido (2011) preferindo chamar de literatura

[...] da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os

tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 176).

Ao defender essa concepção, não queremos negar a existência e a importância do cânone, mas defendemos sua ampliação, por exemplo, “[...] incluindo em seu corpus, entre outras manifestações, parte significativa da literatura de origem popular” (ALVES, 2013, p. 35- 36), nominalmente a Literatura de Cordel, objeto do presente estudo. Dessa forma, considerando que a prática de literatura consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita (COSSON, 2006), precisamos refletir como a leitura literária se efetiva na escola.

Os PCN (BRASIL, 1998, p. 26) apresentam a especificidade do texto literário, segundo a qual, esse texto

[...] constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (BRASIL, 1998, p. 26).

A especificidade apresentada no documento oficial, ao menos sob nosso entendimento, parece não estar refletida no trabalho didático com o texto literário nas escolas.

Primeiramente, ressaltamos que, em muitos contextos, não há no currículo uma disciplina para trabalhar, especificamente, a literatura. Talvez, por seu caráter transdisciplinar, o texto literário devesse ser objeto de estudo e ensino em todas as áreas do currículo. A princípio, ela (a literatura) está incluída no componente curricular Língua Portuguesa, o qual abarca a leitura, a análise linguística e produção textual escrita e/ou oral.

Ao apontar os motivos pelos quais acredita na presença da literatura nos espaços e tempos escolares em todas as fases da educação básica, Dalvi (2013, p. 71-74) sugere, para a educação infantil, uma aproximação literária a partir do trabalho com a “oralidade e com as formas populares” – nem sempre visto como inserção no mundo da literatura –, a sonoridade, o uso de figuras de linguagem e construção, o esquema básico das narrativas e a identificação de papéis narrativos e informações relevantes no contexto da obra; e, nos anos iniciais do ensino fundamental, o acesso a “outras formas, gêneros e suportes de literatura [...] rumo à leitura num *continuum* no qual ela se desloca da oralidade para a escrita e *vice-versa*” (DALVI, 2013, p. 74). A criança passa a buscar aquilo que deseja ler, destacando-se a importância da biblioteca escolar e do “trabalho com diversos gêneros escritos inseridos em

situações socialmente relevantes” (DALVI, 2013, p. 72).

Especificamente para o Ensino Fundamental II, fase contemplada no desenvolvimento deste trabalho, a autora acredita que:

[...] os estudantes dos anos finais do ensino fundamental deveriam iniciar a inserção nas (se é que é que ainda hoje se pode falar disso sem ser irônico...) “altas literaturas” (Perrone-Moisés, 1988), mediante a leitura de poemas com relativo teor de sofisticação linguística (relativizando as formas fixas, privilegiadas até então, e apresentando a poesia “de invenção”, a poesia visual, as apropriações vanguardistas e as tributárias da tradição oral mais provocativa: como certos *raps* e cordéis) e mediante a leitura de textos em prosa mais complexos (como os contos, novelas e romances juvenis ou “de formação”). (DALVI, 2013, p. 73-74).

Diante do exposto, destacamos a variedade de gêneros literários sugeridos pela autora, que não se restringem ao cânone e/ou comumente encontrados em livros didáticos, mas amplia para gêneros tidos como de expressão localizada como o rap e o cordel.

Infelizmente, são exceções contextos em que se supere a realidade apresentada e efetivem o proposto nos PCN (BRASIL, 1998, p. 27):

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 27).

Parece-nos que não ocorre um ensino de literatura ou leitura literária (ler literariamente o texto) como o proposto, uma vez que ora o texto (quase sempre um fragmento) é empregado para exercícios mecânicos e/ou superficiais que esperam respostas previamente estabelecidas nos manuais didáticos, ora como ilustração de princípios morais e normas de conduta, ou como ilustração de estilo de época ou caracterização de tal estilo/período literário.

Acreditamos, pois, que uma proposta de trabalho com o texto na perspectiva do letramento literário atenda ao ideal proposto acima.

## 2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO

Consideramos que o trabalho de leitura do texto, proposto nessa pesquisa, não se restrinja à decodificação da escrita nem apenas à fruição estética, mas que avance para uma “leitura que se faz do texto, do contexto e do intertexto da obra e dela se obtém a experiência literária” (COSSON, 2009, p. 43).

Koch (1997, p. 26) define o texto como sendo

[...] um conjunto de pistas, representadas por elementos linguísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes, no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção de sentidos, como a fundear a própria interação como prática sociocultural. (KOCH, 1997, p. 26).

A partir da compreensão explicitada acima, compreendemos que urge superar, nas aulas de Língua Portuguesa, práticas reducionistas do estudo do texto, que se afastam do aspecto interacional e voltam-se apenas ao aspecto linguístico. Nosso intento, portanto, é superar a postura da escola constatada por Paulino e Cosson (2009), segundo a qual

Impelida a priorizar o letramento no singular, ou seja, apenas o funcional e básico, a escola muitas vezes assume um caráter de agente de letramento serviçal, em nome de uma sociedade já pronta, já organizada, com funções predefinidas para os sujeitos, afastados de quaisquer produções críticas, subversivas, excepcionais. Quando surgem textos e práticas que permitiriam uma interação questionadora, poética, diferente, aberta, a tendência dos educadores é pautar-se pela reação da maioria e negar as produções de sentido imprevistas no contexto da comunidade escolar de leitores e produtores de texto, caracterizada pela homogeneização. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 71).

Propomos um trabalho que perpassa o sentido de letramento – termo que se refere às práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2016) – e alcance um letramento literário entendido como “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67).

Conforme Zappone (2008), a partir do entendimento do conceito de letramento como “[...] o conjunto de práticas sociais que usam a escrita como um sistema simbólico, e que a usam dentro de padrões tecnológicos para finalidades específicas e em contextos específicos” (ZAPPONE, 2008, p. 52), pode ser pertinente à apropriação do conceito de letramento ao campo dos estudos literários, desde que a escrita seja “[...] compreendida dentro das

especificidades concernentes aos textos literários” (ZAPPONE, 2008, p. 52). Assim, esse conceito “[...] mostra-se bastante produtivo para o entendimento de alguns aspectos que tangem os modos de produção, recepção e circulação da literatura e, conseqüentemente, seu ensino” (ZAPPONE, 2008, p. 52).

Dessa forma, a autora mencionada aponta algumas proposições para a compreensão de letramento literário:

1 - [...] Se o letramento literário pressupõe práticas que usam a escrita literária, pensada como um gênero de discurso que pressupõe a ficcionalidade como traço principal, é possível observar letramento literário em inúmeros outros espaços que não apenas a escola. Assim, constituem práticas de letramento literário a audiência de novelas, séries, filmes televisivos, o próprio cinema, em alguns casos a internet, a contação de histórias populares, de anedotas etc.

2 - [...] alguns usos sociais poderiam ser assinalados por: 1) adaptações de textos literários para a televisão, teatro, cinema, 2) por leituras não canônicas, ou seja, leituras não necessariamente ancoradas na história de leitura de textos produzida por críticos ou pela academia, 3) pela leitura de textos não canônicos sobre as quais pouco se sabe ainda hoje (leitura de romances cor-de-rosa, por exemplo, leitura de best-sellers e outros textos ficcionais que são estão à margem do letramento literário escolar etc.) [...] 4) a apropriação de textos não produzidos inicialmente como textos ficcionais, [...] tais como matérias jornalísticas, depoimentos etc.

3 - Como as práticas de letramento e, conseqüentemente, as práticas de letramento literário são “enformadas”, padronizadas ou determinadas pelas instituições sociais e pelas relações de poder, nota-se que há formas de letramento mais dominantes, mais valorizadas e influentes do que outras. No caso da literatura, é evidente que as práticas de letramento literário realizadas no espaço escolar são as mais visíveis e valorizadas.

4 - O letramento e o letramento literário são historicamente situados. [...] Significativo para a compreensão dos diferentes letramentos seria verificar os elementos, situações e contextos que os determinam, tais como nível de escolaridade dos indivíduos, formas de exposição ao escrito, valorização do escrito, enfim, um conhecimento das orientações de letramento de diferentes grupos sociais que podem se distinguir por relações culturais, econômicas, étnicas, de gênero etc. (ZAPPONE, 2008, p. 53-54).

Nesse sentido, podemos perceber que há uma ampliação do conceito de texto e do texto literário, bem como das práticas de letramentos, destacando que elas não estão restritas à escola. Conseqüentemente, a referida autora sugere não só o reconhecimento de práticas de letramento em geral e letramento literário especificamente que se materializam em outras esferas sociais, além da escola, bem como a valorização de textos de gêneros diversos daqueles que estão presentes no letramento escolar. O intento é que se considerem utilizar textos não canônicos, bem como dar novos usos aos textos ou gêneros já reconhecidos pelo cânone.

Considerando as proposições acima, é que lançamos mão da Literatura de Cordel produzida por escritores locais, como possibilidade de promover o letramento literário conforme expresso nos nossos objetivos.

A respeito do conceito de letramento literário, Cosson (2009) o diferencia da leitura literária por fruição. Para ele, “devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (COSSON, 2009, p. 23). O que não quer dizer que, conforme o autor, deva ser efetivada uma leitura sem prazer, mas que além desse, tenha o compromisso com outros conhecimentos que o saber literário exige. Desta forma, demanda um planejamento de atividades visando aos objetivos de formação do aluno, “[...] compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar” (COSSON, 2009, p. 23).

Reconhecendo o letramento literário como prática social e o potencial humanizador do texto literário, o teórico supracitado destaca a importância e a responsabilidade do professor enquanto mediador dessa prática que tem função social, porém desenvolvida na escola, que é de “[...] criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (COSSON, 2009, p. 29).

Ele sugere duas maneiras de desenvolver o letramento literário na escola: a sequência básica e a sequência expandida. Como as etapas da sequência didática desenvolvida em nossa proposta de intervenção pedagógica estão diretamente relacionadas a esse processo, passamos a descrever sucintamente as etapas da sequência básica proposta por Cosson (2009).

A primeira etapa é a motivação. É o momento de preparar os alunos para a leitura do texto; é uma primeira aproximação com o gênero ou a temática abordada. A segunda etapa é a introdução, fase de apresentação do autor e da obra. Em relação à apresentação do autor, em nossa proposta de intervenção, planejamos uma visita do poeta, para que os alunos conhecessem a figura do escritor e sua vida por meio de uma entrevista, uma vez que não há biografia desse autor publicada.

A terceira etapa é a leitura, a qual pode ser escalonada e com intervalos de tempo e realizada em outros espaços, dependendo do texto/obra a ser lido e da realidade (espaço, tempo) dos sujeitos dessa leitura. Nesse momento, é incentivado que os alunos apresentem resultados das leituras realizadas, principalmente de forma dialogada e alternada com os outros momentos de leitura. Já a quarta etapa é interpretação, que ocorre interna e externamente. A interpretação interna refere-se à compreensão da obra realizada durante a leitura passo a passo até a sua apreensão global ao fim da leitura, “é um encontro do leitor

com o texto” (COSSON, 2009, p. 65). A interpretação externa se dá quando o aluno faz uma reflexão sobre a obra lida e a externaliza de uma forma explícita, mediante um registro.

Como essa proposta não é um método fechado, nesse estudo, para a aplicação da proposta de intervenção, essas etapas são relacionadas ao modelo de sequência didática, proposto inicialmente por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e às adaptações realizadas no contexto brasileiro.

Destacamos, ademais, que este trabalho relaciona-se com o conceito de multiletramento, uma vez que, segundo Rojo (2012, p. 12), o Grupo de Nova Londres, no manifesto em que propunha a “pedagogia do multiletramento”, afirmava a necessidade de a escola promover os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em parte, devido às TIC, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizado pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade.



### 3 O GÊNERO LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

Nesta seção, discutimos acerca da Literatura de Cordel enquanto gênero textual do âmbito dos gêneros poéticos, os quais nem sempre são privilegiados como objeto de ensino/estudo nas aulas de língua. Consideramos, também, a partir de um histórico de sua consolidação no Nordeste brasileiro, as características desse gênero, sua estreita relação com a oralidade e sua presença na escola, mais notadamente nas aulas de Língua Portuguesa.

No âmbito deste trabalho, Literatura de Cordel denomina o gênero textual em que se baseiam as atividades de leitura e escrita realizadas na aplicação da sequência didática (SD) da proposta de intervenção pedagógica desenvolvida como meio de efetivação desta pesquisa. Preferimos grafar Literatura de Cordel com maiúsculas para diferenciar da literatura produzida em Portugal na Idade Média e vendida em cordéis.

A literatura de cordel foi trazida pelos colonizadores, tanto para o Brasil quanto para os países latino-americanos de língua espanhola, mas nesses não há necessidade ou preocupação de diferenciar a denominação uma vez que, por lá, são chamados de *corridos* ou *compuestos*, encontrados na Venezuela, na Argentina, no México e no Peru (SILVA, 2011).

No Brasil, foi apenas em 1970 que os estudiosos começaram a utilizar a expressão cordéis, já comum entre os portugueses. Conforme Galvão (2010, p. 27), “[...] a denominação ‘literatura de cordel’ foi atribuída aos folhetos brasileiros, pelos estudiosos, a partir de um tipo de literatura semelhante encontrado em Portugal”. Cordel, termo do português lusitano, remete ao cordão (barbante) em que eram pendurados os folhetos para serem vendidos nas feiras nordestinas. Aqui, essas produções recebiam outras nomenclaturas como: folhetos de feira, folhetes, histórias, ABCs, entre outros. Devido a essa particularidade no modo de distribuição e venda dessas produções foi que se vinculou o nome da poesia (Cordel) ao material usado para fixar esses textos (cordel) durante a exposição daquela. Daí o cruzamento de sentidos, vigorando no que hoje se conhece por Literatura de Cordel.

Destacamos que o termo, no uso lusitano, não se refere estritamente a um gênero literário, mas a um gênero editorial, aludindo ao aspecto material e sobre as formas de venda dessas publicações. Dessa forma, conforme Abreu (1999, p. 134):

Se há identidades materiais entre folhetos [Literatura de Cordel nordestina ou brasileira] e cordéis [literatura de cordel de Portugal] é provavelmente porque, diante de dificuldades sociais e econômicas semelhantes, encontram-se soluções semelhantes. Publicar pequenas brochuras, em papel barato, parece ser a melhor solução quando não se possuem recursos para edição de livros compostos segundo o padrão da elite ou quando se quer atingir um

público que não tem condições de adquirir ou compreender esses livros. (ABREU, 1999, p. 134).

Nesse sentido, Abreu (1999) esclarece que, quando os editores, ao sentirem o interesse de extensas camadas da população em tomar contato com conjuntos de textos em circulação no universo letrado, viram a possibilidade de comercialização desse material, desde que seu preço fosse acessível; daí se origina a utilização de material barato, a opção por um pequeno número de páginas e a venda nas ruas; contanto que o texto fosse adaptado para atender às necessidades de um público pouco familiarizado com o estilo e com a estruturação dos textos produzidos pela elite intelectual (ABREU, 1999, p. 25). Esse estilo editorial não era exclusivo de Portugal, haja vista os *chapbooks* ingleses, a *littérature de colportage* francesa, os *pliegos sueltos* espanhóis.

Embora tenha sido empregado o termo cordel para especificar esse gênero textual, como também inegavelmente se reconheça a “[...] influência do cordel português na constituição da literatura de folhetos brasileira” (GALVÃO, 2010, p. 30), não há consenso entre os estudiosos sobre a filiação desta àquele. Bem como “são ainda menos precisas as informações acerca das razões de esse tipo de literatura ter-se desenvolvido quase que exclusivamente em algumas regiões do Nordeste” (GALVÃO, 2010, p. 31).

Mesmo reconhecendo posições diferentes, somos partidários do entendimento de Abreu (1999), para quem a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil é diferente da portuguesa, pois as apresentações orais de narrativas, poemas, charadas e disputas características dessa, não são peculiares àquela. Deste modo, tanto os índios quanto negros e portugueses contavam histórias e faziam jogos verbais oralmente, mas essa prática difundiu-se por todo o Brasil, assumindo, entretanto, formas específicas em cada região. Nesse sentido, os folhetos nordestinos compõem-se com uma forma específica de, por algumas vezes, (re)contar histórias modificando sua forma e adaptando-a ao jeito brasileiro, mas, sobretudo, constituir seu próprio *corpus* através “de alguns homens pobres e talentosos” (ABREU, 1999, p. 136).

Para Curran (2009, p. 17), “[...] literatura de cordel é uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil”. Essa é uma forma de poesia impressa, produzida e consumida, predominantemente, em alguns estados da região Nordeste. Mesmo caracterizado pela forte presença da oralidade em seu texto e forma, o cordel é necessariamente impresso, distinguindo-se de outras formas de poesia oral, como as Pelejas e os Desafios, “cantados” pelos cantadores e repentistas (GALVÃO, 2010, p. 27).

Por sua vez, Haurélio (2016) define a Literatura de Cordel como “a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional e, em linhas gerais, tributária da literatura oral (em especial dos contos populares), desenvolvida no Nordeste do Brasil e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas” (HAURÉLIO, 2016, p. 16).

Num olhar sobre a Literatura de Cordel enquanto gênero textual, percebemos a variedade de nuances que a constitui. Nela temos uma fusão de realidade e ficção, há conhecimento científico e saber popular, há diversidade de linguagem, ora apresentada num registro culto próximo do padrão escrito formal ora, na maioria das vezes, nas variedades regionais menos monitoradas e próximas da oralidade informal de determinada região, mais notadamente a região Nordeste.

Os cordéis organizam-se de formas variadas. Temos os romances, impressos em folhetins ou panfletos de 32, 48 ou 64 páginas, “[...] que falam de amores, sofrimentos ou aventura, num discurso heróico de ficção [...]” e os folhetos de oito páginas “[...] de poesia circunstancial ou de acontecido [...]” (CURRAN, 2009, p. 17). Os folhetos geralmente medem 11 por 15,5 cm, o que corresponde a uma folha de papel tamanho ofício dobrado em quatro partes. É atribuído a Leandro Gomes de Barros o início, em 1893, da impressão sistemática dos cordéis nestes formatos utilizados até hoje.

A estrutura mais usual é da sextilha (estrofes de seis versos) em redondilhas maiores (versos de sete sílabas poéticas) com rimas ABCBDB. Usam-se também outras estruturas, dentre elas, a setilha (estrofes de sete versos de sete sílabas), a décima (estrofes de dez versos de dez sílabas) e o martelo agalopado (estrofes de dez versos de dez sílabas). É válido destacar que a metrificação presente nos poemas é feita, muitas vezes, “de ouvido”, somente alguns poetas empregam a contagem silábica. Os versos cuja métrica não é perfeita são considerados versos de pé quebrado.

O pesquisador Gonçalo Ferreira da Silva, na obra *Vertentes e evolução da literatura de cordel* (SILVA, 2011), considera que:

Atualmente a literatura de cordel é escrita em composições que vão desde os versos de quatro ou cinco sílabas ao grande alexandrino. Até mesmo os princípios conservadores defendidos pelos nossos autores ortodoxos referem-se a uma tradição brasileira e não portuguesa ou espanhola. Os textos dos autores contemporâneos apresentam um cuidado especial com a uniformização ortográfica, com o primor das rimas, com a beleza rítmica e com a preciosidade sonora. (SILVA, 2011, p. 40).

Desta feita, ressaltamos o valor artístico, cultural e histórico dessa literatura, na qual o

imaginário popular funciona como fonte de registro coloquial e, também, como disseminador de acontecimentos que marcaram e marcam o cotidiano das pessoas.

Para Curran (2009, p. 17), “o cordel tem características tanto populares quanto folclóricas, ou seja, é um meio impresso, com autoria designada, consumido por um número expressivo de leitores numa área de geográfica ampla, enquanto exhibe métricas, temas e performance da tradição oral”. Caracteriza-se, assim, como um meio híbrido, sendo popular em termos de produção, disseminação e consumo; sendo folclórico “[...] no pensar de seus poetas tradicionais e do público” (CURRAN, 2009, p. 17).

São abordados nos cordéis assuntos variados que vão de histórias de amor, principalmente sofrimento amoroso; crimes; desastres naturais, seca; o cangaço; o fanatismo religioso; acontecimentos relacionados à política e à economia local, nacional e internacional. A questão da classificação dos cordéis é alvo de discussão e estudo frequentes. Geralmente, essa classificação é feita levando em consideração a temática; trazendo, em algumas delas, ciclos temáticos abordados nesse gênero poético tão abrangente.

No âmbito deste estudo, adotamos a classificação apresentada por Maxado (2011), que a considera como sendo “[...] uma classificação eclética de quem estuda e de quem é profissional da poesia de cordel” (MAXADO, 2011, p. 65). Assim, segundo o poeta e estudioso, temos:

[...] folhetos de época ou de ocasião; históricos; didáticos ou educativos; biográficos; de propaganda política ou comercial; de louvor ou homenagem; de safadeza ou putaria; maliciosos ou de cachorrada; cômicos ou de gracejos; de bichos ou infantis; religiosos ou místicos; de profecias ou eras; de filosofia; de conselhos ou de exemplos; de fenômenos ou de casos; maravilhosos ou mágicos; fantásticos ou sobrenaturais; de amor ou de romance amoroso; de bravura ou heróicos; vaquejadas; de presepadadas ou de anti-heróis; de pelepas ou desafios; de discussão ou de encontros; de lendas ou mitos; pasquim ou de intriga; etc. (MAXADO, 2011, p. 65).

As produções de cordéis, especificamente as nordestinas, partem da realidade sociocultural desse povo, no sentido de repensar estereótipos atribuídos e/ou instituídos a esse espaço geográfico, bem como de reconhecer o valor desse tipo de literatura em âmbito nacional. Desse modo, o poeta é porta-voz e reflexo do meio no qual está inserido, das suas experiências enquanto autor, narrador observador e personagem, já que, ao passo que é integrante do espaço que representa, também é formado e constituído das vivências próprias dessa realidade.

Os textos da literatura de cordel narram de contos tradicionais e narrativas sobre

figuras folclóricas a fatos reais atuais, englobando críticas sociais, políticas e a opinião dos cordelistas sobre o acontecido/narrado, o que torna esse gênero uma ótima fonte didática e educativa – ao servir de base para discussões, para posicionamentos críticos por parte do alunado, bem como para promover produções artísticas e textuais.

Alves (2008) destaca que

É justamente a partir desse momento que se torna possível desenvolver o senso crítico do aluno, levando-o a perceber não só a sua posição no mundo como também a posição do outro, representada nos diversos contextos sociais. O contato com a Literatura de Cordel pode ser capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais de nosso país, principalmente do Nordeste, palco de tantas disparidades. (ALVES, 2008, p. 107).

Dessa forma, compreendemos que a Literatura de Cordel não se presta apenas à beleza estética e expressiva, mas à reflexão e ao desenvolvimento do senso crítico sobre os fatos que circundam seus leitores, configurada como um meio de produção de textos mais acessível e que encontrou solo fértil na região nordestina.

Enfim, reconhecer a Literatura de Cordel como literatura, de fato, e adotá-la no contexto educacional não implica em desmerecer outros gêneros textuais, mas no reconhecimento da diversidade cultural e linguística do país, bem como da diversidade de manifestações literárias, expressões culturais e gêneros textuais que devem ser tomados como objeto de ensino e aprendizagem na escola, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa; por entender que isso pode possibilitar ao aluno conhecer e tomar contato com o diferente e aceitá-lo como elemento integrante e necessário à sua formação, enquanto cidadão crítico.

### 3.1 O CORDEL ALCANÇA SEUS LEITORES: LEANDRO GOMES DE BARROS

No bojo da discussão acerca da constituição da Literatura de Cordel, enquanto gênero textual-discursivo consolidado no Nordeste brasileiro, destacamos a importância de Leandro Gomes de Barros como pioneiro na publicação e na editoração dos folhetos de cordéis.

Os primeiros cordelistas registravam suas composições em tiras de papel ou caderno, mas não tinham o objetivo de editá-los. Alguns até rejeitavam essa ideia, por compreenderem que se destinavam exclusivamente a apresentações orais (ABREU, 1999, p. 92).

Não há consenso sobre qual teria sido o primeiro folheto impresso no Brasil. Maxado (2011, p. 40-41) aponta que tenha sido, conforme Câmara Cascudo, o romance “Zezinho e

Mariquinha ou a Vingança do Sultão”, de Silvino Pirauá de Lima, do final do século XIX; já Ariano Suassuna cita o folheto “Romance d’A Pedra do Reino”, impresso em 1936. No entanto, é atribuído a Leandro Gomes de Barros o início da publicação sistemática de folhetos de cordéis, por volta de 1889, em Recife, e é considerado o “pai da Literatura de Cordel brasileira”, por ter explorado e dado forma a todos os gêneros e temas dessa literatura, e, junto com Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, são considerados “os fixadores das normas de composição de folhetos que até hoje se seguem” (ABREU, 1999, p. 98)

Nascido no sítio Melancia, zona rural do município Pombal, Paraíba, no dia 19 de novembro de 1865, muda-se para um dos mais importantes centros de poesia popular da época, Teixeira, no estado da Paraíba. Aos 15 anos, passa por cidades do interior de Pernambuco e chega a Recife, onde vive até sua morte em 04 de março de 1918.

Casado com dona Venustiana Eulália, sustentou os quatro filhos com o produto da venda de seus folhetos. Produziu por volta de mil títulos, os quais eram vendidos em sua casa, cujo endereço era anunciado nas capas e contracapas dos folhetos; em feiras ou livrarias; encomendados pelo correio; em viagens do próprio autor ou de revendedores, tanto nas fazendas, quanto nas cidades. Com ele, nasce “a figura do editor de Cordel que escrevia, publicava e distribuía a sua produção” (HAURÉLIO, 2016, p. 20).

Leandro Gomes de Barros foi autor de romances e folhetos famosos até o dia de hoje, como: *A batalha de Oliveiros contra Ferrabrás*, *A força do amor*, *História do Boi Misterioso*, *O cachorro dos mortos*, *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo*, *Por que existem o mal e o sofrimento humano?*, *Vida e testamento de Cancão de Fogo*, dentre outros. Conforme Maxado (2011, p. 104), “seus livros eram disputados pelo povo. E ele tinha o costume de imprimir-los incompletos deixando-os conscientemente inacabados para que os leitores ficassem presos na curiosidade. Utilizava assim o expediente do folhetim”. Muitas das obras de Leandro Gomes de Barros venderam milhões de exemplares, o que é considerado um feito para um poeta brasileiro.

Essa obra passou a ser editada por seu genro, Pedro Batista, no fim da vida do artista. Três anos após a morte do poeta, João Martins de Athayde compra da viúva, por 600 mil réis, os direitos de publicação da produção poética de Leandro Gomes de Barros.

João Martins de Athayde foi o grande editor-proprietário de cordéis do período. Tornou-se uma figura controversa. Profissionalizou a distribuição de folhetos, adquiriu outras obras clássicas, empregou revendedores espalhados por feiras, mercados, estações de trem e portas de igrejas (HAURÉLIO, 2016), reformulou gráficas, sistematizou a edição dos cordéis em brochuras de folhas de papel jornal dobradas ao meio duas vezes em múltiplos de quatro,

alcançando 8,16, 24 ou 32 páginas. No entanto, iniciou por omitir o nome do autor do folheto e imprimindo nas capas seu próprio nome como editor-proprietário; conforme Abreu (1999, p. 102) “esse expediente era utilizado para proteger a propriedade comercial da obra”, mas a respeito dessa prática, sem apontar os possíveis motivos, Maxado (2011, p. 105) e Haurélio (2016, p. 21) afirmam que Athayde, além de omitir o nome do autor, passou a adulterar o acróstico final de muitas estórias e assumir a autoria dos folhetos de cordéis que adquiria.

Dos tempos de Leandro Gomes de Barros para cá, a Literatura de Cordel passou por algumas crises de criação e publicação, deslocando-se para outros centros e voltando a ressurgir no Nordeste, apresentado por nomes como de Mestre Azulão e Bule-Bule, Rouxinol do Rinaré, o do professor Antônio Barreto e de jovens como Marco Haurélio e os irmãos Klévisson e Arievaldo Viana.

### 3.2 O CORDEL TUCANENSE: VALDIR CAVALCANTE DE MATOS

A questão do desenvolvimento da competência leitora dos alunos perpassa também pela discussão, para além dos gêneros textuais-discursivos, de quais títulos ou acervos são/serão colocados à disposição dos alunos nas atividades de leitura ou quais os meios possíveis de acesso ao texto.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998, p. 32) – na expectativa de que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, principalmente nas instâncias públicas de uso da linguagem, de maneira que lhe seja possível inserir-se no mundo da escrita – postulam alguns objetivos gerais para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, dentre os quais, destacamos o terceiro, o quarto e o quinto:

- analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos:
  - \* contrapondo sua interpretação da realidade a diferentes opiniões; [...]
  - \* identificando e repensando juízos de valor tanto socioideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua;
  - \* reafirmando sua identidade pessoal e social;
- conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito lingüístico;
- reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades. (BRASIL, 1998, p. 33).

Esses objetivos nos levam a refletir sobre os entraves para sua efetivação, pois para que o aluno contraponha sua interpretação da realidade é necessário que a sua realidade social e linguística também estejam inseridas nos discursos (textos) que circulam na sala de aula, não só como exemplificação de variedades linguísticas regionais a serem “padronizadas”, mas, sobretudo, como descreve o quinto objetivo apresentado acima, como um meio de reconhecimento e valorização da linguagem de sua comunidade, tanto na comunicação do cotidiano, quanto nas criações artísticas e na interação com outras comunidades que fazem uso de diferentes variedades linguísticas (BRASIL, 1998, p. 33).

No bojo dessa reflexão, está o aluno nordestino, cujas vivências, muitas vezes, não costumam ser representadas na escola, principalmente porque não constam no livro didático, um produto padronizado nacionalmente, que desconsidera ou não aborda de maneira adequada aspectos da cultura e da língua das diversas regiões do país e, que, por vezes, ainda, não é utilizado de maneira adequada pelo professor. Reconhecemos a dificuldade de o livro didático contemplar todas as realidades culturais, linguísticas e sociais de um país de dimensões continentais como o Brasil, o que criticamos, contudo, é a representação de um modelo exclusivo de costumes e linguagem trazidas nele.

Uma esperança que desponta é a inserção de obras de Literatura de Cordel na versão literária do Programa Nacional do Livro Didático, conhecido como PNLD Literário, lançado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) do Ministério da Educação (MEC), cuja escolha dos títulos paradidáticos foi realizada pelas escolas até o mês de novembro de 2018. Esse programa prevê a escolha de exemplares para as salas de aula na creche, na pré-escola e do 1º ao 3º ano do ensino fundamental e de acervo para bibliotecas escolares e dois exemplares por aluno nas turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio (BRASIL, 2018).

Compreendemos que esta pesquisa, e a proposta de intervenção pedagógica dela integrante, ao abordar as atividades de leitura e escrita de um gênero poético de um autor local, é uma maneira de trazer para a escola um discurso e uma realidade mais próxima daquela dos alunos.

Por esse veio, chegamos ao autor tucanense Valdir Cavalcante de Matos, cujo livreto *Prosas de um caipira* (MATOS, 1999) foi objeto de estudo e motivação para as práticas de leitura e de escrita nesta intervenção, com vistas ao letramento literário.

Esse poeta, como ele mesmo se denomina, nasceu em 03 de junho de 1974, na fazenda Pé de Serra, zona rural de Tucano, no sertão baiano, é professor da rede pública desse município, graduado em Matemática e tem mestrado em Educação. Atualmente, é diretor



escolar.

Como aponta em sua autobiografia em cordel, produzida como trabalho de disciplina no seu curso de mestrado e ainda não publicada: “Tenho uma habilidade / Para arte literária / Para o campo do cordel / Nossa arte centenária / Na escola dos sentidos / Eu passei despercebido / Na convivência diária”. Publicou sete títulos, de forma independente, tendo que arcar com o custeio sem patrocínio e, até mesmo, com a dificuldade de não ter gráfica na própria cidade para a produção dos folhetos. Dos títulos por ele lançados, além de *Prosas de caipira*, são utilizados em nossa proposta de intervenção, *Cotidiano em Cordel*, *Raízes Nordestinas* e *Personagens dos Cordéis*, todos publicados em 2008. Além dos livros, gravou um CD “A voz do poeta dos cordéis” (2011).

Costuma abordar a questão social, a realidade de sua terra e de sua região, além da temática ambiental. Não costuma usar redes sociais, apesar de fazer algumas manifestações em cordéis no WhatsApp sobre problemas da educação municipal tucanense ou algum acontecimento importante da cidade.

#### 4 O CORDEL VAI À ESCOLA: VEREDAS DA INTERVENÇÃO

O planejamento é uma das etapas mais importante de todo o processo de pesquisa. Nesta fase, elencamos os parâmetros que orientaram o desenvolvimento deste trabalho desde a perspectiva metodológica à formulação da proposta de intervenção pedagógica nos moldes de uma sequência didática.

Este estudo emergiu, também, da observação que fizemos na realidade na qual atuamos, a escola em geral e, especificamente, em nossa prática pedagógica na sala de aula, enquanto professor de Língua Portuguesa, de que são poucas as práticas de leituras literárias, talvez isso se deva ao fato de que foi ampliado o número de gêneros textuais-discursivos apresentados nos livros didáticos e, muitas vezes, trabalhados na escola sem o devido aprofundamento.

Essa ampliação dos tipos de gêneros de texto estudado não é, em si mesma, algo negativo. O que se questiona, nesse fato, é que há, agora mais acentuadamente, uma valorização de gêneros “utilitários”, encontrados automaticamente nas práticas cotidianas fora da escola. Constatamos, nas práticas de leituras de literatura, quase que exclusivamente, a utilização do romance, do conto e da crônica de autores clássicos ou canônicos e que não há incentivo da escrita de gêneros poéticos pelos alunos.

##### 4.1 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

Nesta pesquisa, buscamos a promoção do letramento literário, utilizando-se o gênero Literatura de Cordel de um autor local em atividades didáticas, dentro de uma proposta de intervenção pedagógica objetivando contribuir para a formação de leitores críticos e potenciais escritores do gênero textual em estudo e definimos uma metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa; por compreendermos que, conforme Goldemberg (2011, p. 17), “[...] os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria”.

Procuramos, dessa forma, nos apropriar de perspectivas metodológicas que fugissem do tratamento meramente estatístico-matemático a métodos que possibilitassem a compreensão de discursos e sentidos construídos pelos atores/autores do processo educativo, uma vez pretendemos observar fatores que nem sempre são mensuráveis.

O presente estudo, uma vez que o objeto investigado é a nossa própria prática docente,

caracteriza-se como pesquisa do tipo intervenção. Conforme Damiani (2001, p. 2882):

[...] denominam-se intervenções as interferências (mudanças, inovações), propositadamente realizadas, por professores/pesquisadores, em suas práticas pedagógicas. Tais interferências são planejadas e implementadas com base em um determinado referencial teórico e objetivam promover avanços, melhorias, nessas práticas, além de pôr à prova tal referencial, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre os processos de ensino/aprendizagem neles envolvidos. Para que a produção de conhecimento ocorra, no entanto, é necessário que se efetivem avaliações rigorosas e sistemáticas dessas interferências. (DAMIANI, 2001, p. 2884).

Refletindo, pois, sobre as práticas vigentes observadas na realidade em que estamos inseridos, utilizamos alguns instrumentos e técnicas para conhecer e sistematizar o que se conhece dessa realidade, planejar e desenvolver uma intervenção visando contribuir para a melhoria da realidade em estudo.

Para efetivar a presente proposta, realizamos uma revisão bibliográfica, para fundamentar teoricamente nosso estudo. Em seguida, com a aplicação de um questionário aos professores do componente curricular Língua Portuguesa da escola em que este trabalho foi desenvolvido (Cf. Apêndice A), foi traçado um diagnóstico situacional das práticas de ensino de leitura e escrita de textos literários; seguidos da aplicação de um questionário semiaberto aos alunos-alvo desta empreitada, donde se pode conhecer o perfil socioeconômico deles, bem como suas práticas de leitura (Cf. Apêndice B).

Como a própria intervenção pedagógica aplicada é também o alvo de investigação desta pesquisa, ressaltamos que, para consignar os dados recolhidos durante o processo de pesquisa, foi utilizado o diário de bordo.

A natureza desta pesquisa e o envolvimento dos alunos da turma de 9º ano e dos professores de Língua Portuguesa reforçam a necessidade de uma ação de pesquisa pautada pela ética, tanto na relação com os sujeitos da pesquisa, quanto no tratamento imparcial e fidedigno dos dados coletados, da execução da pesquisa à divulgação dos resultados.

Nesse sentido, procuramos observar o que estabelece o Conselho Nacional de Saúde (CNS) para pesquisas com seres humanos conforme resolução 466/12 e sua complementação na resolução 510/16, submetendo o trabalho ao Comitê de Ética para Pesquisas com Seres Humanos – CEP da UEFS (Cf. Anexo A). Todos os alunos que concordaram em participar do estudo assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e seus responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Cf. Apêndices C e D) e os professores do componente Língua Portuguesa assinaram outro TCLE (Cf. Apêndice E),

através dos quais tomaram conhecimento do tipo de pesquisa que seria desenvolvida e dos riscos e benefícios envolvidos. Destacamos que os alunos e seus responsáveis assinaram termo de uso de imagem a serem utilizadas neste trabalho e no site de divulgação dos resultados alcançados (Cf. Apêndice F). A pesquisa foi realizada com a autorização do corpo diretivo da escola através da assinatura de um termo de Autorização da Instituição Coparticipante (Cf. Apêndice G) no qual também autorizava o uso dos espaços e dos equipamentos da escola. Contamos, também, com ciência dos demais professores da escola e da orientação pedagógica da escola, cuja colaboração em alguns momentos da intervenção foi de fundamental importância.

## 4.2 CONTEXTO DA PESQUISA: ESPAÇO E SUJEITOS

A prática de pesquisa de intervenção, por estar no campo da pesquisa-ação, requer a ida ao campo, não só para investigação e conhecer uma realidade, mas, sobretudo, nela intervir. Ressalvando-se o fato de que essa realidade, no caso deste estudo, não é uma realidade externa, estranha, e sim, aquela em que o pesquisador já atua profissionalmente como professor, desempenhando, assim, o papel de professor-pesquisador.

Nas seções subsequentes, apresentamos o espaço no qual a pesquisa foi realizada, por meio da aplicação de uma proposta de intervenção pedagógica, e os sujeitos nela envolvidos.

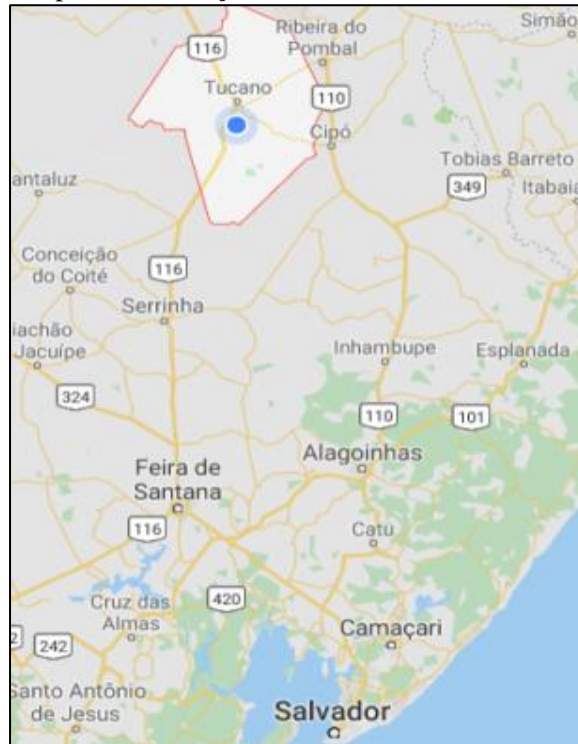
### 4.2.1 O espaço da pesquisa: a escola

O lócus da pesquisa é a Escola Municipal Madre Paulina, localizada no distrito de Caldas do Jorro, no município de Tucano, estância hidrotermal de clima semiárido no sertão baiano, distante 08 km da sede do município (Cf. Figura 01).

A Madre, como a instituição é chamada, é caracterizada como escola de grande porte. Funciona nos três turnos e oferta a etapa do Ensino Fundamental II a uma clientela total de 688 alunos, no início do ano letivo em que foi desenvolvida a pesquisa, distribuídos em dezessete turmas na modalidade regular (6º ao 9º ano), nos turnos matutino e vespertino, e três turmas na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno. Possui dez salas de aula e mais uma sala cujo espaço é dividido entre sala de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE) e sala de professores. Possui outro pequeno espaço no qual coexistem a biblioteca e o laboratório de informática com 06 computadores conectados à internet. Possui cantina, mas não possui refeitório. Possui uma

quadra poliesportiva, localizada a 200 metros da escola, onde são realizadas as aulas práticas de Educação Física e serve de ginásio esportivo para a comunidade.

Figura 01 – Mapa de localização do distrito Caldas do Jorro-Tucano-BA



Fonte: Google Maps.

Os alunos atendidos nessa escola são oriundos das escolas públicas e particulares do distrito de Caldas do Jorro e de outros povoados circunvizinhos: Arapuá, Jorrinho e Lagoa Cavada. São de famílias, majoritariamente, de classe de baixa renda, com faixa etária aproximadamente entre 10 a 60 anos.

É válido ressaltar duas peculiaridades da escola: a primeira, que pode ser percebida principalmente no turno matutino, é a relação pouco amistosa dos alunos da sede com os dos outros povoados, os quais são chamados e se consideram “da roça”. Essa autoidentificação se reflete em pouca participação nas atividades da sala de aula e na ausência em eventos realizados na escola. Às vezes, por causa desse fator, há confrontos e casos de bullying, os quais são devidamente tratados e têm, aos poucos, diminuído. Mas não se percebe um sentimento de pertencimento desses alunos à escola. Para tentar diminuir esse problema, uma das estratégias que a escola utiliza é a realização de, pelo menos, uma reunião com pais e professores nessas comunidades onde moram os alunos. Outro fator é a presença das drogas na comunidade. O consumo e o tráfico são maximizados pelo potencial turístico da localidade onde se encontra a escola e cercam, sobremaneira, essa instituição escolar.

No tocante ao desempenho da escola em avaliações externas, percebemos que a nota do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da escola (3.2) em 2017, embora tenha se elevado em relação à avaliação anterior, está abaixo da nota de 2011 que foi 3,5 e da meta projetada para esse ano que ano seria 4.1 (Cf. Figura 02).

Figura 02 – Resultados e metas para o IDEB da Escola Municipal Madre Paulina



Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=5378229>.

Figura 03 – Indicador de Aprendizado da Escola Municipal Madre Paulina



Fonte: <https://www.qedu.org.br/escola/108245-em-madre-paulina/ideb>.

O Indicador de Aprendizado (Cf. Figura 03) acima, medido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com dados do IDEB 2017, e disponibilizado pelo portal QEdu.org.br, por sua vez, mostra que a escola alcançou 250,80 pontos em proficiência em Língua Portuguesa para os alunos do 9º ano, atingindo o nível 3 (estabelecido

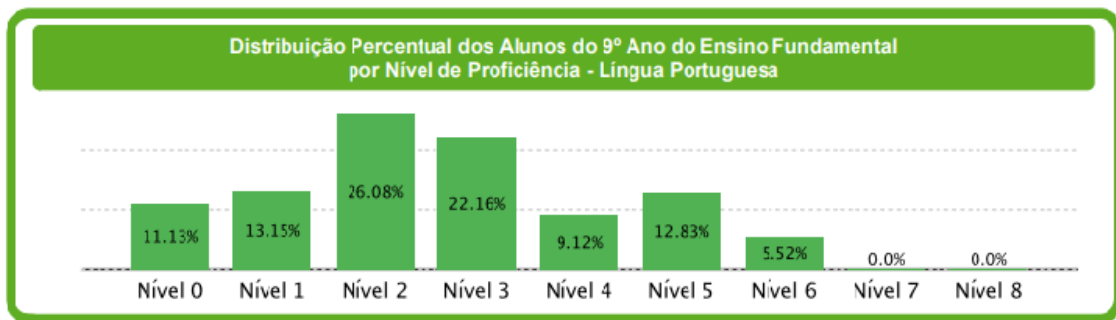
entre 250-274) na Escala de proficiência de Língua Portuguesa – 9º ano do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB.

De acordo com o Boletim de desempenho (INEP, 2017), nesse nível de proficiência,

[...] os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em crônicas e fábulas. Identificar os elementos da narrativa em letras de música e fábulas. Reconhecer a finalidade de abaixo-assinado e verbetes. Reconhecer relação entre pronomes e seus referentes e relações de causa e consequência em fragmentos de romances, diários, crônicas, reportagens e máximas (provérbios). Interpretar o sentido de conjunções, de advérbios, e as relações entre elementos verbais e não verbais em tirinhas, fragmentos de romances, reportagens e crônicas. Comparar textos de gêneros diferentes que abordem o mesmo tema. Inferir tema e ideia principal em notícias, crônicas e poemas. Inferir o sentido de palavra ou expressão em história em quadrinhos, poemas e fragmentos de romances. (INEP, 2017).

Essas são competências e habilidades que se enquadram no nível básico de proficiência. Apenas 27% dos alunos alcançaram o nível “proficiente” em Língua Portuguesa que são considerados de aprendizado adequado (níveis 4 a 6), pelo movimento Educação para Todos (Cf. Figura 04):

Figura 04 – Distribuição dos alunos por Nível de Proficiência



Fonte:

<http://sistemasprovabrasil.inep.gov.br/provaBrasilResultados/view/boletimDesempenho/boletimDesempenho.seam>.

É válido ressaltar que, para além da frieza de dados de avaliações externas, como muitos julgam, esses índices refletem, de certa forma, uma preocupação da própria escola coparticipante, a qual expressa em seu projeto pedagógico (PP), como um de seus desafios, a formação leitora e as práticas de leitura; uma vez que, de acordo com a instituição, há “[...] pouca formação leitora na escola; ausência de práticas de leitura no contexto familiar e social” (PROJETO PEDAGÓGICO-EMMP, 2015).

Os dados apresentados reforçam a compreensão de que se fazem urgentes ações

didático-pedagógicas para que a escola atinja sua finalidade de ofertar educação de qualidade, em que as aprendizagens realmente se efetivem.

#### **4.2.2 Os sujeitos da pesquisa: os alunos**

Os participantes desta intervenção são 35 alunos da turma do 9º ano A, do turno Matutino da Escola Municipal Madre Paulina, sendo 16 do sexo masculino e 19 do sexo feminino.

A turma foi escolhida, primeiramente, por ser do último ciclo do Ensino Fundamental, etapa em que já foram, ou deveriam ter sido, consolidadas muitas práticas de leitura literária, mesmo que muitas vezes essas práticas ocorram de maneira descontextualizada ou fragmentada. Outro fator considerado para a escolha dessa turma específica foi o fato de ter sido estabelecida uma boa relação enquanto fui seu professor do componente curricular Língua Portuguesa no 7º ano, pois, apesar de numerosa, era uma turma questionadora e que procurava atender às propostas docentes, além de apresentar suas próprias propostas.

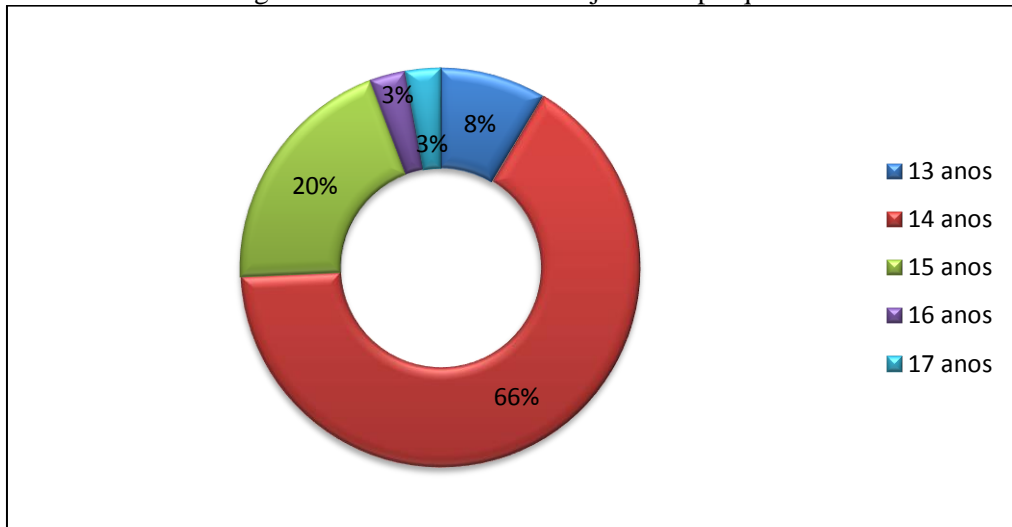
Apesar de conhecer grande parte da turma, houve algumas alterações no quadro de alunos com algumas reprovações no 8º ano e outras transferências de entrada e saída de/para outras turmas. Sendo assim, traçamos um perfil da turma através de respostas dadas a um questionário de sondagem (Cf. Apêndice B), que nos permitiu conhecer, além um breve perfil socioeconômico desses alunos, suas práticas sociais de leitura e escrita.

No início da pesquisa, possuíam idade entre 13 e 17 anos, dentre os quais, 66% tinham 14 anos (Cf. Figura 05), idade considerada adequada para conclusão dessa série.

Todos residem na localidade onde se encontra a escola. Apenas quatro sujeitos dizem trabalhar e somente um deles se considera financeiramente independente. 86% são de famílias que vivem com renda mensal de até dois salários mínimos (Cf. Figura 06), algumas dessas famílias são beneficiárias de programas federais de complementação de renda. Destacamos esse dado, porque, quando da apresentação da proposta de intervenção, ao ser informado que seria feita a leitura de um livreto, um dos alunos logo perguntou se eles teriam comprá-lo e acrescentou que não teria dinheiro para a compra ou fazer cópia. O comentário pareceu sincero, o que trouxe a reflexão de que o fator da renda, além de aspectos de formação educativa e cultural, deva ser considerado ao tratarmos dos baixos índices de leitura, de competência leitora e de proficiência de Língua Portuguesa.

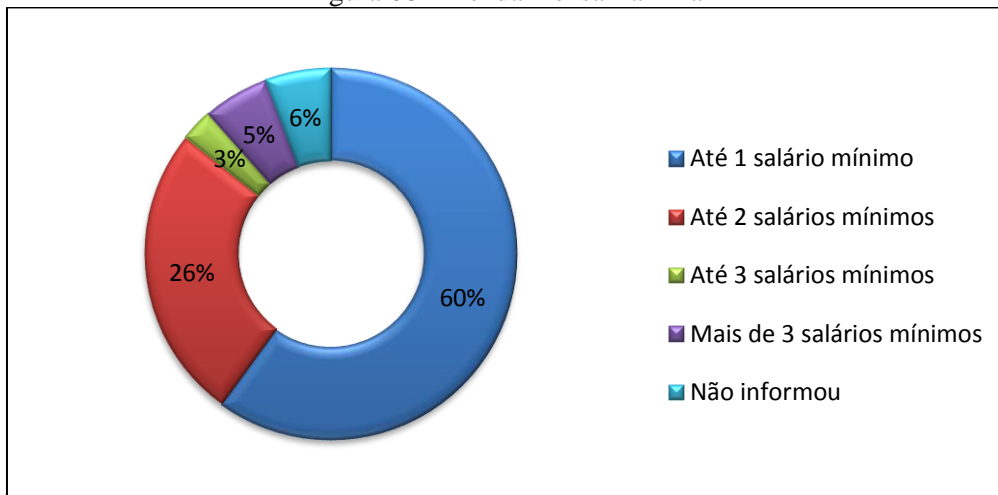


Figura 05 – Faixa etária dos sujeitos da pesquisa



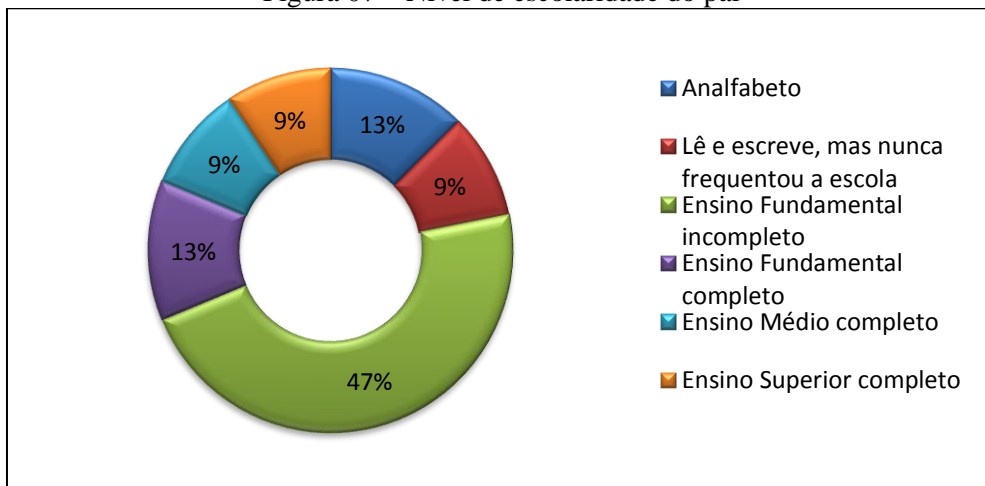
Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 06 – Renda mensal familiar



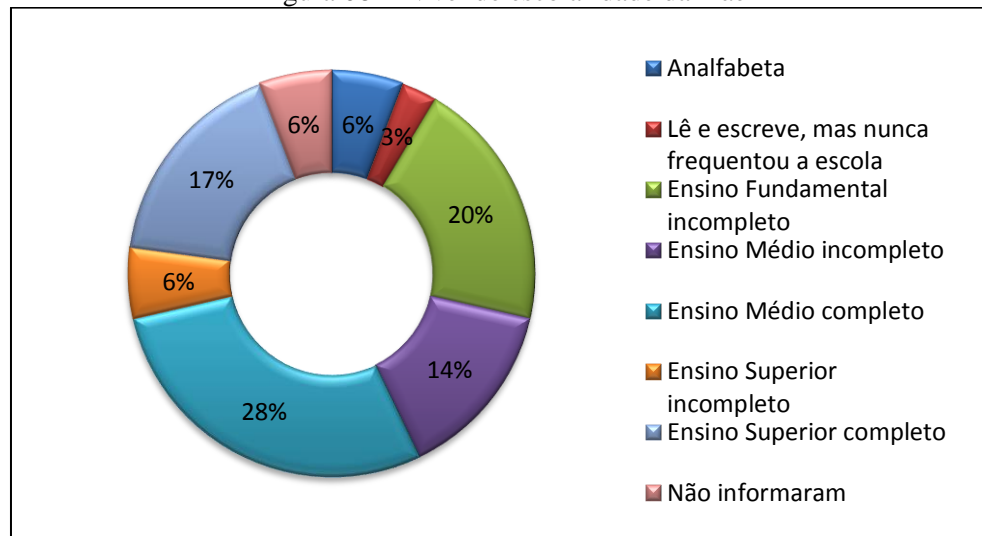
Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 07 – Nível de escolaridade do pai



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 08 – Nível de escolaridade da mãe



Fonte: Dados da pesquisa.

Da observação das Figuras 07 e 08, destacamos o fato de que, ao concluírem o Ensino Fundamental, esses alunos superaram o histórico de suas famílias, nas quais entre os pais, 13% são analfabetos, 9% leem e escrevem, mas não frequentaram a escola e 47% não completaram o Ensino Fundamental. Entre as mães, embora os níveis sejam melhores, 6% são analfabetas, 3% leem e escrevem sem terem frequentado a escola e 20% não concluíram o Ensino Fundamental.

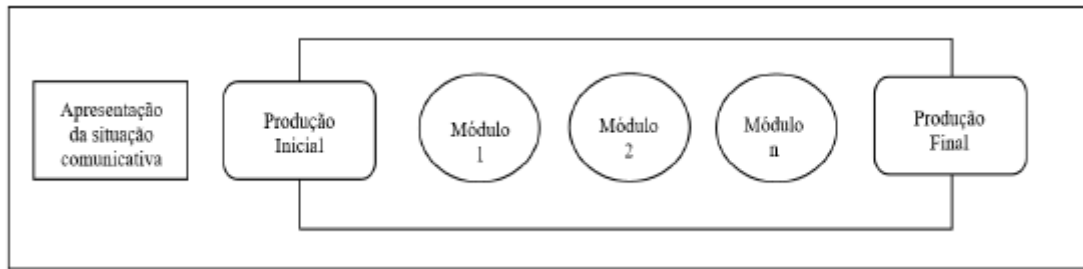
Após essa apresentação dos sujeitos e do espaço da pesquisa, a seguir delineamos o modo pelo qual planejamos e desenvolvemos nossa proposta de intervenção pedagógica: a sequência didática.

#### 4.3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

No intuito de investigar a maneira de inserção nas aulas de Língua Portuguesa da literatura de cordel produzida por autor local e as possíveis contribuições dessa inserção para o letramento literário e o desenvolvimento da competência literária dos alunos, lançamos mão, nesta pesquisa de caráter intervencionista, de uma sequência didática, uma vez que as atividades a serem desenvolvidas perpassam pela didatização do gênero em estudo.

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” e tem por finalidade ajudar o aluno a dominar um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. Tal modelo de SD está apresentado na Figura 09 a seguir:

Figura 09 – Esquema da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)

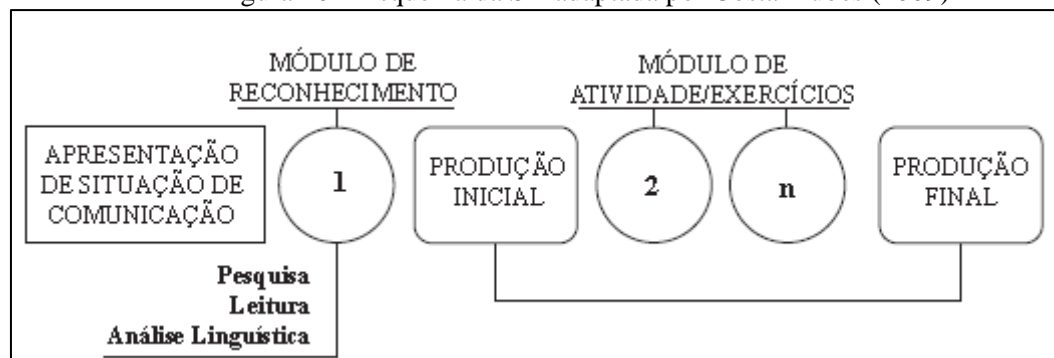


Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83)

Em síntese, nesse modelo proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a SD parte da descrição detalhada da tarefa a ser realizada pelos alunos (apresentação da situação) e, em seguida, os alunos elaboram um primeiro texto do gênero em estudo (produção inicial). A partir dessa primeira produção, o professor avalia as capacidades adquiridas e ajusta as atividades da próxima etapa (módulos) ao perfil dos alunos, para que se atinjam os objetivos esperados. Durante o estudo dos módulos, são trabalhados exercícios que instrumentalizem os alunos para o domínio do gênero. Na produção final, o aluno põe em prática os conhecimentos adquiridos e o professor avalia os progressos alcançados.

Costa-Hübes (2009) apresenta uma proposta de adaptação do modelo de sequência didática dos autores genebrinos. Como podemos ver na Figura 10, há a inserção de um módulo de reconhecimento do gênero antes da etapa de produção inicial em atividades e exercícios que contemplem a leitura de textos do gênero que circulam na sociedade.

Figura 10 – Esquema da SD adaptada por Costa-Hübes (2009)



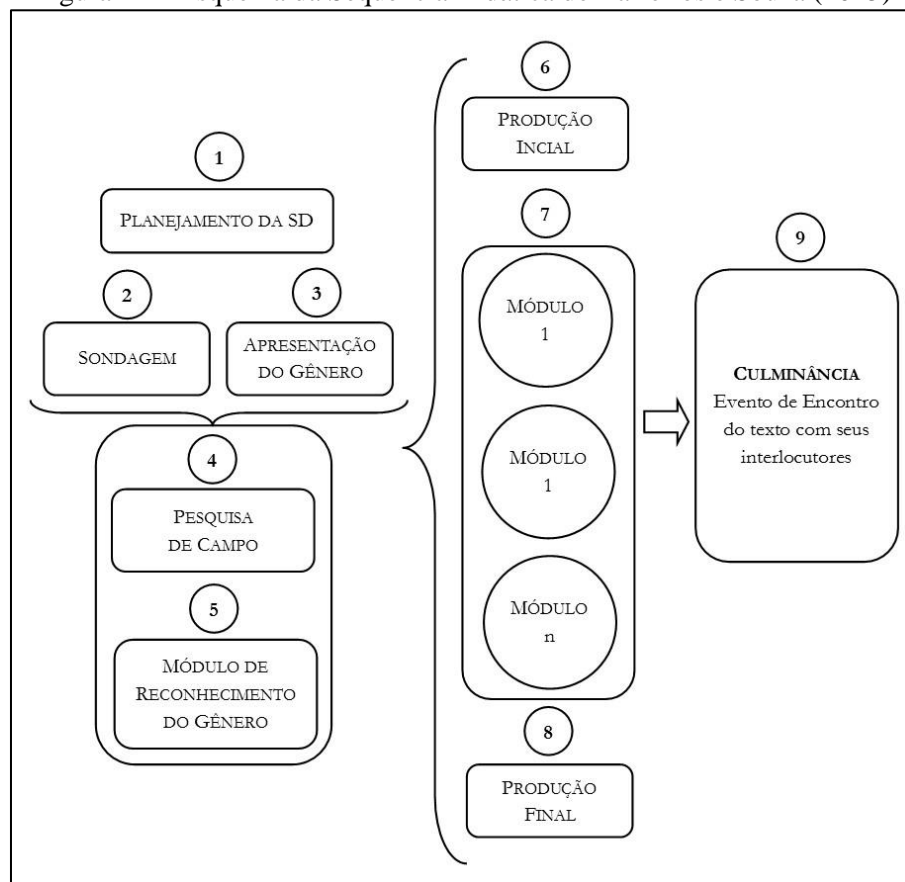
Fonte: Costa-Hübes (2009, p. 141).

Ao inserir um módulo de reconhecimento de gênero, proporciona-se aos alunos tanto compreender melhor a estrutura do gênero textual em estudo quanto perceber as situações comunicativas nas quais esse texto se apresenta.

Como Costa-Hübes (2009), muitos autores têm adaptado o esquema de sequência

didática dos estudiosos genebrinos à realidade brasileira e às finalidades de seus estudos em acerca da didatização de gêneros textuais, propondo novos esquemas. Especificamente no âmbito do Profletras/UEFS, Barreiros e Souza (2015), no intuito de fomentar a participação dos alunos no processo de elaboração da SD, de conhecer as situações de comunicação que os alunos vivenciam em seu cotidiano e como o gênero discursivo faz parte da vida deles, acrescentaram a etapa de Planejamento da SD e uma Sondagem antes da apresentação do gênero, como podemos observar na Figura 11:

Figura 11 – Esquema da Sequência Didática de Barreiros e Souza (2015)



Fonte: Barreiros e Souza (2015, p. 79).

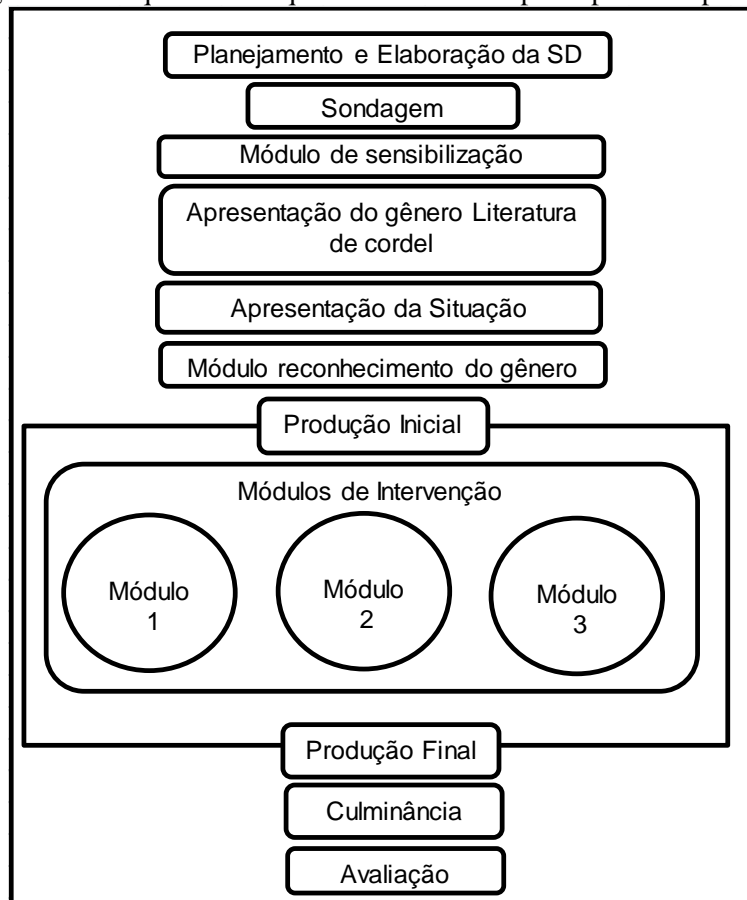
Tendo em vista as particularidades do gênero estudado, a Literatura de Cordel, que é um dos gêneros poéticos, e ressaltando que esses gêneros não foram considerados na proposta de Dolz e Schneuwly (2004), nesta intervenção pedagógica, elaboramos um esquema de sequência didática a partir da adaptação dos modelos propostos pelos autores citados acima, visando melhor atender aos objetivos estabelecidos.

Este projeto de intervenção envolveu as seguintes etapas: Planejamento e elaboração da sequência didática; Sondagem; Módulo de sensibilização; Apresentação da situação e do

gênero literatura de cordel; Reconhecimento do gênero; Produção inicial; Módulo de intervenção para estudo de especificidades do gênero e tratamento dos aspectos identificados na produção inicial; Produção final; Culminância; Avaliação.

O conjunto de atividades planejado para nossa SD tematizando o gênero textual Literatura de cordel foi planejado em 11 etapas, como pode ser observado na Figura 12 e aplicado durante as aulas regulares de Língua Portuguesa, em 20 encontros semanais de duas horas-aula.

Figura 12 – Esquema da sequência didática adaptada para esta pesquisa



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Assim, a nossa intervenção dividiu-se em 11 etapas, explicitadas a seguir:

1. *Planejamento e Elaboração da SD.* Embora seja esboçado antes da aplicação da intervenção pedagógica propriamente dita, o planejamento e a elaboração da SD são partes integrantes da própria SD, uma vez que não se esgotam antes da aplicação. Ao contrário, é um processo contínuo que vai sendo revisto e retroalimentado ao longo do desenvolvimento da proposta de intervenção (Cf. Apêndice H);
2. *Sondagem.* Nesta etapa, foi aplicado um questionário semiaberto, com que se

objetivou o levantamento de um perfil socioeconômico da turma, seus hábitos de leitura e escrita e suas práticas de letramento. Alguns dados colhidos nessa etapa foram apresentados na seção 4.2.2 *Os sujeitos da pesquisa: Os alunos* e nortearam os passos seguintes da SD;

3. *Módulo de sensibilização.* Com as atividades deste módulo, objetivamos que os alunos refletissem sobre a importância da leitura na sociedade e sobre suas práticas de leitura fora da escola e fazer um levantamento de seu conhecimento sobre a produção literária em nosso município;
4. *Apresentação do gênero Literatura de cordel.* Realizada em dois encontros semanais, nos quais buscamos proporcionar aos alunos o primeiro contato orientado com o gênero Literatura de cordel;
5. *Apresentação da situação.* Destinou-se à apresentação da situação comunicativa a que os alunos estavam sendo submetidos;
6. *Módulo de reconhecimento do gênero.* Teve como foco introduzir os alunos no estudo das características do gênero textual, sua função social, composição estrutural e marcas linguísticas e aprofundar atividades de leitura e interpretação em que esses tópicos pudessem ser apreendidos e reconhecidos;
7. *Produção inicial:* Visou à primeira produção escrita do gênero Literatura de cordel pelos alunos e socialização oral dos textos produzidos;
8. *Módulos de intervenção:* A partir do que foi verificado na produção inicial, foram desenvolvidas aulas-oficina para garantir aos alunos o domínio adequado do gênero e a efetivação de seu letramento literário;
9. *Produção final:* Etapa de produção da versão final do cordel, mediante possíveis revisões, reestruturações e reescritas da primeira versão, considerando os aspectos trabalhados nos Módulos de Intervenção;
10. *Culminância.* Momento em que os textos produzidos alcançam seus leitores. Consistiu na preparação e apresentação de recital dos cordéis pelos alunos e doação de alguns folhetos a outros estudantes da instituição escolar parceira desta intervenção;
11. *Avaliação.* Momento em que os alunos avaliam sua participação e a realização da SD dentro da proposta de intervenção pedagógica.

A seguir descrevemos as ações da SD, desenvolvidas durante a aplicação da intervenção pedagógica, conforme o Quadro 01 abaixo:

Quadro 01: Planejamento dos Módulos

<b>I. MÓDULO DE SENSIBILIZAÇÃO</b>
<b>Carga horária:</b> 2h/a
<b>Descrição:</b> As atividades desta etapa foram sistematizadas no fascículo 1 - A LEITURA NO DIA A DIA do material didático que produzimos para esta intervenção.
<b>Objetivos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as práticas de leitura dos alunos fora da escola;</li> <li>• Discutir sobre a importância da leitura na sociedade atual;</li> <li>• Problematicar a ausência de escritores locais na escola.</li> </ul>
<b>Atividades:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elencagem e descrição de práticas de leitura dos alunos, através da retomada de algumas questões do questionário da sondagem;</li> <li>• Leitura do texto “O valor que o livro tem”, de Antônio Barreto, gentilmente cedido pelo autor para este trabalho;</li> <li>• Discussão acerca do cotidiano e das práticas de leituras do eu-lírico do texto;</li> <li>• Conversa exploratória sobre o conhecimento dos alunos acerca dos autores e da produção literária de nosso município.</li> </ul>
<b>II. MÓDULO DE APRESENTAÇÃO DO GÊNERO LITERATURA DE CORDEL</b>
<b>Carga horária:</b> 4h/a
<b>Descrição:</b> Neste módulo, foi realizada a apresentação do gênero trabalhado, proporcionando o contato dos alunos com o gênero Literatura de cordel. As atividades utilizadas nesta etapa estão no fascículo 2 – A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA do módulo didático.
<b>Objetivos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o gênero a ser estudado, enquanto importante elemento da cultura nordestina;</li> <li>• Identificar a função social do gênero e sua forma de materialização.</li> </ul>
<b>Atividades:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Exibição de reportagem sobre a história e a produção da literatura de cordel;</li> <li>• Levantamento dos aspectos mais relevantes da reportagem;</li> <li>• Leitura do texto “O cordel conta a sua história”, de Carlos Alberto Fernandes;</li> <li>• Explicação em slides de uma versão iluminada do cordel esclarecendo termos apresentados no texto;</li> <li>• Avaliação do encontro.</li> </ul>
<b>III. APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO</b>
<b>Carga horária:</b> 6h/a
<b>Descrição:</b> Esta etapa, realizada em dois encontros, consistiu na apresentação aos alunos da situação comunicativa a que eles estavam sendo e seriam expostos durante o desenvolvimento desta proposta de intervenção. As atividades utilizadas nesta etapa estão nos fascículos 3 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA e 4 – O CORDELISTA TUCANENSE NA SALA DE AULA do módulo didático.
<b>1º encontro:</b>
<b>Objetivos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar aos alunos a situação comunicativa desenvolvida na intervenção, especificando as atividades de leitura e de produção escrita do gênero estudado e evidenciando as condições dessa produção textual e o público a que se destina.</li> </ul>

<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da proposta de intervenção pedagógica, destacando as etapas vindouras da SD;</li> <li>• Distribuição aos alunos dos livretos “Prosas de caipira”, do poeta tucanense Valdir Cavalcante de Matos, a ser trabalhado na SD (Cf. Anexo B), seguida de apreciação do livreto: capa, ilustração, elementos pré-textuais;</li> <li>• Leitura jogralizada do texto “A inocência de Simpliciano” (MATOS, 1999, p. 04-11);</li> <li>• Comentário sobre o conteúdo texto, mediante justificativa do título do texto com elementos do enredo;</li> <li>• Organização de coro falado do texto lido para a próxima aula;</li> <li>• Orientação para a elaboração em casa de perguntas para o encontro com o autor do livro em estudo.</li> </ul>
<p><b>2º encontro:</b></p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer os usos sociais concretos do gênero estudado no contexto sociocultural dos alunos;</li> <li>• Caracterizar o eu lírico dos textos, comparando suas atitudes nos diferentes contextos narrados.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do coro falado do texto “A inocência de Simpliciano” (MATOS, 1999, p. 04-11);</li> <li>• Leitura silenciosa e roda de leitura em voz alta do texto “As aventuras de Simpliciano”, de Valdir Cavalcante de Matos (MATOS, 2008c, p. 19-26);</li> <li>• Discussão de elementos do texto, explorando a caracterização do personagem principal e as peripécias por ele vividas, associando à realidade do sertanejo;</li> <li>• Leitura e escolha, em grupos, das questões elaboradas para a visita do escritor local;</li> <li>• Listagem no quadro negro e seleção de 10 (dez) das questões apresentadas pelos grupos, para serem feitas ao autor do livreto em estudo.</li> </ul>
<p><b>3º encontro:</b></p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aproximar a figura do autor à realidade dos alunos;</li> <li>• Promover a interação dos alunos com o autor estudado;</li> <li>• Investigar o processo de produção de um cordelista.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhida ao autor visitante;</li> <li>• Leitura da biografia em cordel do autor convidado, reproduzida no módulo do aluno, p. 16;</li> <li>• Bate-papo com o autor Valdir Cavalcante de Matos, com seção de perguntas previamente elaboradas (Cf. Apêndice I) e outras emergentes;</li> <li>• Seção de autógrafos;</li> <li>• Orientação para responder à avaliação do encontro no módulo didático.</li> </ul>
<p><b>IV. RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL</b></p>
<p><b>Carga horária:</b> 8h/a</p>
<p><b>Descrição:</b> Com o presente módulo, objetivamos estudar as características do gênero textual Literatura de cordel buscando, por meio de atividades de leitura e interpretação, demonstrar sua função social, estrutura composicional e marcas linguísticas. No desenvolvimento desta etapa, utilizamos os fascículos 5 e 6 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA (LEITURA E INTERPRETAÇÃO).</p>
<p><b>1º momento</b> (dividido em dois encontros semanais):</p>



<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampliar o repertório cultural do aluno, por meio de atividades de letramento literário;</li> <li>• Compreender a Literatura de cordel como expressão de sentimento articulada com a realidade;</li> <li>• Apresentar o conceito de intertextualidade.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <p><b>1º encontro:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preparação em grupos de leitura dramatizada, no livreto “Prosas de caipira”, dos textos “Saudades de um caipira” (MATOS, 1999, p. 12-22), “Recadão do coração” (MATOS, 1999, p. 36-41) e “Arraiá do caipira” (MATOS, 1999, p. 42-47);</li> <li>• Apresentação da leitura dramatizada dos textos;</li> <li>• Discussão de aspectos da temática abordada, estrutura organizacional e marcas linguísticas dos textos lidos.</li> </ul> <p><b>2º encontro:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicação sobre o conceito de intertextualidade;</li> <li>• Leitura compartilhada do texto “Profundamente”, de Manuel Bandeira;</li> <li>• Audição da música “Amigo locutor”, do Trio Parada Dura, e leitura da letra da canção;</li> <li>• Discussão sobre a intertextualidade temática dos textos apresentados, mediante exercícios no módulo didático;</li> <li>• Avaliação dos encontros.</li> </ul>
<p><b>2º momento</b> (dividido em dois encontros semanais):</p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampliar o repertório cultural do aluno, por meio de atividades de letramento literário;</li> <li>• Possibilitar ao aluno relacionar a vivência poética à realidade social.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p>
<p><b>1º encontro:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura dos textos “O analfabeto político” (MATOS, 1999, p. 24-35) e “Conselhos de um político que não perde as eleições” (MATOS, 2008a, p. 11-13);</li> <li>• Comparação dos textos lidos destacando o eu-lírico apresentado nos dois textos, destacando o ponto de vista de cada um a respeito do tema abordado e a variação linguística utilizada em cada cordel.</li> </ul>
<p><b>2º encontro:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Retomada de elementos discutidos na aula anterior sobre os textos trabalhados;</li> <li>• Exibição do vídeo com narração do poema “O analfabeto político”, de Bertold Brecht;</li> <li>• Distribuição e leitura do poema impresso;</li> <li>• Discussão a respeito da importância do voto consciente, mediante associação entre os três textos estudados nesse módulo;</li> <li>• Avaliação dos encontros.</li> </ul>
<p><b>V. PRODUÇÃO INICIAL</b></p>
<p><b>Carga horária:</b> 4h/a</p>
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Nessa etapa, foi produzida pelos alunos em grupos a primeira versão do gênero Literatura de cordel. Tomando por base os estudos feitos no módulo de reconhecimento do gênero e da leitura do livreto de cordel “Prosas de caipira” (MATOS, 1999), os alunos produziram, revisaram e rescreveram seus cordéis, com intervenção do professor-pesquisador apenas na fase de revisão.</p>

<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivar para o trabalho de escrita de cordel;</li> <li>• Produzir uma versão inicial do cordel;</li> <li>• Expressar-se de forma autônoma e autoral;</li> <li>• Revisar e reescrever o texto produzido;</li> <li>• Socializar a produção realizada;</li> <li>• Avaliar a atividade de produção escrita.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conversa informal sobre o processo de escrita do cordel, os assuntos abordados, a variedade linguística e a estrutura;</li> <li>• Formação de grupos para a produção escrita;</li> <li>• Planejamento grupal com discussão para seleção do tema do cordel e escolha da estratégia de escrita;</li> <li>• Escrita da primeira versão do cordel;</li> <li>• Revisão grupal da produção escrita;</li> <li>• Leitura oralizada voluntária dos textos produzidos;</li> <li>• Avaliação da etapa de produção.</li> </ul>
<p><b>VI. MÓDULOS DE INTERVENÇÃO</b></p>
<p><b>Carga horária:</b> 6h/a</p>
<p><b>Descrição:</b> Estes módulos objetivaram intervir nas dificuldades de apreensão do gênero Literatura de cordel, percebidas na produção inicial dos alunos. Foram aplicados três módulos de intervenção no intuito de que os alunos apreendessem aspectos do gênero estudado como a linguagem, as temáticas e as estruturas apresentadas, mediante a leitura de cordéis e de exercícios de escrita sistematizados nos fascículos 8 – COMO FALA O CORDEL, 9 – DE QUE FALA O CORDEL e 10 – CORDEL EM FORMA.</p>
<p><b>1º módulo:</b></p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer a relação da literatura de cordel e a oralidade;</li> <li>• Possibilitar o aprendizado da forma composicional do cordel no nível fônico;</li> <li>• Compreender a variedade linguística empregada como importante elemento constituinte da literatura de cordel;</li> <li>• Oferecer elementos que contribuam para o desenvolvimento da escrita na produção final.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura em voz alta, pelo professor-pesquisador, do texto “Confusão da língua” (MATOS, 2008c, p. 29-32);</li> <li>• Discussão acerca das variedades linguísticas reconhecidas no texto lido;</li> <li>• Leitura coletiva do texto “Vocábulo maneiro” (MATOS, 2008b, n.p.);</li> <li>• Análise do texto lido com enfoque nas variações linguísticas empregadas;</li> <li>• Produção de sextilhas, com emprego de variedade linguística definida previamente;</li> <li>• Socialização das sextilhas produzidas;</li> <li>• Avaliação do encontro.</li> </ul>
<p><b>2º módulo:</b></p>
<p><b>Objetivos:</b> Reconhecer o cordel como instrumento de posicionamento social e expressão de subjetividades;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relacionar a vivência poética à realidade social;</li> <li>• Oferecer elementos que contribuam para o desenvolvimento da escrita na produção final.</li> </ul>

<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura do texto “Absurdos de um poeta” (MATOS, 2008b, n.p.) e Saudades de meu recanto (MATOS, 2008b, n.p.);</li> <li>• Discussão sobre os assuntos tratados nos cordéis lidos;</li> <li>• Estudo dirigido de classificações de cordel segundo a temática abordada (MAXADO, 2011, p. 65-102);</li> <li>• Orientação para realização em casa, no fascículo, da autoavaliação e avaliação do encontro.</li> </ul>
<p><b>3º módulo:</b></p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover o aprendizado da forma composicional do cordel nos níveis gráfico-espacial e fônico;</li> <li>• Oferecer elementos que contribuam para o desenvolvimento da escrita na produção final.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura dos cordéis “Bambolê da embolada” (MATOS, 2008b, n.p.) e “Poema do ente” (MATOS, 2008a, p. 26);</li> <li>• Exercícios de análise dos textos;</li> <li>• Estudo das estruturas mais comuns dos cordéis, destacando os tipos de estrofes quanto ao número de versos e dos esquemas de rimas mais utilizados no gênero estudado;</li> <li>• Escrita de estrofes de cordéis nas estruturas estudadas destacando o esquema de rimas mais adequado ao tipo da estrofe;</li> <li>• Avaliação do encontro.</li> </ul>
<p><b>VII. PRODUÇÃO FINAL</b></p>
<p><b>Carga horária:</b> 4h/a</p>
<p><b>Descrição:</b> Esta etapa consistiu na produção da versão final do cordel pelos grupos de alunos, mediante a retomada e análise da produção inicial, verificando, assim, a aprendizagem construída com o desenvolvimento da sequência didática.</p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Planejar a escrita do texto selecionando recursos expressivos, semânticos, sintáticos, fonéticos, morfológicos e gramaticais de acordo com o gênero estudado;</li> <li>• Produzir uma versão final do cordel;</li> <li>• Expressar-se de forma autônoma e autoral;</li> <li>• Socializar a produção realizada.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Distribuição de cópias da produção inicial aos respectivos grupos de alunos;</li> <li>• Produção da versão final do cordel;</li> <li>• Revisão e reescrita dos cordéis pelos próprios alunos, com auxílio do professor-pesquisador;</li> <li>• Socialização voluntária dos textos produzidos;</li> <li>• Avaliação do processo de escrita da segunda versão do cordel.</li> </ul>
<p><b>VIII. CULMINÂNCIA</b></p>
<p><b>Carga horária:</b> 4h/a</p>
<p><b>Descrição:</b> Esta etapa foi dividida em dois encontros. No primeiro, houve o planejamento da atividade de culminância, que incluiu a escolha do público para o evento. Já no segundo encontro, foi efetivado o momento em que as produções dos alunos alcançaram o público leitor, através de um recital dos textos produzidos e publicados em folheto de cordel (Cf. Apêndice J), presenteados aos escritores e alguns exemplares doados ao público presente.</p>
<p><b>1º encontro:</b></p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preparar a exposição das produções e lançamento dos livretos;</li> <li>• Preparar a apresentação/declamação dos cordéis produzidos;</li> </ul>

<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Planejamento e produção da culminância;</li> <li>• Ensaio do recital para a culminância;</li> <li>• Produção dos livretos de cordel.</li> </ul>
<p><b>2º encontro:</b></p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o trabalho desenvolvido a um público determinado;</li> <li>• Promover o reconhecimento pelos alunos de seu potencial criativo.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhida ao público com mensagem de boas vindas e apresentação do projeto;</li> <li>• Declamação dos cordéis produzidos pelos alunos ao público ouvinte;</li> <li>• Distribuição de livretos ao público;</li> <li>• Momento de confraternização do professor-pesquisador e os alunos participantes da intervenção com distribuição de lanches.</li> </ul>
<p><b>IX. AVALIAÇÃO</b></p>
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Em cada etapa desenvolvida, foram realizadas avaliações das atividades desenvolvidas e autoavaliações dos alunos participantes, com caráter formativo, a fim de possibilitar a reflexão sobre a prática desenvolvida. Nesta etapa, para fins de sistematização, propomos uma avaliação de toda a intervenção pedagógica, através da ferramenta do Google formulários (Cf. Apêndice J).</p>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar as atividades da SD desenvolvidas na proposta de intervenção pedagógica aplicada;</li> <li>• Proporcionar autoavaliação dos sujeitos participantes da intervenção.</li> </ul>
<p><b>Atividades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração de fichas de avaliação e autoavaliação na ferramenta do Google Formulários (Cf. Apêndice K);</li> <li>• Orientação para a realização das avaliações.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os fascículos produzidos para o desenvolvimento da proposta de intervenção serão, ao final da pesquisa, organizados e compilados num módulo didático e devolvidos aos alunos (Cf. Apêndice L).

## **5 O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO**

Após apresentarmos os caminhos percorridos no planejamento desta proposta de intervenção pedagógica, incluindo desde a perspectiva metodológica até a aplicação da SD, passamos a descrever e refletir sobre as atividades desenvolvidas nesta proposta de intervenção, buscando delinear os resultados alcançados.

### **5.1 CAMINHOS TRILHADOS NA INTERVENÇÃO**

Iniciemos o delineamento de nossa intervenção a partir da etapa da sondagem, na qual se buscou traçar um perfil das práticas de leitura dos sujeitos desta pesquisa, seguida das outras etapas da SD realizada, cuja primeira fase foi pautada nas atividades de leitura do livreto de cordel “Prosas de caipira”, do poeta tucanense Valdir Cavalcante de Matos (MATOS, 1999), e de outros cordéis; e na segunda fase, buscou-se favorecer a produção escrita de cordéis pelos alunos sujeitos dessa pesquisa.

#### **5.1.1 Sondagem**

A etapa de sondagem nesta pesquisa foi realizada com a aplicação de um questionário semiaberto aplicado com os alunos na primeira aula de desenvolvimento desta proposta de intervenção pedagógica (Cf. Apêndice B) e outro com os professores de Língua Portuguesa da escola, por meio de formulário do Google Formulários (Cf. Apêndice A).

No questionário aplicado com os professores, respondido por apenas dois dos seis professores de Língua Portuguesa da escola, foi destacado o trabalho com diversos gêneros literários por unidade letiva (trimestre). Os dois professores têm posições divergentes quanto aos elementos questionados, enquanto um deles diz não encontrar dificuldades para promover a leitura, o outro vê a ausência de espaço adequado como sala de leitura ou biblioteca e a resistência de parte dos alunos como empecilhos para a prática leitora na escola. Já em relação aos recursos utilizados para a prática de leitura, o primeiro cita a leitura de fragmentos de textos e livretos; o segundo, o livro didático e a internet.

Destas posições dos professores, podemos observar que existem dificuldades materiais e estruturais para o desenvolvimento de práticas de leitura na escola, mas elas podem ser minimizadas, dependendo da postura do professor na busca de experimentar metodologias

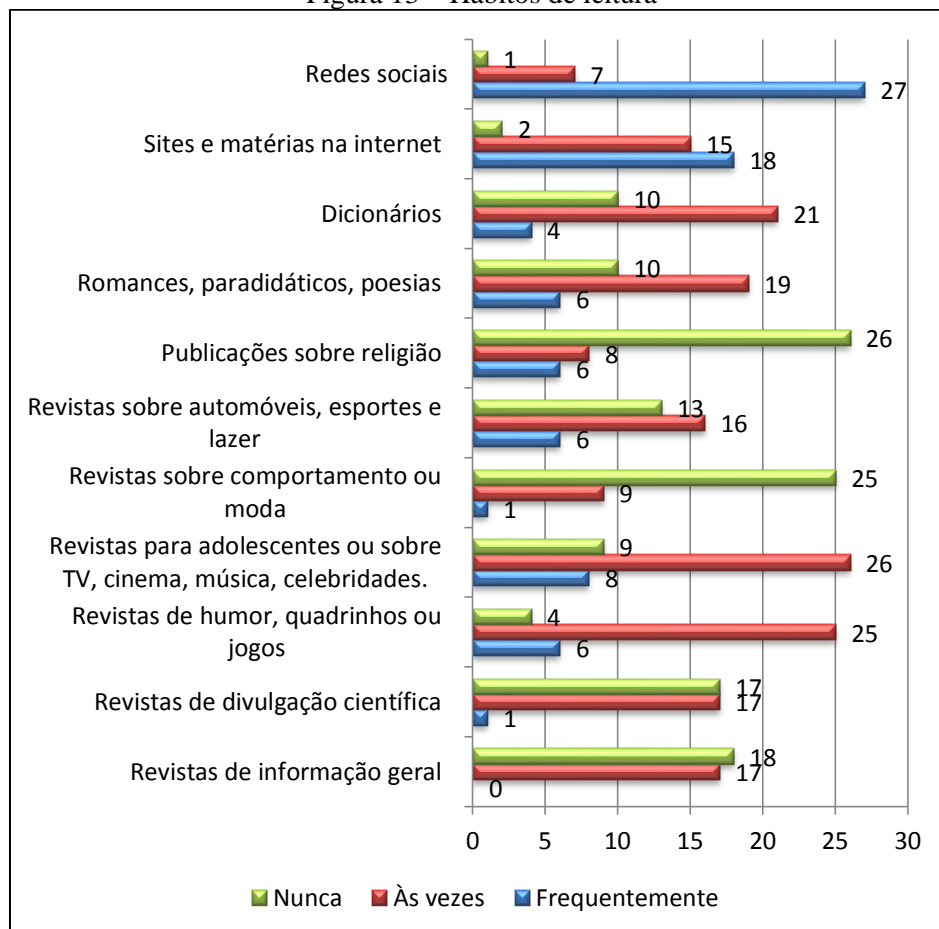
para superá-las no âmbito de sua prática docente, ressaltando-se, aqui, os limites dessa ação do professor, pois algumas dessas dificuldades podem estar além de sua possibilidade de atuação e responsabilidade.

A aplicação do questionário aos alunos se deu num encontro de duas aulas, em que foi apresentada a finalidade da atividade realizada e feitos alguns esclarecimentos em relação às questões apresentadas e sanadas algumas dúvidas surgidas no decorrer da realização da tarefa.

Lançando mão da primeira parte do questionário aplicado aos discentes, pudemos traçar um perfil socioeconômico dos alunos alvo desta pesquisa, o qual foi apresentado anteriormente na seção que tratou da apresentação dos sujeitos da pesquisa.

Ao situar nosso trabalho nas discussões acerca da leitura, nos deparamos com a concepção interacionista de texto (KOCH; ELIAS, 2008), em que a leitura se realiza no encontro do texto com o leitor. Ao conceber a leitura dessa forma, ampliamos também nossa visão sobre o conceito de texto e, conseqüentemente, sobre as práticas de leitura realizada por nós e por nossos alunos.

Figura 13 – Hábitos de leitura



Fonte: Dados da pesquisa.

A Figura 13 apresenta os dados para a questão sobre os hábitos de leitura, considerando-se as opções de leitura apresentadas. Da análise desse gráfico, depreende-se que a maioria informou que lê com frequência nas redes sociais e em sites da Internet e que, às vezes, leem revistas para adolescentes ou sobre TV, cinema, música, celebridades ou revistas de humor, quadrinhos ou jogos. Apenas 17% dizem ler romances, paradidáticos ou poesia. Quanto à leitura de livros por ano, excetuando-se os didáticos, a turma fica bem dividida: 26% dizem não ler nenhum, 26% dizem ler de 01 (um) a 02 (dois), 20% leem de 02 (dois) a 04 (quatro) e 28% dizem ler mais de 04 (quatro).

Uma contradição que aparece nas respostas ao questionário é o fato de a maioria dizer ler revistas às vezes, mas nenhum marcou essa publicação quando perguntados sobre os meios de comunicação que utilizam.

Na segunda aula, foram retomadas algumas perguntas do questionário semiaberto aplicado na aula anterior e acrescentada a pergunta basilar sobre hábito (costume) de ler, ao que 63% responderam que sim, 29% afirmam que leem às vezes e 8% dizem que não têm o costume de ler.

Muitos dos alunos, ao responderem a essa questão, destacaram as mensagens no aplicativo WhatsApp e publicações nas redes sociais Facebook, Instagram e Twitter como suas principais e mais frequentes leituras. Essa ressalva feita talvez justifique a possível discrepância entre os dados sobre o hábito de ler e sobre a frequência de leitura, que indicam que 77% leem todos os dias os outros 23% leem às vezes.

O fato de suas leituras se darem através da Internet, seja em redes sociais ou sites, é reforçado em respostas dadas a outros itens. Quando perguntados sobre qual o meio de comunicação que eles mais utilizavam, Internet foi marcada em 42% das respostas e a televisão em 40%. Nesse mesmo viés, quando perguntados sobre as atividades que mais ocupavam o tempo deles, 97% dos alunos indicaram a televisão e 94%, a Internet; sendo as práticas de “mexer” no celular e assistir televisão as atividades mais indicadas para descrever suas rotinas fora da escola. É digno de nota e, quiçá, de espanto, o fato de que, nas respostas a esse último item, embora 05 (cinco) alunos tenham citado a leitura e 01 (um) tenha mencionado a escrita, nenhum aluno fez referência ao estudo enquanto atividade rotineira.

Reconhecendo o uso frequente de aparelhos celulares pelos alunos e o fato de eles estarem conectados, foi pensando, a priori, em desenvolver uma etapa da sequência didática em que os alunos interagiriam num site criado pelo pesquisador para apresentar as atividades desenvolvidas. No entanto, a instabilidade do sinal da rede de conexão sem fios da escola onde foi desenvolvida a SD, bem como a baixa qualidade das redes de dados móveis

oferecidas pelas companhias de telefonia celular no distrito de Caldas do Jorro, nos fez repensar essa proposta e utilizar o site como meio divulgação da proposta de intervenção aplicada e dos resultados dessa pesquisa, após a defesa da dissertação.

### **5.1.2 Sensibilização**

Como nossa proposta de intervenção pedagógica teve o intuito de utilizar um gênero poético, a Literatura de Cordel escrita por um autor local, como meio de promoção do letramento literário desenvolvendo práticas de leitura e escrita, havemos por bem desenvolver este módulo de sensibilização, como forma de promover a reflexão sobre suas práticas de leitura, sobre a importância do ato de ler, nos mais diversos contextos e sobre a produção literária em nosso município.

Foram distribuídos aos alunos os fascículos do material didático produzido para o desenvolvimento desta SD. Optamos pela entrega de fascículos do módulo a cada encontro em que seria utilizado, em vez de entregá-lo completo no primeiro, por sabermos que alguns alunos da turma não se importam e até resistem em trazer o material necessário para as aulas regulares, livros didáticos, por exemplo.

Pelo fato de ser uma turma com número grande de alunos, mesmo tendo continuamente dado espaço e incentivo à apresentação de suas opiniões oralmente, optamos por, sempre que possível, responder por escrito às questões dadas ou fazer anotações no fascículo do módulo didático.

Com o auxílio desses fascículos, primeiramente, foram retomadas algumas questões do questionário aplicado na etapa da sondagem, para que os alunos comentassem sobre suas práticas de leitura. As questões feitas foram: “Você costuma ler?”, “Que tipo de leitura mais lhe agrada?”, “Com que frequência você lê?” e “Você utiliza tecnologias digitais/é usuário de redes sociais?”.

Ao responder à primeira questão, a maioria dos alunos reconhece a leitura de mensagens e publicação no WhatsApp e nas redes sociais como suas principais, para alguns exclusivas, práticas de leitura. Uns restringem essa atividade à leitura do impresso (livros, revistas, jornais); exemplificando esse grupo, o aluno A33 diz “[leio] às vezes por que eu não encontro livros do meu gosto”. Outros não consideram atividades escolares como práticas de leitura: “quando não tenho deveres da escola, ou quando não tenho nada pra fazer” (aluno A24).

A respeito das outras questões, foram reafirmadas as respostas dadas no questionário e




apresentadas na seção anterior: alunos que leem todos os dias mensagens no aplicativo e publicações nas redes sociais, pois são usuários frequentes de tecnologias digitais e redes sociais, mas que leem poucos livros e outros materiais impressos.

Para discutir um pouco mais sobre práticas de leitura, problematizando a leitura de livros, foi feita a leitura e a atividade de compreensão do texto “O valor que o livro tem”, gentilmente cedido para este trabalho pelo cordelista Antônio Barreto (a quem expressamos nosso agradecimento) (Cf. Figura 14).

Foi feita uma primeira leitura silenciosa do texto, seguida de algumas rodadas de leitura em voz alta por alguns alunos voluntários lendo uma estrofe cada um, devido ao número grande dos que se voluntariaram.

Figura 14 – Página do módulo didático com o texto “O valor que o livro tem”, de Antônio Barreto




LENDO

Agora, vamos ler um texto sobre as práticas de leitura:

### O VALOR QUE O LIVRO TEM

<p>Eu gosto da internet Ela tem muita valia Mas o livro é um tesouro No arco-íris da alegria Uma fonte de cultura De amor e sabedoria.</p> <p>Eu digito noite e dia Navego como ninguém Mas no livro eu me encontro Nas palavras vou além Tenho o mundo em minhas mãos Mas muita gente não tem.</p> <p>A leitura me faz bem Me dá luz, conhecimento Passo a entender a vida Com amor e discernimento Sem o livro não nada sou Não cresço, não reinvento. Para tudo há o momento</p>	<p>Da escola à diversão Acessando a Internet E curtindo de montão Festa, futebol, namoro Cinema, televisão...</p> <p>Mas cuidado, meu irmão Não seja cabeça dura Sem o livro nada somos Precisamos de cultura. Aquele que lê bastante Passa a ter desenvoltura.</p> <p>Viaje nessa aventura Lendo revista, jornal Romance, gibi, poema Autoajuda, manual... Não esqueça do cordel: Leitura fundamental!</p>
---	---



\* Autor: Antonio Barreto, professor, poeta e cordelista, natural de Santa Bárbara/BA.

Fonte: Módulo didático.

Prosseguindo, perguntamos o que os alunos acharam do texto, quais hábitos eles tinham em comum com o eu-lírico do texto e quais práticas de leitura do eu lírico eles consideravam mais interessantes. Abaixo elencamos algumas respostas que consideramos significativas:

Quadro 02 – Respostas dos alunos à atividade de compreensão de texto

*O que você achou do texto?
A16: “Muito bom, porque esse poema trás a importância que o livro tem. Curtir na internet é bom, mais com a leitura em livro nós sempre vamos além”.
A24: “Eu achei legal, porque tem rimas, onde me descreve um pouco e rima é um tipo de leitura que costumo ler”.
A33: “Não gosto de rimas”.
A35: “Achei encantador porque convida o leitor a ler um livro só que de uma forma extrovertida”.
* Quais hábitos você tem em comum com o eu lírico?
A03: “Eu gosto de navegar, jogar futebol porém acho que o livro também é diversão”.
A08: “Ler revista, jornal, romance, gibi, poema, autoajuda, manual, e cordel, mais como todos adolescente da minha idade também gosto de internet”.
*Quais práticas das práticas de leitura do eu lírico você acha mais interessante? Por quê?
A03: “Romance. Por que gosto de ler histórias grandes pois demora mais tempo lendo”.
A16: “Sem o livro não sou nada, não cresço, não reinvento, para tudo há o momento’. Porque ler ajuda no conhecimento de outras palavras e promove a imaginação”.
A19: “Romance, gibi, poema, porque são as únicas práticas que me faz esquecer um pouco a realidade”.
A21: “Cordel, pois é muito divertido”.

Fonte: Fascículo do módulo didático dos alunos.

Nas respostas da atividade mencionada acima, somente dois alunos mencionaram a Literatura de Cordel. Um deles disse que encontrou uns livrinhos em sua casa, os quais, provavelmente, eram de seu avô.

Após a apresentação oral de algumas respostas e comentários sobre essas respostas, prosseguimos a outro momento da aula: a seção “Dialogando com a turma” do fascículo *1 – A leitura no dia a dia*, do material didático, a qual nessa aula tinha a finalidade de fazer um levantamento do conhecimento dos alunos sobre escritores do nosso município ou região e suas obras. A resposta a esse questionamento foi surpresa para o professor-pesquisador, pois, à exceção de dois alunos que informaram conhecer um compositor de canções da localidade, os alunos disseram não conhecer nenhum autor ou obra local.

Tendo em vista esse cenário, pedimos para que os alunos perguntassem em suas casas a seus familiares se eles conheciam algum autor ou obra da localidade e trouxessem os resultados na próxima aula.

Estava programada, para este encontro, a apresentação da proposta de trabalho e o

esquema da sequência didática, mas devido ao grande número de participações dos alunos, não tivemos tempo hábil para tal; o que nos fez pensar em diminuir o número de atividades a serem realizadas e aproveitar ao máximo a colaboração dos alunos permitindo sua expressão.

A avaliação do encontro possibilitou o *feedback* dos alunos que, de modo geral, afirmaram gostar das atividades feitas. Eles destacaram como pontos positivos o fato de abordar a sua rotina, mostrar interesse nos gostos dos alunos, permitir, através das atividades, que eles pudessem emitir opinião e “O ato de querer dialogar com os alunos sobre livros e escritores” (A15).

### 5.1.3 Apresentação do gênero

Nessa etapa da SD, foram reunidos dois módulos de apresentação: do gênero a ser trabalhado e da situação comunicativa a que os alunos estariam expostos durante o desenvolvimento desta proposta de intervenção. As atividades desta etapa foram sistematizadas no módulo didático no fascículo 2 – *A literatura de cordel na sala de aula*. Essa etapa relaciona-se à fase de Motivação, apresentada por Cosson (2009) em sua proposta de letramento literário.

Iniciamos as atividades do primeiro encontro, abrindo espaço para que os alunos apresentassem os resultados da pesquisa feita a seus familiares sobre o conhecimento de autores locais. De todos os alunos que realizaram a atividade, apenas 05 (cinco) apresentaram resposta afirmativa: seus pais ou avós conheciam um único escritor local, o professor Rubens Rocha.

O professor Rubens Rocha, natural de Tucano, licenciado em História e falecido em 2017, aos 78 anos, escreveu livros que tratam da história desse município. “História de Tucano”, ‘Caminhos de Lampião’, “Celebidades e Vultos”, são alguns de seus títulos publicados.

Assim que mencionaram o autor citado, alguns alunos disseram que conheciam o escritor, pois ele tinha residência no Jorro, mas não conheciam seus livros, apenas sabiam que eram livros de História (com H maiúsculo, como disse um dos alunos, pois achava que eram de pesquisa histórica e não de literatura ou de estórias).

Ao fazermos uma breve discussão sobre a ausência desse autor e de outros informados pelo professor-pesquisador nas atividades da escola ou de sala de aula, um dos alunos respondeu que não é estudado “porque é daqui” (Fala de aluno A19 durante a aula). Assim foi provocado pequeno debate, em que alguns concordaram com essa opinião retomando o

provérbio “Santo de casa não faz milagre”, já outros discordaram declarando que o motivo dessa ausência podia ser que nem os professores conhecessem os autores locais ou da região.

Acreditamos que as duas ponderações encontram respaldo na realidade. Por um lado, ao menos na escola em que atuamos, costumamos trabalhar com textos ou obras de autores canônicos, reconhecidos e/ou indicados nos livros ou manuais didáticos ou aqueles que fazem parte do gosto pessoal do professor, quando se encaixam nos objetivos da proposta de trabalho. Por outro lado, reconhecemos que, pelo menos em nossa trajetória, não houve e talvez não haja, investigação, estudo ou menção a autores locais nas instituições de formação de professores em nossa cidade.

Aproveitando a discussão, informamos que a aplicação da SD seria pautada na leitura de um livreto de cordel local, apresentado na etapa seguinte. Aqui houve certo alvoroço, com muitas perguntas a respeito do autor e da obra que seriam estudados. Os alunos se mostraram empolgados com a possibilidade de conhecer a obra de um autor local e argumentaram que seria bom conhecer o escritor pessoalmente, ao que foi anunciado que tal atividade já estava prevista na SD, para contentamento geral.

Dando prosseguimento às atividades, foi exibida uma reportagem do programa Globo Rural sobre a literatura de cordel (Cf. Figura 15).

Figura 15 – Página do módulo didático apresentando a reportagem sobre literatura de cordel



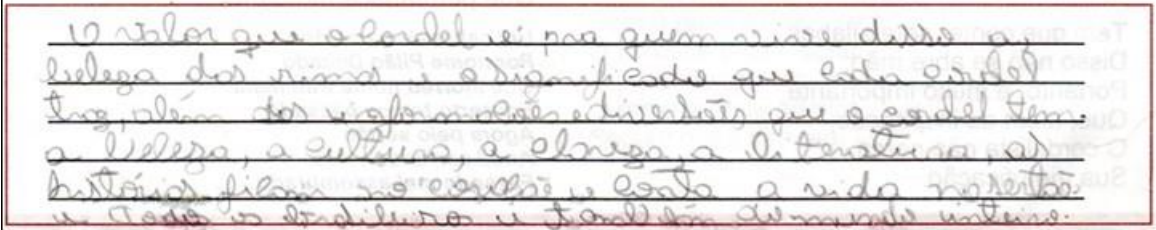
Fonte: Módulo didático.

Após a exibição do vídeo, os alunos anotaram no módulo didático e depois socializaram suas impressões sobre o conteúdo apresentado na reportagem, destacando

principalmente a utilização de rimas, a variedade de assuntos abordados, a técnica da xilogravura e a informação de que Leandro Gomes de Barros é considerado o pai do cordel.

Para ilustrar os comentários, apresentamos a anotação do aluno A35 que se mostrou encantado com a Literatura de cordel.

Figura 16 – Transcrição da resposta do aluno A35 sobre a reportagem

<p>* Indique aspectos que mais te chamam a atenção na reportagem.</p> 
<p><b>Transcrição:</b>  O valor que o cordel é pra quem vive disso, a beleza das rimas e o significado que cada cordel traz além das informações e diversões que o cordel tem. a beleza a cultura, a clareza, a literatura, as histórias ficam no coração e conta a vida do Sertão e todos os brasileiros e também do mundo inteiro.</p>

Fonte: Módulo didático do aluno.

A resposta desse aluno, e de outros, nos surpreendeu positivamente pelo fato de destacar a poesia que há na Literatura de cordel bem como o reconhecimento desse gênero como elemento de fruição estética e de informação.

No encontro seguinte, foi feita uma apresentação de alguns exemplares de folhetos de cordel de nosso acervo, sem contanto, ter sido feita leitura desses exemplares. Continuamos a atividade com a separação de grupos para a leitura do texto “O cordel conta a sua história”, de autoria de Carlos Alberto Fernandes (FERNANDES *apud* HAURÉLIO, 2013, p. 127-143), que gentilmente autorizou a reprodução do texto neste trabalho. O texto pode ser considerado um metacordel por trazer em sextilhas uma conceituação; as origens; as estruturas estróficas, esquemas de rimas e métricas mais utilizados; além dos títulos e autores mais conhecidos. A seguir, trazemos as três primeiras estrofes desse texto tão esclarecedor:

Alguns temas não aceitam  
Definições, só conceitos,  
Por serem ricos, difíceis,  
Aos nossos olhos, perfeitos;  
O *cordel* é um exemplo:  
Não cabe em padrões estreitos.

Por sua simplicidade,  
Existe quem o despreze;  
Mas, por sua aceitação,  
Tem sido alvo de tese;  
Por seu vasto conteúdo,

Cartilha de catequese.

Mas afinal, o que é  
Esse *cordel* tão falado,  
Que, por muitos, muitos anos,  
Tem sido lido e amado  
Pelo povo do Nordeste,  
Onde tem o seu reinado?  
(FERNANDES apud HAURÉLIO, 2013, p. 127-143).

Devido à extensão do texto e à falta de um espaço mais adequado para o desenvolvimento de práticas de leitura, os alunos foram divididos em grupos para fazer a leitura do texto e tomaram as áreas da escola, os corredores, o pátio interno e as árvores do pátio externo da escola (Cf. Figura 17). Quando todos os grupos terminaram a leitura, voltamos para a sala de aula; em semicírculos, os grupos destacaram e comentaram estrofes que lhes chamaram atenção.

Figura 17 – Grupos de alunos lendo cordel em ambientes da escola



Fonte: Arquivo pessoal do professor.

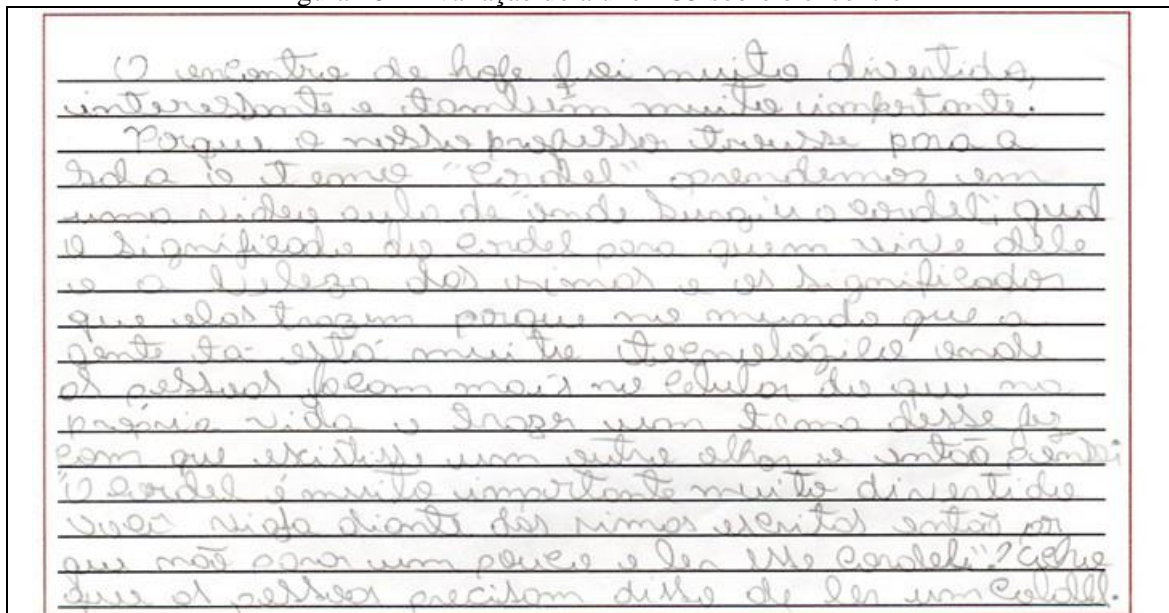
Como esperado, foram apontados personagens e fatos históricos, nomes de autores e títulos de cordéis desconhecidos pelos alunos. Assim, fizemos uma apresentação em slides de uma versão do texto, com breve exposição de alguns elementos trazidos no cordel e levantados pelos alunos. Para não ficar uma atividade exaustiva, foram ilustrados apenas alguns dos elementos do texto e informado que uma versão mais completa estaria disponível no site construído para registro e divulgação desta SD.

Os alunos avaliaram o encontro positivamente, destacando o aprendizado sobre a história do cordel, a técnica da xilogravura, a aparente facilidade na produção de rimas, a

paixão que os cordelistas apresentados demonstraram por sua arte. Um dos alunos, além de mencionar os fatos apontados, cobra: “[...] Mas poderia ter trazido cordéis para a turma ler” (aluno A19), provavelmente, referindo-se a folhetos/livretos de cordéis. Outro aluno achou interessante o fato de Leandro Gomes de Barros ter nascido e vivido “em Pombal, pertinho do lugar onde moro” (aluno A34), confundindo a cidade de Ribeira do Pombal/BA e Pombal/PB.

Então foi feito o registro para explicar-lhes, na aula seguinte, no primeiro caso, que a opção por apenas mostrar os folhetos nessa aula foi devida à duração da reportagem e à extensão do texto trabalhado (embora pudesse ter sido feito empréstimo para leitura em casa); e, no segundo caso, apenas desfazer o equívoco com os nomes das cidades.

Figura 18 – Avaliação do aluno A35 sobre o encontro



**Transcrição:**

O encontro de hoje foi muito divertido, interessante e também muito importante. Porque o nosso professor trouxe para a sala o tema “cordel”, aprendemos em uma videoaula de onde surgiu o cordel, qual o significado do cordel para quem vive dele e a beleza das rimas e os significados que elas trazem porque no mundo de hoje que a gente tá está muito tecnológica onde as pessoas focam mais no celular do que na própria vida e trazer um tema desse fez com que existisse um outro olhar e então pensei: “O cordel é muito importante, muito divertido. Você viaja diante das rimas escritas então por que não parar um pouco e ler esse cordel?” Acho que as pessoas precisam disso, de ler um cordel.

Fonte: Fascículo do módulo didático do aluno.

Ao ler o comentário do aluno reproduzido acima, pensamos que, mesmo que o gênero a ser trabalhado tenha sido definido a priori, o seu estudo traria aos alunos a possibilidade de entrar em contato com um elemento de nossa cultura regional, bem como lhes proporcionaria momentos de fruição do literário.

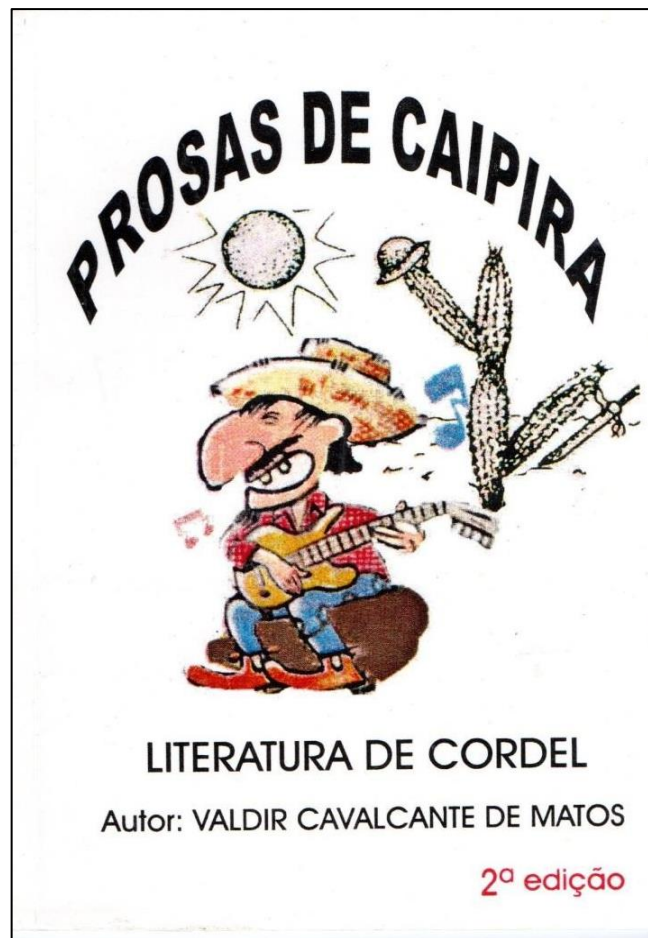
#### 5.1.4 Apresentação da situação comunicativa

Esta etapa foi desenvolvida em três encontros semanais, com a finalidade de expor aos alunos a situação de comunicação a que eles estariam submetidos na SD e apresentar a obra e o autor que seria estudado nesta intervenção.

O primeiro encontro iniciou-se com a apresentação da proposta de intervenção em slides. Os alunos se mostraram interessados em participar do projeto.

Em seguida, entregamos aos alunos os livretos de cordel “Prosas de caipira”, de autoria do poeta tucanense Valdir Cavalcante de Matos (Cf. Figura 19 e Anexo B). Perguntados se conheciam o livreto ou o autor, os alunos responderam negativamente. Com os livros em mãos, foram convidados a folheá-lo, observar a capa, sua ilustração e fazer uma leitura dos elementos pré e pós-textuais. Alguns alunos destacaram que o livreto não era igual aos folhetos ou cordéis que apareceram na reportagem e/ou que eles conheciam.

Figura 19 – Capa do livreto de cordel *Prosas de caipira*, de Valdir Cavalcante de Matos



Fonte: Acervo do pesquisador.



O passo seguinte foi fazer a leitura jogralizada do texto “A inocência de Simpliciano” (MATOS, 1999, p. 04-11). A leitura provocou risos na turma, à medida que ia percebendo a inocência da personagem principal de que trata o título. Terminada a leitura, travamos um bate-papo para comentários sobre o texto, explicitando a adequação do título ao texto com elementos específicos do enredo.

Nesse texto, o eu-lírico, Simpliciano, narra as desventuras de seus filhos que tiveram que migrar para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Passado algum tempo, depois de aprender a escrever, mandam notícias para os pais contando dos rumos tomados, como a prostituição e o tráfico, usando um registro formal, o qual o pai não compreende. Assim, Simpliciano enaltece seus filhos enquanto deprecia os filhos de seu compadre que tiveram o mesmo destino dos seus, mas que deram notícias num linguajar compreendido pelos pais.

Esse poema reflete a importância da compreensão do que se lê, do letramento, diferenciando do conhecimento que o personagem tem que era mera decodificação. Finalizando a aula, organizamos uma apresentação de um coro falado ou jogral do texto lido para a aula seguinte e orientamos a elaboração em casa individualmente de perguntas que seriam feitas ao autor quando de sua visita.

No segundo encontro, como forma de estabelecer os usos sociais da Literatura de cordel no contexto social dos alunos, fizemos, primeiramente, a apresentação do coro falado do texto “A inocência de Simpliciano”. Logo após, foi feita uma primeira leitura silenciosa do texto seguida de uma roda de leitura em voz alta do texto “As aventura de Simpliciano”, também de autoria de Valdir Cavalcante de Matos, publicado no livreto “Raízes nordestinas” (MATOS, 2008c, p. 19-26), reproduzido no fascículo 3 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA.

Dessa vez, a dificuldade de ler e falta de letramentos, leva Simpliciano a viver algumas peripécias na capital do estado, aonde foi fazer exames de saúde. Após essas leituras, fizemos uma discussão com intento de caracterizar o personagem principal, Simpliciano, e elencar as peripécias por ele vividas, dessa vez, no contexto da cidade grande. Novamente, foi levantada a importância, não só da capacidade de ler, enquanto decodificação, mas do domínio de múltiplos letramentos.

Assim que a discussão foi levada a bom termo, os alunos se reuniram em grupos para selecionar internamente 05 (cinco) perguntas para serem feitas ao escritor do livreto de cordel em estudo na ocasião de sua visita. Cada grupo apresentou as perguntas selecionadas, o professor-pesquisador as anotou no quadro negro, evitando repetições e fazendo necessárias

adaptações, chegamos ao número combinado de 10 (dez) perguntas (Cf. Apêndice I).

Durante a escolha, alguns alunos insistiam que suas perguntas fossem selecionadas, mas assim que paramos a escrita e retomamos o objetivo da atividade, todos se voltaram para a escolha das questões que julgavam mais interessantes e apontaram reescritas e/ou adaptações que consideraram necessárias. Ao final da atividade, alguns alunos se voluntariaram para fazer as perguntas ao autor, não havendo oposição a isso, foram efetivados os “entrevistadores”.

O terceiro momento desta etapa foi o encontro com o cordelista, cuja finalidade era promover aproximação da figura do autor com os alunos leitores, num momento de interação entre eles, possibilitando aos alunos investigar o processo de criação literária por um cordelista. Este encontro não ocorreu quando estava previsto na sequência das aulas deste módulo, devido a particularidades da agenda do escritor, indo ocorrer no encontro posterior à produção inicial.

Por considerarmos que a ordem do relato e da análise deste evento não interfere nos resultados alcançados nesta proposta de intervenção, havemos por bem fazê-los na sequência planejada inicialmente, a saber, dentro do módulo de apresentação da situação de comunicação.

Assim, o encontro iniciou com a acolhida ao escritor e uma breve apresentação pelo professor. Estava prevista a leitura da biografia em cordel pelos alunos, reproduzida no fascículo 4 – O CORDELISTA TUCANENSE NA SALA DE AULA, mas o autor preferiu fazer a leitura, o que foi interessante para os alunos presenciarem a realização oral do texto de Literatura de cordel, seguida de uma breve complementação de particularidades de sua atividade de poeta.

Logo após, foi feito um bate-papo com uma seção de perguntas e respostas com as questões previamente elaboradas e outras emergentes. Não havendo mais questionamentos por parte dos alunos, prosseguimos com uma seção de autógrafos dos livretos de cordel.

Figura 20 – Cenas da visita do autor à turma



Fonte: Arquivo pessoal do professor.

Para finalizar a aula, orientamos os alunos a responderem à avaliação do encontro no módulo didático. Nessa avaliação, os alunos destacaram a importância de conhecer pessoalmente a figura do escritor e de vê-lo narrar com simplicidade como ocorreu a descoberta de sua habilidade de escrever cordéis e das dificuldades em produzir e lançar obras de literatura, tendo em vista a falta de apoio e recursos em nossa cidade.

### 5.1.5 Módulo de reconhecimento do gênero

O módulo de reconhecimento didático, que não aparece na proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), foi proposta como adaptação da SB por Costa-Hübes, cuja inserção consiste “[...] em atividades e exercícios que contemplem a leitura, a pesquisa e análise linguística com textos do gênero” (SWIDERSKI e COSTA-HÜBES, 2009, p. 141).

Na presente proposta de intervenção, esse módulo teve a finalidade de introduzir os alunos no estudo das características do gênero textual estudado, sua função social, composição estrutural e marcas linguísticas, por meio de atividades de leitura interpretação

em que esses tópicos pudessem ser apreendidos e reconhecidos. Esta etapa foi realizada em 02 (dois) momentos de 02 (dois) encontros semanais, perfazendo um total de 04 (quatro) encontros, nos quais foram utilizados os fascículos 5 e 6 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA (LEITURA E INTERPRETAÇÃO).

No primeiro encontro do primeiro momento, prosseguindo a leitura dos textos do livreto de cordel *Prosas de caipira*, organizamos a leitura dramatizada em grupos dos textos “Saudades de um caipira”, “Recadão do coração” e “Arraiá do caipira”, todos do livreto citado. Os alunos se reuniram em grupo e, novamente, dirigiram-se a outros espaços da escola para a preparação dessa leitura.

No texto “Saudades de um caipira” (MATOS, 1999, p. 12-22), o eu-lírico apresenta-se saudoso das “coisas de antigamente”, refletindo sobre mudanças ocorridas na escolarização, nos festejos juninos e outras celebrações, no meio ambiente, nas relações amorosas e familiares etc. Em “Recadão do coração” (MATOS, 1999, p. 36-41), o eu-lírico escreve a uma emissora de rádio e pede que o locutor ou qualquer ouvinte transmita a sua amada aquela mensagem de amor. Já “Arraiá do caipira” (MATOS, 1999, p. 42-47) é uma exaltação dos tradicionais festejos juninos na roça.

Ao retornarmos e os grupos apresentarem suas leituras, foi tecida uma discussão sobre a temática abordada em cada texto, sua estrutura, que coincidia em setilhas (estrofes de sete versos) de redondilhas maiores (versos com sete sílabas poéticas) e a variedade linguística utilizada, a variedade caipira ou sertaneja.

Iniciamos a segunda aula com explanação em slides sobre o conceito de intertextualidade. Durante a explanação, os alunos levantaram exemplos nos textos publicitários.

Continuamos com a leitura compartilhada do poema “Profundamente”, de Manuel Bandeira, seguida da leitura da letra da canção “Amigo locutor”, do Trio Parada Dura, reproduzidos no fascículo 5. Logo ao verem o título da canção, alguns alunos começaram a cantar a música *Amigo locutor*, de Léo Magalhães, mas logo perceberam que a letra não era a mesma e retomaram a leitura. Terminada a leitura, foi permitido que alguns alunos cantassem a canção conhecida por ele, um claro exemplo intertextual.

Com o intuito de levar os alunos à apreensão do conceito estudado, realizamos exercícios no módulo didático de compreensão dos textos e discutimos sobre a intertextualidade temática dos textos apresentados. Como não havia mais tempo, orientamos os alunos a responderem à avaliação do encontro no fascículo do módulo didático.

Passamos, assim, ao segundo momento deste módulo, com o estudo do fascículo 6,

realizado também em dois encontros semanais.

O primeiro encontro foi iniciado com a leitura dos textos “O analfabeto político”, no livreto “Prosas de caipira” (MATOS, 1999, p. 24-35) e “Conselhos de um político que não perde as eleições”, do livreto “Cotidiano em cordel” (MATOS, 2008a, p. 11-13), reproduzido no fascículo 6 do módulo didático. Em seguida, foi feito um exercício em dupla no fascículo, visando à caracterização do eu lírico dos textos lidos, que apresentam pontos de vista diferentes sobre o tema abordado, bem como a variação linguística utilizada que difere nos dois cordéis.

No intuito de ampliar o repertório cultural dos alunos, perspectiva do letramento literário, no segundo encontro, retomamos brevemente os elementos discutidos sobre os textos trabalhados na aula anterior. Exibimos um vídeo com a narração do poema “O analfabeto político”, de Bertold Brecht<sup>2</sup>. Logo após, distribuímos o poema impresso e dele fizemos uma leitura. Prontamente, os alunos fizeram oralmente a associação desse poema aos textos lidos na aula anterior. Continuando as atividades, realizamos uma discussão a respeito da importância do voto consciente, relacionando os três textos lidos nestas duas últimas aulas. Essa discussão foi provocada pelos alunos, que, embora não fossem eleitores, vivenciavam os debates e as conversas acaloradas em defesa de seus candidatos.

Por fim, os alunos realizaram por escrito no material didático a avaliação desses encontros. Foi observado que parte dos alunos não a realizaram, mas aqueles que fizeram, destacaram principalmente a discussão a respeito da importância do eleitor ter consciência ao dar o seu voto.

### **5.1.6 Produção inicial**

Após a sondagem das práticas de leitura e de conhecimentos prévios, de um momento de sensibilização para atividades de leitura e escrita, da apresentação do gênero e da situação comunicativa, do módulo de reconhecimento do gênero mediante leitura, interpretação e reflexão sobre os textos do livreto de cordel “Prosas de um caipira” (MATOS, 1999), enfim os alunos realizaram a primeira produção de seus cordéis. Esta etapa foi realizada em dois encontros semanais, perfazendo um total de 04 (quatro) aulas.

Iniciamos esta etapa com uma conversa sobre o processo de escrita dos cordéis, pautados em tópicos como quais assuntos poderiam ser abordados, que variedades linguísticas

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vg22b8Knf0U&t=2s>.

poderiam ser empregadas e qual a estrutura mais adequada à atividade a ser realizada.

No tocante à temática, em consonância com um dos nossos objetivos específicos, o de *apresentar a literatura como forma de expressão e reflexão da subjetividade e de posicionamento social*, ficou decidido que seria de livre escolha dos grupos, não haveria restrição de assunto, que eles tratassem daquilo que mais lhes interessasse no momento. O mesmo quanto à variedade linguística e grau de formalidade.

No entanto, quanto à estrutura, foram apresentadas, mais por questão de padronização estética do produto final – o livreto de cordel da turma, duas possibilidades: a sextilha (estrofes de seis versos), “a estrofe básica do cordel” (HAURÉLIO, 2013), e a setilha (estrofes de sete versos), muito apreciada por repentistas. Acabamos optando pela sextilha e seu esquema de rimas (segundo, quarto e sexto versos rimando entre si).

Demos continuidade ao trabalho com a formação de grupos para a produção escrita, que se deu por afinidade, de forma mais ou menos livre, uma vez que houve necessidade de nossa mediação apenas para “encaixar” um aluno, que não estava agrupado, pois os colegas consideravam-no bagunceiro e pouco produtivo. Como esse aluno declarou querer participar da atividade e procurar colaborar, foi aceito por um dos grupos formados. Estabelecemos, então, o critério de que deveria ser produzida, ao menos, quantidade de estrofes equivalente ao número de participantes de cada grupo.

Como o espaço da sala de aula era acanhado para o trabalho em grupo, os alunos dirigiram-se para diversos ambientes da escola, como a sala de professores, os pátios e a biblioteca para desenvolver esse trabalho coletivo (Cf. Figura 21).

Figura 21 – Grupos de alunos escrevendo a primeira versão dos cordéis



Fonte: Arquivo pessoal do professor

Nos grupos, foi dado início ao planejamento da escrita do texto, com a discussão sobre suas características: o tema a ser abordado e a variedade linguística empregada. Apenas um grupo (Produção III) optou pelo emprego de uma variedade regional “caipira”. Combinaram também a estratégia de escrita: uns grupos decidiram que cada integrante faria uma estrofe sobre o tema combinado; outros, que um integrante iria escrevendo os versos sugeridos por todos os membros.

Foi dado início, dessa forma, à produção em seus cadernos. Inicialmente, os alunos requisitavam auxílio do professor com as rimas, ao que era respondido para procurarem pensar em grupo a melhor palavra; se julgassem necessário, usassem um dicionário, mas nenhum grupo lançou mão de tal recurso. Terminada a aula, os grupos tinham de uma a duas estrofes escritas.

No encontro seguinte, demos continuidade ao processo de escrita. À medida que iam terminando, os alunos mostravam seus cordéis ao professor. Nesse momento, fizemos alguns questionamentos a respeito do texto com a finalidade de que refletissem sobre sua escrita. Foram indagações sobre o que eles pretendiam contar/dizer com aquele texto, se estavam alcançando tal objetivo; sobre alguns vocábulos, para que refletissem sobre sua adequação ao sentido da frase/do verso.

Quanto a essas orientações feitas na revisão, consideramos que não sejam direcionamentos que infrinjam a liberdade de criação dos alunos, mas uma maneira de lhes mostrar na prática que o processo de escrita, mesmo literário, segue algumas regras que estão intimamente ligadas ao gênero do texto e aos objetivos de seu produtor. No tocante à métrica, combinamos que tentaríamos a produção de versos de sete sílabas poéticas (redondilhas maiores), mas que essa não fosse, a princípio, a maior preocupação.

Ao final desse segundo encontro, dois grupos ainda não consideravam ter terminado suas produções, recomendamos que concluíssem num momento extraclasse. Assim, optamos por fazer a apresentação oral voluntária dos textos produzidos na aula seguinte, quando todos tivessem entregues seus textos e recomendamos a fazerem em casa a avaliação e a autoavaliação dessa etapa de produção inicial.

Discutimos os resultados obtidos na produção inicial em seção posterior neste capítulo ao fazer uma análise comparativa com as produções finais. Por hora, destacamos que os “desvios” apresentados pelos alunos nessas produções dizem respeito à estrutura combinada, ao esquema de rimas e à métrica dos cordéis e foram objetos de estudo nos módulos de intervenção, os quais são abordados na seção a seguir.

### 5.1.7 Módulos de intervenção

Os módulos de intervenção procuraram reforçar nos alunos as competências necessárias para apreensão do gênero estudado de lhes oferecer elementos que contribuíssem para o desenvolvimento da escrita na produção final, baseando-se no diagnóstico feito a partir da análise das produções iniciais. As atividades foram desenvolvidas em três encontros semanais, baseados em atividades de leitura de cordéis e de exercícios de escrita de estrofes apresentadas nos fascículos 8 – COMO FALA O CORDEL, 9 – DE QUE FALA O CORDEL e 10 – CORDEL EM FORMA do módulo do aluno e buscaram trabalhar aspectos do gênero estudado como a linguagem, as temáticas e as estruturas apresentadas.

Com a finalidade de levar os alunos à compreensão de que a variedade linguística empregada é um importante constituinte do cordel, o primeiro encontro foi iniciado com a leitura do texto “Confusão da língua” (MATOS, 2008c, p. 29-32) pelo professor-pesquisador, seguida de uma discussão com os alunos a respeito do embate entre as duas variedades linguísticas usadas pelos personagens do texto.

Essa discussão foi baseada em três questões apresentadas na seção INTERAGINDO COM O TEXTO do fascículo 8. A primeira perguntava aos alunos a opinião deles sobre qual seria a intenção do cordelista em apresentar duas variedades linguísticas distintas no cordel. No quadro abaixo, seguem algumas respostas:

QUADRO 03 – Respostas dos alunos sobre variedades linguísticas

* Para você, qual é a intenção do cordelista em apresentar duas variedades linguísticas distintas?
A03 – Mostrar diferentes costumes e que muitas as palavras que achamos que estão sendo faladas erradas são só costumes da região.
A16 – Mostra que apesa que a pronúncia ou o jeito que se escrevi as palavras tem o mesmo significado.
A25 – Para mostrar a diferença entre as duas línguas, entre um nordestino analfabeto e mulher alfabetizada carioca.
A34 – Mostrar que cada pessoa tem o seu própria linguagem, é não e preciso mudar isso, mais se a pessoa quise pode fazer o que quiser para adaptar-se a um novo lugar, isso pode ocorrer a pessoa mudando de roupas, o modo de fala entre mais fatores.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Essas respostas assemelham-se àquelas dada pela maioria dos alunos. Refletem, talvez, fato de que os alunos estudaram, no 7º ano, tópicos relacionados à variação linguística, o que não eximiu de um ou outro apresentar, principalmente em suas falas, algumas ideias preconceituosas quanto à linguagem (caipira, sertaneja, da roça) do eu-lírico. No mesmo sentido, foram as respostas dadas à segunda questão, a qual se referia ao uso de variedades



não-padrão em textos literários:

QUADRO 04 – Respostas dos alunos sobre variedades linguísticas empregadas no texto literário

* O que você acha do uso dessa variedade apresentada pelo cordelista (ou outras que não sejam a variedade padrão) nos textos literários?
A03 – Acho interessante porque não fica no mesmo padrão e permite conhecer outras formas de falar.
A06 – Eu acho interessante pois temos a oportunidade de conhecer a linguagem caipira
A10 – Acho legal. Não fica no mesmismo, no padrão, explora as diversidades linguísticas
A26 – Estranha, mas, conhecida por mim (algumas), até dá a impressão ser ridícula, comparada aos alfabetizados
A30 – Nesses textos como o cordel que ele é, fica engraçado e transmite ao leitor o humor. eu acho bem prático e interessante, mas não seria certo usar essa forma de linguagem não padrão em livros etc.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dentre as respostas dadas, destacamos a fala do informante A26 que, embora conheça algumas expressões trazidas no cordel pelo eu-lírico nordestino/caipira, ao compará-las com a variedade do personagem alfabetizado, as considera ridículas. Essa resposta nos leva a questionar se os alunos que apresentam postura diferente dessa realmente valorizam a variação linguística ou demonstraram um “respeito escolarizado”, uma resposta que agradasse ao professor que trabalhou com eles este conteúdo em séries anteriores (Infelizmente, não pudemos dar conta desta questão nos limites deste trabalho).

Nesse sentido, as respostas dadas pelos alunos nos leva a refletir sobre o trabalho que se efetiva nas escolas sobre a variação linguística, uma vez que, geralmente, este é um tópico numa unidade do livro didático, em que se apresentam gêneros, como cartuns, charges e tirinhas ou excertos de outros gêneros, basicamente com representação da fala de personagens, mas não são apresentadas aos estudantes [ou promovida a leitura de] obras escritas em variações diferentes do padrão, do culto, corroborando a fala do informante A30. Aqui, ressaltamos que esse informante foi o único a responder positivamente à questão três sobre o conhecimento de textos que empregassem variedades não padrão e citou o cordel.

A atividade seguinte foi a leitura do cordel “Vocabulo maneiro” (MATOS, 2008b, n.p.), a partir da qual foi discutido o emprego de gírias juvenis como exemplo de variação linguística no cordel lido e em outros textos. Novamente, foi afirmada a ausência de variedades linguísticas diferentes do padrão em textos trabalhados com os alunos, salvo em exemplos de falas de personagens.

Como prática, foi proposta aos alunos a produção de uma sextilha em trios sobre um tema desejado, empregando uma variedade previamente combinada entre eles. Alguns trios produziram em casa, o que facilitou a ocorrência de duas cópias. Não houve, no entanto,

inovações no uso das variedades, como era por nós esperado. Apenas um trio se propôs a usar gírias, as outras produções trouxeram o registro coloquial de variedade pertinente a sua faixa etária e grau de escolaridade. Destacamos também que apenas uma dentre as oito produções não atendeu ao número de versos; dentre as outras, apenas duas apresentaram esquema de rimas adequado e métrica uniforme. Na Figura 22, a seguir, apresentamos uma dessas produções.

Figura 22 – Sextilha produzida pelo aluno A14

<p>xxxtentacion!</p> <p>Cantor talentoso</p> <p>Música é sua arte!</p> <p>Personalidade briguenta!</p> <p>Lógico erros faz parte!</p> <p>mas isso custou sua vida!</p> <p>e foi cedo e não tarde! ♡</p>	<p>XXXTentacion!</p> <p>Cantor talentoso</p> <p>Música é sua arte!</p> <p>Personalidade briguenta!</p> <p>Lógico erros faz parte!</p> <p>mas isso custou sua vida!</p> <p>e foi cedo e não tarde!</p>
---	---

Fonte: Fascículo do módulo didático do aluno.

O aluno escreveu sobre um cantor e compositor de rap americano conhecido por se envolver em episódios de agressão física e que foi assassinado aos 20 anos de idade. Nessa estrofe, nota-se que os alunos empregaram adequadamente o esquema de rimas XAXAXA mais usualmente empregado em sextilhas.

Os alunos procederam à avaliação do encontro em casa, em que expressaram, em sua maioria, achar interessante o uso da variedade regional caipira/sertaneja e as gírias nos cordéis, mas que não consideram adequado o uso de variedades não padrão em outros textos literários, por nem todos os leitores conseguirem entendê-las imediatamente.


O segundo encontro desta etapa visou levar os alunos a reconhecer a Literatura de Cordel como instrumento de posicionamento social e de expressão de subjetividades, relacionando a vivência poética à realidade social e foi iniciado com a socialização voluntária das sextilhas propostas na aula anterior; somente dois textos não foram lidos. Depois foi feita a leitura de dois cordéis, “Absurdos de um poeta” (MATOS, 2008b, n.p.) e “Saudades de meu recanto” (MATOS, 2008b, n.p.). A partir dessas leituras, realizamos a discussão do conteúdo dos cordéis.

A escolha desses textos justificou-se por abordarem, no primeiro caso, a partir do uso de catacrezes, o potencial de uso da palavra pelo poeta; e, no segundo, a temática ambiental,

um assunto recorrente nos cordéis de Valdir Cavalcante de Matos, proporcionando aos alunos as reflexões de que existe um trabalho de escolha e adequação da palavra ao verso/texto, não só nos aspectos sonoros, mas também na construção do sentido e de que todo assunto é cabível na literatura de cordel, especificamente, e nos gêneros poéticos, em geral, dependendo da intenção do autor.

De posse dessas reflexões, foi realizado um estudo dirigido da classificação dos cordéis proposta por Maxado (2011, p. 65-102), a qual considera o conteúdo dos textos e o estilo do autor (Cf. Figura 23).

Figura 23 – Esquema da classificação de cordéis proposta por Maxado (2011)

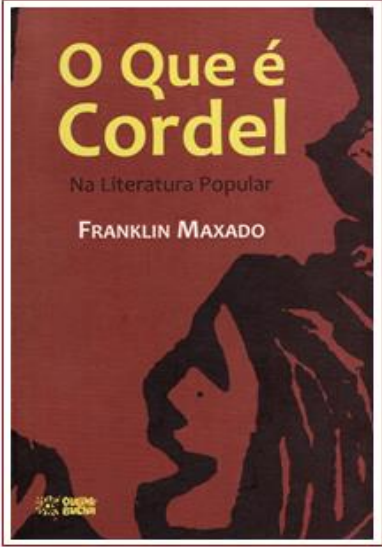


CLASSIFICANDO

Os cordéis são classificados por diversos critérios. Franklin Maxado, cordelista e estudioso do cordel, apresenta, em seu livro "O que é cordel na literatura popular" (MAXADO, 2011, p. 65-102), uma classificação que considera o conteúdo dos textos e o estilo do autor.

Acompanhe a apresentação dos slides com a classificação e os exemplos dados pelo autor:

- \* De época ou ocasião;
- \* Históricos;
- \* Didáticos ou educativos;
- \* Biográficos
- \* De louvor e homenagens;
- \* De propaganda política e comercial;
- \* Promoção pessoal e anonimato;
- \* Pasquim ou de intriga;
- \* De safadeza ou putaria;
- \* Maliciosos ou de cachorrada;
- \* Cômicos ou de gracejos;
- \* De bichos ou infantis;
- \* Religiosos ou místicos;
- \* De profecias ou eras;
- \* De filosofia;
- \* De conselhos ou de exemplos;
- \* De fenômenos ou de casos;
- \* Maravilhosos ou mágicos;
- \* Fantásticos ou sobrenaturais;
- \* De amor ou de romance amoroso;
- \* De bravura ou heroicos;
- \* Vaquejadas;
- \* De presepadas ou dos anti-heróis;



Observação: A classificação não é exclusiva, ou seja, um folheto pode estar enquadrado em vários ciclos ao mesmo tempo, por apresentar mais diversos temas ou por ter elementos de gêneros variados.

Fonte: Fascículo do módulo do aluno.

Nesta atividade, os grupos de alunos receberam pequenos cartões com estrofes trazidas pelo autor para fazerem a associação com fichas contendo as classificações. Feitas as relações pelos alunos, o professor-pesquisador apontou as classificações corretas e teceu breves explicações dialogadas sobre os itens apresentados.

Na avaliação do encontro, os alunos consideraram a atividade de classificação interessante e muitos focaram no pirulito que receberam dentro da dinâmica da atividade.

Iniciado com a leitura coletiva pelos alunos do cordel “Bambolê da embolada” (MATOS, 2008b, n.p.), o terceiro encontro deste módulo buscou promover o aprendizado da forma composicional do cordel nos níveis gráfico-espacial e fônico, abordando alguns tipos de estrofes e os esquemas de rimas a eles comuns. A leitura precisou ser retomada para que os alunos empreendessem melhor ritmo ao texto, seguida de um exercício apresentado no fascículo do módulo didático, que visou basicamente ao reconhecimento do tipo de estrofes e das rimas utilizadas.


Mais adiante, foi realizada pelo professor a leitura do texto “Poema do ente” (MATOS, 2008a, p. 26), o qual apresenta apenas duas estrofes, a primeira com 45 (quarenta e cinco) versos e a segunda é um monóstico (estrofe de um verso) e todos os versos com a rima em *-ente*.

Depois das leituras, procedemos com o estudo das estruturas mais comuns dos cordéis, destacando os tipos de estrofes quanto ao número de versos e dos esquemas de rimas mais utilizados no gênero estudado (Cf. Figura 24).

Após o estudo das estruturas das estrofes e dos esquemas de rimas, foi proposta aos alunos a escrita de estrofes de cordéis nas estruturas estudadas destacando o esquema de rimas mais adequado ao tipo da estrofe. Nessa atividade, foi observado que os alunos produtores de sextilhas conseguiram estabelecer um esquema de rimas, o mesmo não ocorreu com aqueles que produziram setilhas. A métrica foi a maior dificuldade encontrada na realização dessa atividade.

Terminados os três módulos de intervenção, chegou o momento de os alunos retomarem suas primeiras versões dos cordéis e, pautados nos conhecimentos construídos nesta última etapa, realizarem a produção final.

Figura 24 – Tipos de estrofes mais comuns nos cordéis



ESTUDANDO

A estrutura dos poemas em cordel segue regras de métrica e rima rígidas. Listamos abaixo os modelos mais empregados atualmente. :

**\*Sextilha**

O cordel geralmente é escrito em forma de sextilha, estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas, rimando entre si o segundo, o quarto e o sexto versos. Para exemplificar, segue abaixo a primeira estrofe do cordel "O Cavalheiro que Defecava Dinheiro", de Leandro Gomes de Barros:

*Na cidade de Macaé (X)*  
*Antigamente existia (A)*  
*Um duque velho invejoso (X)*  
*Que nada o satisfazia (A)*  
*Desejava possuir (X)*  
*Todo objeto que via (A)*

Observe que essa estrofe, e as seguintes, têm sete sílabas poéticas.  
*Na/ci/dade/de/de/Ma/caé*

**\*Setilha**

A setilha, estrofes de sete versos, tem a seguinte rima: o segundo, quarto e o sétimo verso rimam entre si e o quinto e sexto têm uma segunda rima entre si. Como exemplo, segue abaixo o cordel "A chegada de Lampião no inferno", do poeta José Pacheco da Rocha.


*Um cabra de Lampião (X)*  
*Por nome Pilão Deitado (A)*  
*Que morreu numa trincheira (X)*

*Em certo tempo passado (A)*  
*Agora pelo sertão (B)*  
*Anda correndo visão (B)*  
*Fazendo mal-assombrado (A)*

**\*Décima**

A décima, mais usada pelo repente, é uma estrofe de dez versos de sete sílabas poéticas, ela é o gênero usado pelos cantadores repentistas para os versos de morte. Nas décimas, as rimas são: o primeiro verso rima com o quarto e quinto, o segundo rima com terceiro, o sexto rima com o sétimo e décimo, e o oitavo rima com o nono. Segue abaixo a primeira estrofe do poema "A inocência de Simpliciano", primeiro cordel do livreto *Prosas de caipira*, de Valdir Cavalcante de Matos.

*Meu nome é Simpliciano (A)*  
*Casado cum Bastiana (B)*  
*Namorei uma sumana (B)*  
*Vivo junto à trinta ano (A)*  
*Sou caipira baiano (A)*  
*Vivo aqui nesse mundão (C)*  
*No interior do sertão (C)*  
*No nordeste do nordeste (D)*  
*Adonde o caba da peste (D)*  
*Sofre pa ganhar o pão (C)*



Fonte: Fascículo do módulo do aluno.

### 5.1.8 Produção final

Realizada em dois encontros semanais, a fase de produção final consistiu na produção da versão final do cordel pelos grupos de alunos, mediante a retomada e análise da produção inicial, verificando, assim, a aprendizagem construída com o desenvolvimento da sequência didática.

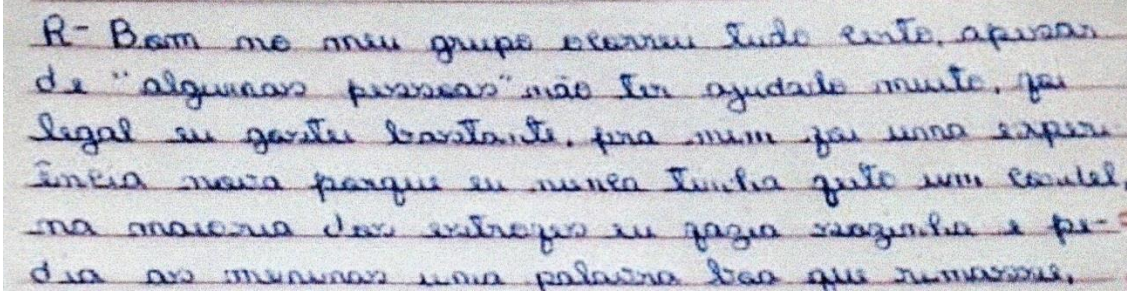
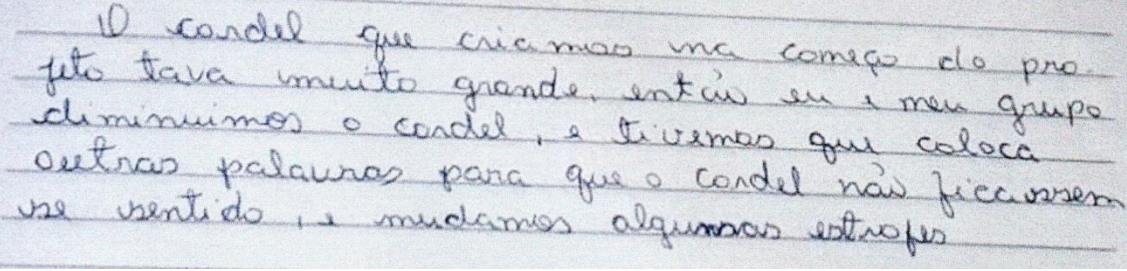
Assim que formaram os grupos com mesma composição da produção inicial, distribuímos cópias dessa primeira versão do cordel para que procedessem com a escrita. Os alunos começaram o planejamento da escrita com lançando discutindo diferentes aspectos. Enquanto uns discutiam se o conteúdo (história ou reflexão) deveria ser mantido ou alterado, outros partiram para a análise da estrutura do texto (adequação de número de estrofes, rimas, métrica).

Esse trabalho os levou a perceber que a atividade de escrever não é só fruto de inspiração ou do talento. Embora algumas pessoas demonstrem mais facilidade ou familiaridade com essa prática (“por vocação”, “com talento”), é necessário planejamento e seleção de recursos expressivos, semânticos, sintáticos, fonéticos, morfológicos e gramaticais de acordo com o gênero do texto que se quer produzir.

Mesmo já tendo um texto do qual partir, foi necessário um segundo encontro para a conclusão da atividade. Nesse segundo encontro, os alunos focaram no aspecto da métrica e do ritmo. Reconhecemos que a produção desses aspectos não é algo natural, para quem não tem o talento da composição, e, mesmo que possam ser trabalhados na escola, requerem mais habilidade artística, maior experiência ou prática, o que não foi possível nos limites desta intervenção, mesmo assim procuramos proporcionar aos alunos esse exercício de criação de cordéis, ainda que fossem apresentados versos de “pé quebrado”.

Tendo revisado e reescrito os cordéis, alguns grupos fizeram voluntariamente a leitura de seus textos. Terminadas as leituras, recolhemos os textos e orientamos que os alunos em casa realizassem a avaliação do processo de escrita dessa segunda versão de seus cordéis.

Figura 25 – Transcrição das autoavaliações dos alunos A32 e A34


<p>R- Bom no meu grupo ocorreu tudo certo, apesar de “algumas pessoas” não ter ajudado muito, foi legal eu gostei bastante, pra mim foi uma experiência nova porque eu nunca tinha feito um cordel, na maioria das estrofes eu fazia sozinha e pedia as meninas uma palavra boa que rimasse.</p>

<p>O cordel que criamos no começo do projeto tava muito grande, então eu e meu grupo diminuimos o cordel, e tivemos que coloca outras palavras para que o cordel não ficassem sem sentido, e mudamos algumas estrofes</p>

Fonte: Anotações dos alunos.

O aluno A32 destaca como se deu a produção coletiva dentro do grupo, ressaltando que nem todos os componentes se dedicaram com afinco à escrita. Por sua vez, o aluno A34 aponta o exercício do grupo para ajustar o texto ao tipo de estrofe e à métrica propostos.

### **5.1.9 Culminância**

A culminância foi o momento de encontro dos textos com seu público. Para além de efetivar/concretizar a finalidade do texto, que é alcançar seu público-leitor, essa etapa visava também, à promoção do autorreconhecimento do potencial criativo dos alunos.

No primeiro encontro, planejamos a atividade de culminância que consistia na realização de um recital. Primeiramente, tendo em vista a impossibilidade de fazer a apresentação para todos os alunos do turno, como pensado inicialmente, por falta de espaço adequado e da proximidade da semana de avaliações, a turma sugeriu que o público fossem as turmas de 6º ano, por ser o primeiro ano dessas turmas na escola e eles terem ainda pouca vivência de audiência a apresentações artísticas. Assim, o professor-pesquisador combinou com a orientação pedagógica da escola, com anuência da direção, o convite e a organização das turmas em sistema de rodízio para assistirem o recital no estande organizado pelo 9º ano A.

Ainda considerando a recente realização da gincana da escola, a turma optou por uma organização simples do ambiente onde se deu a culminância, rejeitando também a proposta de uso de figurino específico, bastando como vestimenta a camiseta feita especialmente para cursar o 9º ano, a qual difere da farda da escola.

Assentadas essas decisões, foi realizado um rápido ensaio com a leitura dos cordéis para a apresentação, mediante orientações verbais do professor e dos colegas para melhor maneira de apresentação do texto (postura, entonação, ritmo).

Devido à quantidade de atividades escolares em que os alunos estavam envolvidos, optamos em providenciar a confecção dos livretos sem a participação deles, apenas combinado previamente o critério de ordem alfabética pelo nome dos participantes para a sequência em que os textos apareceriam no livreto.

No segundo encontro, dia da culminância propriamente dita, preparamos a maior sala de aula da escola para fazer as apresentações dos textos produzidos e receber o público convidado. A orientadora pedagógica do turno matutino foi importante parceira na realização do evento, pois, além de colaborar na ornamentação do espaço, promoveu a mediação com os professores e as turmas convidadas a assistir à atividade.

Dessa forma, as três turmas de 6º ano do turno matutino vieram uma a uma acompanhadas de seus respectivos professores assistirem à apresentação dos cordéis, com a seguinte sistematização: acolhida do público com mensagem de boas vindas e apresentação do projeto pelo professor-pesquisador; leitura/declamação dos cordéis produzidos para público ouvinte e distribuição de exemplares de livretos de cordel aos futuros leitores (Cf. Apêndice J).

Figura 26 – Cenas da culminância



Fonte: Acervo pessoal do professor.

Encerrada a culminância, orientamos para que os alunos fizessem a avaliação da intervenção desenvolvida através de um questionário apresentado na ferramenta Google formulários (Cf. Apêndice K) e transmitida via aplicativo de mensagens WhatsApp. Para concluir as atividades do dia e encerrar a sequência didática desenvolvida nesta proposta de intervenção pedagógica, houve um momento de confraternização do professor-pesquisador com os alunos participantes da intervenção com distribuição de lanches.



### 5.1.10 Avaliação

O processo de avaliação nesta proposta de intervenção pedagógica foi contínuo e teve caráter formativo. Ao final das atividades da sequência didática, os alunos realizavam avaliações desses encontros e autoavaliações, as quais possibilitou a reflexão do professor-pesquisador sobre a prática desenvolvida, orientando o percurso da SD, explicitando as aprendizagens que estavam sendo construídas e a autoavaliação dos alunos sobre a participação deles nesse processo. Essas avaliações foram discutidas nas subseções anteriores nas quais analisamos os módulos ou etapas da SD.

Nesta subseção, discutimos a avaliação de toda a sequência didática aplicada, realizada após a Culminância, através de respostas dadas pelos alunos a um questionário apresentado por meio da ferramenta Google formulários (Cf. Apêndice K).

Perguntamos aos alunos sobre o desejo de participar do projeto. 73,3% afirmaram que sentiram vontade de participar logo que foi apresentada a proposta. Os demais disseram que participaram por influência dos colegas. Com o término do projeto, 46,7% tiveram suas expectativas atendidas e superou as expectativas de 53,3%. Ao justificar o item anterior, os alunos apontaram o fato de terem conhecido especificidades sobre a Literatura de Cordel e de terem escrito cordéis. Quanto à Literatura de Cordel, 60% disseram que conheciam esse gênero antes do projeto, 73,3% ainda não o tinham lido na escola e 53,3% não o tinham lido fora da escola.

Os números acima apresentados nos levam a concluir que o fato de os alunos conhecerem o gênero textual não implica em sua leitura e, possivelmente, esse conhecimento, no caso da Literatura de Cordel, se relacione à materialidade do gênero textual, o folheto de cordel, e não ao texto em si mesmo.

A tabela a seguir sintetiza a compreensão dos alunos em relação à Literatura de Cordel quanto ao estímulo à leitura, às práticas de leitura realizadas na intervenção e às possibilidades de expressão do autor através desse gênero poético.

Tabela 01: Resultados da Avaliação final do projeto

QUESTÕES	RESPOSTAS		
	SIM	EM PARTE	NÃO
7. Você gostou dos cordéis lidos ao longo do projeto?	93,3%	6,7%	0%
8. Você se sente estimulado a ler outros textos de cordel depois do projeto?	53,3%	43,7%	0%
9. A leitura dos cordéis despertou em você o interesse em realizar outras leituras?	46,7%	33,3%	20%
10. As leituras realizadas em sala de aula contribuíram para o desenvolvimento da escrita do cordel em grupo?	93,3%	6,7%	0%
11. Você gostou de conhecer o poeta Valdir Cavalcante de Matos?	73,3%	20%	6,7%
14. Você considera a Literatura de Cordel como elemento importante de expressão da cultura nordestina?	80%	20%	0%
15. Você considera que com a Literatura de Cordel podemos expressar nossos sentimentos e/ou nossa opinião sobre a realidade que nos cerca?	80%	20%	0%
16. Você considera que a Literatura de Cordel é um gênero adequado para atividades de leitura e escrita na escola?	80%	20%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como foi possível perceber durante a aplicação da SD, os alunos demonstraram interesse e afinidade com a Literatura de Cordel e se sentem estimulados a continuar lendo esse gênero textual. Torcemos para que haja títulos de cordel na biblioteca da escola em que eles irão estudar na próxima etapa, o Ensino Médio, e/ou que títulos de Literatura de Cordel tenham sido escolhidos pelos professores dessas escolas no PNL D Literário.

Embora o trabalho de leitura não tenha sido desenvolvido com o objetivo principal de preparação para a atividade de escrita, os alunos reconhecem a contribuição daquela etapa para realização dessa última, tendo em visto o enfoque dado aos aspectos composicionais do gênero durante os estudos realizados.

Quanto às possibilidades de expressão de sentimentos pessoais e compreensões acerca do social, as respostas dos alunos atendem às expectativas da pesquisa, uma vez que esses aspectos foram tematizados nos cordéis lidos em sala de aula e abordados nas produções escritas desses alunos.

Em suma, compreendemos que o desenvolvimento deste trabalho foi positivo, uma vez que promoveu o encontro dos alunos com um gênero textual que não costuma estar presente nas aulas de Língua Portuguesa, proporcionando momentos de fruição desse gênero de texto, bem como a expressão das percepções sobre as leituras realizadas, além da experiência gratificante de autoria ao produzirem e apresentarem seus cordéis.

Ademais, destacamos que os resultados da presente pesquisa e atividades desenvolvida durante o desenvolvimento da proposta de intervenção pedagógica serão divulgados numa

página da internet desenvolvida na plataforma do *Wordpress*, e acessado no endereço <<https://cordeltucanense.wordpress.com>>.

## 5.2 ANÁLISE COMPARATIVA DAS PRODUÇÕES INICIAIS E FINAIS

Nesta subseção, apresentamos as contribuições percebidas com a inserção da Literatura de Cordel nas aulas de Língua Portuguesa em relação ao desenvolvimento da competência escritora dos alunos participantes da pesquisa. Dessa forma, fazemos uma análise das produções dos alunos, apresentando as produções iniciais e destacando os possíveis avanços na produção final em relação ao atendimento dos critérios estabelecidos para essa produção.

Micheletti; Peres; Gebara (2006, p. 26-31) apontam estratos linguísticos que devem ser considerados nas atividades de leitura do texto poético. Desses estratos, para balizar a análise das produções dos textos dos alunos, pinçamos o aspecto visual, que se refere à estrutura do poema, e o estrato fonológico, referente às rimas, ao ritmo e à métrica, em detrimento de estratos semânticos e sintáticos, os quais não foram especificamente trabalhados na aplicação de nossa SD, tendo em vista os propósitos dessa pesquisa, bem como o tempo disponível para sua realização. Assim, os textos produzidos pelos alunos são analisados em relação aos elementos tratados na mediação dos módulos interventivos, a saber: a escolha de um nível de linguagem adequado à faixa etária e/ou ao nível de escolaridade dos produtores ou uma variedade regional; a quantidade de estrofes correspondente ao número de integrantes do grupo; o tipo de estrofe utilizado (a sextilha) e seu esquema de rima aberto (XAXAXA); e o emprego da redondilha maior (verso de sete sílabas poéticas) como padrão para tamanho do verso.

Embora reconheçamos que a Literatura de Cordel requeira uma rigidez quanto à estrutura, no âmbito deste trabalho, por se tratar de uma primeira aproximação dos alunos com a produção desse gênero poético específico, foi feito esforço para possibilitar esse momento de escrita poética e atender a essa estrutura, mas também, houve concessões, no sentido de aceitar e festejar produções que não tenham alcançado a perfeição estrutural, mas que representaram uma maior valorização do gênero em estudo, por alunos se sentirem capazes de produzir cordéis.

No primeiro momento da escrita, os alunos formaram grupos e foram para diversos ambientes da escola para planejar a escrita e o professor-pesquisador circulou por esses espaços para observar o trabalho que estava sendo executado e sanar algumas dúvidas sobre

os elementos da estrutura combinados na sala de aula, apenas quando requisitado, para que esta primeira produção fosse feita de forma o mais livre possível.

Os textos foram produzidos em grupo e estão nomeados em ordem crescente, como “Produção Inicial I” (assim sucessivamente), a partir da ordem alfabética dos componentes desses grupos, identificados como A01 (aluno 01), A02 (aluno 02), assim consecutivamente.


É mister destacar que, somente no momento de análise, foi percebido que a Produção Inicial I (Cf. Figura 27) é plágio de uma produção de alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Crato<sup>3</sup>; e, como não houve detecção da cópia do texto de terceiros durante a aplicação da SD, esse texto foi analisado dentro dos critérios estabelecidos para o desenvolvimento desse trabalho como os demais textos produzidos.

A seguir são apresentadas as produções iniciais dos alunos e, posteriormente, são tecidas as considerações sobre essas produções.

---


<sup>3</sup> Disponível em <https://ifce.edu.br/crato/noticias/alunos-produzem-cordel-contr-o-racismo>.

Figura 27 – Produção Inicial I, escrita pelos alunos A01, A06, A08, A20, A21, A31 e A35

 <b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	O Racismo
<p style="text-align: center;"><u>O Racismo</u></p> <p>Nesse cordel eu vou falar Sobre racismo, discriminação e preconceito Pois ninguém é melhor que os outros Todos têm os mesmos direitos, Respeite seu próximo Com todos os seus defeitos</p> <p>O racismo é uma coisa Que não se deve guardar Então se você sofre com isso É preciso denunciar Pra mais tarde você ver Quando isso acabar</p>	<p>Nesse cordel eu vou falar Sobre racismo, discriminação e preconceito Pois ninguém é melhor que os outros Todos têm os mesmos direitos, Respeite seu próximo Com todos os seus defeitos</p> <p>O racismo é uma coisa Que não se deve guardar Então se você sofre com isso É preciso denunciar Pra mais tarde você ver Quando isso acabar</p>
<p>O mundo mudou muito Mas o racismo não acabou Existe uma lei Que o Brasil criou Que não existe diferença Entre a raça e a cor</p> <p>Lembre-se que o racismo É uma planta que não devemos regar É uma coisa errada Que é difícil lidar Apesar das diferenças É preciso respeitar</p>	<p>O mundo mudou muito Mas o racismo não acabou Existe uma lei Que o Brasil criou Que não existe diferença Entre a raça e a cor</p> <p>Lembre-se que o racismo É uma planta que não devemos regar É uma coisa errada Que é difícil lidar Apesar das diferenças É preciso respeitar</p>
<p>Veja também o Brasil Com tanta discriminação Tem tantas pessoas negras Que exercem profissão E ainda tem gente que diz Que todo negro é ladrão</p> <p>Nesse cordel nós falamos De um assunto delicado Pois pense no que dissemos E seja educado Para o racismo diga não Porque isso é errado</p>	<p>Veja também o Brasil Com tanta discriminação Tem tantas pessoas negras Que exercem profissão E ainda tem gente que diz Que todo negro é ladrão</p> <p>Nesse cordel nós falamos De um assunto delicado Pois pense no que dissemos E seja educado Para o racismo diga não Porque isso é errado</p>


FONTE: Material produzido pelos alunos.

Figura 28 – Produção Inicial II, escrita pelos alunos A02, A05, A07, A16, A30 e A34

 <b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	Saudade da infância de um nordestino
<p style="text-align: center;"><u>Saudade da infância de um nordestino</u></p> <p>Saudades que tenho da minha infância          Onde as crianças          Brincava e dançava na chuva          E nunca ficava gripadas          Onde eu comia sal e açúcar          À vontade e não tinha pressão alta nem baixa</p> <p>A onde a criança nordestina          Brincava menino e menina          Pois não existia maldade          Eu ia com papai trabalhar          Pois queria ajudar a nos sustentar          Chegava em casa tarde, mais a alegria era transbordar</p>	<p>Saudades que tenho da minha infância          Onde as crianças          Brincava e dançava na chuva          E nunca ficava gripadas          Onde eu comia sal e açúcar          À vontade e não tinha pressão alta nem baixa</p> <p>A onde a criança nordestina          Brincava menino e menina          Pois não existia maldade          Eu ia com papai trabalhar          Pois queria ajudar a nos sustentar          Chegava em casa tarde, mais a alegria era transbordar</p>
<p>Na época de escola          A alegria era solta          Pois sabia que quando chegasse lá          Os meus amigos eu iria encontrar          Quando batia o sino, ia correndo pra casa almoçar          Mamãe não se preocupava pois sabia que eu não ia demorar a chegar</p> <p>É claro como eu era criança          Tinha meu tempo de tracinar          E quando mamãe pegava          O meu couro ia sobrar          Mais não reclamava pois se reclamasse outra vez o couro ia piar</p>	<p>Na época de escola          A alegria era solta          Pois sabia que quando chegasse lá          Os meus amigos eu iria encontrar          Quando batia o sino, ia correndo pra casa almoçar          Mamãe não se preocupava pois sabia que eu não ia demorar a chegar</p> <p>É claro como eu era criança          Tinha meu tempo de tracinar          E quando mamãe pegava          O meu couro ia sobrar          Mais não reclamava pois se reclamasse outra vez o couro ia piar</p>
<p>Os meninos de hoje em dia          Não querem ir a escola          Ficam entretido no celular          E esquecem de estudar          No meu tempo não tinha celular          E eu fazia de tudo para de ano passar</p> <p>O mundo tá todo mudado          As crianças só querem brinquedos caros e celular          Ninguém sabe mais na terra brincar          Os adolescentes tão tudo avançado          Em vez de cartinha mandar já querem beijar          Mais tudo isso é culpa da evolução que o mundo tá</p>	<p>Os meninos de hoje em dia          Não querem ir a escola          Ficam entretido no celular          E esquecem de estudar          No meu tempo não tinha celular          E eu fazia de tudo para de ano passar</p> <p>O mundo ta todo mudado          As crianças só querem brinquedos caros e celular          Ninguém sabe mais na terra brincar          Os adolescentes tão tudo avançado          Em vez de cartinha mandar já querem beijar          Mais tudo isso é culpa da evolução que o mundo tá</p>


FONTE: Material produzido pelos alunos.

Figura 29 – Produção Inicial III, escrita pelos alunos A03, A10, A20, A22 e A23

 PRODUÇÃO INICIAL	Amor
<p style="text-align: center;">Amor</p> <p>Meu nome é Sebastian            Sebastian Batista            Vô conta uma história            Mea e da Maria Bunita            Como tudo começou            A minha vida com meu amo</p> <p>Quando a encontrei            Foi paixã só de olhá            Pedi logo seu número            Pa eu pode liga            Mandei logo a mensage            "Ocê qué namorá?"</p>	<p>Meu nome é Sebastian            Sebastian Batista            Vô conta uma história            Mea e de Maria Bunita            Como todo começo            A minha vida cum meu amo</p> <p>Quando a encontrei            Foi paixã só de olhá            Pedi logo seu número            Pa eu pode liga            Mandei logo a mensage            "Ocê qué namorá?"</p>
<p>Ela me disse que sim            Chame logo pa jantá            No barzin da esquina            Agente pa dança            Tomando uma cerveja            Pa pode se anima</p>	<p>Ela me disse que sim            chamê logo pa jantá            No barzin da esquina            Agente foi dança            Tomando uma cerveja            Pa podê se anima</p>
<p>Ficamo la a note toda            O barzin ate fexo            Levei logo pá casa            Porque cavalhero só            Fui levando de mãos dadas            Cantando juras de amor</p>	<p>Ficamo la a note toda            O barzin ate fexo            Levei logo pá casa            Porque cavalhero só            Fui levando de mãos dadas            Cantando juras de amor</p>
<p>Uns três ano se passou            E enfim coráge tomei            Fui pidi in casamento            No barzin que encontrei            O pedido não esperado            Me ajuelhei no chã gelado            E recebi um beijo moiado</p>	<p>Uns três ano se passou            E enfim coráge tomei            Fui pidi em casamento            No barzin que encontrei            O pedido não esperado            Me ajuelhei no chã gelado            E recebi um beijo moiado</p>

FONTE: Material produzido pelos alunos.

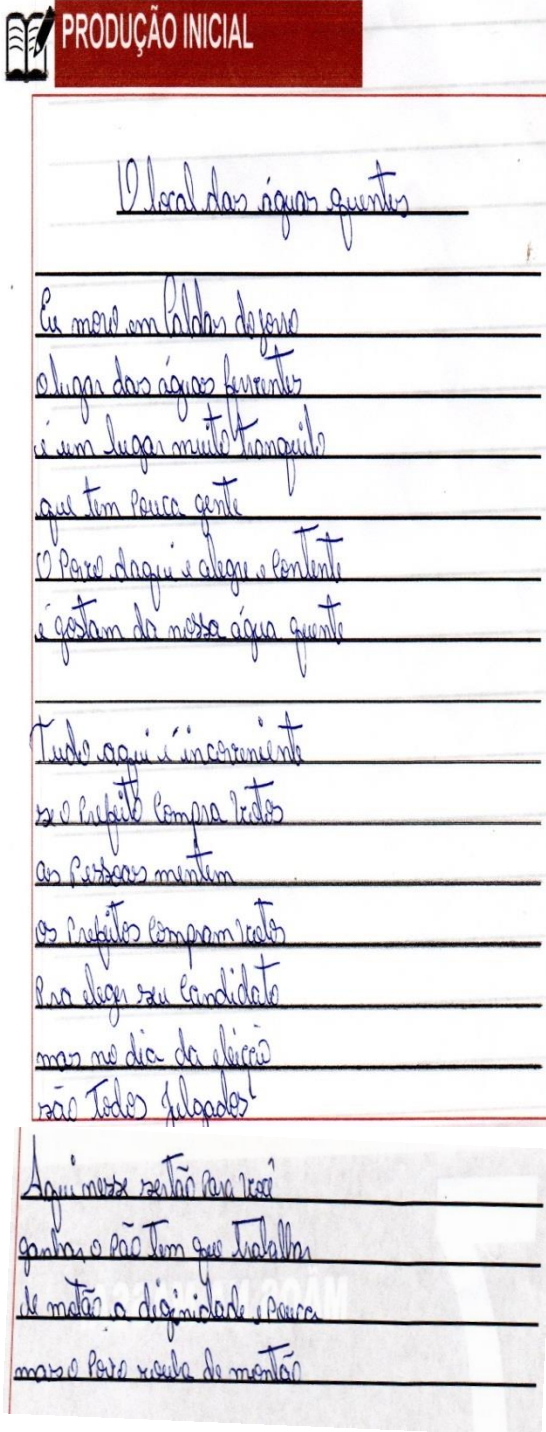
Figura 30 – Produção Inicial IV, escrita pelos alunos A04, A09, A15, A28 e A32

 <b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	O crush e a talarica
<p>O crush e a talarica  O meu crush é sensual  lindo e sensual  O mais bonito da escola  mais eu acho que eu e ele não rola  ele não me dá bola, só enrola  mais gosta eu que fico na cola.</p>	<p>O meu crush é sensual  lindo e sensual  O mais bonito da escola  mais eu acho que eu e ele não rola  ele não me dá bola, só enrola  mais besta eu que fico na cola.</p>
<p>O crush da minha amiga  é lindo e sedutor  ele é cantor, ator e jogador  ele não dá bola pra ela  só vive jogando na cara dela  que não quer ela.</p>	<p>O crush da minha amiga  é lindo e sedutor  ele é cantor, ator e jogador  ele não dá bola pra ela  só vive jogando na cara dela  que não quer ela.</p>
<p>Minha amiga é talarica  é pobre e se acha rica  ela é feia e ridícula  pega os feios da esquina  e fala que pegou os bonitos pras amigas,  e ainda diz que odeia talarica.</p>	<p>Minha amiga é talarica  é pobre e se acha rica  ela é feia e ridícula  Pega os feios da esquina  e fala que pegou os bonitos da escola pras  amigas,  e ainda diz que odeia talarica.</p>
<p>Falei do meu crush pra ela  e ela disse que ele parece um diabo  mais como eu gosto dele  eu acho ele lindo e safofo  e depois de um tempo  descobri que ele era viado</p>	<p>Falei do meu crush pra ela  e ela me disse que ele parece um diabo  mais como eu gosto dele  eu acho ele lindo e safofo  e depois de um tempo  descobri que ele era viado</p>
<p>Hoje fui no mercado  conheci um cara  lindo e educado  ele mim chamou pra sair  tomamos um açai  e eu mim divertir.</p>	<p>Hoje fui no mercado  Conheci um cara  lindo e educado  ele mim chamou pra sair  tomamos um açai  e eu mim divertir.</p>

FONTE: Material produzido pelos alunos.




Figura 31 – Produção Inicial V, escrita pelos alunos A11, A17, A18, A24 e A33

 <p><b>PRODUÇÃO INICIAL</b></p> <p><u>O local das águas quentes</u></p> <p>Eu moro em Caldas do jorro o lugar das águas ferventes é um lugar muito tranquilo que tem pouca gente O Povo daqui é alegre e contente é gostam da nossa água quente</p> <p>Tudo aqui é inconveniente se o Prefeito compra votos as Pessoas mentem os prefeitos compram votos Pra eleger seu candidato mas no dia da eleição são todos julgados</p> <p>Aqui nesse sertão para você ganhar o pão tem que trabalhar de motão a dignidade e pouca mas o Povo rouba de montão</p>	<p>O local das águas quentes</p> <p>Eu moro em Caldas do jorro o lugar das águas ferventes é um lugar muito tranquilo que tem pouca gente O Povo daqui é alegre e contente é gostam da nossa água quente</p> <p>Tudo aqui é inconveniente se o Prefeito compra votos as Pessoas mentem os prefeitos compram votos Pra eleger seu candidato mas no dia da eleição são todos julgados</p> <p>Aqui nesse sertão para você ganhar o pão tem que trabalhar de motão a dignidade e pouca mas o Povo rouba de montão</p>
--	---

FONTE: Material produzido pelos alunos.

Figura 32. – Produção Inicial VI, escrita pelos alunos A12, A14, A25, A26 e A27

 <b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	A volta de Jesus Cristo
<p style="text-align: center;"><u>A volta de Jesus Cristo</u></p> <p>Nessa rima feita aqui eu queria te avisar Jesus Cristo esta voltando é melhor se preparar para não perder a salvação é preciso vigiar</p> <p>A salvação é renuncia se quiser seguir a Jesus largue as coisas do mundo e carregue sua cruz não para ser condenado mas viver em plena luz</p>	<p>Nessa rima feita aqui eu queria te avisar Jesus Cristo esta voltando é melhor se preparar para não perder a salvação é preciso vigiar</p> <p>A salvação é renuncia se quiser seguir a Jesus largue as coisas do mundo e carregue sua cruz não para ser condenado mas viver em plena luz</p> <p>Desde pequeno sabemos que o apocalipse esta chegando mas estamos confusos pois não sabemos nem dia e ano É melhor viver em Cristo sempre orando e vigiando</p>
<p>Desde pequenos sabemos que o apocalipse está chegando mas estamos confusos pois não sabemos nem dia e ano É melhor viver em Cristo sempre orando e vigiando.</p> <p>Jesus morreu naquela cruz para ter a salvação só depende de uma coisa levantar a sua mão aceite a Jesus para viver feliz então</p>	<p>Jesus morreu naquela cruz para ter a salvação só depende de uma coisa levantar a sua mão aceite a Jesus para viver feliz então</p>

FONTE: Material produzido pelos alunos.

A Produção Inicial I, apresentada como criação dos alunos A01, A06, A08, A20, A21, A31 e A35, intitulado “O Racismo”, foi escrito em seis estrofes, e discute a persistência da discriminação racial na sociedade brasileira, fato que acarretou na criação de lei em defesa da igualdade de direitos sem distinção de raça/cor/etnia. O texto traz na última estrofe uma conclusão ao que foi abordado, reforçando a necessidade de se evitar práticas discriminatórias, racistas.

Em relação aos elementos alvo dessa análise, esse cordel foi escrito em variante linguística que tende à formalidade própria de alunos nessa faixa etária e nível de escolaridade. Apresenta estrofes de seis versos e com esquema de rima XAXAXA e versos de tamanhos variados, de seis a oito sílabas poéticas, o segundo verso da primeira estrofe e o segundo verso da quarta estrofe destoam dessa métrica e apresentam treze e onze sílabas, respectivamente.

A Produção Inicial II (Cf. Figura 28) foi escrita pelos alunos A02, A05, A07, A16, A30 e A34 e é intitulada “Saudade da infância de um nordestino”. Nela, o eu-lírico, possivelmente mais velho, recorda o tempo em que brincava na chuva, comendo o que quisesse; ajudava o pai no trabalho, por querer contribuir com o sustento da família. Relembra, também, a alegria de encontrar os colegas na escola, o retorno pontual para casa para poder almoçar e as possíveis surras dadas pela mãe quando ocorria alguma traquinagem. Nas duas últimas estrofes do texto, faz-se uma comparação com as crianças “de hoje em dia” que passam muito tempo usando o aparelho celular e não estudam o quanto deveriam, procuram brinquedos caros e não brincam “na terra”; e menciona rapidamente o interesse dos adolescentes num namoro que começa pelo beijo sem passar pelo charme e galanteio do envio de “cartinhas”.

Quanto aos aspectos observados nesta análise, o texto apresenta linguagem informal e corresponde à faixa etária e nível de escolarização dos alunos. Nessa escrita, são percebidos alguns erros ortográficos, como junção de palavras em um só vocábulo, bem como o contrário, a separação de vocábulo formando duas palavras; percebem-se, também, desvios quanto à acentuação. Todos passíveis de uma revisão mais cuidada na segunda produção. Foram escritas seis estrofes, sendo cinco sextilhas e um quinteto (estrofe com cinco versos). Os versos são brancos (sem esquema de rima fixo), embora os versos da segunda metade do texto tendam a rimar entre si. Quanto à métrica, foram apresentados versos livres, não há um padrão para o número de sílabas poéticas. Notadamente, o último verso de cada estrofe tem maior extensão, o que pode significar uma tendência para a produção de setilhas (estrofes com sete versos).

Já a Produção Inicial III (Cf. Figura 29), com o título “Amor”, foi escrita pelos alunos A03, A10, A20, A22 e A23 e é composta por cinco estrofes. Nesse cordel, o eu-lírico conta a história de como encontrou e se apaixonou por sua amada. Na última estrofe, há um salto temporal de três anos, quando ocorre o pedido de casamento.

Esse foi o único grupo que optou por reproduzir a linguagem caipira. O nome do eu-lírico, Sebastian, é possivelmente uma referência a Bastiana, esposa de Simpliciano, personagem principal do cordel “A inocência de Simpliciano” (MATOS, 1999, p. 04-11), do livreto que foi objeto de leitura e estudo na aplicação da SD. No que concerne ao tipo de estrofe, as quatro primeiras são sextilhas e a última, uma setilha. As segunda, terceira e quarta estrofes apresentam esquema de rimas XAXAXA. As outras estrofes, a primeira e a última, não apresentam esquemas de rimas fixos. Como a intenção era reproduzir o falar caipira, na escrita, algumas palavras não têm acentuação gráfica adequada ou não apresenta acentuação, logo as rimas só foram mais bem compreendidas quando da realização oral do texto. Quanto ao último aspecto analisado, os versos apresentam de seis a sete sílabas poéticas.

Intitulada de “*O crush e a talarica*”, a Produção Inicial IV (Cf. Figura 30) escrita pelos alunos A04, A09, A15, A28 e A32 narra uma história em que são apresentados os personagens do título. A palavra inglesa *crush* é usada como gíria por adolescentes e jovens, principalmente nas redes sociais, significando “alguém por quem você é apaixonado”. Já a outra palavra, também uma gíria, *talarica*, refere-se, conforme explicação dos próprios alunos, a quem se envolve física ou emocionalmente com uma pessoa comprometida com um amigo. Nesse sentido, a *talarica* é quem trai a amiga.

Nesse quarto cordel, inicialmente, o eu-lírico feminino apresenta seu pretendido, o *crush*, que não corresponde ao interesse demonstrado, ressaltando suas qualidades. O mesmo é feito em relação ao *crush* da amiga, que também não corresponde aos interesses dessa. Em seguida, é apresentada a figura da amiga *talarica*, a qual é caracterizada física e moralmente de forma negativa, mas não se explica a adjetivação de *talarica*, supõe-se que o eu-lírico julga que tal amiga tenha interesse em seu *crush*.

No último verso da quarta estrofe, os alunos apresentam a palavra “viado”. Perguntamos se eles consideravam-na adequada ao texto ou se não poderiam substituí-la, tendo em vista a carga pejorativa que tal vocábulo carrega ao se referir ao homossexual masculino. Os alunos justificaram que o texto traz outras gírias e que, no uso diário deles, a palavra já foi incorporada e que é utilizada não só como xingamento. Além disso, destacaram o fato de que, nos cordéis lidos em sala, por vezes, apareceram palavras ou expressões que não eram “politicamente corretas”. Tendo em vista que estava sendo desenvolvida uma escrita

de um gênero literário e de origem popular, compreendemos que nossa função não seria o de fazer a censura a um termo ou expressão utilizado pelos alunos, mas o de promover a reflexão sobre o seu uso.

Em relação aos aspectos em análise, as cinco sextilhas apresentadas no texto não apresentam rimas e métrica fixas, são versos brancos e livres.

O quinto grupo, composto pelos alunos A11, A17, A18, A24 e A33, teve muita dificuldade na escrita do texto. O trabalho ficou a cargo de um aluno, com pouca contribuição dos demais colegas e nenhuma participação de um dos integrantes da equipe, o qual apenas estava junto aos colegas sem se envolver na produção. Possivelmente essa seja a configuração com que o grupo costuma realizar as atividades em equipe. Como não houve queixa dos demais componentes, não houve interferência do professor-pesquisador.

Esse cordel, a Produção Inicial V (Cf. Figura 31), recebeu o título de “*O local das águas quentes*”, em referência ao distrito Caldas do Jorro, no município de Tucano – BA, onde está localizada a escola e residem os alunos. A primeira estrofe retrata o lugar, o seu povo e a relação com a água. A segunda reflete sobre o comércio do voto praticado por políticos e pela população local. A terceira e última estrofe, possivelmente inacabada, pois possui apenas quatro versos, aponta a dificuldade de “ganhar o pão” no sertão.

Esse texto foi escrito na variante linguística dos alunos. A escrita apresenta alguns erros de grafia, notadamente, problemas com a acentuação gráfica das palavras. O número de estrofes não corresponde ao número de integrantes do grupo, nem apresenta quantidade fixa de versos, sendo uma sextilha, uma setilha e uma quadra. Não há esquemas de rimas fixos, nem mesmo os mais usuais corresponde aos tipos de estrofes apresentadas. Nesse mesmo viés, a métrica é irregular, enquanto nas primeiras estrofes os versos apresentam majoritariamente sete a oito sílabas poéticas, na última estrofe, eles passam de dez sílabas.

A Figura 32 traz a produção inicial VI, escrita pelos alunos A12, A14, A25, A26 e A27, recebeu o título “*A volta de Jesus Cristo*”, o qual remete ao conteúdo do texto: uma exortação aos preceitos da vida como preparação para a vinda do Cristo, conforme a compreensão desse grupo de alunos, composto por maioria praticante da religião cristã neopentecostal.

A linguagem do texto reproduz termos bíblicos, tende à formalidade. O número de estrofes produzidas não corresponde ao número de integrantes da equipe, pois só foram escritas quatro sextilhas. O esquema de rimas XAXAXA foi alcançado nas quatro estrofes, das quais, nas duas primeiras predominam os versos com sete sílabas poéticas, mas aparecem versos maiores na terceira estrofe e menores na última.

Nesse grupo, também, tivemos problemas na escrita coletiva do texto, pois nem todos os membros se dedicaram à atividade. Um dos alunos, além de não estar presente em todos os momentos da atividade, quando estava, atrapalhava o trabalho da equipe, o que levou os demais colegas a tentarem se afastar dele. Todavia, ele mesmo resolveu não participar ativamente da atividade, ficou apenas observando o trabalho dos companheiros de equipe, mas sem atrapalhar.

No Quadro 05 abaixo, sintetizamos as observações feitas na etapa de produção inicial da Literatura de Cordel realizada pelos grupos de alunos. Os dados foram escorados em níveis assim descritos: no nível elementar (E), os alunos não demonstram a construção do conhecimento ou habilidade avaliados de maneira satisfatória; no nível básico (B), os alunos demonstram domínio parcial do conhecimento ou habilidade avaliados; e no nível adequado (A), os alunos demonstram construção satisfatória do conhecimento ou habilidade avaliados.

Quadro 05 – Síntese dos resultados obtidos na produção inicial


<b>A partir da observação dos processos de produção da Literatura de Cordel, os estudantes:</b>	<b>E</b>	<b>B</b>	<b>A</b>
Escrevem sextilhas	Cordel V	Cordel II Cordel III	Cordel I Cordel IV Cordel VI
Empregam o esquema de rimas XAXAXA	Cordel II Cordel IV Cordel V	Cordel III	Cordel I Cordel VI
Produzem versos com sete sílabas poéticas	Cordel II Cordel IV Cordel V	Cordel I Cordel III Cordel VI	

Fonte: Elaborado pelo autor.

As dificuldades quanto às características do gênero textual estudado, observadas na produção inicial dos cordéis dos alunos, foram trabalhadas nos módulos interventivos, abordados na seção anterior, visando proporcionar aos alunos a construção e/ou ampliação dos conhecimentos necessários à superação das dificuldades apresentadas em relação ao domínio do gênero textual.


Na produção final, os grupos de alunos demonstraram maior envolvimento e entrosamento ao desenvolver a escrita. Havia uma preocupação em “melhorar” o texto produzido, aplicando nessa reconstrução os conhecimentos construídos nos módulos interventivos e no desenvolvimento da proposta de intervenção como um todo. Desse modo, apresentamos a seguir a versão dos textos dos alunos produzidos na etapa da produção final:

Figura 33 – Produção Final I, escrita pelos alunos A01, A06, A08, A20, A21, A31 e A35

 <b>PRODUÇÃO FINAL</b>	O racismo
<p style="text-align: center;"><u>O racismo</u></p> <p>Nesse cordel eu vou falar Sobre discriminação e preconceito Ninguém é melhor que os outros Todos têm os mesmos direitos, Respeite o seu próximo Mesmo com todos seus defeitos</p> <p>O racismo é uma coisa Que não se deve guardar Então se você sofre com isso É preciso denunciar Pra mais tarde você ver Quando isso acabar</p>	<p>Nesse cordel eu vou falar Sobre discriminação e preconceito Ninguém é melhor que os outros Todos têm os mesmos direitos, Respeite o seu próximo Mesmo com todos seus defeitos</p> <p>O racismo é uma coisa Que não se deve guardar Então se você sofre com isso É preciso denunciar Pra mais tarde você ver Quando isso acabar</p>
<p>O mundo mudou muito Mas o racismo não acabou Existe uma lei Que o Brasil criou Que não existe diferença Entre raças e cor</p> <p>Lembre-se que o racismo É planta que não devemos regar É uma coisa errada Que é difícil de lidar Apesar das diferenças É preciso respeitar</p> <p>Veja também o Brasil Com tanta discriminação Tem tantas pessoas negras Que exercem profissão E ainda tem gente que diz Que todo negro é ladrão</p> <p>Nesse cordel nós falamos De um assunto delicado Pois pense no que dissemos E seja educado Para o racismo diga não Porque isso é errado</p>	<p>O mundo mudou muito Mas o racismo não acabou Existe uma lei Que o Brasil criou Que não existe diferença Entre raças e cor</p> <p>Lembre-se que o racismo É planta que não devemos regar É uma coisa errada Que é difícil de lidar Apesar das diferenças É preciso respeitar</p> <p>Veja também o Brasil Com tanta discriminação Tem tantas pessoas negras Que exercem profissão E ainda tem gente que diz Que todo negro é ladrão</p> <p>Nesse cordel nós falamos De um assunto delicado Pois pense no que dissemos E seja educado Para o racismo diga não Porque isso é errado</p>

FONTE: Material produzido pelos alunos.


Figura 34 – Produção Final II, escrita pelos alunos A02, A05, A07, A16, A30 e A34

 <b>PRODUÇÃO FINAL</b>	Saudade da infância de um nordestino
<p><u>Saudade da infância de um nordestino</u></p> <p>Saudades da minha infância  Onde juntas as crianças  Brincavam felizes na chuva  E sujavam suas calças  De quando eu percorria  O caminho da esperança</p> <p>Buscando as crianças nordestinas  Todos brincavam bem juntas  Pois não existia maldade  Eu também ia com papai à labuta  Pois queria um pouco ajudar  Porque a vida não é justa</p>	<p>Saudades da minha infância  Onde juntas as crianças  Brincavam felizes na chuva  E sujavam suas calças  De quando eu percorria  O caminho da esperança</p> <p>Quando as crianças nordestinas  Todas brincavam bem juntas  Pois não existia maldade  Eu também ia com papai à labuta  Pois queria um pouco ajudar  Porque a vida não é justa</p>
<p><u>Na época da escola</u></p> <p>Com alegria se soltava  Pois quando chegava lá  Meus amigos eu encontrava  Depois ia frenética para casa  Mamãe não se preocupava</p> <p>Como eu era criança  Tinha meu tempo de zoar  E quando me pegavam  O meu couro ia piar  Mas não podia reclamar  Pois se falasse ia apanhar</p>	<p>Na época da escola  Com alegria se soltava  Pois quando chegava lá  Meus amigos eu encontrava  Depois ia frenética para casa  Mamãe não se preocupava.</p> <p>Como eu era criança,  Tinha meu tempo de zoar  E quando me pegavam  O meu couro ia piar  Mas não podia reclamar  Pois se falasse, ia apanhar</p>
<p><u>Todos os meninos de hoje</u></p> <p>Ficam no celular  Não querem ir à escola  E esquecem de estudar  Na minha adolescência não tem isso  De só se conectar</p> <p>Crianças só querem dinheiro  As coisas estão mudadas  Ninguém brinca na terra mais  As adolescentes avançadas  Já querem coisas que não podem  Os pais falar é mesmo que nada</p>	<p>Todos os meninos de hoje  Ficam no seu celular  Não querem ir à escola  E esquecem de estudar  Na minha adolescência não tem isso  De só se conectar</p> <p>Crianças só querem dinheiro  As coisas estão mudadas  Ninguém brinca na terra mais  As adolescentes avançadas  Já querem coisas que não podem  Os pais falar é mesmo que nada.</p>

FONTE: Material produzido pelos alunos.




Figura 35 – Produção Final III, escrita pelos alunos A03, A10, A20, A22 e A23

 <b>PRODUÇÃO FINAL</b>	Amor
<p style="text-align: center;">_____ Carmen</p>	<p>Meu nome é Sebastian É Sebastian Batista Vô conta uma história Min'a e da Maria Bonita Como tudo começa Em uma forma de escrita</p>
<p>Meu nome é Sebastian É Sebastian Batista Vô conta uma história Min'a e da Maria Bonita Como tudo começa Em uma forma de escrita</p>	<p>Quando eu a encontrei Foi paxã só de olhá Pedi logo o seu número Pa eu podê ligá Mandei logo a mensage "Oê qué mi namorá?"</p>
<p>Quando eu a encontrei Foi paxã só de olhá Pedi logo o seu número Pa eu podê ligá Mandei logo a mensage "Oê qué mi namorá?"</p>	<p>Ela mi disse que sim Chamei logo pra jantar No barzinho lá da esquina A gente foi lá dançá Tomano uma cerveja Pa podê se animá</p>
<p>Ela mi disse que sim Chamei logo pra jantar No barzinho lá da esquina A gente foi lá dançá Tomano uma cerveja Pa podê se animá</p>	<p>Ficamo lá a noite toda O barzin até fexô Levei logo pa casa Porque cavalheiro sô Fui indo de mãos dadas Cantano juras de amor</p>
<p>Ficamo lá a noite toda O barzin até fexô Levei logo pa casa Porque cavalheiro sô Fui indo de mãos dadas Cantano juras de amor</p>	<p>Uns três meses se passou E enfim coragem tomei Fui pidi em casamento Nu barzin que convidei Culuquei logo no dedo O anel que lhe comprei.</p>
<p>Uns três meses se passou E enfim coragem tomei Fui pidi em casamento Nu barzin que convidei Culuquei logo no dedo O anel que lhe comprei.</p>	


FONTE: Material produzido pelos alunos.

Figura 36 – Produção Final IV, escrita pelos alunos A04, A09, A15, A28 e A32

 <b>PRODUÇÃO FINAL</b>	O crush e a talarica
<p style="text-align: center;"><u>O crush e a talarica</u></p> <p>O meu crush é bonito  O mais bonito da escola  Lindo e sensacional  Acho que eu e ele não rola  Não me dá bola, só enrola  Besta eu que fico na cola</p>	<p>O meu crush é bonito  O mais bonito da escola  Lindo e sensacional  Acho que eu e ele não rola  Não me dá bola, só enrola  Besta eu que fico na cola</p>
<p>O crush de minha amiga  Também não dá bola pra ela  É lindo e sedutor  Vive jogando na casa dela  Que é cantor, ator e jogador  Por isso não pode ficar com ela.</p>	<p>O crush de minha amiga  Também não dá bola pra ela  É lindo e sedutor  Vive jogando na casa dela  Que é cantor, ator e jogador  Por isso não pode ficar com ela.</p>
<p>Minha amiga é talarica  É pobre e se acha rica  Só pega os feios da esquina  A ridícula se acha bonita  Até com os boys das amigas  Se der mole, ela fica</p>	<p>Minha amiga é talarica  É pobre e se acha rica  Só pega os feios da esquina  A ridícula se acha bonita  Até com os boys das amigas  Se der mole, ela fica</p>
<p>Falei do meu crush pra ela  E ela disse que parece o diabo  Mas como eu gosto dele  Eu acho lindo e bem ousado  Depois de um tempo descobri  Que ele era viado.</p>	<p>Falei do meu crush pra ela  E ela disse que parece o diabo  Mas como eu gosto dele  Eu acho lindo e bem ousado  Depois de um tempo descobri  Que ele era viado.</p>
<p>Hoje cedo fui no mercado  Conheci um cara bem ali  Todo lindo e educado  Ele me chamou pra sair  Um açai nós tomamos  Pense, eu me diverti.</p>	<p>Hoje cedo fui no mercado  Conheci um cara bem ali  Todo lindo e educado  Ele me chamou pra sair  Um açai nós tomamos  Pense, eu me diverti.</p>


FONTE: Material produzido pelos alunos.

Figura 37 – Produção Final V, escrita pelos alunos A11, A17, A18, A24 e A33

<div style="text-align: right; margin-bottom: 10px;">  <span style="background-color: red; color: white; padding: 2px 5px; font-weight: bold;">PRODUÇÃO FINAL</span> </div> <p style="text-align: center;">O local das águas quentes.</p> <p>Eu moro em Caldas do Jorro          O lugar da água quente          é um lugar muito tranquilo          que tem bem pouca gente          O povo daqui é muito alegre          Já fala com o sorriso na frente</p> <p>aqui tem coisa que é inconveniente          Na política, o voto é comprado          Mas algumas as pessoas mentem          E nem votam naquele candidato          No dia da eleição nem todos terão          O resultado esperado.</p> <p>Aqui nesse sertão          pra você ganhar o pão          tem que trabalhar de montão          a dignidade é pouca          e o povo rouba          de montão</p> <p>Gente feliz e contente          Na minha frente eu vejo          Ter saúde e paz          É de todos o desejo          Mas nem sempre é assim          Por que tem por aqui uns malfazejo</p> <p>Escola é um lugar de aprender          Aqui lutamos, damos duro          Fazemos tudo com muito prazer          E assim sermos um adulto maduro          Funcionários e professores nos ajudam          A ter um melhor futuro.</p>	<p style="text-align: center;">O local das águas quentes</p> <p>Eu moro em Caldas do Jorro          O lugar da água quente          É um lugar muito tranquilo          Que tem bem pouca gente          O povo daqui é muito alegre          Já fala com o sorriso na frente</p> <p>Aqui tem coisa que é inconveniente          Na política, o voto é comprado          Mas algumas as pessoas mentem          E nem votam naquele candidato          No dia da eleição nem todos terão          O resultado esperado.</p> <p>Aqui nesse sertão          pra você ganhar o pão          tem que trabalhar de montão          a dignidade é pouca          e o povo rouba          de montão</p> <p>Gente feliz e contente          Na minha frente eu vejo          Ter saúde e paz          É de todos o desejo          Mas nem sempre é assim          Por que tem por aqui uns malfazejo</p> <p>Escola é um lugar de aprender          Aqui lutamos, damos duro          Fazemos tudo com muito prazer          E assim sermos um adulto maduro          Funcionários e professores nos ajudam          A ter um melhor futuro.</p>
--	--

FONTE: Material produzido pelos alunos.

Figura 38: Produção Final VI, escrita pelos alunos A12, A14, A25, A26 e A27

 <b>PRODUÇÃO FINAL</b>	A volta de Jesus
<p style="text-align: center;">A volta de Jesus</p>	<p>Nessa rima feita aqui            Eu quero te avisar            Jesus Cristo está voltando            É melhor se preparar            Pra não perder a salvação            É preciso vigiar</p>
<p>Nessa rima feita aqui            Eu quero te avisar            Jesus Cristo está voltando            É melhor se preparar            Pra não perder a salvação            É preciso vigiar</p>	<p>A salvação é renúncia            Se quiser seguir a Jesus            Largue as coisas do mundo            E carregue sua cruz            Não para ser condenado            Mas viver em plena luz</p>
<p>A salvação é renúncia            Se quiser seguir a Jesus            Largue as coisas do mundo            E carregue sua cruz            Não para ser condenado            Mas viver em plena luz</p>	<p>Desde pequenos sabemos            Que o apocalipse está chegando            Mas estamos confusos            Pois não sabemos dia nem ano            É melhor viver em Cristo            Sempre orando e vigiando</p>
<p>Desde pequenos sabemos            Que o apocalipse está chegando            Mas estamos confusos            Pois não sabemos dia nem ano            É melhor viver em Cristo            Sempre orando e vigiando</p>	<p>Jesus morreu naquela cruz            Para ter a salvação            Só depende de uma coisa            Levante a sua mão            Aceite a Jesus            Para viver feliz então.</p>
<p>Jesus morreu naquela Cruz            Para ter a salvação            Só depende de uma coisa            Levante a sua mão            Aceite a Jesus            Para viver feliz então.</p>	

FONTE: Material produzido pelos alunos.

Em todos os textos, na segunda versão, foi mantida a variante linguística empregada na primeira versão.

A Produção Final I apresentada na Figura 33, os alunos mantiveram a estrutura estrófica, o esquema de rima da primeira versão (produção inicial). Alteraram apenas o segundo verso da primeira estrofe, numa tentativa de adequá-lo à métrica pretendida (sete sílabas poéticas), embora não tenham feito o mesmo em outros versos extensos.

A Produção Final II (Cf. Figura 34) apresentou progresso em relação à primeira versão. As questões ortográficas e de acentuação foram revistas e, desta vez, os alunos escreveram seis sextilhas, adequando a quinta estrofe, que antes era um quinteto, ao tipo de estrofe escolhido para essa produção. Construíram, também, versos com o esquema de rimas esperado. Não conseguiram escrever todos os versos com a métrica combinada (redondilha maior), mas reescreveram quase todos os versos longos, apresentando agora versos em torno de sete e oito sílabas poéticas.

Na Produção Final III, *Amor* (Cf. Figura 35), os alunos reescreveram todas as estrofes, mas sem alteração da história contada. Foram feitas adequações na última estrofe tornando-a uma sextilha, pois antes era uma setilha. Alcançaram o esquema de rimas (XAXAXA) em todas as estrofes; na primeira versão, a primeira estrofe tinha versos brancos. Os alunos conseguiram representar melhor o falar caipira, fazendo correção na escrita das palavras em elementos ortográficos, principalmente na acentuação gráfica. Houve também ajustes quanto à métrica, com a maioria dos versos apresentando sete sílabas poéticas.

A Produção Final IV (Cf. Figura 36) deixa explícito no enredo o sentido do adjetivo “talarica”. O grupo trabalhou o esquema de rimas e, embora não tenha conseguido estabelecer o esquema XAXAXA, o segundo, o quarto e o sexto versos rimam entre si. Houve também progresso em relação à métrica. Apesar de os alunos não terem conseguido fazer todos os versos em redondilha maior, grande parte dos versos produzidos tem entre sete e oito sílabas poéticas, o que faz com que tenha um ritmo mais harmonioso.

Na Produção Final V (Cf. Figura 37), os alunos corrigiram os erros de grafia e os problemas de acentuação gráfica. Foram escritas mais duas estrofes, fazendo com que correspondesse ao número de integrantes do grupo; e aquelas que tinham sido feitas na produção inicial foram reescritas, tendo agora cada uma delas seis versos. Outro progresso percebido foi em relação à rima, uma vez que, à exceção da terceira estrofe, os alunos conseguiram estabelecer o esquema XAXAXA a seus versos. O mesmo progresso não foi alcançado em relação à métrica, que continuou irregular, com versos variando, na mesma estrofe, de seis a dez sílabas poéticas.

A Produção Final VI, apresentada na Figura 38, só houve troca de duas palavras, nenhuma outra alteração no texto em relação às rimas, métrica ou ao número de estrofes, em que foi mantida a quantidade de quatro estrofes sem corresponder ao número de integrantes do grupo, que era composto por cinco alunos.

No Quadro 06, a seguir, apresentamos a síntese da comparação feita das produções iniciais e finais dos alunos.

Quadro 06 – Síntese dos resultados obtidos nas produções inicial e final

A partir da observação dos processos de produção da Literatura de Cordel, os estudantes:	E		B		A	
	PI	PF	PI	PF	PI	PF
Escrevem sextilhas	Cordel V		Cordel II Cordel III		Cordel I Cordel IV Cordel VI	Cordel I Cordel II Cordel III Cordel IV Cordel V Cordel VI
Empregam o esquema de rimas XAXAXA	Cordel II Cordel IV Cordel V		Cordel III	Cordel IV Cordel V	Cordel I Cordel VI	Cordel I Cordel II Cordel III Cordel VI
Produzem versos com sete sílabas poéticas	Cordel II Cordel IV Cordel V		Cordel I Cordel III Cordel VI	Cordel I Cordel II Cordel IV Cordel V Cordel VI		Cordel III

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 06, podemos observar que, de maneira geral, os alunos conseguiram evoluir, no sentido de adequar seus textos aos critérios estabelecidos. A métrica foi o elemento em que, apesar de terem evoluído, a maioria dos textos produzidos pelos alunos não conseguiu alcançar o nível avaliativo mais elevado. Vale ressaltar que a possibilidade de os alunos terem dificuldade nesse item já era prevista no desenvolvimento desta proposta de intervenção.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre fui apaixonado por leitura. Aprendi a ler em casa e lia todo material escrito que encontrava, desde os apontamentos das cadernetas de fiados da “Venda” de meu pai aos cadernos de meus irmãos e alguns livros antigos dos tempos de escola de minha mãe. Na adolescência, lia gibis emprestados de vizinhos e romances de faroeste e “de banca”, os quais meus irmãos tomavam de empréstimo a seus amigos, além de todos os clássicos recomendados pela escola.

Posso dizer que, dessa maneira, foi desenvolvido em mim um gosto eclético de leitura, uma paixão pelo escrito que não afasta nenhuma possibilidade de realizar o ato de ler em detrimento de origem, formato, gênero ou erudição. Assim, ao chegar ao curso de mestrado profissional (PROFLETRAS), a única certeza que tinha era a de que seria com e sobre essa paixão que meu projeto de pesquisa seria desenvolvido.

Mediante as observações feitas a respeito de perspectivas didático-metodológicas para as aulas de Língua Portuguesa e das discussões tecidas nas aulas do Mestrado sobre o desenvolvimento da competência leitora e escritora, debruçando-nos sobre os estudos acerca da leitura literária na escola, dos diversos letramentos e do letramento literário, delineamos essa pesquisa, por meio de uma proposta de intervenção pedagógica, nos moldes de sequência didática, com base no gênero textual Literatura de Cordel.

Nesse sentido, diante dos objetivos traçados pela pesquisa, foi desenvolvida a sequência didática baseada na Literatura de Cordel do poeta tucanense Valdir Cavalcante de Matos, principalmente da obra “Prosas de caipira” (MATOS, 1999), a qual proporcionou aos alunos experiências de letramento literário, em que eles puderam discutir e refletir sobre o lido, mas também expressar oralmente e por escrito suas visões, seus anseios.

A inserção da literatura de um poeta local visou despertar nos alunos o reconhecimento e a valorização dessa e de outras produções realizadas tão próximas, não só por serem produzidas em nossa cidade, mas também por tratarem de temas que abordam nossa realidade sociocultural, mas que ainda são distantes da escola, por não serem tomados como objeto de leitura e/ou estudo.

Uma das atividades mais proveitosas desenvolvida nessa pesquisa foi a visita do escritor à turma. Nesse encontro, os alunos puderam perceber que, embora possa haver uma habilidade natural para a escrita do texto literário, essa é uma atividade que requer planejamento e disciplina, e que a motivação ou inspiração para essa expressão artística está ao alcance de todos, nos acontecimentos político-sociais de nossa comunidade, na natureza

que nos cerca ou mesmo dentro de nós, em nossos sentimentos mais íntimos.

Alguns percalços foram notados e tiveram que ser superados no decorrer do desenvolvimento desse trabalho. A instabilidade do sinal de internet disponibilizado na escola e dos dados móveis oferecidos pelas empresas de telefonia celular, por exemplo, nos levou a replanejar as atividades com o site, o qual poderia ser um espaço de interação durante a proposta, e passou a ser um meio de divulgação do trabalho a ser lançado após a defesa da dissertação resultante desse trabalho de pesquisa. Tivemos também problemas de ordem administrativa, uma vez que eventos, como comemorações e reuniões, e paralisações atrasaram a aplicação da sequência didática, quebrando um pouco o ritmo de estudo e exigindo de nós esforço para manter os alunos motivados a participarem voluntariamente do projeto de pesquisa.

Por outro lado, quando da realização das leituras, o livreto de cordel adotado para o desenvolvimento dessa proposta de intervenção e outros textos reproduzidos nos fascículos do módulo didático foram, em si, o maior incentivo para os alunos. Mesmo não tendo espaço amplo e confortável para a prática leitora, para desfrutar dos textos, os discentes se espalharam em grupos por espaços vazios da escola, como os cantos dos corredores, os pátios interno e externo, embaixo das árvores ou a mesa da sala de professores.

Compreendemos que a escola tem o papel precípua de mediação da leitura. Mesmo em face das dificuldades estruturais e de recursos materiais, a unidade escolar é um dos espaços institucionais para que ocorra o encontro entre texto e leitor; donde podem emergir, também, a depender dos objetivos propostos, o desenvolvimento da competência escritora e da oralidade. Um dos elementos desse encontro, o leitor já está definido, professores e alunos, o outro elemento, o texto, não está definido a princípio, mas a preferência por gêneros e autores canônicos parece estar consolidada nas práticas escolares de leitura.

Nesse bojo, o que pretendemos destacar é que esse estudo se apresenta como possibilidade de inserir um gênero textual/discursivo que não é usual/frequente na escola para observar maneiras de realizar essa inserção e verificar que contribuições poderiam ser percebidas com essa atividade. Consideramos, pela reflexão e análise dos dados obtidos, que grande parte desse intuito foi alcançada.

Das práticas de letramento realizadas no decorrer da pesquisa, consideramos que a leitura oralizada dos cordéis em sala de aula, as leituras coletivas espalhadas pelos ambientes da escola e o encontro com o autor da obra estudada, foram as atividades mais apreciadas pelos alunos e que os instigaram a interagir com o texto.

Nesse contexto, é válido destacar a importância da culminância da sequência didática



realizada, pois foi um momento em que os alunos sentiram-se felizes por ver o livreto com a antologia dos textos produzidos por eles. Havia um sentimento de satisfação em ver em suas mãos o produto do seu esforço conjunto para a produção escrita, o que foi reforçado pela recepção do público convidado à apresentação dos cordéis lidos/recitados.

Para nós, além desses elementos destacados, é fator de contentamento e incentivo para continuar buscando outras metodologias para as aulas de Língua Portuguesa, o fato de que a maioria dos alunos expressou, na avaliação final, que a leitura da Literatura de Cordel desenvolvida nessa intervenção despertou neles o interesse em continuar lendo esse gênero e os motiva a fazer outras leituras.

Acreditamos que as reflexões aqui traçadas devam ser ampliadas em investigações posteriores, principalmente na busca de preencher as lacunas observadas, mas que, sobretudo, possam servir de inspiração para que nós, professores de Língua Portuguesa, continuemos a experimentar novas metodologias para nossas aulas, na busca de promover um efetivo encontro do aluno leitor com os textos, os mais diversos textos, sob a crença pessoal de que a leitura literária deva ser trabalhada, numa perspectiva de levar o aluno a vivenciá-la, compondo seu repertório de leitor com gêneros (literários) diversos, pois entendemos igualmente que, embora o gosto não possa ser ensinado, a paixão pela leitura e pela leitura de literatura possa contagiar; mesmo que não atinja a todos, cada leitor despertado é um ganho significativo para o professor que pretende contribuir para leitores formar.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALVES, José Hélder P. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 35-49.

ALVES, Roberta M. Literatura de cordel: Por que e para que trabalhar em sala. In: *Revista Fórum Identidades*, Sergipe, vol. 4, ano 2, p. 103-109, 2008

BARREIROS, Patrício Nunes; DE SOUZA, Wiliana Coelho. Inserção da literatura local nas aulas de Língua Portuguesa: uma experiência com a literatura de Juazeiro-BA. In: *A cor das letras* (UEFS), v. 16, p. 70-90, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Guia PNLD Literário 2018. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/item/12103-guia-pnld-literario-2018>. Acesso em 20 dez. 2018.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: CANDIDO, A.. *Vários escritos*. 5. ed. reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA-HÜBES, Terezinha da C. *Reflexões linguísticas sobre metodologia e prática de ensino de língua portuguesa*. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/742.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2018.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-pedagógicas. In: DALVI, Maria Amélia.; REZENDE, Neide. L.; JOVER-FALEIROS, Rita. (org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 67-97.

DAMIANI, Magda Floriana. Sobre pesquisas do tipo intervenção. In: *XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino* – UNICAMP, Campinas, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo. Cortez. 2011 [1982].

FUZA, Ângela F.; OHUSCHI, Márcia Cristina G.; MENEGASSI, Renilson J. Concepções de linguagem e o ensino de língua materna. In: *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

GALVÃO, Ana Maria de O. *Cordel: leitores e ouvintes*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula; leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HAURÉLIO, Marco. *Literatura de cordel: do sertão à sala de aula*. São Paulo: Paulus, 2013

HAURÉLIO, Marco. *Breve história da Literatura de Cordel*. 2. ed. São Paulo: Claridade, 2016

KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. (Orgs.) *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999, p. 13-37

LITERATURA de cordel Globo Rural. Publicado por Junior Telmo em 05 jan. 2011. Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ> > Acesso em 10 mar. 2018.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.

MATOS, Valdir Cavalcante de. *Prosas de Caipira*. 2. ed. Tucano-BA, 1999.

MATOS, Valdir Cavalcante de. *Cotidiano em cordel*, 2. ed. Tucano-BA: Editora Tibiriçá,

2008a.

MATOS, Valdir Cavalcante de. *Personagens dos cordéis*. Tucano-BA, 2008b.

MATOS, Valdir Cavalcante de. *Raízes nordestinas*. Tucano-BA, 2008c.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2014.

MAXADO, Franklin. *O que é cordel na literatura popular*. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2011.

MICHELETTI, G.; PERES, L. P.; GEBARA, A. E. Construção, desconstrução e reconstrução na busca de significados no/do poema. In: MICHELETTI, G. *Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção* (Coord.). 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 21-31 (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 6).

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.) *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 35-47 (Coleção Leitura e Formação).

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina M. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Maria de Fátima S. Práticas de leitura na escola: concepções e abordagens. In: *Signum: Estudos linguísticos*, Londrina, n. 13/1, p. 257-276, jul. 2010.

SILVA, Gonçalo F. da. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SWIDERSKI, Rosiane; COSTA-HÜBES, Terezinha. Abordagem sociointeracionista e sequência didática: relato de uma experiência. *Língua e Letras*. v. 10, n. 18, p. 113-128, jan./jun. 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZAPPONE, Mirian. H. Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.11, n.1, p. 49-60, jan./abr. 2008.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura de literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009 (Coleção Leitura e Formação).

ZILBERMAN, Regina. *Fundamentos do texto literário I*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SEMIABERTO APLICADO AOS PROFESSORES**

## Questionário para Professores de Língua Portuguesa

Caro colega professor, este questionário integra o projeto de pesquisa "O cordel na sala de aula: uma proposta para o letramento literário" que tem como objetivo principal "Elaborar um Projeto de Intervenção, organizado numa sequência didática, visando à promoção do letramento literário dos alunos, utilizando o gênero cordel como instrumento capaz de contribuir para a formação deles enquanto leitores/escritores críticos, propiciando-lhes situações favoráveis à expressão de suas subjetividades ou de posicionamentos sobre seus contextos sociais por meio da escrita criativa". Para tanto, gostaríamos de contar com tua colaboração em responder a esta entrevista e ajudando-nos a compreender os processos de leitura literária na escola.

**1. Quais as dificuldades que você enfrenta para ler e para promover a leitura entre seus alunos?**

Sua resposta

**2. Você indica livros de literatura para seus alunos? Com que frequência?**

Sua resposta

**3. Você costuma trabalhar com gêneros literários em suas aulas? Se sim: Com que frequência? Quais gêneros são mais abordados?**

Sua resposta

**5. Como são selecionados os textos trabalhados?**

Sua resposta

-----

**7. Quais apoios didáticos você mais utiliza no trabalho com os textos literários?**

Sua resposta

**8. Que espaços você utiliza para trabalhar a leitura literária?**

Sua resposta

**9. O que você prioriza ao trabalhar textos literários nas aulas de Língua Portuguesa?**

Sua resposta

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#)

Google Formulários

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SEMIABERTO APLICADO AOS ALUNOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**  
**ESCOLA MUNICIPAL MADRE PAULINA**

**Profletras**  
 mestrado profissional

### INSTRUMENTO: QUESTIONÁRIO SEMIABERTO – SONDAEM

INFORMANTE Nº: \_\_\_\_\_

#### 1ª PARTE – PERFIL SOCIOECONÔMICO

##### I – IDENTIFICAÇÃO DO ESTUDANTE

Idade \_\_\_\_\_

Gênero ( ) masculino ( ) feminino (...) Outro \_\_\_\_\_

##### II – DADOS SOCIOECONÔMICOS

1. Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você)?

- ( ) 2 pessoas. ( ) 3 pessoas. ( ) 4 pessoas. ( ) 5 pessoas.  
 ( ) 6 pessoas. ( ) Mais de 6 pessoas. ( ) Moro sozinho.

2. Você trabalha? Em quê? Se sim, você acha que o trabalho atrapalha seus estudos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

- ( ) Você não trabalha e seus gastos são custeados.  
 ( ) Você trabalha e é independente financeiramente.  
 ( ) Você trabalha, mas não é independente financeiramente.

4. Qual a renda mensal de sua família?

- ( ) Até 1 salário mínimo (até R\$ 954,00).  
 ( ) Até 2 salários mínimos (até R\$ 1.908,00).  
 ( ) Até 3 salários mínimos (até R\$ 2.862,00).  
 ( ) Mais de três salários mínimos.

5. Qual o nível de escolaridade do seu pai?

- ( ) Analfabeto.  
 ( ) Lê e escreve, mas nunca frequentou escola.  
 ( ) Ensino Fundamental incompleto.  
 ( ) Ensino Fundamental completo.  
 ( ) Ensino Médio incompleto.  
 ( ) Ensino Médio completo.  
 ( ) Ensino Superior incompleto.  
 ( ) Ensino Superior completo.

6. Qual o nível de escolaridade da sua mãe?
- ( ) Analfabeto.  
 ( ) Lê e escreve, mas nunca frequentou escola.  
 ( ) Ensino Fundamental incompleto.  
 ( ) Ensino Fundamental completo.  
 ( ) Ensino Médio incompleto.  
 ( ) Ensino Médio completo.  
 ( ) Ensino Superior incompleto.  
 ( ) Ensino Superior completo.

### III – DADOS ESCOLARES

1. Concluiu o Fundamental I em quantos anos? \_\_\_\_\_

2. Já foi reprovado alguma vez?  
 ( ) Não ( ) Sim. Qual a série? \_\_\_\_\_

3. Marque com um X a alternativa que melhor descreve a sua escola:

<b>Avalie a sua escola:</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Regular</b>	<b>Bom</b>	<b>Ótimo</b>
O conhecimento que os professores têm das matérias.				
O modo como os professores transmitem o conteúdo.				
Interesse dos estudantes pelas aulas				
A biblioteca (acervo)				
O laboratório de informática				
Acesso a internet da escola				
Realização de trabalho em grupo				
Realização de eventos e passeios				
Diálogo da direção com os estudantes				
Conforto da sala de aula (cadeiras, iluminação, ventilação)				
Práticas de esportes				
Organização dos horários de aula				
Projetos, gincanas, festas				
Realização de palestras/ debates				
Dança/ música/ teatro				
Considera as opiniões dos estudantes				
Nas aulas são discutidos problemas atuais				
Relaciona os conteúdos das matérias com o cotidiano				

### 2ª PARTE – PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA E ESCRITA

1. Você possui:  
 ( ) Celular ( ) Internet em casa ( ) Tablet ( ) Computador ( ) Impressora

2. Onde você tem acesso à internet? (pode marcar mais de uma opção)  
 ( ) Não uso internet



- Em casa  
 Na casa de parentes  
 Na casa de amigos  
 Na escola  
 Uso internet da operadora de celular (dados móveis)  
 Outro \_\_\_\_\_

3. Que tipo de leitura mais lhe agrada?

- Atualidades.  
 Suspense.  
 Literatura clássica.  
 Esportes.  
 Ciência e tecnologia.  
 Assuntos locais.  
 Outros.

4. Você utiliza microcomputador?

- Sim, diariamente.  
 Sim, eventualmente.  
 Nunca.

5. De que meio de comunicação você mais se utiliza?

- Rádio.     Jornal.     Revista.     Televisão.     Livros.     Internet.  
 Outros.

6. Quais os recursos da Internet você mais utiliza?

- E-mail.     Redes sociais.     Comunicadores instantâneos.  
 Blogs.     Grupos de discussão.     Vídeos.  
 Músicas.     Jogos.     Sites de entretenimento.  
 Não utiliza.  
 Outros. Especificar: \_\_\_\_\_.

7. Marque com um X a alternativa que melhor descrever seus hábitos:

Com que frequência você lê:	Frequentemente	Às vezes	Nunca
Revistas de informação geral			
Revistas de divulgação científica			
Revistas de humor, quadrinhos ou jogos			
Revistas para adolescentes ou sobre TV, cinema, música, celebridades.			
Revistas sobre comportamento ou moda			
Revistas sobre automóveis, esportes e lazer			
Publicações sobre religião			
Romances, paradidáticos, poesias			
Dicionários			
Sites e matérias na internet			
Redes sociais			

8. Exceto trabalho e/ou estudo, quais atividades mais ocupam seu tempo?

- Leitura.     Televisão.     Internet.  
 Cinema.     Teatro.     Dança.

- Artes plásticas.       Música.       Atividades físicas/esportivas.  
 Passeios e viagens.       Festas.       Religião.  
 Escrita       Conversas       Outros.  
Qual? \_\_\_\_\_

9. Além de livros escolares, em média, quantos livros você costuma ler por ano?

- Nenhum.  
 De 1 a 2 livros.  
 De 2 a 4 livros.  
 + de 4 livros.

10. Que tipo de atividade física/esportiva você desenvolve preferencialmente?

- Atividades aeróbias (caminhada, natação, hidroginástica etc.).  
 Ciclismo, corrida.  
 Ginástica de academia e musculação.  
 Desporto individual (tênis, lutas, escalada etc.).  
 Desporto coletivo (futebol, basquete, vôlei etc.).  
 Nenhuma.

11. Assinale o(s) tipo(s) de rede(s) social(is) você utiliza.

- Facebook       WhatsApp       Twitter       Instagram  
 G+       Outro \_\_\_\_\_

12. Você gosta de ouvir/ ler sobre a história das pessoas? Comente.

---

---

---

13. O que você costuma fazer quando não está na escola? Descreva sua rotina.

---

---

---

14. Caso julgue necessário, faça alguma observação complementar.

---

---

---

## APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa *O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO*, com o objetivo de desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, a partir da aplicação de uma proposta de trabalho com cordéis. Ela será realizada para aprimorar o ensino da língua e ocorrerá a partir da rotina escolar nas aulas de Língua Portuguesa e, no final, uma posterior publicação dos trabalhos realizados num livro e numa plataforma da internet e apresentação num recital. Você não será obrigado a fazer o que não quiser; e, se decidir não participar, não haverá prejuízo algum para você, mesmo que seu responsável autorize sua participação, a decisão é exclusivamente sua. Você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir, sendo que você pode realizar outras atividades diferentes do projeto sem perda de aprendizagem ou nota. Caso você aceite participar, a pesquisa envolverá responder questionários, discussões sobre a temática da pesquisa, atividades relacionadas ao assunto, momentos de leitura, escrita e declamação de cordéis, pesquisas e atividades extraclasse. Os momentos de leitura e declamação dos cordéis poderão ser fotografados, gravados e/ou filmados para analisar e refazer a ação em sala de aula. A previsão é de que toda essa intervenção dure aproximadamente uma unidade letiva. É possível que você sinta medo, vergonha ou sofra algum constrangimento no desenvolvimento de alguma ação, possibilidade minimizada pelo respeito a suas características pessoais e vontade e por meio de ações de conscientização de todos os envolvidos quanto ao respeito às diferenças e opiniões alheias. Caso queira, poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento e o pesquisador irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a participação neste projeto, pois sua realização poderá vir a aprimorar melhor a sua leitura e escrita, sua participação em sala de aula. Não haverá nenhum gasto ou pagamento para participar do estudo, ficando o pesquisador responsável pelos custos de alimentação e deslocamento quando houver necessidade. Você terá direito à indenização caso sofra algum prejuízo causado por este estudo, obedecendo-se às disposições legais vigentes no Brasil. Ninguém, além dos envolvidos, saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas nem constará seu nome no projeto. As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob a responsabilidade do pesquisador, durante o período de 05 (cinco) anos e logo após queimadas. Quando terminarmos o estudo, os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas, congressos e você também terá acesso a eles. A versão final do texto produzido por você será publicado num livreto, do qual você receberá cópia, e num site ao qual você poderá ter acesso e uma cópia da dissertação ficará disponível na escola. Caso haja alguma palavra ou frase que você não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo para explicá-lo(a) ou com um adulto. Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas entrando em contato através do telefone da Secretaria Municipal de Educação (75) 3272-2090 ou na escola. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo é possível ligar para o CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou mandar um *e-mail* para cep@uefs.br. Ao assinar este termo, você está concordando em participar da pesquisa *O CORDEL NA SALA DE AULA:*

*UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO.* Uma vez que as dúvidas foram tiradas e já há consentimento dos responsáveis, uma cópia deste Termo de Assentimento lhe será entregue após a assinatura, sendo outra via arquivada pelo pesquisador.

Tucano - BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

---

Manoel Cleriston Luna Cavalcante  
**PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

---

**PARTICIPANTE DA PESQUISA**

## APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS  
CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Seu(sua) filho(a) (ou menor sobre o qual é responsável) está sendo convidado para participar como voluntário(a) do estudo *O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO*. Queremos saber se é possível desenvolver a leitura, a escrita e o senso crítico, através do trabalho com a literatura de cordel e acreditamos que esta pesquisa possa trazer benefícios como a possibilidade de ampliação da capacidade de ler e escrever de seu filho, como também despertar nele o senso crítico e maior participação ativa no seu meio social. Você não precisa autorizar a participação dele(a) no estudo se não quiser, é um direito seu e ele(a) não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, as atividades deste estudo serão feitas nas aulas de Língua Portuguesa. Ele(a) responderá a uma ficha diagnóstica e será convidado a participar das ações que contarão com a leitura, análise e produção de cordéis, para posterior publicação do material produzido num livro e numa plataforma da internet e apresentação de um recital. A previsão dessas atividades é de aproximadamente uma unidade letiva. Pedimos seu consentimento para a participação dele(a), bem como para fotografar e publicar as atividades produzidas por ele(a). É possível que ele(a) sinta vergonha, medo ou passe por algum constrangimento na desenvoltura das ações, possibilidade minimizada por ações que estimulem o respeito à individualidade e aos limites do participante e por meio de ações de conscientização de todos os envolvidos quanto ao respeito às diferenças e opiniões alheias. Caso queira, poderá retirar o seu consentimento e o pesquisador irá respeitar sua vontade. Não haverá nenhum gasto ou pagamento para seu (sua) filho(a) (ou menor sobre o qual é responsável) participar do estudo, ficando o pesquisador responsável pelos custos de alimentação e deslocamento quando houver necessidade. O(a) Senhor(a) tem direito à indenização, caso seu(sua) representado(a) sofra algum prejuízo causado por este estudo, obedecendo-se às disposições legais vigentes no Brasil. Ninguém, além dos envolvidos, saberá que seu(sua) representado(a) está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que ele(a) nos der. As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob a responsabilidade do pesquisador, durante o período de 05 (cinco) anos e logo após queimadas. Os resultados do estudo vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos o estudo, os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e o(a) Senhor(a) também terá acesso a eles. A versão final do texto produzido por seu filho será publicado num livreto, do qual seu filho receberá cópia, e num site ao qual o senhor e seu filho poderão ter acesso e uma cópia da dissertação ficará disponível na escola. Caso haja alguma palavra ou frase que o(a) Senhor(a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo para explicá-lo(a). O(A) Senhor(a) ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas entrando em contato com o professor-pesquisador responsável, através do telefone da Secretaria Municipal de Educação (75) 3272-2090 ou vindo pessoalmente até a escola na Avenida José Alves de Farias, nº 45, Centro, Caldas do Jorro, Tucano, BA. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo é possível ligar para o CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou mandar um *e-mail* para cep@uefs.br. Ao

assinar este termo, o(a) senhor(a) está autorizando seu(sua) filho(a) (ou menor o qual é responsável) a participar da pesquisa O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO. Uma vez que as dúvidas foram tiradas e seu assentimento for dado, uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido lhe será entregue, sendo a outra via arquivada pelo pesquisador.

Tucano - BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

---

Manoel Cleriston Luna Cavalcante  
**PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

---

**RESPONSÁVEL PELO MENOR**

## APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PROFESSORES



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

O/A senhor/senhora está sendo convidado para participar como voluntário(a) do estudo *O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO*. Este projeto tem como objetivo promover o letramento literário dos alunos, utilizando o gênero cordel como instrumento capaz de contribuir para a formação deles enquanto leitores/escritores críticos, propiciando-lhes situações favoráveis à expressão de suas subjetividades ou de posicionamentos sobre seus contextos sociais por meio da escrita criativa. Para tanto, gostaríamos de conhecer suas impressões sobre os processos de leitura literária na escola, concedendo-nos uma entrevista semiestruturada, que poderá ser gravada, caso consinta, a fim de registro e fidelidade na análise. Caso queira, poderá retirar o seu consentimento e o pesquisador irá respeitar sua vontade, mas acreditamos que muitos e importantes os benefícios deste estudo para a instituição em que trabalhamos e para nossos alunos, tais como vir a desenvolver melhor a leitura e escrita de nossos alunos, nossa atuação em sala de aula, bem como desenvolver o senso crítico deles sobre a realidade. O(a) Senhor(a) tem direito à indenização caso sofra algum prejuízo causado por este estudo, obedecendo-se às disposições legais vigentes no Brasil. Ninguém, além dos envolvidos, saberá que está participando da pesquisa. As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob a responsabilidade do pesquisador, durante o período de 05 (cinco) anos e logo após queimadas. Os resultados do estudo vão ser publicados, mas sem identificar os participantes da pesquisa. Quando terminarmos o estudo, os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e o(a) Senhor(a) também terá acesso a eles. A versão final do texto produzido pelos alunos será publicado num site e num livreto, do qual uma cópia ficará disponível na escola junto com uma cópia da dissertação. Caso haja alguma palavra ou frase que o(a) Senhor(a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo para explicá-lo(a). O(A) Senhor(a) ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas entrando em contato com o professor-pesquisador responsável, através do telefone da Secretaria Municipal de Educação (75) 3272-2090 ou vindo pessoalmente até a escola na Avenida José Alves de Farias, nº 45, Centro, Caldas do Jorro, Tucano, BA. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo é possível ligar para o CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou mandar um *e-mail* para cep@uefs.br. Ao assinar este termo, você está consentindo em participar da pesquisa *O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO*. Uma vez que as dúvidas foram tiradas e seu assentimento for dado, uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido, lhe será entregue, sendo a outra via arquivada pelo pesquisador.

Tucano - BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

---

Manoel Cleriston Luna Cavalcante  
**PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

---

**ENTREVISTADO**

## APÊNDICE F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

\_\_\_\_\_, menor de idade, aluno da Escola Municipal Madre Paulina, Distrito de Caldas do Jorro, Tucano - BA, neste ato devidamente representado por seu (sua) responsável legal, brasileiro(a), portador da Cédula de identidade RG n° \_\_\_\_\_, residente

\_\_\_\_\_, autorizo o uso de minha imagem em fotografia no desenvolvimento e na culminância do projeto “*O cordel na sala de aula: uma proposta para o letramento literário*” a ser publicada no site <https://cordeltucanense.wordpress.com> e para utilização na dissertação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Feira de Santana, do professor pesquisador Manoel Cleriston Luna Cavalcante. Por esta ser expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relacionados à minha imagem e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Tucano – BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Responsável Legal



## APÊNDICE G – AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

### ESCOLA MUNICIPAL MADRE PAULINA

Avenida José Alves Farias, 45, Caldas do Jorro – BA

Ato de Criação 031/98 – D.O. 28/01/1998

E-mail: emmpmadrepaulina@bol.com.br

CNPJ:01.960.536/0001-11

INEP: 29123593



#### AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Ayslain Cachoeira de Souza Oliveira, vice-diretora da Escola Municipal Madre Paulina, em Caldas do Jorro, Tucano – BA, informo que estou ciente e autorizo a realização da pesquisa *O cordel na sala de aula: uma proposta para o letramento literário*, que será desenvolvida com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, tratando-se de uma pesquisa de intervenção. Estou ciente também de que o professor Manoel Cleriston Luna Cavalcante, pesquisador e aluno do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA, poderá utilizar os espaços da escola para desenvolver a pesquisa, tais como laboratório de informática, biblioteca, entre outros.

Saliento, ainda, que reconheço a relevância da pesquisa para aprimorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa e que o professor-pesquisador prestou todos os esclarecimentos necessários para a compreensão de sua proposta, bem como acerca dos objetivos da pesquisa e sobre as atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda ter lido e concordar com o parecer ético emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Atenciosamente,

*Ayslain C. de Souza Oliveira*

**Ayslain Cachoeira de Souza Oliveira**  
Vice-Diretora

Port.: 038/2015. Posse: 006/2015  
Aut. do CME: 02/2015

Escola Municipal Madre Paulina  
Ato de Criação 031/98 – D.O. 28/01/1998  
Rua José Alves de Farias 45  
E-mail: escolammp@hotmail.com  
CNPJ: 01.960.536/0001-11  
Tel.: (75) 3256-1127  
Caldas do Jorro - Bahia

## APÊNDICE H – PLANEJAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

<b>PLANEJAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA<sup>4</sup></b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	
<b>AUTOR</b>	Manoel Cleriston Luna Cavalcante
<b>ORIENTADOR</b>	Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros
<b>TÍTULO</b>	O CORDEL NA SALA DE AULA: uma proposta para o letramento literário
<b>TEMA</b>	O desenvolvimento do letramento literário a partir da inserção da literatura local de Tucano-BA do gênero cordel.
<b>RESUMO</b>	<p>Este trabalho de pesquisa compõe-se de uma proposta de intervenção pedagógica, mediada pelo gênero cordel, visando ao letramento literário e ao protagonismo juvenil, numa turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Tucano – BA, promovendo a escrita criativa do gênero estudado e publicação num site na plataforma do Wordpress. As questões que o norteiam são: de que maneira pode-se inserir a Literatura de Cordel produzido por autores locais na sala de aula de Língua Portuguesa? Que contribuições podem ser observadas com a inserção dessa Literatura de Cordel numa proposta de intervenção pedagógica visando ao letramento literário de alunos do ensino fundamental, capazes de expressarem crítica e criativamente suas subjetividades e/ou compreensão de seu contexto social oralmente e por meio da escrita de cordéis? Perguntas que emergem a partir de nossa compreensão de que, na escola, a leitura deva ser concebida e ensinada como prática social, em que serão proporcionados aos alunos instrumentos necessários para que eles ampliem a compreensão, possam elencar e organizar as informações a fim de construir sentidos para a realidade que os cercam. Neste mesmo viés, compreendemos, conforme Paulino e Cosson (2009, p. 63), que “[...] a leitura de obras literárias cumpre um papel importante no desenvolvimento do ser humano, quer no sentido estrito de favorecer o trato com a escrita, quer no mais amplo de educar os sentimento e favorecer o entendimento das relações sociais”. Destacamos que, no município de Tucano – BA, onde resido e atuo como professor, há diversos escritores produzindo crônicas, contos, poemas e romances; os quais são, em grande parte, desconhecidos dos moradores e invisíveis nas escolas desta localidade. Ademais, entendemos que a leitura do texto literário possibilita ao leitor um diálogo entre o que se é, o que se sabe e o que o texto apresenta. Por isso, na escola, a leitura (literária) deve ser concebida e ensinada como prática social – o que configura o letramento – em que serão proporcionados aos alunos instrumentos necessários para que eles ampliem a compreensão do texto, de si mesmos e do contexto social; podendo, assim, elencar e organizar as informações a fim de construir sentidos para a realidade que os cerca; assumindo um papel de protagonista que expressa suas visões de si e do mundo através da escrita. Assim, propomos esta intervenção planejada nos moldes de sequência didática, a qual apresentará uma série de atividades para que se alcancem os objetivos propostos, mediante leitura e escrita de cordéis.</p>
<b>PÚBLICO</b>	Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Madre

<sup>4</sup> Informações que já constam no projeto.

	Paulina, Caldas do Jorro – Tucano-BA.
<b>TEMPO ESTIMADO</b>	Estimamos o tempo de aproximadamente 20 encontros de duas aulas para a aplicação desta sequência didática.
<b>OBJETIVOS</b>	<p><b>OBJETIVO GERAL:</b> Promover o letramento literário dos alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma Escola Municipal, a partir da inserção da Literatura de Cordel nas aulas de Língua Portuguesa, tendo em vista contribuir para a sua formação enquanto leitores/escritores críticos, propiciando-lhes situações favoráveis à expressão de suas subjetividades ou de posicionamentos sobre seus contextos sociais por meio da oralidade e da escrita.</p> <p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver sequência didática possibilitando aos alunos a prática da leitura e da escrita da Literatura de Cordel e o reconhecimento de seu uso efetivo e de sua esfera de circulação;</li> <li>• Proporcionar aos alunos experiências de letramento literário baseado no gênero Literatura de cordel;</li> <li>• Apresentar a literatura como forma de expressão e reflexão da subjetividade e de posicionamento social;</li> <li>• Refletir sobre as possíveis contribuições do uso da Literatura de Cordel para o desenvolvimento do letramento literário;</li> <li>• Possibilitar a circulação dos textos dos sujeitos e, desse modo, o encontro com o público leitor real, por meio de recital para outras turmas da escola e da distribuição de exemplares de livretos com a coletânea de cordéis produzidos.</li> </ul>
<b>JUSTIFICATIVA</b>	<p>Alcançamos, com investimentos dos governos em suas variadas esferas, a universalização do ensino fundamental, este sob responsabilidade dos municípios. No entanto, alcançado o objetivo de colocar as crianças na escola, apresenta-se o desafio de fazer com que elas aprendam. Assim, à escola cabe a responsabilidade de desenvolver a aprendizagem dos alunos, o que passa pela garantia de, além de alfabetizar, formar leitores e escritores proficientes, capazes de aprender pela leitura e de se expressarem pela escrita e oralmente; uma vez que nossas relações são mediadas pela linguagem (linguagens).</p> <p>Os PCN, bem com as orientações pedagógicas oficiais do Brasil, pautados nos estudos correntes da Linguística Textual, apresentam a leitura como interação autor-texto-leitor, e destacam o papel deste leitor na prática de significância (dar sentido) do texto. Ressalta-se, também, o avanço em relação ao estudo do texto a partir dos gêneros textuais.</p> <p>No entanto, são ainda percebidas, nas escolas, práticas de leitura ou de estudo do texto desenvolvidas de maneira mecanizada, visando, quase sempre, ao reconhecimento de elementos estruturais do texto e dirigidas pelo livro didático adotado. Percebe-se, assim, que a escola não tem alcançado o sucesso esperado na formação de leitores e escritores competentes.</p> <p>Por outro lado, nota-se que, em favor da inclusão de gêneros textuais de usos sociais diversos, o texto literário em geral, e, principalmente, dos gêneros poéticos, tem recebido pouca atenção nos manuais didáticos e, por conseguinte, nas aulas de língua portuguesa. Além disso, quando trabalhados, são apresentados em fragmentos para</p>

	<p>exercícios superficiais de interpretação; tomados como modelo de escrita ou desmembrados para atividades de análise linguística. Assim, o letramento escolar configura um “modelo autônomo de letramento, já que todas as atividades com a escrita propostas neste ambiente são feitas com base no texto, de modo que esse é considerado suficiente para produzir um significado que está nele presente e corporificado” (ZAPPONE, 2008, p. 51).</p> <p>Entendemos, pois, que, quando se estuda o texto literário na escola, quase sempre são utilizados os textos recorrentes de uma parcela de autores consagrados representantes do cânone. Embora se possa discutir o trabalho realizado, esse recorte da literatura tem seu lugar na escola. Por pensar que a literatura deva ser apresentada em seus diferentes aspectos e representantes, a fim de que os alunos possam ampliar seu repertório de textos/autores, preferimos trabalhar nesta proposta de intervenção com um gênero literário não canônico; assim chegamos ao cordel.</p> <p>Nessa perspectiva, surgiu outro elemento a ser considerado: trabalhar com que autor/autores desse gênero tão profícuo na cultura nordestina? Dessa forma, a opção feita por um autor local justifica-se pela possibilidade de promover o encontro do aluno com uma escrita próxima de si, tanto temática quanto geograficamente, em que este aluno veja as discussões que o rodeiam representadas literariamente.</p> <p>Procura-se, assim, com o desenvolvimento deste projeto de intervenção pedagógica, utilizando o gênero cordel, propiciar situações que favoreçam o desenvolvimento pelos alunos do gosto pela leitura dos textos em geral e da literatura especificamente; bem como, ser capazes de utilizar com eficácia tais textos para compreender o mundo que os cerca e sobre ele se manifestar.</p>
<b>PRODUTO FINAL</b>	Publicação dos textos produzidos num livreto e num site na plataforma Wordpress.
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<p>Pautamos o desenvolvimento desta pesquisa numa reflexão a partir de um arcabouço teórico englobando categorias como a leitura (LEFFA, 1996; MARTINS, 2014), o processo de escolarização da leitura (ZILBERMAN e RÖSING, 2009; KOCH e ELIAS, 2008; BRASIL, 1998; SANTOS, 2010; FUZA, OHUSCHI e MENEGASSI, 2011), a leitura de literatura na escola (DALVI, REZENDE e FALEIROS, 2013), o letramento literário (COSSON, 2006; PAULINO e COSSON, 2009; ZAPPONE, 2008), a Literatura de Cordel e sua presença na sala de aula (ABREU, 1999; MAXADO, 2011; ALVES, 2013; HAURÉLIO, 2013), multiletramentos (ROJO, 2012).</p>
<b>REGISTRO DAS ATIVIDADES PARA POSTERIOR ANÁLISE</b>	O registro das atividades realizadas será feito por meio de um diário de bordo. Durante cada encontro, serão registradas informações relevantes sobre os momentos vivenciados na pesquisa, principalmente a recepção, o envolvimento e a participação dos alunos.
<b>REFERÊNCIAS</b>	<p>ABREU, M. <i>Cultura letrada: literatura e leitura</i>. São Paulo: Editora UNESP, 2006.</p> <p>ALVES, J. H. P O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (org.). <i>Leitura de literatura na escola</i>. São Paulo: Parábola, 2013, p. 35-49.</p> <p>BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. <i>Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto</i></p>

ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, A. "O direito à literatura". In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 5. ed. reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

CURRAN, M. J. *História do Brasil em Cordel*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DAMIANI, M. F. Sobre pesquisas do tipo intervenção. In: XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, Campinas, 2012.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 41. ed. São Paulo. Cortez. 2001.

FUZA, A. F.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Concepções de linguagem e o ensino de língua materna. In: *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011

GALVÃO, A. M. de O. *Cordel: leitores e ouvintes*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O texto na sala de aula; leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008

LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Wilson J.; PEREIRA, A. E. (Orgs.) *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999, p. 13-37

MACEDO, R. S. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas*

	<p><i>ciências humanas e na educação</i>. Salvador: EDUFBA, 2000.</p> <p>MARTINS, M. H. <i>O que é leitura</i>. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2014.</p> <p>PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.) <i>Escola e leitura: velha crise, novas alternativas</i>. São Paulo: Global, 2009, p. 35-47 (Coleção Leitura e Formação).</p> <p>ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R; MOURA, E. (orgs). <i>Multiletramentos na escola</i>. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.</p> <p>SANTOS, M. de F. S. Práticas de leitura na escola: concepções e abordagens. In: <i>Signum: Estudos linguísticos</i>, Londrina, n. 13/1, p. 257-276, jul. 2010.</p> <p>SILVA, G. F. da. <i>Vertentes e evolução da literatura de cordel</i>. 5. ed. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.</p> <p>SOARES, M. <i>Letramento: um tema em três gêneros</i>. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.</p> <p>ZAPPONE, M. H. Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. <i>Rev. Teoria e Prática da Educação</i>, v.11, n.1, p. 49-60, jan./abr. 2008</p> <p>ZILBERMAN, R. A escola e a leitura de literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING. T. M. K. <i>Escola e leitura: velha crise, novas alternativas</i>. São Paulo: Global, 2009 (Coleção Leitura e Formação)</p> <p>ZILBERMAN, R. <i>Fundamentos do texto literário I</i>. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.</p>
<b>ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>	
<b>SONDAGEM</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	A sondagem será realizada por meio de um questionário semiaberto focando tanto no perfil socioeconômico do aluno quanto e, principalmente suas práticas sociais de leitura e escrita e uma entrevista semiestruturada pelo professor.
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Investigar aspectos socioeconômicos dos alunos e suas famílias;</li> <li>• Conhecer as práticas de leitura e escrita dos alunos fora do âmbito escolar.</li> <li>• Elencar as práticas de leitura e gênero tomados como objetivos de estudo nas aulas de língua portuguesa na escola.</li> </ul>
<b>INSTRUMENTOS, RECURSOS E/OU MATERIAIS UTILIZADOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionários semiabertos</li> </ul>
<b>MECANISMO DE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diário de bordo;</li> </ul>

<b>REGISTRO SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS</b>	E	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gráficos;</li> <li>• Fichas de descrição de dados obtidos cerca dos conhecimentos prévios e da situação familiar de cada aluno;</li> <li>• Quadro descritivo dos dados colhidos nas entrevistas de língua portuguesa da escola-alvo.</li> </ul>
<b>RESULTADOS AVALIAÇÃO</b>	E	Aguardar material coletado para sistematização e avaliação dos dados obtidos.
<b>MATERIAL COLETADO/QUADRO DESCRITIVO</b>		Aguardar material coletado para realização do quadro descritivo.
<b>MÓDULO DE SENSIBILIZAÇÃO</b>		
<b>DESCRIÇÃO</b>		A LEITURA NO DIA A DIA
<b>OBJETIVOS</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer as práticas de leitura dos alunos fora da escola;</li> <li>• Discutir sobre a importância da leitura na sociedade atual;</li> <li>• Problematizar a ausência de escritores locais na escola.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elencagem e descrição de práticas de leitura dos alunos, através da retomada de algumas questões do questionário da sondagem;</li> <li>• Leitura do texto “O valor que o livro tem” – Antônio Barreto, gentilmente cedido pelo autor para este trabalho;</li> <li>• Discussão acerca do cotidiano e das práticas de leituras do eu-lírico do texto;</li> <li>• Conversa exploratória sobre o conhecimento dos alunos acerca dos autores e da produção literária de nosso município</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>		2h/a As atividades desta etapa foram sistematizadas no fascículo 1 - A LEITURA NO DIA A DIA do material didático que produzimos para esta intervenção.
<b>RECURSOS</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>•Fascículo do módulo didático</li> <li>•Datashow</li> <li>•Notebook</li> </ul>
<b>MÓDULO DE SENSIBILIZAÇÃO</b>		
<b>DESCRIÇÃO</b>		A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA
<b>OBJETIVOS</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o gênero a ser estudado, enquanto importante elemento da cultura nordestina;</li> <li>•Identificar a função social do gênero e sua forma de materialização.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exibição de reportagem sobre a história e a produção da literatura de cordel;</li> <li>• Levantamento dos aspectos mais relevantes da reportagem;</li> <li>• Leitura do texto “O cordel conta a sua história” de Carlos Alberto Fernandes;</li> <li>• Explicação em slides de uma versão iluminada do cordel esclarecendo termos apresentados no texto;</li> <li>• Avaliação do encontro.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>		4h/a Neste módulo, foi realizada a apresentação do gênero trabalhado, proporcionando o contato dos alunos com o gênero Literatura de cordel. As atividades utilizadas nesta etapa estão no fascículo 2 – A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA do módulo didático.
<b>RECURSOS</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>•Fascículo do módulo didático</li> <li>•Datashow</li> <li>•Notebook</li> <li>•Equipamento de som</li> </ul>
<b>APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO</b>		

<b>DESCRIÇÃO</b>	O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar aos alunos a situação comunicativa desenvolvida na intervenção, especificando as atividades de leitura e de produção escrita do gênero estudado e evidenciando as condições dessa produção textual e o público a que se destina.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da proposta de intervenção pedagógica, destacando as etapas vindouras da SD;</li> <li>• Distribuição aos alunos dos livretos “Prosas de caipira”, do poeta tucanense Valdir Cavalcante de Matos, a ser trabalhado na SD (Cf. Apêndice H), seguida de apreciação do livreto: capa, ilustração, elementos pré-textuais;</li> <li>• Leitura jogralizada do texto “A inocência de Simpliciano” (MATOS, 1999, p. 04-11);</li> <li>• Comentário sobre o conteúdo texto, mediante justificativa do título do texto com elementos do enredo;</li> <li>• Organização de coro falado do texto lido para a próxima aula;</li> <li>• Orientação para a elaboração em casa de perguntas para o encontro com o autor do livro em estudo.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	2h/a Esta etapa, realizada em dois encontros, consistiu na apresentação aos alunos da situação comunicativa a que eles estavam sendo e seriam expostos durante o desenvolvimento desta proposta de intervenção. As atividades utilizadas nesta etapa estão nos fascículo 3 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA e 4 – O CORDELISTA TUCANENSE NA SALA DE AULA do módulo didático.
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Fascículo do módulo didático</li> <li>•Datashow</li> <li>•Notebook</li> <li>•Livreto Prosa de Caipira</li> <li>•Equipamento de som</li> </ul>
<b>APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer os usos sociais concretos do gênero estudado no contexto sociocultural dos alunos;</li> <li>• Caracterizar o eu lírico dos textos, comparando suas atitudes nos diferentes contextos narrados.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do coro falado do texto “A inocência de Simpliciano” (MATOS, 1999, p. 04-11);</li> <li>• Leitura silenciosa e roda de leitura em voz alta do texto “As aventuras de Simpliciano”, de Valdir Cavalcante de Matos (MATOS, 2008c, p. 19-26);</li> <li>• Discussão de elementos do texto, explorando a caracterização do personagem principal e as peripécias por ele vividas, associando à realidade do sertanejo;</li> <li>• Leitura e escolha, em grupos, das questões elaboradas para a visita do escritor local;</li> <li>• Listagem no quadro negro e seleção de 10 (dez) das questões apresentadas pelos grupos, para serem feitas ao autor do livreto em estudo</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	2h/a Esta etapa, realizada em dois encontros, consistiu na apresentação aos alunos da situação comunicativa a que eles estavam sendo e seriam expostos durante o desenvolvimento desta proposta de intervenção.



	As atividades utilizadas nesta etapa estão nos fascículo 3 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA e 4 – O CORDELISTA TUCANENSE NA SALA DE AULA do módulo didático.
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Fascículo do módulo didático</li> <li>•Quadro negro</li> <li>•Livreto Prosa de Caipira</li> </ul>
<b>APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aproximar a figura do autor à realidade dos alunos;</li> <li>• Promover a interação dos alunos com o autor estudado;</li> <li>• Investigar o processo de produção de um cordelista</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhida ao autor visitante;</li> <li>• Leitura da biografia em cordel do autor convidado, reproduzida no módulo do aluno, p. 16;</li> <li>• Bate-papo com o autor Valdir Cavalcante de Matos, com seção de perguntas previamente elaboradas (Cf. Apêndice I) e outras emergentes;</li> <li>• Seção de autógrafos;</li> <li>• Orientação para responder à avaliação do encontro no módulo didático.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	2h/a Esta etapa, realizada em dois encontros, consistiu na apresentação aos alunos da situação comunicativa a que eles estavam sendo e seriam expostos durante o desenvolvimento desta proposta de intervenção. As atividades utilizadas nesta etapa estão nos fascículo 3 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA e 4 – O CORDELISTA TUCANENSE NA SALA DE AULA do módulo didático.
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Fascículo do módulo didático</li> <li>•Datashow</li> <li>•Notebook</li> <li>•Livreto prosa de Caipira</li> <li>•Equipamento de som</li> </ul>
<b>RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA (LEITURA E INTERPRETAÇÃO).
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampliar o repertório cultural do aluno, por meio de atividades de letramento literário;</li> <li>• Compreender a Literatura de cordel como expressão de sentimento articulada com a realidade;</li> <li>• Apresentar o conceito de intertextualidade</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<p>1º encontro:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preparação em grupos de leitura dramatizada, no livreto Prosas de caipira, dos textos Saudades de um caipira (MATOS, 1999, p. 12-22), Recadão do coração (MATOS, 1999, p. 36-41) e Arraiá do caipira (MATOS, 1999, p. 42-47);</li> <li>• Apresentação da leitura dramatizada dos textos;</li> <li>• Discussão de aspectos da temática abordada, estrutura organizacional e marcas linguísticas dos textos lidos.</li> </ul> <p>2º encontro:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicação sobre o conceito de intertextualidade;</li> <li>• Leitura compartilhada do texto Profundamente, de Manuel</li> </ul>

	<p>Bandeira;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Audição da música Amigo locutor, do Trio Parada Dura, e leitura da letra da canção;</li> <li>• Discussão sobre a intertextualidade temática dos textos apresentados, mediante exercícios no módulo didático;</li> <li>• Avaliação dos encontros.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<p>8h/a</p> <p>Com o presente módulo, objetivamos estudar as características do gênero textual Literatura de cordel buscando, por meio de atividades de leitura e interpretação, demonstrar sua função social, estrutura composicional e marcas linguísticas. No desenvolvimento desta etapa, utilizamos os fascículos 5 e 6 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA (LEITURA E INTERPRETAÇÃO).</p>
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fascículo do módulo didático</li> <li>• Datashow</li> <li>• Notebook</li> <li>• Livreto prosa de Caipira</li> <li>• Equipamento de som</li> </ul>
<b>RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA (LEITURA E INTERPRETAÇÃO).
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampliar o repertório cultural do aluno, por meio de atividades de letramento literário;</li> <li>• Possibilitar ao aluno relacionar a vivência poética à realidade social.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<p>1º encontro:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura dos textos “O analfabeto político” (MATOS, 1999, p. 24-35) e “Conselhos de um político que não perde as eleições” (MATOS, 2008a, p. 11-13);</li> <li>• Comparação dos textos lidos destacando o eu-lírico apresentado nos dois textos, destacando o ponto de vista de cada um a respeito do tema abordado e a variação linguística utilizada em cada cordel.</li> </ul> <p>2º encontro:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Retomada de elementos discutidos na aula anterior sobre os textos trabalhados;</li> <li>• Exibição do vídeo com narração do poema “O analfabeto político”, de Bertold Brecht;</li> <li>• Distribuição e leitura do poema impresso;</li> <li>• Discussão a respeito da importância do voto consciente, mediante associação entre os três textos estudados nesse módulo;</li> <li>• Avaliação dos encontros.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<p>8h/a</p> <p>Com o presente módulo, objetivamos estudar as características do gênero textual Literatura de cordel buscando, por meio de atividades de leitura e interpretação, demonstrar sua função social, estrutura composicional e marcas linguísticas. No desenvolvimento desta etapa, utilizamos os fascículos 5 e 6 – O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA (LEITURA E INTERPRETAÇÃO).</p>
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fascículo do módulo didático</li> <li>• Datashow</li> <li>• Notebook</li> <li>• Livreto Prosa de Caipira</li> <li>• Equipamento de som</li> </ul>
<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	MÃOS NA MASSA!

<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivar para o trabalho de escrita de cordel;</li> <li>• Produzir uma versão inicial do cordel;</li> <li>• Expressar-se de forma autônoma e autoral;</li> <li>• Revisar e reescrever o texto produzido;</li> <li>• Socializar a produção realizada;</li> <li>• Avaliar a atividade de produção escrita.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conversa informal sobre o processo de escrita do cordel, os assuntos abordados, a variedade linguística e a estrutura;</li> <li>• Formação de grupos para a produção escrita;</li> <li>• Planejamento grupal com discussão para seleção do tema do cordel e escolha da estratégia de escrita;</li> <li>• Escrita da primeira versão do cordel;</li> <li>• Revisão grupal da produção escrita;</li> <li>• Leitura oralizada voluntária dos textos produzidos;</li> <li>• Avaliação da etapa de produção</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<p>4h/a</p> <p>Nessa etapa foi produzida pelos alunos em grupos a primeira versão do gênero Literatura de cordel. Tomando por base os estudos feitos no módulo de reconhecimento do gênero e da leitura do livreto de cordel Prosas de caipira (MATOS, 1999), os alunos produziram, revisaram e rescreveram seus cordéis, com intervenção do professor-pesquisador apenas na fase de revisão.</p>
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fascículo do módulo didático</li> <li>• Cadernos</li> </ul>
<b>MÓDULOS DE INTERVENÇÃO</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	COMO FALA O CORDEL
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer a relação da literatura de cordel e a oralidade;</li> <li>• Possibilitar o aprendizado da forma composicional do cordel no nível fônico;</li> <li>• Compreender a variedade linguística empregada como importante elemento constituinte da literatura de cordel;</li> <li>• Oferecer elementos que contribuam para o desenvolvimento da escrita na produção final.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura em voz alta, pelo professor-pesquisador, do texto “Confusão da língua” (MATOS, 2008c, p. 29-32);</li> <li>• Discussão acerca das variedades linguísticas reconhecidas no texto lido;</li> <li>• Leitura coletiva do texto “Vocabulo maneiro” (MATOS, 2008b, n.p.);</li> <li>• Análise do texto lido com enfoque nas variações linguísticas empregadas;</li> <li>• Produção de sextilhas, com emprego de variedade linguística definida previamente;</li> <li>• Socialização das sextilhas produzidas;</li> <li>• Avaliação do encontro.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<p>2h/a</p> <p>Estes módulos objetivaram intervir nas dificuldades de apreensão do gênero Literatura de cordel, percebidas na produção inicial dos alunos. Foram aplicados três módulos de intervenção no intuito de que os alunos apreendessem aspectos do gênero estudado como a linguagem, as temáticas e as estruturas apresentadas, mediante a leitura de cordéis e de exercícios de escrita sistematizados nos fascículos 8 – COMO FALA O CORDEL, 9 – DE QUE FALA O CORDEL e 10 – CORDEL EM FORMA.</p>

<b>RECURSOS</b>	•Fascículo do módulo didático
<b>MÓDULOS DE INTERVENÇÃO</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>DE QUE FALA O CORDEL</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer o cordel como instrumento de posicionamento social e expressão de subjetividades;</li> <li>• Relacionar a vivência poética à realidade social;</li> <li>• Oferecer elementos que contribuam para o desenvolvimento da escrita na produção final</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura do texto “Absurdos de um poeta” (MATOS, 2008b, n.p.) e Saudades de meu recanto (MATOS, 2008b, n.p.);</li> <li>• Discussão sobre os assuntos tratados nos cordéis lidos;</li> <li>• Estudo dirigido de classificações de cordel segundo a temática abordada (MAXADO, 2011, p. 65-102);</li> <li>• Orientação para realização em casa, no fascículo, da autoavaliação e avaliação do encontro.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	2h/a Estes módulos objetivaram intervir nas dificuldades de apreensão do gênero Literatura de cordel, percebidas na produção inicial dos alunos. Foram aplicados três módulos de intervenção no intuito de que os alunos apreendessem aspectos do gênero estudado como a linguagem, as temáticas e as estruturas apresentadas, mediante a leitura de cordéis e de exercícios de escrita sistematizados nos fascículos 8 – COMO FALA O CORDEL, 9 – DE QUE FALA O CORDEL e 10 – CORDEL EM FORMA.
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Fascículo do módulo didático</li> <li>•Datashow</li> <li>•Notebook</li> </ul>
<b>MÓDULOS DE INTERVENÇÃO</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>CORDEL EM FORMA</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover o aprendizado da forma composicional do cordel nos níveis gráfico-espacial e fônico;</li> <li>• Oferecer elementos que contribuam para o desenvolvimento da escrita na produção final.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura dos cordéis “Bambolê da embolada” (MATOS, 2008b, n.p.) e Poema do ente (MATOS, 2008a, p. 26);</li> <li>• Exercícios de análise dos textos;</li> <li>• Estudo das estruturas mais comuns dos cordéis, destacando os tipos de estrofes quanto ao número de versos e dos esquemas de rimas mais utilizados no gênero estudado;</li> <li>• Escrita de estrofes de cordéis nas estruturas estudadas destacando o esquema de rimas mais adequado ao tipo da estrofe;</li> <li>• Avaliação do encontro.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	2h/a Estes módulos objetivaram intervir nas dificuldades de apreensão do gênero Literatura de cordel, percebidas na produção inicial dos alunos. Foram aplicados três módulos de intervenção no intuito de que os alunos apreendessem aspectos do gênero estudado como a linguagem, as temáticas e as estruturas apresentadas, mediante a leitura de cordéis e de exercícios de escrita sistematizados nos fascículos 8 – COMO FALA O CORDEL, 9 – DE QUE FALA O CORDEL e 10 – CORDEL EM FORMA.
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Fascículo do módulo didático</li> <li>•Datashow</li> <li>•Notebook</li> </ul>

<b>PRODUÇÃO FINAL</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>MÃOS NA MASSA!</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Planejar a escrita do texto selecionando recursos expressivos, semânticos, sintáticos, fonéticos, morfológicos e gramaticais de acordo com o gênero estudado;</li> <li>• Produzir uma versão final do cordel;</li> <li>• Expressar-se de forma autônoma e autoral;</li> <li>• Socializar a produção realizada.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Distribuição de cópias da produção inicial aos respectivos grupos de alunos;</li> <li>• Produção da versão final do cordel;</li> <li>• Revisão e reescrita dos cordéis pelos próprios alunos, com auxílio do professor-pesquisador;</li> <li>• Socialização voluntária dos textos produzidos;</li> <li>• Avaliação do processo de escrita da segunda versão do cordel.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	4h/a Esta etapa consistiu na produção da versão final do cordel pelos grupos de alunos, mediante a retomada e análise da produção inicial, verificando, assim, a aprendizagem construída com o desenvolvimento da sequência didática.
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fascículo do módulo didático</li> <li>• Caderno</li> </ul>
<b>CULMINÂNCIA</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>O CORDEL ENCONTRA SEU PÚBLICO</b>
<b>1º ENCONTRO</b>	
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preparar a exposição das produções e lançamento dos livretos;</li> <li>• Preparar a apresentação/declamação dos cordéis produzidos;</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Planejamento e produção da culminância;</li> <li>• Ensaio do recital para a culminância;</li> <li>• Produção dos livretos de cordel.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	2h/a Esta etapa foi dividida em dois encontros. No primeiro, houve o planejamento da atividade de culminância, que incluiu a escolha do público para o evento.
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cadernos</li> <li>• Quadro negro</li> </ul>
<b>2º ENCONTRO</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>O CORDEL ENCONTRA SEU PÚBLICO</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o trabalho desenvolvido a um público determinado;</li> <li>• Promover o reconhecimento pelos alunos de seu potencial criativo.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhida ao público com mensagem de boas vindas e apresentação do projeto;</li> <li>• Declamação dos cordéis produzidos pelos alunos ao público ouvinte;</li> <li>• Distribuição de livretos ao público;</li> <li>• Momento de confraternização do professor-pesquisador e os alunos participantes da intervenção com distribuição de lanches.</li> </ul>
<b>CARGA HORÁRIA</b>	2h/a No segundo encontro, foi efetivado o momento em que as produções dos alunos alcançaram o público leitor, através de um recital dos os textos produzidos e publicados em folheto de cordel (Cf. Apêndice J), presenteados aos escritores e alguns exemplares doados ao público presente.
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Datashow</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Notebook</li> <li>•Livretos produzidos pelos alunos</li> <li>•Equipamento de som</li> </ul>
<b>AVALIAÇÃO</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	Em cada etapa desenvolvida, foram realizadas avaliações das atividades desenvolvidas e autoavaliações dos alunos participantes, com caráter formativo, a fim de possibilitar a reflexão sobre a prática desenvolvida. Nesta etapa, para fins de sistematização, propomos uma avaliação de toda a intervenção pedagógica, através da ferramenta do Google formulários (Cf. Apêndice K).
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar as atividades da SD desenvolvidas na proposta de intervenção pedagógica aplicada;</li> <li>• Proporcionar autoavaliação dos sujeitos participantes da intervenção.</li> </ul>
<b>ATIVIDADES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração de fichas de avaliação e autoavaliação na ferramenta do Google Formulários;</li> <li>• Orientação para a realização das avaliações.</li> </ul>
<b>RECURSOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Smartphone</li> </ul>

## APÊNDICE I – PERGUNTAS ELABORADAS PELOS ALUNOS PARA O ESCRITOR LOCAL



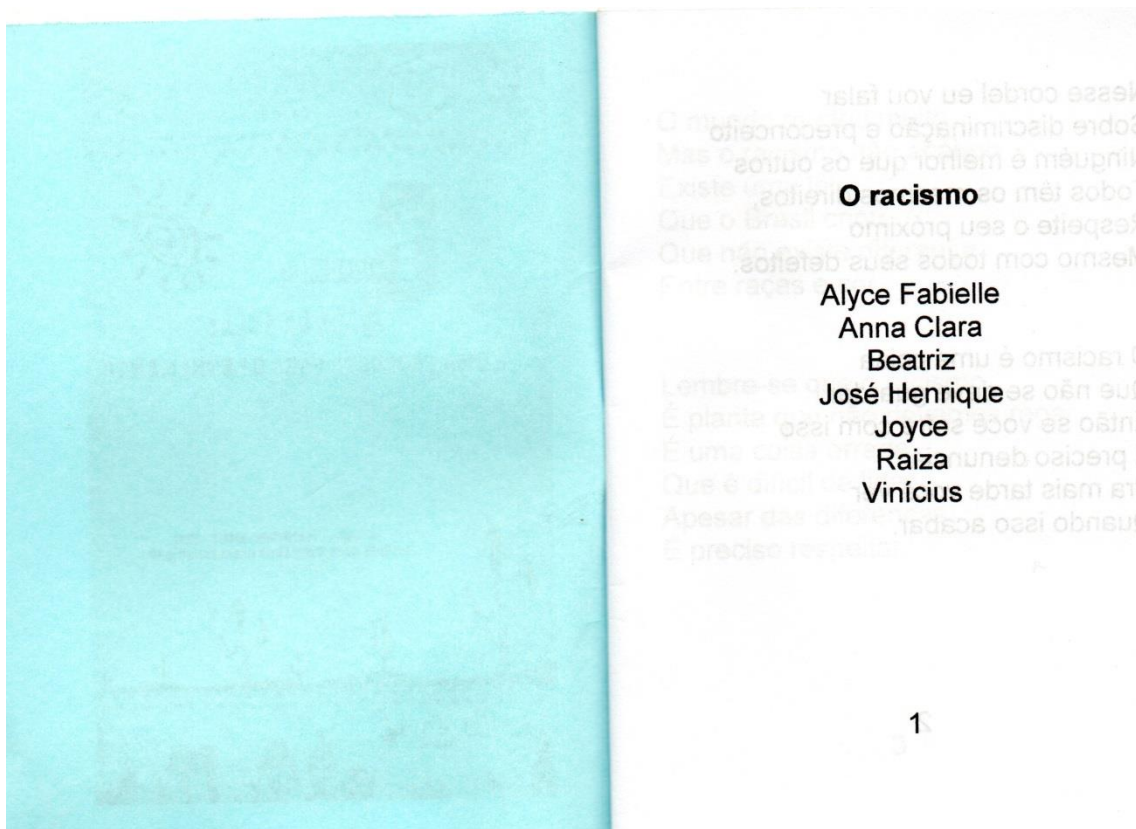
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS  
ESCOLA MUNICIPAL MADRE PAULINA

**Profletras**  
mestrado profissional

Perguntas elaboradas pelos alunos da turma 9º ano A para orientar a conversa com o poeta cordelista Valdir Cavalcante de Matos

- Como você conheceu a Literatura de cordel?
- Quando foi feito seu primeiro cordel? Alguém o incentivou?
- Por que você decidiu fazer cordel? Por que esse gênero específico dentro dos gêneros poéticos?
- Você considera o cordel um trabalho ou apenas um hobby?
- Quantos cordéis você já escreveu?
- Você está satisfeito com sua atividade de cordelista?
- Quando lançou seu primeiro livro?
- Qual foi a reação de sua família ao saber da publicação de seu primeiro livro?
- Qual é a sensação de ver as pessoas lendo seus cordéis?
- Você mostra sua identidade no cordel?
- Qual a maior dificuldade em escrever cordel?

## APÊNDICE J – LIVRETO DE CORDÉIS PRODUZIDO PELOS ALUNOS





Nesse cordel eu vou falar  
Sobre discriminação e preconceito  
Ninguém é melhor que os outros  
Todos têm os mesmos direitos,  
Respeite o seu próximo  
Mesmo com todos seus defeitos.

O racismo é uma coisa  
Que não se deve guardar  
Então se você sofre com isso  
É preciso denunciar  
Pra mais tarde você ver  
Quando isso acabar.

2

O mundo mudou muito  
Mas o racismo não acabou  
Existe uma lei  
Que o Brasil criou  
Que não existe diferença  
Entre raças e cor.

Lembre-se que o racismo  
É planta que não devemos regar  
É uma coisa errada  
Que é difícil de lidar  
Apesar das diferenças  
É preciso respeitar.

3

Veja também o Brasil  
Com tanta discriminação  
Tem tantas pessoas negras  
Que exercem profissão  
E ainda tem gente que diz  
Que todo negro é ladrão.

Nesse cordel nós falamos  
De um assunto delicado  
Pois pense no que dissemos  
E seja educado  
Para o racismo diga não  
Porque isso é errado.

4

### **Saudade da infância de um nordestino**

Ana Beatriz  
Andressa  
Antônio Marcos  
Andressa  
Isis Gabrielle  
Natanael  
Talita

5

Saudades da minha infância  
 Onde juntas as crianças  
 Brincavam feliz na chuva  
 E sujavam suas calças  
 De quando eu percorria  
 O caminho da esperança.

Na época da escola  
 Com alegria se soltava  
 Pois quando chegava lá  
 Meus amigos eu encontrava  
 Depois ia frenética para casa  
 Mamãe não se preocupava.

Quando as crianças nordestinas  
 Todas brincavam bem juntas  
 Pois não existia maldade  
 Eu também ia com papai à labuta  
 Pois queria um pouco ajudar  
 Porque a vida não é justa.

Como eu era criança,  
 Tinha meu tempo de zoar  
 E quando me pegavam  
 O meu couro ia piar  
 Mas não podia reclamar  
 Pois se falasse, ia apanhar.

6

7

Todos os meninos de hoje  
 Ficam no seu celular  
 Não querem ir à escola  
 E esquecem de estudar  
 Na minha adolescência não tem isso  
 De só se conectar

### Amor

Crianças só querem dinheiro  
 As coisas estão mudadas  
 Ninguém brinca na terra mais  
 As adolescentes avançadas  
 Já querem coisas que não podem  
 Os pais falar é mesmo que nada.

Ana Carolina  
 Débora  
 João Henrique  
 Júlia  
 Juliana

8

9

Meu nome é Sebastian  
 É Sebastian Batista  
 Vô conta uma história  
 Min'a e da Maria Bonita  
 Como tudo começa  
 Em uma forma de escrita.

Quando eu a encontrei  
 Foi paxá só de olhá  
 Pedi logo o seu número  
 Pa eu podê ligá  
 Mandei logo a message  
 "Ocê qué mi namorá?"

10

Ela mi disse que sim  
 Chamei logo pra jantá  
 No barzinho lá da esquina  
 A gente foi lá dançá  
 Tomano uma cerveja  
 Pa podê se animá.

Ficamo lá a noite toda  
 O barzin até fexô  
 Levei logo pa casa  
 Purque cavalherio sô  
 Fui indo de mãos dadas  
 Cantano juras de amor.

11

Uns três meses se passou  
 E enfim coragem tomei  
 Fui pidi em casamento  
 Nu barzin que convidei  
 Culuquei logo no dedo  
 O anel que lhe comprei.

### **O crush e a talarica**

Ana Karoline  
 Carla Mariana  
 Isabel  
 Maria Eduarda  
 Raynara

i  
 i

12

13

O meu crush é bonito  
 O mais bonito da escola  
 Lindo e sensacional  
 Acho que eu e ele não rola  
 Não me dá bola, só enrola  
 Besta eu que fico na cola.

O crush de minha amiga  
 Também não dá bola pra ela  
 É lindo e sedutor  
 Vive jogando na cara dela  
 Que é cantor, ator e jogador  
 Por isso não pode ficar com ela.

Minha amiga é talarica  
 É pobre e se acha rica  
 Só pega os feios da esquina  
 A ridícula se acha a bonita  
 Até com os boys das amigas  
 Se der mole, ela fica.

Falei do meu crush pra ela  
 E ela disse que parece o diabo  
 Mas como eu gosto dele  
 Eu acho lindo e bem ousado  
 Depois de um tempo descobri  
 Que ele era viado.

15

14

Hoje cedo fui no mercado  
 Conheci um cara bem ali  
 Todo lindo e educado  
 Ele me chamou para sair  
 Um açaí nós tomamos  
 Pense, eu me diverti.

### O local das águas quentes

Diego  
 Jabson  
 Jailton  
 Laisa Maria  
 Rogério

17

16

Eu moro em Caldas do Jorro  
 O lugar da água fervente  
 É um lugar muito tranquilo  
 Que tem bem pouca gente  
 O povo daqui é muito alegre  
 Já fala com o sorriso na frente.

Aqui tem coisa que é inconveniente  
 Na política, o voto é comprado  
 Mas algumas as pessoas mentem  
 E nem votam naquele candidato  
 No dia da eleição nem todos terão  
 O resultado esperado.

18

Aqui nesse sertão  
 pra você ganhar o pão  
 tem que trabalhar de montão  
 a dignidade é pouca  
 e o povo rouba  
 de montão.

Gente feliz e contente  
 Na minha frente eu vejo  
 Ter saúde e paz  
 É de todos o desejo  
 Mas nem sempre é assim  
 Por que tem por aqui uns malfazejo.

19

Escola é um lugar de aprender  
 Aqui lutamos, damos duro  
 Fazemos tudo com muito prazer  
 E assim sermos um adulto maduro  
 Funcionários e professores nos ajudam  
 A ter um melhor futuro.

### **A volta de Jesus**

Edilson  
 Hytalo Marcus  
 Luan Vinícius  
 Lucas Henrique

20

21

Nessa rima feita aqui  
Eu quero te avisar  
Jesus Cristo está voltando  
É melhor se preparar  
Pra não perder a salvação  
É preciso vigiar.

A salvação é renúncia  
Se quiser seguir a Jesus  
Largue as coisas do mundo  
E carregue sua cruz  
Não para ser condenado  
Mas viver em plena luz.

22

Desde pequenos sabemos  
Que o apocalipse está chegando  
Mas estamos confusos  
Pois não sabemos dia nem ano  
É melhor viver em Cristo  
Sempre orando e vigiando.

Jesus morreu naquela cruz  
Para ter a salvação  
Só depende de uma coisa  
Levante a sua mão  
Aceite a Jesus  
Para viver feliz então.

23

**APÊNDICE K – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO FINAL DA SD**

## Avaliação e autoavaliação da aplicação da proposta de intervenção "O cordel na sala de aula: uma proposta para o letramento literário"

Caro aluno,

Chegamos ao final do nosso projeto, portanto, devemos avaliar a nossa caminhada bem como a pertinência e a relevância de nosso estudo.

Ao passo que agradecemos sua participação no desenvolvimento desta pesquisa, para concluir, solicito um pouco mais de sua contribuição, respondendo às questões que seguem.

**\*Obrigatório**

Sobre sua participação neste projeto de pesquisa. \*

- Sempre quis participar, gostou da ideia logo que ficou sabendo.
- Não queria muito no início, participou por influência dos colegas.

E agora que o projeto chega ao fim, pode dizer que \*

- Suas expectativas não foram atendidas, esperava que fosse melhor.
- Atendeu suas expectativas, as coisas aconteceram com você imaginava.
- Superou suas expectativas, foi melhor do que pensava.

Justifique sua resposta da questão anterior apresentando uma razão. \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Você conhecia Literatura de cordel antes do projeto? \*

- Sim
- Não

Você já tinha lido Literatura de cordel na escola antes do projeto? \*

Sim

Não

Você já tinha lido Literatura de cordel fora da escola antes do projeto? \*

Sim

Não

Você gostou dos cordéis lidos ao longo do projeto? \*

Sim

Não

Em parte

Você se sente estimulado a ler outros textos de cordel depois do projeto? \*

Sim

Não

Em parte

A leitura dos cordéis despertou em você o interesse em realizar outras leituras? \*

Sim

Não

Em parte



As leituras realizadas em sala de aula contribuíram para o desenvolvimento da escrita do cordel em grupo? \*

- Sim
- Não
- Em parte

Você gostou de conhecer o poeta Valdir Cavalcante de Matos? \*

- Sim
- Não
- Em parte

Justifique sua resposta da questão anterior apresentando uma razão. \*

Sua resposta

O que você pensa sobre o trabalho de leitura de um autor local? \*

- Foi importante, aprendemos a valorizar a produção literária de nossa região.
- Poderia ser de um autor de qualquer região.

Você considera a Literatura de cordel como elemento importante de expressão da cultura nordestina? \*

- Sim
- Não
- Em parte

Você considera que com a Literatura de cordel podemos expressar nossos sentimentos e/ou nossa opinião sobre a realidade que nos cerca? \*

- Sim
- Não
- Em parte

Você considera que a Literatura de cordel é um gênero adequado para atividades de leitura e escrita na escola? \*

- Sim
- Não
- Em parte

Indique pontos positivos e pontos negativos de nossa intervenção. \*

Sua resposta

---

Escreva um comentário sobre o que você achou das atividades desenvolvidas, destacando o que mais gostou e de maneira esse projeto irá contribuir para a sua vida estudantil. \*

Sua resposta

---

**Mais uma vez agradeço a receptividade ao nosso projeto e a participação nas atividades desenvolvidas. Professor Manoel**

**ENVIAR**

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

APÊNDICE L – MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO PARA APLICAÇÃO DA SD





Caro estudante,

Este caderno reúne as atividades aplicadas no decorrer do projeto de intervenção O cordel na sala de aula: uma proposta para o letramento, desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UEFS. As atividades produzidas têm por objetivo promover o letramento literário, a partir da inserção da Literatura de Cordel nas aulas de Língua Portuguesa, tendo em vista contribuir para a formação de alunos leitores/escritores críticos, propiciando-lhes situações favoráveis à expressão de suas subjetividades ou de posicionamentos sobre seus contextos sociais por meio da oralidade e da escrita.

O caderno está estruturado da seguinte maneira:

Fascículo 1: A leitura no dia a dia

Fascículo 2: A literatura de cordel na sala de aula

Fascículo 3: O cordel tucanense na sala de aula

Fascículo 4: O cordelista tucanense na sala de aula

Fascículo 5: O cordel tucanense na sala de aula leitura e interpretação

Fascículo 6: O cordel tucanense na sala de aula leitura e interpretação

Fascículo 7: Mãos na massa!

Fascículo 8: Como fala o cordel

Fascículo 9: De que fala o cordel

Fascículo 10: Cordel em forma

Fascículo 11: Mãos na massa!



# 1

## A LEITURA NO DIA A DIA

Neste encontro você vai:

- Elencar e descrever práticas de leitura.
- Ler um poema.
- Conversar sobre a produção literária de nosso município.



### PENSANDO

Pense um pouco e responda às seguintes questões sobre seus hábitos de leitura.

\* Você costuma ler?

---

---

---

\* Que tipo de leitura mais lhe agrada?

---

---

---

\* Com que frequência você lê?

---

---

---

\* Você utiliza tecnologias digitais/é usuário de redes sociais?

---

---

---





## LENDO

Agora, vamos ler um texto sobre as práticas de leitura:

### O VALOR QUE O LIVRO TEM

Eu gosto da internet  
Ela tem muita valia  
Mas o livro é um tesouro  
No arco-íris da alegria  
Uma fonte de cultura  
De amor e sabedoria.

Eu digito noite e dia  
Navego como ninguém  
Mas no livro eu me encontro  
Nas palavras vou além  
Tenho o mundo em minhas mãos  
Mas muita gente não tem.

A leitura me faz bem  
Me dá luz, conhecimento  
Passo a entender a vida  
Com amor e discernimento  
Sem o livro não nada sou  
Não cresço, não reinvento.  
Para tudo há o momento

Da escola à diversão  
Acessando a Internet  
E curtindo de montão  
Festa, futebol, namoro  
Cinema, televisão...

Mas cuidado, meu irmão  
Não seja cabeça dura  
Sem o livro nada somos  
Precisamos de cultura.  
Aquele que lê bastante  
Passa a ter desenvoltura.

Viaje nessa aventura  
Lendo revista, jornal  
Romance, gibi, poema  
Autoajuda, manual...  
Não esqueça do cordel:  
Leitura fundamental!



\* Autor: Antonio Barreto, professor, poeta e cordelista, natural de Santa Bárbara/BA.



## INTERAGINDO COM O TEXTO

\*O que você achou do texto?

---

\* Quais hábitos você tem em comum com o eu lírico?

---

\*Quais práticas das práticas de leitura do eu lírico você acha mais interessante? Por quê?

---



---



## DIALOGANDO COM A TURMA

Você conhece algum/alguma escritor/escritora de nosso município ou de nossa região?

Quem? O que escreve?

---

Como você o conheceu?

---

Sua obra é lida na escola?

---



## CONHECENDO O PROJETO

Agora, vamos apresentar nosso projeto de trabalho.

Esperamos contar com sua colaboração e que esta seja uma experiência enriquecedora pra todos nós!



## AVALIANDO O ENCONTRO

Agora, queremos ouvir sua opinião.

\*O que você achou do encontro de hoje?

---

\*O que você achou mais significativo?

---

\*Há algo que podemos melhorar para os próximos encontros?

---





**ANOTAÇÕES**

A rectangular box containing 15 horizontal lines for writing, arranged in a standard ruled format.





# 2

## A LEITURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

Neste encontro você vai:

- Conversar sobre os cordéis que já leram.
- Assistir a uma reportagem sobre a produção de cordel.
- Ler e discutir o poema "O cordel conta a sua história" - Carlos Alberto Fernandes.



### ASSISTINDO

Reportagem sobre literatura de cordel.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>



### INTERAGINDO

\* Indique aspectos que mais te chamam a atenção na reportagem.

---



---



---



---



---



## LENDO

Agora, vamos ler um texto sobre Cordel:

### O CORDEL CONTA A SUA HISTÓRIA

Alguns temas não aceitam  
Definições, só conceitos,  
Por serem ricos, difíceis,  
Aos nossos olhos, perfeitos;  
O *cordel* é um exemplo:  
Não cabe em padrões estreitos.

Por sua simplicidade,  
Existe quem o despreze;  
Mas, por sua aceitação,  
Tem sido alvo de tese;  
Por seu vasto conteúdo,  
Cartilha de catequese.

Mas afinal, o que é  
Esse *cordel* tão falado,  
Que, por muitos, muitos anos,  
Tem sido lido e amado  
Pelo povo do Nordeste,  
Onde tem o seu reinado?

É poesia *popular*,  
Feita com simplicidade,  
Mas com a rima perfeita  
E muita formalidade,  
Fruto da mente de um *povo*  
De grande capacidade.

Popular, não no sentido  
De menor categoria,  
Mas porque brota do *povo*,  
Pois o *cordel* é poesia  
Criativa, inspirada,  
Que a muitos contagia.

Usa a linguagem do povo  
Para ser compreendido,  
Sem termos mirabolantes,  
Sem causar mal-entendido,  
Para dar o seu *recado*  
E, facilmente, ser lido.

Seu padrão é a poesia  
Que tem seis ou sete versos;  
Às vezes, usam-se dez,  
Os estilos são diversos:  
As sextilhas sobrepujam  
Os modelos adversos.

Tem que conter sete sílabas,  
Disso não se abre mão;  
Portanto, é muito importante  
Que, além da inspiração,  
O cordelista não perca  
Sua metrficação.

Pois não há coisa pior  
Do que versos mal medidos,  
Que desrespeitam a régua  
E ferem nossos ouvidos,  
Ninguém aguenta um *cordel*  
Com versos mal construídos.

Como bem lembrou o grande  
Cordelista Varneci,  
Tem gente que lê, cantando,  
No sertão, no Cariri;  
Quando falha na medida,  
Tropeça que nem Saci.

Suas rimas obedecem  
Esquemas padronizados;  
Vou deixar alguns exemplos  
Dos modelos mais usados,  
Através de vários clássicos  
De autores consagrados.

Na formação das sextilhas,  
O padrão deste cordel,  
O segundo verso rima,  
Como, na corrente, um anel,  
Com o quarto e sexto versos,  
Senão vira uma Babel.

Na setilha, uma mudança:  
O segundo verso rima,  
Com o quarto e o sétimo,  
Com a métrica em cima,  
E o quinto com o sexto,  
Para mim, uma obra-prima.

É bom lembrar que, em poesia,  
Na palavra derradeira,  
Conta-se somente a tônica,  
Mesmo que seja a primeira,  
Esquecendo as outras sílabas,  
Para não marcar bobeira.

José Pacheco da Rocha,  
Mostrou talento superno,  
Ao descrever a *Chegada*  
*De Lampião no Inferno*,  
Belo exemplo de setilha,  
Que permanece moderno:

Um cabra de Lampião  
Por nome Pilão Deitado  
Que morreu numa trincheira  
Em certo tempo passado  
Agora pelo sertão  
Anda correndo visão  
Fazendo mal-assombrado.

Quando ele tem dez versos,  
Também chamado “dez pés”,  
É bom que tenha dez sílabas,  
Mesmo não sendo Moisés,  
Que impôs seus mandamentos:  
Nem mais nem menos que dez.

Cito, aqui, de Marco Haurélio,  
Nordeste, Terra de Bravos,  
Que usando os dez pés,  
Em forma de desagravos,  
Deixa um grito de protesto  
Contra os espinhos e cravos.

Inda guardo no arquivo da memória  
O engodo dos livros escolares  
Que do herói imbatível de Palmares  
Defraudou a grandeza meritória,  
Vou mostrar o outro lado da história  
Com o brado de um povo soberano,  
Que jamais se curvou a tal engano,  
Semeado na classe dominante.  
O meu verso é navalha bem cortante  
Nos dez pés de martelo alagoano.

Existem dez versos com  
Sete sílabas apenas,  
Mas vejo que a maioria,  
No uso de suas penas,  
Preferem as decassílabas:  
São diferenças amenas.

Leandro Gomes de Barros,  
Usando este formato,  
Com a sua maestria,  
Deixou o exemplo exato  
(Dez versos e sete sílabas),  
No bojo de um belo prato.

Eram doze cavaleiros,  
Homens muito valorosos,  
Destemidos e animosos,  
Entre todos os guerreiros  
Como bem, fosse Oliveiras  
Um dos pares de fiança,  
Que sua perseverança  
Venceu todos infiéis,  
Eram uns leões cruéis,  
Os doze pares de França.

O verso acima citado  
Da Batalha de Oliveiros  
Com Ferrabrás, grande marco,  
Entre os cordéis brasileiros,  
Do cordelista Leandro,  
De quem nós somos herdeiros.

Quem olhar a estrutura  
Usada neste padrão,  
Vai perceber que a rima

Segue exata formação,  
Muito embora todos saibam  
Que existe a exceção,

Notem que o primeiro verso  
Rima com o quarto e o quinto;  
O segundo, com o terceiro,  
Neste relato sucinto,  
O sexto rima com o sétimo,  
E o décimo, não minto.

Finalmente, o oitavo  
Faz sua rima com o nono,  
Sendo que nenhum dos versos  
Foi deixado ao abandono,  
Todos rimam entre si,  
Não existe cão sem dono.

Aproveito pra lembrar,  
Do cordel, a trajetória,  
Muito embora não pretenda  
Traçar, aqui, sua história,  
João de Sá e Marco Haurélio  
Resgataram essa memória.

Ao escreverem Cordel  
Usando a sua linguagem,  
Narraram a sua história,  
Numa gostosa viagem,  
Citando autores e obras,  
Inigualável mostragem.

Fala-se que sua origem  
Remonta à antiguidade,  
No tempo dos menestréis,  
Que iam, a cada cidade,  
Contar notícias e feitos  
Propagando a novidade.

Mais tarde, com a imprensa,  
As suas canções são vistas  
Em livros que, no passado,  
Destacaram esses artistas,  
Cujo talento perdura,  
Através dos repentistas.

Que cantam no improviso,  
Não como quem faz cordel,  
Que, só com inspiração,  
Tema, caneta e papel,  
E que conseguem exercer  
O grande ofício cruel.

Alguns confundem o cordel  
Com o repente, seu irmão;  
O cordel é texto escrito,  
Com o citado padrão;  
O repente, que admiro,  
Seguiu outra direção.

Provenientes da Europa  
(Da Península Ibérica),  
Os primitivos cordéis  
Aportaram na América,  
O nosso grande Brasil  
Deixou sua forma, esférica.

O seu nome é derivado  
Dos "cordões" sobre os *quais*  
Penduravam-se folhetos  
Contendo temas gerais,  
Entre os quais, as poesias,  
Para nós, os principais.

Diz o Mestre Aderaldo,  
Que é doutor em cordel,  
Coordenador da Luzeiro,  
Um pesquisador fiel,  
Que existem distorções  
Nesse confuso painel.

Pois, em nossa amada terra,  
Não aconteceu assim  
(Não ficavam pendurados),  
Mas esse termo, enfim,  
Merece ser preservado,  
Mudá-lo, seria ruim.

Uma outra informação,  
Necessária a esta altura,  
Diz respeito às suas capas,  
Muitas em xilogravura,  
Só mais tarde, introduzidas  
Em nossa literatura.

Pois muita gente reclama  
Das mudanças que o livreto  
Tem sofrido em suas capas,  
E do atual folheto,  
Que aumentou seu tamanho  
E saiu do branco e preto.

São mudanças secundárias  
Com tendências do momento,  
Que respeitam o conteúdo  
E o desenvolvimento,  
Preservando a tradição,  
Tal qual a um monumento.

Lá da minha Paraíba  
Vem o *cordel* brasileiro,  
Leandro Gomes de Sarros,  
Entre todos, é o primeiro,  
A usar esse padrão,  
Como grande pioneiro.

E outro paraibano,  
Que é Silvino Pirauá,  
Como fizera Leandro,  
Também, mudou-se de lá,  
Indo morar em Recife,  
Onde brotava o maná.

Com ele, surge a sextilha,  
Que é referencial  
E, junto às sete sílabas,  
Formam o conjunto final  
Do *cordel* tupiniquim,  
Que não encontra rival.

Eis um exemplo da obra  
Do cordelista Silvino,  
O Capitão do Navio,  
Onde o vate nordestino,  
Dando forma ao *cordel*  
Honrou seu nobre destino:

Vou contar uma história  
Do tempo da inocência,  
De um homem que sofreu  
Uma horrenda inclemência,  
Sem se maldizer da sorte,  
Sem faltar-lhe a paciência.

Carlos Herriot, um mestre  
Da Língua e Literatura  
Portuguesa, disse que,  
Do *cordel* a estrutura  
Tem base no inconsciente,  
Verdade límpida e pura.

Saliento esse detalhe,  
Citado por meu irmão,  
(Tenho mais dois que abraçaram  
Esta mesma vocação),  
Por achá-lo essencial  
À nossa compreensão.

É uma tendência humana  
Sete sílabas usar,  
Na hora de fazer versos  
Ou, em rodinhas, cantar;  
Terezinha de Jesus  
Serve para demonstrar.

Cito o seu primeiro verso,  
Com um erro proposital,  
Como aprendi no Nordeste  
(Com um vício regional),  
Para não comprometer  
Sua forma estrutural.

Terezinha de Jesus  
De uma queda foi ao chão  
Acudiu três cavalheiros  
Todos de chapéu na mão.

Sua letra é feita em quadras,  
De sete sílabas, a forma;  
Existem as exceções,  
Confirmando a velha norma,  
Pois o nosso inconsciente  
Possui essa plataforma.

Chico Buarque de Holanda,  
Quando compôs Terezinha,  
Inspirada na homônima,  
Seguiu esta mesma linha,  
Com versos de sete sílabas,  
Construiu a sua espinha:

O primeiro me chegou  
Como quem vem do florista:  
Trouxe um bicho de pelúcia,  
Trouxe um broche de ametista.  
Me contou suas viagens  
E as vantagens que ele tinha.  
Me mostrou o seu relógio;  
Me chamava de rainha.

Esse padrão produzido  
Pelo inconsciente humano,  
É bem aceito, por ele,  
Que, de modo soberano,  
Recebe a rima e a cadência  
Sem um esforço espartano.

Pois o verso heptassílabo  
E padrão universal,  
E aproveito pra deixar  
Um aviso especial:  
O cordel não é cultura  
Nem poesia regional.

Sei que nasceu no Nordeste,  
Onde, além de preservado,  
E admirado e lido,  
Produzido e amado,  
Mas, pelo Brasil inteiro,  
Merece ser propagado.

A feijoada, o samba,  
O guaraná e a cachaça  
São produtos brasileiros,  
Independentes da praça,  
Do lugar de nascimento,  
Religião, cor e raça.

Há quem confunda o cordel  
Com a poesia matuta,  
Por achar que os dois estilos  
Seguem a mesma batuta;  
A diferença é a linguagem,  
Assim como a forma enxuta.

Um exemplo, entre outros,  
Dessa poesia citada,  
Vem da minha Paraíba,  
Doce terra idolatrada,  
O berço de Zé da Luz,  
Que disse, nessa toada:

Três muié ou três irmã,  
três cachôrra da mulesta,  
eu vi num dia de festa,

no lugar Puxinanã.

N'As Flor de Puxinanã,  
Severino de Andrade,  
Chamado de Zé da Luz,  
Esbanjou capacidade,  
Usando os termos que ouvia  
Em sua simples cidade.

Existe até quem pergunte  
Se o rap é cordel;  
Respondo, não, pois o rap  
Não é escrito em papel,  
Não descende de Leandro  
E mora em outro quartel.

Por simples coincidência,  
Trabalha com o improvisado,  
Não tem a métrica rígida,  
Irregular, impreciso,  
Não é filho do Brasil,  
Diferenças que diviso.

Atualmente, o cordel  
Tem sido redescoberto,  
E nossos grandes poetas,  
Trilhando o caminho certo,  
Tiram-no do esquecimento  
E solidão do deserto.

Migrando, do meu Nordeste,  
Para outras regiões,  
Tem atraído os olhares  
E causado discussões,  
Conquistando mais espaço,  
Deixando suas lições.

Seu conteúdo é vasto:  
Pelejas e cantorias,  
Romances e desafios  
Com bois e cavalarias,  
Valores, façanhas, crimes,  
Histórias e fantasias.

Tem padres e cangaceiros,  
Gente da televisão,  
Desastres da natureza,  
Poder e corrupção,  
Bravura, fé, banditismo,  
Com Cícero e Lampião.

Registra o cotidiano,  
Com as notícias e fatos,  
Propaganda e louvação  
E incontáveis retratos  
Do dia a dia do povo,  
Nos seus incríveis relatos.

(...)

Registro, como exemplo  
De romance e aventura,  
Aquele que, desde os tempos  
Do livreto de brochura,  
E o cordel mais vendido  
De nossa literatura.

O Pavão Misterioso,  
Do grande José Camelo,  
Para muitos, do cordel,  
O verdadeiro modelo,  
Que ainda produz encanto  
Com o seu bonito apelo.

As Proezas de João Grilo,  
João Ferreira adaptou,  
Ariano Suassuna,  
No Auto, também usou  
O conto maravilhoso,  
Que o vento não levou:

A mais detalhada história,  
Entre todas que conheço,  
Os Cabras de Lampião,  
Inigualável, sem preço,  
De Manoel D'Almeida Filho,  
Eu cito, aqui, seu começo:

Entre os fatos mais falados  
Pelas plagas do sertão,  
Temos as grandes façanhas  
Dos cabras de Lampião,  
Mostrando quadros da vida  
Do famoso capitão.

Com A Peleja do Cego  
Aderaldo e Zé Pretinho,  
Firmino do Amaral,  
Sem tropeçar no caminho,  
Criou um texto imortal,  
Vou citar um pedacinho:

Apreciem, meus leitores,  
Uma forte discussão,  
Que tive com Zé Pretinho  
Um cantador do sertão,  
O qual, no tanger do verso,  
Vencia qualquer questão.

São exemplos de estilos,  
Citados para mostrar  
Que os textos de cordel,  
Como é fácil de notar,  
Misturam vários padrões  
Díficeis de separar.

Meu humilde pensamento  
Muito pouco acrescenta,  
Mas a classificação,  
Com certeza, não intenta  
Limitar nem deturpar  
O que ele representa.

Pois, sendo vivo, dinâmico,  
E sensível às mudanças,  
Muitas vezes, indomável,  
Durante as suas andanças,  
Ele é um camaleão,  
Fiel às suas heranças.

E, no presente momento,  
Procura novos caminhos  
E resgata o seu passado,  
Entre flores e espinhos,  
Projetando um futuro  
Isento de torvelinhos.

Usam temas sociais,  
A luta por igualdade,  
Pelos direitos humanos,  
A paz e a fraternidade,  
Sem cunho religioso,  
Mas em nome da verdade.

Mudam a sua linguagem,  
Sem buscar erudição,  
Para que o seu recado  
Chegue a cada *cidadão*,  
Tenha pouca, média ou  
Superior formação.

Em resumo, eis o *cordel*,  
Selo, rico, indefinível,  
Dinâmico, vivo, alegre,  
Brasileiro, inconfundível,  
Que continua poesia  
Popular, de grande nível.

Coloquei, neste trabalho,  
O que julguei importante,  
Resumi, pra não ficar  
Demorado e maçante,  
Espero ter conseguido  
Levar meu intento avante.

Carlos Alberto Fernandes

FERNANDES, C. A. O cordel conta a sua história. In:  
HAURÉLIO, Marco. Literatura de cordel: do sertão à sala  
de aula. São Paulo: Paulus, 2013, p. 127-143

Muitos autores se atreveram a contar a história da literatura de cordel. Baseando-se em evidências, hipóteses ou mera suposição, pesquisaram as origens, os grandes títulos, os mais notórios autores. No cordel acima, reproduzido em parte, de um poeta popular, Carlos Alberto Fernandes, o texto é composto em sextilhas de sete sílabas. O esquema de rimas das sextilhas é o tradicional X A X A X A.



# 3

## O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA

Neste encontro você vai:

- Ler o texto “A inocência de Simpliciano” e “Aventuras de Simpliciano”.
- Relacionar elementos dos textos que caracterizam a personagem principal.
- Conhecer o plano de leitura do livreto “Prosas Caipiras”.



### CONHECENDO A OBRA

Este é o livreto de literatura de cordel que iremos ler neste nosso projeto!

\* Você conhece esse livreto? E o autor dele?

---



---



---



---



---



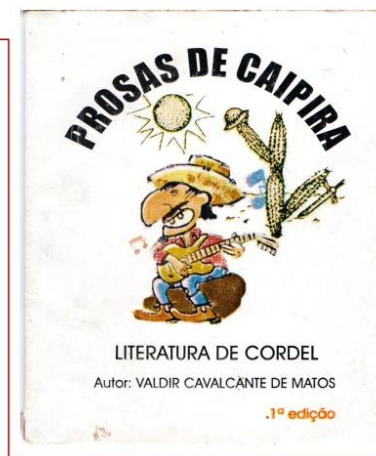
---



---



---



### LENDO

Agora, vamos ler um texto :

#### A INOCÊNCIA DE SIMPLICIANO

MATOS, V. C. de. Prosas de Caipira. 2. ed. Tucano-BA, 1999, p. 04-11





## LENDO

Agora, veremos como Simpliciano se sai na história contada neste outro texto:

### AS AVENTURAS DE SIMPLICIANO

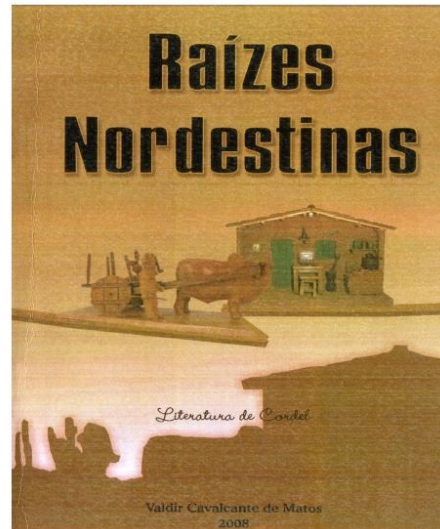
Cumade Sarapiana  
Da capitã da Bahia  
Mim telefonou um dia  
Pr'eu deixar a Bastiana  
Ir passar um'a sumaria  
Nas terra de Sarvador  
Mode eu passar num doutor  
Parece que tá demente  
Cuma quem eu sou lá gente  
De andar sintino dor!

Cum a sua teimosia  
Bastiana, minha véia  
Mudou as minhas idéia  
Mim injuano todo dia  
S'eu fosse você eu ia  
Num se brinca cum duença  
As veis num tem nem parença  
E a pessoa cai duente  
Deus deu a vida pra gente  
Pa nós cuidar dessa bença

Cumade Sarapiana  
É cumade e é parente  
Aqui da terra da gente  
Se criou cum Bastiana  
Fia da véia Donana  
Madrinha de Lixandrina  
Cuma ela é gente fina  
E teve a boa vontade  
Eu vou lá pr'essa cidade  
Pos doutor das medicina

Só que pa eu viajar  
Ninguém quiria ir mais eu  
Bastiana resolveu  
Dixe qui ia mandar  
Sarapiana isperar  
No lugar que ôimbus pára  
Na tale rodoviara  
Assim ficou acertado  
Cum o horaro marcado  
Eu só fui meter a cara

Mim jogaro no transporte  
Lá mim prantei assentado  
Mais mim vi aguniado  
Que cuage pidi a morte  
Um'a dor de barriga forte  
Se desapregou im mim  
Que pensei qu'era meu fim  
E gritei o motorista  
Pare aí no mei da pista!  
E mim joguei nuns capim



No meio da agunia  
No capim fui mispaiano  
Aos pouco fui mim livrano  
Daquela farofa fria  
Inquanto aquilo saía  
O motorista gritava  
Toda hora buzinava  
E eu cum toda demora  
Sei que quando saí fora  
O desgraçado num tava

Eu fiquei ali pensano  
Agora deu o diabo  
A porca intortou o rabo  
Fiquei sem isca pescano  
Sarapiana isperano  
Eu no mei do mundo atoa  
Cuma jegue quando amoa  
Rodano pa todo canto  
Mais cum ajuda dum santo  
Avistei um'a pessoa

Fui pra lá pidir socorro  
Contei o aconticido  
Ele cum um braço istindido  
Sigurano um cachorro  
Dixe, atrás daquele morro  
Tem mn ponto de parada  
Pode siguir a istrada  
Num'a casinha de barro  
Pode isperar o carro  
Siga a sua caminhada

E eu tava dano sorte  
Lá incrontei um senhor  
Que ia pa Sarvador  
Intão num errei o corte  
Logo passou o transporte  
Entrei e sigui istrada  
De barriga aliviada  
O motorista dispara  
E foi na rodoviara  
A derradeira parada

E eu sem saber de nada  
Fiquei ali assentado  
Chegou um home fardado  
Dizeno, ô camarada  
Esta é a última parada  
Chegamo no seu destino  
Fui saino ali de fino  
Gente que só foia de cana  
Nada de Sarapiana  
Vi aperto, seu minino!

Vi passano pur ali  
Um'a muié de barriga  
Proguntei, ô minha amiga  
Viu Sarapiana aí?  
E ela só fez sorrir  
Eu digo, é doida ou é muda?  
Parece qui num isluda!  
Tem vregonha de falar  
Nem pára, é só viajar  
Vai pra lá, sua barriguda!

Proguntei a um sujeito  
Que tava mueno cana  
Você viu Sarapiana?  
Ele dixesse jeito:  
O senhor tá cum defeito  
No apareio dos miolo?  
Eu falei, você quer rolo?  
Sujeito, você é quem  
Qui num cunhece ninguém?  
Mais qui camarada tolo!

Proguntei a mais de cem  
E ninguém mim deu nutiça  
Já tava dano prigiça  
Só de tanto vai e vem  
Sarapiana num tem  
Um cunhido na praça!  
E de tanto caça, caça  
A noite já tinha entrado  
E eu mim veno aguniado  
O paracé da disgraça!

Num lugar um meio iscuro  
Eu entrei num corredor  
Pur ali tinha um fedor  
Qui paricia um munturo  
Num'a parede dum muro

Avistei um camarada  
E dei um'a proguntada  
Cunhece Sarapiana?  
Ele dixesse, passe a grana  
E ricibi a pancada

Vinha chegano mais dois  
Vi o mundo iscurecer  
E a madeira descer  
Botei pra fora o arrois  
Cum muito tempo adispois  
Acordei aturduado  
Vinha chegano um sordado  
Eu vistido só de meia  
Fui levado pra cadeia  
E intregue ao delegado

Proguntou dos documento  
Ô seu doutor delegado  
Lá na rua fui robado  
Pur uns três ou mais cobrento  
Apanhei que nem jumento  
O qu'eu tinha, seu doutor  
Levaro, eu num vi a cor  
O doutor dixesse, seu Zé  
Mim diga quem você é  
De onde vem o senhor

Eu sou o Simpriciano  
Casado cum Bastiana  
Prima de Sarapiana  
Sou amigão de Herculano  
Fazendeirão de arto prano  
Home qui trabaia e cresce  
Qui pissui o qui merece  
Da Baixa do Calumbi  
Maior qui tem pur ali  
Vai dizer qui num cunhece!

Arrumaro uns vistimento  
Uns bermudão mei forgado  
Camisa aberta dos lado  
Eu intonei logo dento  
Num'a cama de cimento  
Mandar eu ficar deitado  
Mim falou o delegado  
Vai passar a noite aqui  
Mim agasaiei ali  
Virei a noite acordado

De manhã o delegado  
Mandou mim dá um café  
Dixesse, pode dá no pé  
O senhor tá liberado  
Inda mim deu uns trocado  
Pro mode eu vortar de vorta  
Vê se o senhor disintorta  
Guarde no bolso esses conto  
Tem aí na frente um ponto  
Pegue o ôinbus sete porta



Fiquei andano na rua  
 Já tava de perna morta  
 E nada de sete porta  
 Só via ôimbus de duas  
 Mais né a seprente nua!  
 De novo eu tou atolado  
 Num sei mais nem pra que lado  
 Ficou o meu Calumbi  
 Eu já tou perdido aqui  
 Eu vou de carro fretado

Proguntei a um rapais  
 Se tinha carro de frete  
 Ele gritou: ô pivete  
 Vai ali chamar o Brais!  
 E cum meia hora ou mais  
 Chegou um vei buzinano  
 E foi logo mim chamano  
 Entre aqui e vamo imbora  
 Tem dinheiro, eu levo agora  
 Onde tiver pricisano

Ô seu chofer, cê mim deixe  
 Im casa cum Bastiana  
 Qui vou lhe incher de grana  
 Dinheiro lhe dou um feixe  
 Inda lhe encho de peixe  
 Mio, farinha e feijão  
 Rapadura e requeijão  
 E bode assado na brasa  
 O simhor mim deixe im casa  
 Qui num se arrepende, não

E contei a minha histora  
 Foi qui o chofer intendeu  
 E já quis chorar mais eu  
 E já resolveu na hora  
 Pa vim mim trazer imbora  
 Pegou a mim proguntar  
 Se danemo a viajar  
 Sei que foi tanto amideio  
 Até qui o véio Brais veio  
 Mim trazer no meu lugar

Nunca mais quero saber  
 De ir atrais de doutor  
 Quem falar im Salvador  
 Eu já boto pra correr  
 Eu num quero mais nem ver  
 Cumade Sarapiana  
 Tomém o doutor sacana  
 Que quiser mim inzaminar  
 Vai ter qui mim percurar  
 Im casa cum Bastiana

(MATOS, V. C. de. Raízes nordestinas. Tucano-BA, 2008, p. 19-26)



## INTERAGINDO COM O TEXTO

\* Aponte características do personagem principal que mais te chamou atenção, exemplificando os elementos do texto.

---



---



---



---



---



---



---



---

## 4

O CORDELISTA TUCANENSE  
NA SALA DE AULA

Neste encontro você vai:

- Ler a biografia em cordel do autor do livro que estudamos.
- Conversar com o autor Valdir Cavalcante de Matos.



## CONHECENDO O AUTOR



Fonte: Acervo pessoal

A vocês que acompanham  
Esse texto em poesia  
Eu preparei estes versos  
Que são de minha autoria  
Deles vou me utilizar  
E assim apresentar  
A autobiografia

Eu sou Valdir Cavalcante  
De Matos é o meu nome  
Tenho em casa quatro irmãs  
Lá têm elas e dois homens  
Somos eu e meu irmão  
Família de união  
De onde a tristeza some

Minha mãe é a Evanice  
Meu pai o José Messias  
Sou casado, tenho três filhos  
Que só me dão alegria  
Pedro, Théo e José Vítor  
Os presentes mais bonitos  
Que Deus deu por companhia

Tenho uma mulher que amo  
Que é minha fortaleza  
Minha relação com ela  
É a cara da riqueza  
Riqueza sentimental  
De benção espiritual  
Minha vida é uma beleza

Nasci em setenta e quatro  
O mês seis e dia três  
Na fazenda Pé de Serra  
Lá meu início se fez  
Na cidade de Tucano  
De lá meus primeiros planos  
E a minha polidez

Cresci com esse perfil  
De educação do lar  
Educado com apoio  
Aprendi a respeitar  
Sempre com discernimento  
Devo esse crescimento  
Ao laço familiar

Entrei no mundo escolar  
Aos cinco anos de idade  
Já cheio de conhecimento  
Da minha realidade  
Foi o ponto inicial  
Do convívio social  
Em nova comunidade

Conclui ensino médio  
Aos meus dezessete anos  
Na formação magistério  
Na cidade de Tucano  
Fiz o concurso local  
No âmbito municipal  
Início de novos planos

Progredindo nos estudos  
Fiz minha graduação  
No campo da matemática  
Desafio em ação  
Em seguida veio a pós  
Na sequência, logo após  
O mestrado, a formação

Tenho uma habilidade  
Para arte literária  
Para o campo do cordel  
Nossa arte centenária  
Na escola dos sentidos  
Eu passei despercebido  
Na convivência diária



## 5

## O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA

### Leitura e Interpretação

Neste encontro você vai fazer:

- Leitura dramatizada de alguns textos do livro "Prosas de Caipira".
- Relação com outros textos que abordam as mesmas temáticas, explicitando possíveis intertextualidades.
- Compreensão dos textos estudados.



### LENDO

Agora, em grupo, vamos fazer a leitura dramatizada dos seguintes textos:

#### SAUDADE DE UM CAIPIRA

MATOS, V. C. de. Prosas de Caipira. 2. ed. Tucano-BA, 1999, p. 12-22

#### RECADÃO DO CORAÇÃO

MATOS, V. C. de. Prosas de Caipira. 2. ed. Tucano-BA, 1999, p. 36-41

#### ARRAIÁ DO CAIPIRA

MATOS, V. C. de. Prosas de Caipira. 2. ed. Tucano-BA, 1999, p. 42-47

Feita essa leitura, vamos ler mais dois textos:

#### Profundamente

Manuel Bandeira

Quando ontem adormeci  
Na noite de São João  
Havia alegria e rumor  
Estrondos de bombas luzes de Bengala  
Vozes, cantigas e risos  
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei  
Não ouvi mais vozes nem risos  
Apenas balões  
Passavam, errantes

Silenciosamente  
 Apenas de vez em quando  
 O ruído de um bonde  
 Cortava o silêncio  
 Como um túnel.  
 Onde estavam os que há pouco  
 Dançavam  
 Cantavam  
 E riam  
 Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo  
 Estavam todos deitados  
 Dormindo  
 Profundamente.

Quando eu tinha seis anos  
 Não pude ver o fim da festa de São João  
 Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo  
 Minha avó  
 Meu avô  
 Totônio Rodrigues  
 Tomásia  
 Rosa  
 Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo  
 Estão todos deitados  
 Dormindo  
 Profundamente.

Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/417676>>. Acesso em 08/06/2018

Amigo Locutor

Trio Parada Dura

Amigo locutor  
 Coloque por favor  
 Minha ligação no ar  
 Através de seu programa  
 Quero falar com quem amo  
 Preciso desabafar

Sei que do outro lado  
 Seu rádio está ligado  
 Ela jamais perde um programa seu

Caro amigo locutor  
 Ela é a mulher mais bela  
 Foi a única maneira que encontrei  
 Pra revelar tudo o que sinto por ela

Sei que está me ouvindo  
 Não vou demorar  
 Vida minha só sei te amar  
 Tudo em mim é solidão  
 É uma barra esta paixão  
 Vem correndo me encontrar

Estou quase louco  
 Vou morrendo aos poucos  
 Solidão atíça meus desejos

Amor preciso desligar  
 Confesso mal posso esperar  
 Pra saciar minha fome de beijos

Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/trio-parada-dura/amigo-locutor/>>. Acesso em 08/06/2018



## INTERAGINDO COM OS TEXTOS

\* De qual texto você mais gostou? Por quê?

---



---



---

\* De que tratam os cordéis lidos?

---



---



---



---



---

\* Quais as semelhança nos temas abordados nesses textos?

---



---



---



---





## AVALIANDO O ENCONTRO

\* Dos objetivos pretendidos para nosso encontro, qual(is) dele(s) foi(foram) atingidos?

---

---

---

\* O que você aprendeu neste encontro?

---

---

---

\* O que pode melhorar em nosso próximo encontro?

---

---

---

## 6

## O CORDEL TUCANENSE NA SALA DE AULA

### Leitura e Interpretação

Neste encontro você vai fazer:

- Estudo dos textos "O analfabeto político" e "Conselhos de um político que não perde as eleições".
- Assistir ao Vídeo: O analfabeto político, baseado em texto de Bertold Brecht.
- Relação do conteúdo do poema apresentado no vídeo aos cordéis lidos.



### LENDO

Agora, vamos ler um texto :

#### O ANALFABETO POLÍTICO

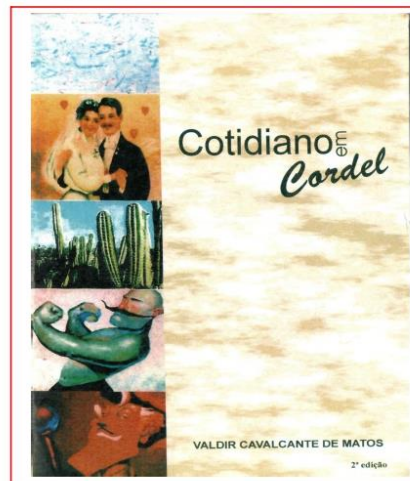
MATOS, V. C. de. Prosas de Caipira. 2.ed. Tucano-BA, 1999, p. 24-35

#### CONSELHO DE UM POLÍTICO QUE NÃO PERDE AS ELEIÇÕES

Ser político hoje em dia  
Não vejo dificuldades  
Basta que tenha um bom papo  
Falando meias verdades  
Um dramática conversa  
Impraticáveis promessas  
Ter sempre algo a fazer  
Pra ter o prazer de dizer  
Aguarde que estou com pressa

E quando o eleitor  
Chegar pedindo um colchão  
Dê um abraço apertado  
E um aperto de mão  
Chorando você contesta  
Não me peça uma coisa desta  
Não posso nem me vestir  
Se voltar a insistir  
Sapeque um beijo na testa

Se alguém quiser viajar  
Um desses necessitados  
E lhe pedir a passagem  
Jogue num carro do Estado



Já pago pela nação  
Já paguei a condução  
Pra ele você explica  
Pode deixar que ele fica  
Lhe devendo obrigação

Quando encontrar um roceiro  
 Chame logo de compadre  
 Pergunte pelo seus filhos  
 Como que está e comadre  
 Pergunte pela vizinha  
 Pelo Zé, pela Zefinha  
 O irmão, primo, cunhado  
 A plantação do roçado  
 E a criação de galinha

Quando subir no palanque  
 Prometa o que vir na cuca  
 Cabelo para os carecas  
 Sem precisar de peruca  
 Estudo remunerado  
 Fim do trabalho pesado  
 Um salário de valor  
 Para o trabalhador  
 E dois pra o desempregado

Não esqueça de também  
 Prometer reduzir tudo  
 O custo dos alimentos  
 O tempo para os estudos  
 A fome, a mortalidade  
 Também os anos de idade  
 Para aposentadoria  
 O horário do meio dia  
 E a distância das cidades

Prometa eletrificar  
 Toda a zona rural  
 A casa do lavrador  
 O depósito, o curral  
 Prometa gado leiteiro  
 E recursos financeiros  
 Pra comparem até jumentos  
 E prometa calçamento  
 Pra calçar todo terreiro

Prometa roubar ladrão  
 E assassinar assassino  
 Irrigar de ponta a ponta  
 Todo sertão nordestino  
 Levando água a baixios  
 Enchendo tanques vazios  
 Em cada roça uma fonte

Prometa colocar ponte  
 Até onde não tem rio

Prometa muito convicto  
 Com muita sinceridade  
 Com firmeza, pra que o povo  
 Tenha credibilidade  
 Desta forma eu lhe garanto  
 Depois que prometer tanto  
 Se quiser se garantir  
 Prometa também subir  
 A serra do Monte Santo

Quando se aproximar  
 A data da eleição  
 Passe na rua de todos  
 Acenando com a mão  
 Beije toda criança  
 Os velhinhos e as velhinhas  
 A mão que aparecer pegue  
 Dê bom dia até a jegue  
 E coma café com farinha

Gastar só com propaganda  
 Na época da eleição  
 Muitos elogios no rádio  
 Melhor na televisão  
 Visite os presos na cela  
 Freqüente igrejas, capelas  
 Festas, peças teatrais  
 Estádios e hospitais  
 Não falte a uma sentinela

Se seguir de ponta a ponta  
 O que dizem os conselhos  
 Se o objetivo é lucro  
 Faça deles seu espelho  
 Será um governo perfeito  
 Vereador ou prefeito  
 Deputado até, portanto  
 Desta forma lhe garanto  
 No mínimo será eleito



(MATOS, V. C. de. Cotidiano em cordel, 2. ed. Tucano-BA: Editora Tibiricá, 2008, p. 11-13)



## DIALOGANDO COM A TURMA

\*Após a leitura dos dois cordéis, caracterize os eu lírico neles representados.

<hr/> <hr/> <hr/>
-------------------





A large rectangular frame containing a series of horizontal lines for writing. At the bottom of the frame is a solid red horizontal bar.

## AVALIANDO O PROCESSO DA PRODUÇÃO INICIAL

\* Descreva como ocorreu a escrita do cordel no teu grupo, mencionando a tua participação nesta etapa.

---

---

---

---

---

---

---

---

\* O que você achou do texto escrito por teu grupo? Comente.

---

---

---

---

---

---

---

---

## 8

## COMO FALA O CORDEL

Neste encontro você vai fazer:

- Leitura dos textos “Confusão de Língua” e “Vocabulo maneiro”.
- Análise das variedades linguísticas empregadas nos cordéis.
- Produção de uma sextilha empregando determinada variedade linguística.



## LENDO

Agora, vamos ler um texto :

## CONFUSÃO DA LÍNGUA

Meu pai o Ri de Janeiro  
 É um mundo sem fim de roça  
 Lá num tem um'a carroça  
 Num tem um pai de chiqueiro  
 Num tem um pé de imbuzeiro  
 Êta mundão deferente  
 Tem mil cabeça de gente  
 Qui chega dá agunia  
 Fui tentar contar um dia  
 Andei ficano duente

É um povo tudo estranho  
 Qui vida doida é aquela!  
 Cum tudo o povo se mela  
 Toda hora toma banho  
 Num tem sirviço pa ganho  
 Nem de monda nem capina  
 Num se acha um'a minina  
 Pa fazer camaradage  
 Quem disgraça é a language  
 Qui a de nós num combina

Tudo mitido a falante  
 Num sabe o qui é discunjuro  
 Qui muié de coco duro!  
 Eu vou ispricar nestante  
 Discunjuro, gonorante  
 É a merma coisa de oxente  
 Vôte! Vixe! É deferente!  
 Lá num se diz assim não  
 Diz qui é dmiração  
 Ou se diz, nossa! Ou diz, gente!

Ontá a voz de meu povo?  
 Ontá! O qui é ontá?  
 Num se fala isso lá  
 Ontá é um nome novo  
 Mim ispricar de novo  
 A progunta é onde está  
 Lá num se progunta ontá  
 E pro falar im progunta  
 Tem outa ispricação junta  
 Fala pergunta por lá



Muié de beleza é gata  
 Eu fui cum um'a na praia  
 Ela tirou a sandaia  
 Eu tirei a zaprecata  
 Demo uns nó qui num disata  
 E fumo logo pra casa  
 Pinquei imbaixo da asa  
 Dividi a minha rede  
 Dispois de matar a sede  
 Misquentei cuma um'a brasa

Adispois dos pano junto  
 Misturamo o linguajar  
 E cumeçamo a falar  
 Todos dois no mermo assunto  
 Toda hora mim progunto  
 Quem de nós que fala certo  
 Ou intorto ou incunserto  
 Pode falar deferente  
 Eta gota, vôte, oxente  
 O bom é ter ela perto

É minha língua ou a dela  
 Quale é que vou falar?  
 É urinar ou mijar?  
 É tórax ou é titela?  
 É dar bronca ou passar rela?  
 Impressionado ou invocado?  
 Irritado ou arretado?  
 É jamanta ou homem forte?  
 É homem de muita sorte  
 Ou é um cara cagado?

É de merma ou verdadeira?  
 É perceber ou dá fé?  
 É esposa ou é muié?  
 É última ou derradeira?  
 Diarréia ou caganeira?  
 Ganhar mundo ou viajar?  
 Meter peito ou arriscar?  
 Ser graúdo ou ser gigante?  
 Daqui a pouco ou nestante?  
 É pensar ou matutar?

É flores ou é fulor?

Fala-se quando ou conde?  
 Se diz aonde ou adonde?  
 É senhor ou é só sô?  
 É merda ou é cocô?  
 É antonce ou então?  
 É bocoió ou bobão?  
 É bem vestido ou lorde?  
 É por causa ou pro mode?  
 É lordeza ou distração?

É argum'a ou alguma?  
 É cebesta ou é bobagem?  
 Pano de bunda ou bagagem?  
 Fala-se como ou cuma?  
 É bastante ou um'a ruma?  
 Num sei mais nem o que samo  
 E nem tomém onde tamo!  
 Minha língua quage istora  
 Pur isso queu vim simbora  
 Juntei tudo e dixei, ramo!

(Raízes nordestinas, p. 29-32)



## INTERAGINDO COM O TEXTO

\* Para você, qual é a intenção do cordelista em apresentar duas variedades linguísticas distintas?

---



---



---



---

\* O que você acha do uso dessa variedade apresentada pelo cordelista (ou outras que não sejam a variedade padrão) nos textos literários?

---



---



---

\* Quais textos você conhece que não empregam a variedade padrão?

---



---



## LENDO

Agora, vamos ler um texto :

### VOCÁBULO MANEIRO

A juventude de hoje  
Para se comunicar  
Criou um novo sistema  
Que agora vou usar  
Um novo vocabulário  
Que a gíria popular

Saca essa, muito doido  
Vá fundo, segura a tora  
Joga a perna aí maluco  
Marcou bobeira dá, o fora  
Sou boca de zero nove  
Muito cheio de nove hora

Não vacila na maré  
Pra não tomar banho de surra  
Sacou, Cabeça de gelo?  
Não esquentá, não empurra  
Tarei nesse pique louco  
Da pantera loira burra

Pintou clima na parada  
Se dormir no ponto é lento  
Pintou sujeira na área  
Pega leva, elemento!  
Velho, otário de galocha  
Queixo duro de cimento

Grande, boca de escopeta  
Mexe a bufunfa, o boró  
Cai na rama, poca olho  
Enche a cara de goró  
Capricha aí malandragem  
Diga lá, qual é o pó?

Se liga nessa meu pai  
Pisou na bola já era  
Qual é o bicho? Diga boca

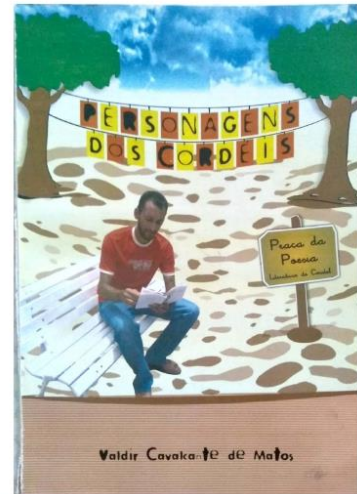
Dá um tempo, fala fera  
Valeu barão! Tô ligado!  
Tá legal, vou pra galera

Crânio, cobra, camarada  
Tá no clima? Tudo ok!  
Não vou entrar de gaiato  
Tô aqui porque cheguei  
Dá-lhe brother, meu irmão  
Pegue essa onda meu rei

Que onda é essa, caramba?  
My brother, cai na real  
Bote quente, jogue duro  
Jogue essa ginga fatal  
Caraca mano, sinistro!  
Cara, pô meu, que moral!

Bater um baba, rangar  
Pegar mina, dar um grau  
Cheio da loira gelada  
Com baseado, tá mal  
Mala, prego, peba, paia  
Queixão e cara de pau

Foi pelo cano, deu cana  
Tá pê da vida, ferrado  
Puxar erva é sujeira  
É lero de abilolado  
Neste papo não sou milho  
Droga é papo furado



(MATOS, V. C. de. Personagens dos cordéis. Tucano-BA, 2008, p. s/p)



## INTERAGINDO COM O TEXTO

\* Que exemplo de variação é apresentado no texto acima?

---



---

\* É comum os textos apresentarem a variação trazida no cordel “Vocabulo maneiro”

---



---



## EXPLORANDO A LINGUAGEM DO TEXTO

\* Indique algumas das expressões típicas apresentadas no cordel que sejam atuais e outras que não mais sejam empregadas.

---



---

\* Atualize as palavras ou expressões que já não são mais empregadas. Dê exemplos de outras palavras e expressões empregadas atualmente.

---



---



## AGORA É SUA VEZ

\* Em trio, escreva uma sextilha sobre um tema desejado, empregando a variedade linguística determinada.

---



---



---



---



---



---



---



## AVALIANDO O ENCONTRO

\* Destaque algo que você considere interessante nos cordéis lidos hoje?

---

---

---

\* Qual é seu posicionamento em relação ao emprego de variedades não padrão nos textos literários? E na literatura de cordel?

---

---

---

---

\* O que você achou da aula de hoje?

---

---

---



## 9

## DE QUE FALA O CORDEL

Neste encontro, você vai fazer:

- Socialização das produções do encontro anterior.
- Leitura dos textos “Absurdo de um poeta” e “Saudades do meu recanto”.
- Reconhecimento das temáticas abordadas nos cordéis lidos.



## MOSTRANDO

Na última aula, em trio, produzimos sextilhas enfatizando as variações linguísticas. Agora, vamos fazer a leitura das estrofes produzidas para socializar o conhecimento construído.



## LENDO

Agora, vamos ler os textos:

## ABSURDOS DE UM POETA

Na cabeça de um poeta  
 Pode se passar de tudo  
 Domina uma arte nata  
 Que não se aprende em estudo  
 Sou capaz de transformar  
 Divertir, emocionar  
 Em outro ser penetrar  
 E viajar no absurdo

Sou capaz de me sentar  
 Na carteira de trabalho  
 Abrir a boca da noite  
 Mostrar os dentes de alho  
 Num passeio sem viagem  
 Com a ponta da passagem  
 Pintar uma tatuagem  
 Numa colcha de retalhos

Pulo o pé de uma estrofe  
 Para não pisar no calo  
 Desmonto um motor inteiro  
 Para montar num dos cavalos  
 Sou capaz, não desminta  
 Com a arte que se pinta  
 Pinto, crio pra virar galo

Pedalando bicicleta  
 Dou uma volta de prata  
 E de um gato de luz  
 Faço namoro com a gata  
 E dos cabelos de Ana  
 Faço cachos de banana  
 E desato nó de cana  
 Coisa que ninguém desata

No rádio que tem o braço  
 Eu coloco uma antena  
 Pego uma asa de xícara  
 E tiro todas as penas  
 Na coberta me acoberto  
 Que o Brasil foi descoberto  
 Na quina da porta acerto  
 E levo o prêmio da Sena

Se a menina me der bola  
 Parto com ela no arranco  
 Contundindo a junta médica  
 Machucando o pé do banco  
 Dando de peito e barriga  
 Pouco ligo se tem liga  
 Se tiver um pé de briga  
 Ponho em cada, um tamanco

A bolacha do joelho  
 Como com chá de canela  
 Pego a menina dos olhos  
 E beijo na boca dela  
 Coloco chapa em pente  
 Substituindo os dentes  
 Arranco os dentes da frente  
 Ponto o carro na banguela

Em uma folha de árvore  
 Escrevo carta e bilhete  
 Na cabeça de repolho  
 Eu coloco capacete  
 Pneu de careca lisa  
 De peruca é que precisa  
 Com a manga da camisa  
 Fabrico suco e sorvete

Até nos olhos das plantas  
 Eu ponho óculos de grau  
 Faço nó, laço e laçada  
 Com uma corda vocal  
 Laço ponta de cigarro  
 Ponho vela em bolo de barro  
 Até em banco de carro  
 Eu deposito real

Sou capaz de colocar  
 Luva em mão de pilão  
 Com o joelho da perna  
 Fazer uma encanação  
 A câmara dos deputados  
 Tiro de um pneu furado  
 Pra não ficar preocupado  
 Com o futuro da Nação

Até em braço de pua  
 Ponho relógio e pulseira  
 Retiro a manga madura  
 E a água da mangueira  
 Jogo de baixo pra cima  
 Para refrescar o clima  
 E com martelo de rima  
 Prego a chuleadeira

O poeta é meio louco  
 Outro poeta dizia  
 Alimenta-se de rima  
 Ingere aquilo que cria  
 Anti-higiênico, confesso  
 Mastiga e engole verso  
 Passa por todo processo  
 Pra defecar poesia.

(MATOS, V. C. de. Personagens dos cordéis. Tucano-BA, 2008, p. s/p)





## LENDO

Agora, vamos mais ler um texto :

### SAUDADES DO MEU RECANTO

Por onde anda meu campo!

O homem a todo momento  
Planta árvores de cimento  
Forra o chão com calçamento  
Escondendo a flor da terra  
Criando uns bichos de ferro  
Neste erro eu não erro  
Quero ter meu pé de serra

Quero de volta meu campo!

É lá que o girassol gira  
Que o planeta transpira  
Que o sopro do ar inspira  
Meus versos, minha poesia  
É lá que eu sinto paz  
No meio dos animais  
Sob o som dos cardeais  
Que só me dão alegria

Quanta saudade do meu campo!

Lá eu multiplico e somo  
De lá eu tiro o que como  
Eu vejo a água que tomo  
Eu molho os pés no orvalho  
É lá que piso no verde  
Vou à fonte e mato a sede  
Tiro cochilo na rede  
Dependurada no galho

Ah, que saudade do campo!

Do solo que dá meu pão  
Da cor da vegetação  
Do galo que cava o chão  
Pra dar comida às galinhas  
Quanta saudade que é  
Da baraúna, o quipé  
O fruto fresco no pé  
A seriguela e a pinha

Quero voltar pro meu campo!

Quero ver com mais amor  
O beijo do beija-flor  
O Sol nascer e se pôr  
Na distância do horizonte

A aranha tecer a teia  
O meu rastro na areia  
O luar que se apeia  
No infinito atrás dos montes

Quem vai devolver meu campo?

Eu preciso ouvir em massa  
O pássaro cantar de graça  
Ver as nuvens sem fumaça  
Cobrindo o azul celeste  
Ver o nosso agricultor  
Plantando e colhendo amor  
Com seu suor vencedor  
Molhar a roupa que veste

O que houve com meu campo?

Cadê as verdes florestas?  
Os bichos fazendo festa?  
O pouco que ainda resta  
Não tem sequer proteção  
Não quero criar deserto  
Quero ter verde por perto  
Manter o solo coberto  
Por vasta vegetação

Quero viver lá no campo!

Lá tenho tranquilidade  
Longe das atrocidades  
Do barulho das cidades  
Da moradia insegura  
Lá vivo sem reclamar  
Sou livre para voar  
Posso me deliciar  
Da fruta fresca madura

Como é bom estar no campo!

No campo eu me sinto gente  
Paz e sossego na mente  
É lá que vejo a semente  
Brotar na face do solo  
Lá é meu paraíso  
Tem tudo que eu preciso  
Suavemente deslizo  
Na grama que deito e rolo

Faço tudo por meu campo!

Sou defensor no capricho  
 Pode dizer que é um lixo  
 Pode me chamar de bicho  
 Triste quem não o conhece!  
 Não tem oportunidade  
 De viver em liberdade  
 Não goza a felicidade  
 Que o ser humano merece

Ainda volto a meu campo!

Pra ver a ave que voa  
 Ouvir o grito que ecoa  
 O sapinho na lagoa  
 Coaxar na trovoada  
 Diversas fontes vocais  
 Concertos especiais  
 Orquestras de animais  
 Perfeitamente afinadas

Quando estiver no meu campo!

Quero voltar à cidade  
 Para dizer mil verdades  
 Acordar a humanidade  
 Tentar salvar o planeta  
 Quando voltar ao meu campo  
 Vou chamar o pirlampo  
 Clarear da noite um tanto  
 Pra brincar com as borboletas

(MATOS, V. C. de. Personagens dos  
 cordéis. Tucano-BA, 2008, p. s/p)



## INTERAGINDO COM OS TEXTOS

\* O que são os “absurdos de um poeta” que o cordelista apresenta no primeiro texto?

---



---

\* Destaque alguns desses absurdos que você considere interessante.

---



---



---

\* Qual é o assunto abordado no segundo texto?

---



---

\* Quais assuntos você acha que devem ser abordados na literatura de cordel?

---



---



---





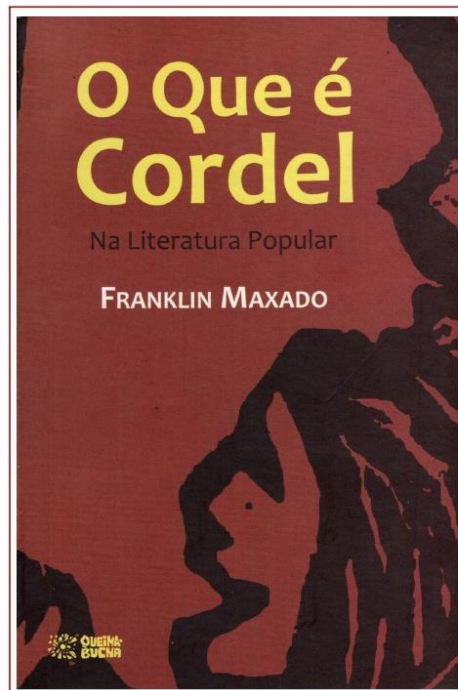


## CLASSIFICANDO

Os cordéis são classificados por diversos critérios. Franklin Maxado, cordelista e estudioso do cordel, apresenta, em seu livro “O que é cordel na literatura popular” (MAXADO, 2011, p. 65-102), uma classificação que considera o conteúdo dos textos e o estilo do autor.

Acompanhe a apresentação dos slides com a classificação e os exemplos dados pelo autor:

- \* De época ou ocasião;
- \* Históricos;
- \* Didáticos ou educativos;
- \* Biográficos
- \* De louvor e homenagens;
- \* De propaganda política e comercial;
- \* Promoção pessoal e anonimato;
- \* Pasquim ou de intriga;
- \* De safadeza ou putaria;
- \* Maliciosos ou de cachorrada;
- \* Cômicos ou de gracejos;
- \* De bichos ou infantis;
- \* Religiosos ou místicos;
- \* De profecias ou eras;
- \* De filosofia;
- \* De conselhos ou de exemplos;
- \* De fenômenos ou de casos;
- \* Maravilhosos ou mágicos;
- \* Fantásticos ou sobrenaturais;
- \* De amor ou de romance amoroso;
- \* De bravura ou heroicos;
- \* Vaquejadas;
- \* De presepadas ou dos anti-heróis;



Observação: A classificação não é exclusiva, ou seja, um folheto pode estar enquadrado em vários ciclos ao mesmo tempo, por apresentar mais diversos temas ou por ter elementos de gêneros variados.



## AVALIANDO O ENCONTRO

\*Que texto produzido por teus colegas você considera mais interessante? Por quê?

---

---

---

---

\* Quais dos dois cordéis lidos na aula de hoje chamou mais a tua atenção? Por quê?

---

---

---

---

\* O que você achou da aula de hoje?

---

---

---

---



# 10

## CORDEL EM FORMA

Neste encontro você vai fazer:

- Leitura dos textos “bambolê da Embolada” e “Poema do Ente”.
- Estudo da forma composicional do cordel no níveis gráfico-espacial e fônico.



### LENDO

Agora, vamos ler mais um cordel:

#### BAMBOLÊ DA EMBOLADA

Na poesia, no verso  
 Eu trago a rima traçada  
 Levo laçada na língua  
 A frase feita e falada  
 Para lhe desafiar  
 Brincando no linguajar  
 No bolo de embolada

Eu topo tapa no tato  
 Eu tapo o papo do pato  
 Eu bato a pata do gato  
 Eu rapo a papa do prato  
 Eu boto o gato no rato  
 O pato parte ao mato  
 Eu papo o pato no ato

Eu cato os cacos do coco  
 Eu cato contando os cacos  
 Cavaco a casca do toco  
 Coloco as cascas no sacco  
 Eu como o coco e descasco  
 O cágado come no casco  
 Corto do coco três tacos

Eu caço a caça no mato  
 Eu mato a caça que caço  
 A corsa coçando o casco  
 A caça que caço, asso  
 Coloco a caça no sacco  
 A caça sai do buraco  
 Eu caço a caça no encaço

O bobo bole no bolo  
 O bêbado bole no bobo  
 O bêbado bebe no bar  
 E bebe a baba do lobo  
 O lobo lambeu a bala  
 O bobo levou a mala  
 O bêbado bolou no globo

Pra comprar peixe na praia  
 Pego a prata da patroa  
 Se Ciça sair de saia  
 Beijo a bela boca boa  
 Tiro três tigres da toca  
 Fico fora da fofoca  
 Desatento, todo à-toa

Vem cá gago, toca o gado  
 Bota o gado magro, gago  
 Traga água em engradado  
 Pegue pouca, cobre, pago

Beba da boa bebida  
 Deixo a dívida dividida  
 Pego toda tropa, trago

No bambolê da embolada  
 Lacei o laço da rima  
 Puxei de cima para baixo  
 levei de baixo para cima  
 Deixei a língua dançar  
 Para a língua não inchar  
 A poesia termina

(MATOS, V. C. de. Personagens dos cordéis. Tucano-BA, 2008, p. s/p)



## INTERAGINDO COM O TEXTO

\* O que você achou do ritmo do cordel lido? Explique.

---

\* Quantos versos tem cada estrofe? O texto apresenta a mesma estrutura de estrofes dos outros lidos nas aulas anteriores?

---



---

\* Quais versos rimam em cada estrofe?

---



---



## LENDO

Agora, vamos ler mais um cordel:

### POEMA DO ENTE

A vida da gente  
 É cheia de repente  
 Que a gente nem sente  
 Por isto, invente  
 Não seja inocente  
 Não pare, não sente  
 Faça diferente  
 Vez em quando tente  
 Se infelizmente  
 Errar novamente  
 Erga, siga em frente  
 Na mesma corrente  
 Porque nossa mente  
 É mais um presente  
 Que naturalmente  
 O Onipotente  
 Douo ao vivente  
 É algo excelente  
 Sensacionalmente  
 Como uma enchente  
 Que pela tangente  
 Espalha a semente  
 Pra futuramente  
 Mais um descendente  
 Gigante, valente

Com unhas e dentes  
 Lutar fortemente  
 Pelos mais carentes  
 De um país crescente  
 Onde o povo crente  
 Necessariamente  
 Necessita urgente  
 De um costa quente  
 Que só Deus Clemente  
 Muda totalmente  
 Pois praticamente  
 Sendo persistente  
 Você felizmente  
 Se torna existente  
 Falei claramente  
 Pra que o corpo aguente  
 Não fique doente  
 Eu vou finalmente  
 Parar, certamente  
 Nossa quanto ente!

É isto somente.



## INTERAGINDO COM O TEXTO

\*O que você acha da estrutura do cordel acima (estrofes e rimas)?

---



---



---



## ESTUDANDO

A estrutura dos poemas em cordel segue regras de métrica e rima rígidas.

Listamos abaixo os modelos mais empregados atualmente. :

### \*Sextilha

O cordel geralmente é escrito em forma de sextilha, estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas, rimando entre si o segundo, o quarto e o sexto versos. Para exemplificar, segue abaixo a primeira estrofe do cordel "O Cavalo que Defecava Dinheiro", de Leandro Gomes de Barros:

*Na cidade de Macaé* (X)  
*Antigamente existia* (A)  
*Um duque velho invejoso* (X)  
*Que nada o satisfazia* (A)  
*Desejava possuir* (X)  
*Todo objeto que via* (A)

Observe que essa estrofe, e as seguintes, têm sete sílabas poéticas.

*Na/ci/da/de/de/Ma/caé*

### \*Setilha

A setilha, estrofes de sete versos, tem a seguinte rima: o segundo, quarto e o sétimo verso rimam entre si e o quinto e sexto têm uma segunda rima entre si. Como exemplo, segue abaixo o cordel "A chegada de Lampião no inferno", do poeta José Pacheco da Rocha.

*Um cabra de Lampião* (X)  
*Por nome Pilão Deitado* (A)  
*Que morreu numa trincheira* (X)

*Em certo tempo passado* (A)  
*Agora pelo sertão* (B)  
*Anda correndo visão* (B)  
*Fazendo mal-assombrado* (A)

### \*Décima

A décima, mais usada pelo repente, é uma estrofe de dez versos de sete sílabas poéticas, ela é o gênero usado pelos cantadores repentistas para os versos de morte. Nas décima, as rimas são: o primeiro verso rima com o quarto e quinto, o segundo rima com terceiro, o sexto rima com o sétimo e décimo, e o oitavo rima com o nono. Segue abaixo a primeira estrofe do poema "A inocência de Simpliciano", primeiro cordel do livreto Prosas de caipira, de Valdir Cavalcante de Matos.

*Meu nome é Simpliciano* (A)  
*Casado cum Bastiana* (B)  
*Namorei uma sumana* (B)  
*Vivo junto à trinta ano* (A)  
*Sou caipira baiano* (A)  
*Vivo aqui nesse mundão* (C)  
*No interior do sertão* (C)  
*No nordeste do nordeste* (D)  
*Adonde o caba da peste* (D)  
*Sofre pa ganhar o pão* (C)





## AGORA É SUA VEZ

\* Em dupla ou trio, escreva uma estrofe de cordel, numa das estruturas estudadas sobre nossas aulas no desenvolvimento desse projeto.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



## AVALIANDO O ENCONTRO

\* Quais dos dois cordéis lidos na aula de hoje chamou mais a tua atenção? Por quê?

---

---

\* Para você, qual é a estrutura de cordel melhor de se ler? Por quê?

---

---

---

\* Você acha que alguma dessas estruturas seja mais fácil de ser produzida? Explique.

---

---

---







A large rectangular frame containing a series of horizontal lines for writing. At the bottom of the frame is a solid red horizontal bar.

## AVALIANDO O PROCESSO DA PRODUÇÃO FINAL

\* Descreva como ocorreu a reescrita do cordel no seu grupo, mencionando a sua participação nesta etapa.

---

---

---

\* O que mudou no texto do texto grupo nesta última versão?

---

---

---

---

\* O que você achou do texto escrito por teu grupo? Comente.

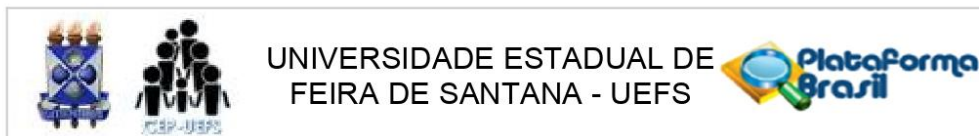
---

---

---

---

## ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O CORDEL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO

**Pesquisador:** MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 79257017.5.0000.0053

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Feira de Santana

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.494.330

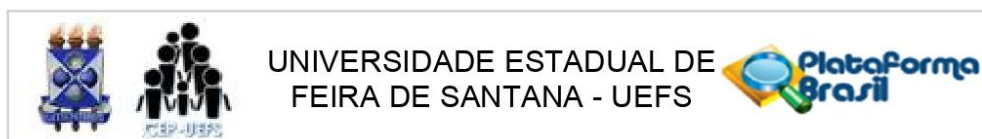
#### Apresentação do Projeto:

Trata-se do projeto de mestrado de Manoel Cleriston Luna Cavalcante, do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Estadual de Feira de Santana, sob a orientação do professor Dr. Patrício Nunes Barreiros.

“O presente trabalho de pesquisa apoia-se em metodologias relacionadas a um paradigma fenomenológico-interpretativo de natureza qualitativa em educação. [...] Assim, o presente estudo, uma vez que o objeto investigado é a nossa própria prática docente, insere-se no campo das pesquisas do tipo intervenção. [...] Para efetivar a proposta será utilizada a pesquisa bibliográfica, para fundamentar o estudo; e documental, como o Plano Político Pedagógico (PPP) da escola, o qual embasa o processo de ensino aprendizagem ali efetivado. Em seguida, será traçado um diagnóstico situacional a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com os professores do componente curricular Língua Portuguesa e da aplicação de questionários abertos aos alunos-alvo desta empreitada. É válido ressaltar que para consignar os dados recolhidos durante o processo de pesquisa será utilizado o diário de bordo.

O público-alvo da pesquisa e intervenção proposta será uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Madre Paulina, localizada no distrito de Caldas do Jorro, Tucano-

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.494.330

BA. Esta turma será submetida à realização de questionários, para conhecer seu contexto social, seus hábitos cotidianos, suas práticas de leitura e escrita e suas condições de acesso e uso das tecnologias de informação e comunicação. Os resultados desta investigação serão analisados e, posteriormente, apresentados por meio de relato de experiência". (Formulário Plataforma Brasil, p. 2).

O proponente apresenta cronograma de atividades do período de julho de 2017 a outubro de 2018, com previsão de coleta de dados a partir de março de 2018. Apresenta orçamento total de R\$ 4.149,00, com contrapartida institucional,

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

"Elaborar um Projeto de Intervenção, organizado numa sequência didática, visando à promoção do letramento literário dos alunos, utilizando o gênero cordel como instrumento capaz de contribuir para a formação deles enquanto leitores/escritores críticos, propiciando-lhes situações favoráveis à expressão de suas subjetividades ou de posicionamentos sobre seus contextos sociais por meio da escrita criativa." (Formulário Plataforma Brasil, p. 3).

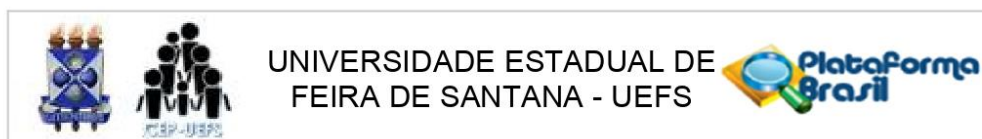
Objetivo Secundário:

"a) Possibilitar, aos alunos, a prática da leitura do cordel, reconhecendo seu uso efetivo e esfera de circulação; b) Proporcionar aos alunos experiências de letramento literário e digital; c) Apresentar a literatura como forma de reflexão da subjetividade e de posicionamento social; d) Fomentar nos alunos o protagonismo juvenil direcionado à sua expressão através da produção de textos orais e/ou escritos; e) Possibilitar a aproximação entre alunos e leitura e escrita literárias, com base em uma metodologia que leve em consideração as suas relações com as mídias digitais." (Formulário Plataforma Brasil, p. 3)

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos da pesquisa apresentados pelo proponente são: "Não há riscos diretos à integridade dos participantes da pesquisa. Podem haver situações de constrangimento, medo ou vergonha que serão minimizadas pelo respeito à individualidade e aos limites do participante e por meio de ações de conscientização de todos os envolvidos quanto ao respeito às diferenças e opiniões alheias." (Formulário Plataforma Brasil, p. 4).

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.494.330

Já no TCLE, os riscos estão assim descritos: “É possível que ele(a) [a criança que participará da pesquisa sinta vergonha, medo ou passe por algum constrangimento na desenvoltura das ações, possibilidade minimizada por ações que estimulem o respeito à individualidade e aos limites do participante e por meio de ações de conscientização de todos os envolvidos quanto ao respeito às diferenças e opiniões alheias”.

No TALE, são apresentados como riscos: “É possível que você sinta medo, vergonha ou sofra algum constrangimento no desenvolvimento de alguma ação, possibilidade minimizada pelo respeito a sua individualidade e seus limites como participante e por meio de ações de conscientização de todos os envolvidos quanto ao respeito às diferenças e opiniões alheias”.

Com relação aos benefícios, o proponente informa que: “Os benefícios da pesquisa são: possibilidade de ampliação da capacidade leitora e escritora dos sujeitos, assim como o despertar do senso crítico e maior possibilidade de participação ativa em seu meio social..” (Formulário da Plataforma Brasil, p. 4 e TCLE).

No TALE, os benefícios estão assim descritos: “há coisas boas que podem acontecer com a participação neste projeto, pois sua realização poderá vir a aprimorar melhor a sua leitura e escrita, sua participação em sala de aula”.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Consideramos que o projeto ora apresentado descreve com clareza o problema e a problemática da pesquisa, bem como os objetivos, referencial teórico e metodológico, além dos procedimentos de coleta e análise de dados, possibilitando uma segura análise de seus aspectos éticos.

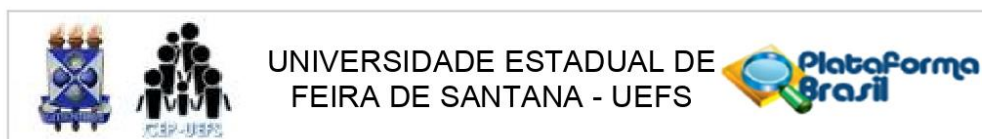
Ressaltamos a importância dos pesquisadores respeitarem a autonomia dos participantes, bem como só utilizar as imagens se autorizado.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Encontram-se anexados ao formulário os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

- 1) Folha de rosto, assinada pela Diretora do Departamento de Letras e Artes da UEFS;
- 2) Declaração do orientador, comprometendo-se a observar as Resoluções 466/2012 e 510/16;
- 4) Carta de autorização da escola onde será realizada a pesquisa, assinada pela vice-diretora da

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.494.330

instituição;

5) TALE

6) TCLE.

7) Instrumento de coleta de dados -

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após o atendimento das pendências, o Projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme norma operacional 001/2013 e a Resolução nº 466/12 e 510/2016 (CNS).

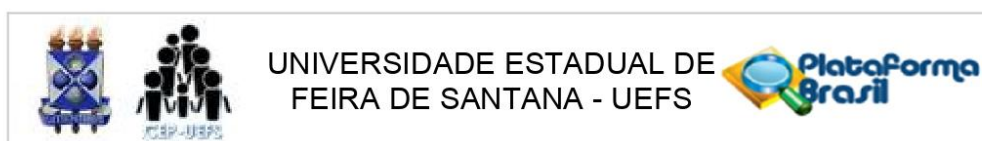
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12 e 510/2016 e da norma operacional 001/2013. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12 e Cap II da Res 510/2016. Relembro que conforme institui a Res. 466/12 e 510/2016, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1015983.pdf	09/01/2018 19:30:38		Aceito
Outros	oficio.docx	09/01/2018 19:28:54	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoNOVO.docx	09/01/2018 19:28:02	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento_livre_e_esclarecidoNOVO.docx	09/01/2018 19:22:15	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_NOVO.docx	09/01/2018 19:20:30	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.494.330

Orçamento	Orcamento.docx	09/01/2018 19:19:43	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevista_professor.docx	09/01/2018 19:18:40	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
Outros	termo_de_autorizacao_de_uso_de_imagem.docx	09/01/2018 19:16:07	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
Outros	Questionario_semiaberto.docx	24/10/2017 09:59:52	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista_semiestruturada.docx	24/10/2017 09:59:38	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_do_pesquisador.jpg	24/10/2017 09:59:18	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_do_orientador.jpg	24/10/2017 09:58:45	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Orçamento	Orcamento_financeiro.jpg	24/10/2017 09:58:20	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_do_diretor.jpg	21/10/2017 14:07:36	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	21/10/2017 13:50:41	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento.docx	21/10/2017 13:34:15	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.docx	21/10/2017 13:29:43	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.docx	21/10/2017 08:37:33	MANOEL CLERISTON LUNA CAVALCANTE	Aceito

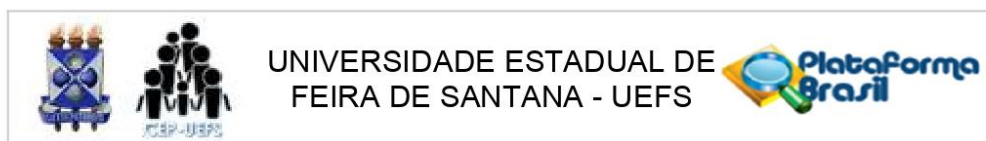
**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.494.330

FEIRA DE SANTANA, 11 de Fevereiro de 2018

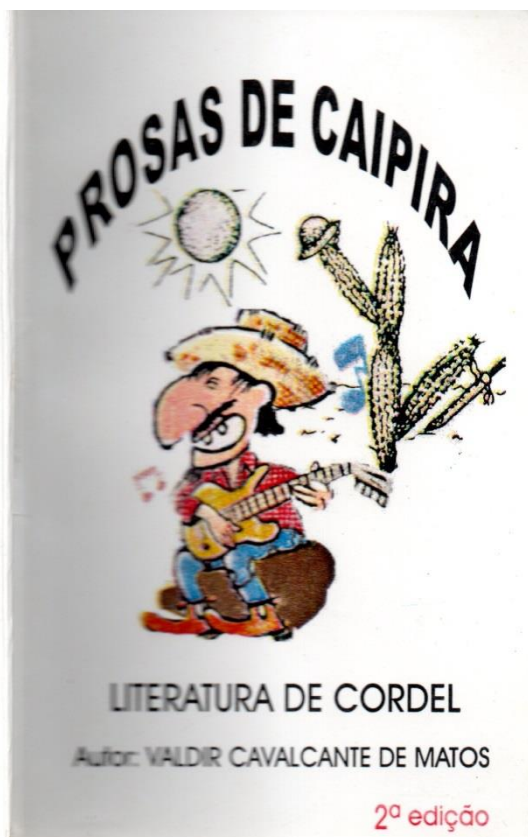
---

**Assinado por:**  
**Pollyana Pereira Portela**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17      **CEP:** 44.031-460  
**UF:** BA      **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8067      **E-mail:** cep@uefs.br



**ANEXO B – LIVRETO PROSAS DE CAIPIRA  
VALDIR CAVALCANTE DE MATOS**



**PROSAS DE CAIPIRA**

2ª edição

DEZEMBRO / 1999

## ÍNDICE

PREFÁCIO .....	02
DEDICATÓRIA.....	03
A INOCÊNCIA DE SIMPLICIANO.....	04
SAUDADE DE UM CAIPIRA.....	12
O ANALFABETO POLÍTICO.....	24
RECADÃO DO CORAÇÃO.....	36
ARRAIÁ DO CAIPIRA.....	42
AGRADECIMENTOS	
ORAÇÃO DO POETA.....	48

## PREFÁCIO

*Caro Valdir*

Realmente tu como em regra o nordestino é um homem afetado pelo sofrimento das incertezas. Contudo, ainda contra motivos para alimentar esperanças e parte para a luta apesar das dificuldades.

Não me espanta a tua garra, o teu talento. Tive a felicidade de tê-lo como aluno no curso de 2º grau (magistério) e, principalmente o admirava pela simplicidade e naturalidade de um jovem de origem camponesa que defendia e defende com amor as tuas raízes. Isto expressas muito bem quando escolhes como fonte inspiradora para tua 1ª obra, o homem caipira e os problemas sociais inerentes a vida sofrida do pequeno homem do campo. Fazes com muita sabedoria, consegues reunir humor e censo crítico.

Sou admiradora e mais do que isto, tua amiga. Os amigos são os únicos que nos fazem sentir importantes. A sociedade atual qualifica-se como sendo de massas. Os meios de comunicação, as informações rápidas, a internet, robótica, o instantâneo dos acontecimentos... Tornaram os encontros, as reuniões ... raras de acontecerem. Reconheçamos o lado positivo do avanço tecnológico sem contudo, esquecer que nada substitui o contato humano e sincero do amigo.

*Obrigada! E coragem!*

*Muito fraternamente, a tua amiga*  
*Profª Rachel Gonsalves dos Santos*

Tucano, 27 de Novembro 1997

## DEDICATÓRIA

*Dedico este livro a meu pai (José Messias de Matos), a minha mãe (Evanice Cavalcante dos Reis), a todas as pessoas que fazem parte de minha família, a meus ex-professores da Escola Luiz Eduardo Magalhães (ELEM) e a todos os meus amigos que deram o maior apoio à concretização deste objetivo.*

03

## INOCÊNCIA DE SIMPLICIANO

Meu nome é Simpliciano  
Casado cum Bastiana  
Namorei uma sumana  
Vivo junto à trinta ano  
Sou caipira baiano  
Vivo aqui nesse mundão  
No interior do sertão  
No nordeste do nordeste  
Adonde o caba da peste  
Sofre pa ganhar o pão

Tenho quatro fio nessa vida  
Dois home e duas muié  
O nome deles cumé  
Vou dizer logo in siguida  
A premeira a ser nascida  
Foi Maria, uma minina  
Já nasceu cum boa cina  
Dispois veio Sivirino  
Caba macho, bom minino  
Dispois veio Lixandrina

04

Dispois de ter esses três  
Dende três ano pegada  
Bastiana já cansada  
Discansa um ano e déis mês  
E dinovo outa vês,  
Sintiu sordade do cheiro  
Prepara o ninho o puleiro  
Disatano o nó da peia  
E dispejou Zé Candeia  
Esse foi o derradeiro

Tá cuns tempo puraqui  
Apertou um verãozão  
Um sol de rachar o chão  
Munto apertado mim ví  
Três safra inda pirdi  
Acabou feção e mio  
Os vaso ficou vazio  
Acabei as coisa minha  
Era vendeno o qui tinha  
Pa dar cumida a meus fio

05

Meus fio já tão de maió  
Dixe eu pa minha véa  
Tive agora uma idéa  
Vou mandar se virar só  
Só Zé Candeia é de menor  
Vindi um jegue um cavalo  
Minhas galinhas, um galo  
Juntei os paninho de bunda  
E num dia de sigunda  
Mandei eles pa Sum Palo

O tempo foi se passano  
E eles num iscrivia  
E puraqui já chuvia  
O tempo foi miorano  
Passaro quage déis ano  
Sem nutiça de ninguém  
Só mermo conde arguém  
Discia de lá pra cá  
E mim dizia pur lá  
Eu vi falar qui tão bém

06

Agora cuma Deus quis  
 Mim iscrevero inté quinfim  
 Mandaro uma carta pra mim  
 Tou aqui munto feliz  
 E nessa carta mim diz  
 Compraro um quarto piqueno  
 Tão trabaiano viveno  
 Ganhano munto dinheiro  
 Diz qui num já iscrevero  
 Purque tavam aprendeno

Nessa carta vem falano  
 Qui a mais véia Maria  
 Teve dois fio e seis fia  
 O mais véio tem oito ano  
 O marido é o Zé Fulano  
 Trabaia cuma gari  
 Num sei o qué isso aí  
 É de ser um bom imprego  
 Pa sustentar tanto nego  
 Pa dá cumida e vistir

07

Sivirino, caba macho  
 Diz qui às vês tem sordade  
 Diz qui gosta da cidade  
 Trabaia cuma o diacho  
 O imprego é bom eu acho  
 Dixe qui é travesti  
 Esse nome eu nunca vi  
 Issaí se num mingano  
 É arguma loja de pano  
 Qui aí fala in visti

Lixandrina a carta dixे  
 Qui tá sempre na labuta  
 Dixe qui é prostituta  
 Qui nome difice vixe  
 Dixe que tem imprego fixe  
 Prostituta, seu minino  
 Não sei o qui é, nem magino  
 Essa tem a vida boa  
 Num tem patrão nem patroa  
 Repere cumé o distino

08

E o Zé Candeia, aquele  
 Meu fio mais novo o caçulo  
 Subiu na vida, deu um pulo  
 É gentona hoje ele  
 Graça um amigo dele  
 Um tal de Ontonho Aniba  
 Um caba da Paraíba  
 Tá no comando vermeio  
 É de ser sagento e meio  
 Já tá de cabo pa riba

Além dissaí tomém  
 Aqui nessa carta fala  
 Quele é um caba bom de bala  
 E num perde pa ninguém  
 Já brigou cum mais de cem  
 Esse é o meu fio Zé  
 É valente, apois num é  
 Tem razão é bem verdade  
 Se ele tem outoridade  
 Pa fazer o qui quiser

09

Logo que ele foi chegano  
 Num se deu bem no cumeço  
 Morava sem indereço  
 Vivia qui nem cigano  
 Ainda ficou dois ano  
 Na casa de detenção  
 Essa detenção intão  
 Puro jeito é boa gente  
 Vou lhe mandar uns presente  
 Cinco lito de feção

Os meus fio ainda bem  
 Qui tão tudo trabaiano  
 Eu tou aqui mim lembrano  
 Do cumpade Zé Quem - quem  
 Qui tem quato fio tomém  
 Dois home e duas muié  
 Qui fôro a Sum palo, né  
 Lá tomém num se lembraro  
 E a nutiça qui mandaro  
 Foi uma bomba pro Zé

10

A mais nova é uma pirua  
 Deu pa muié discarada  
 E a mais véa tá casada  
 Cum um barrador de rua  
 Coitada anda quage nua  
 Arrepêda ela geme  
 Se ispirneia, chora treme  
 O mais novo o sinvergonha  
 É ladrão, fuma maconha  
 E o mais véio é macho e feme

Repare que pau sem sombra  
 O Zé amarrou o jegue  
 Num tem peito que sucegue  
 Quem é qui num se assombra  
 Parece mermo uma bomba  
 O Zé ficou arretado  
 Bem qui avisei o coitado  
 Seus fio num são cumo os meu  
 Agora o que se deu  
 Siguio o caminho errado

11

## SAUDADE DE UM CAIPIRA

Cumpade ocê já deu fé  
 Que o mundo tá mudado  
 Dum tempo desse pra cá  
 Tudo tá asavessado  
 O mundo rodou a bola  
 Ficou na nossa caxola  
 Só lembrança do passado

Sô tá lembrado da iscola  
 Conde nós ia pra lá  
 Era uma vontade grande  
 De aprender o B A bá  
 E era aquela aligria  
 No dia qui aprendia  
 Fazer a letra do "A"

Aprender o A B C  
 Era inteligêça pura  
 Inda mais conde sabia  
 Fazer a assinatura  
 Era inteligênça farta  
 Saber fazer uma carta  
 Já era uma formatura

12

Aprender a tabuada  
 Era um grande desafio  
 E conde a pró proguntava  
 Quanté oito e seis meu fio  
 Num sei inda não sinhora  
 Caia na pramatora  
 Se ajueiava no mio

Ramicê deve lembrar  
 Das fexta de Sã Juão  
 Fogueira, fuguete, bomba  
 Rabo-muleque, balão  
 Mio verde nas brasa assano  
 E a chinela raxtano  
 Chap chap no salão

E as fexta de budega  
 Era uma maravia  
 A sofona gemedeira  
 Riscava o fosco acindia  
 E nós pegava a figura  
 Pindurava na cintura  
 Inté manhincer o dia

13

Aqueles divertimento  
 O cumpade tá lembrado  
 Tempo verde de ramáge  
 O mato todo fechado  
 Fazendeiro reunia  
 A vaqueirama e fazia  
 Aquelas pega de gado

Hoje é tudo dismatado  
 Cabou vareda e caminho  
 Os home mataro as caça  
 Acabaro os passarinho  
 Home, minino frecharo  
 Cum istilingue tiraro  
 A vida desses bichinho

Conde manhicia o dia  
 Já dava gosto de ver  
 O cantar do sabiá  
 O piado do sofrer  
 A fexta do azulão  
 Alegrava o coração  
 Ajudava o sol nascer

14

Aonde anda a três pote  
 A cordinis a nambu  
 O viado, a juriti  
 O peba e o tatu  
 Cadê o lebre, a ema  
 O quati, a sariema  
 Vão acabar o teiú

Bem que tá tudo mudado  
 O tempo vuou no vento  
 E se lembrar do passado  
 É um grande sofrimento  
 Doi no peito uma sordade  
 Tou lembrano meu cumpade  
 Das fexta de casamento

Conde tinha um casamento  
 Era uma fexta falada  
 Daquelas que a familia  
 Era toda convidada  
 A gente juntava o povo  
 Ia pa casa dos noivo  
 Mode isperar a chegada

15

Cumpade o namoro era  
 Bem diferente de mais  
 A mocinha invergonhada  
 Pegava a mão do rapais  
 Pa namorar a donzela  
 Anste de falar cum ela  
 Tinha qui falar cuns pais

Hoje se um fizer isso  
 Diz logo qui o caba é frouxo  
 É umas murdida de jegue  
 Uns gatimunho uns acocho  
 Acabaro o respeito  
 Num tem um casal direito  
 É difice um home mocho

Sô se lembra que dinoite  
 No céu as istrela bela  
 Nós deitava no terreiro  
 Ficava oiano pra elas  
 Hoje num tem isso não  
 Chegou a talevisão  
 E umas tale novela

16

E na hora de drumi  
 Vô dava a nós uns conceios  
 Contava umas histora  
 E nós drumia no meio  
 Po vovô num tão ligano  
 Ficam tudo cuchichano  
 Na frente do aparêio

Conde chuvia inverno  
 Que acabava a quintura  
 Nós iterrava a simente  
 Pa isperar a fartura  
 Trabaiava todo dia  
 Era uma corria  
 Êta bataia segura

Drumia um pouco mais cedo  
 Acordava quato hora  
 Pegava o boi brinco novo  
 E a vaca caipora  
 E o arado iterrava  
 A vaca dento da cava  
 O boi puxano pro fora

17

Sordade queu tenho do canto  
 Do veio carro de boi  
 Esses carro deu sumiço  
 Ninguém sabe ponde foi  
 Nós cutucava a trazeira  
 Falava ca dianteira  
 Saía cantano ôi

Hoje os carro é deferente  
 É sortano umas fumaça  
 É umas zuada feia  
 Num tem um pingo de graça  
 É umas carreira do cão  
 E conde pensa que não  
 Acontece uma desgraça

Chegava o fim da sumana  
 O dia de fazer feira  
 Pé na istrada da rua  
 E discambava a ladeira  
 E os menino a pidir  
 Papai tomém deixe eu ir  
 Meus fio deixe de besteira

18

Cum a cangaia no jegue  
 Forrada cum cuchinio  
 Uns caçua cuns minino  
 E uns afoje vazio  
 Cum um chapeusão de paia  
 E no bico da cangaia  
 Pindurado uns bocapio

Nesse tempo os mais veio  
 Tinha a manança boa  
 As duença era difice  
 Num murria gente atóa  
 Nem se lavava as mão  
 Pudia cumer do chão  
 E beber água de lagoa

O fogão era de lenha  
 As pucelana era os prato  
 A água fria de muringa  
 O remédio chá do mato  
 A bacia um aribé  
 Fedegoso era o café  
 Pasta gaio de pau de rato

19

Umas zaprecata tope  
 Dessas das correia mole  
 Umas carçona forgada  
 Que mais parecia um fole  
 Cabelo cum briantina  
 Camisa de amantina  
 As cueca um suspensole

Cumpade lembra que nós  
 Foi numa fexta granfina  
 E jogamo no tupete  
 Um frasco de vazilina  
 Cum camisa pano grosso  
 Butuada no pescosso  
 Mode agradar as minina

Conde tinha um bataião  
 Era uma fexta danada  
 Tinha uns prato de feção  
 Cum galinha cunzinhada  
 Tomava pinga adoidado  
 Todo mundo imbededado  
 E ninguém fazia nada

20

Pa mandar umas nutiça  
 Naquele tempo passado  
 Nós chamava os minino  
 Mandava dá uns recado  
 Hoje só bole cas mão  
 Basta apertar uns botão  
 Cunversa do outo lado

Cumpade inda tá lembrado  
 Cuma era de premeiro  
 Conde a noite aquetava  
 Que apagava os candinheiro  
 Vinha uns burro trupelano  
 E nós ficava iscutano  
 Ia passano uns tropeiro

O perdigueiro latia  
 Paricia um condenado  
 Nós raiava cum os cachorro  
 Vai se deitar disgraçado  
 Caminha daí, ôxente  
 Cuma quem nunca viu gente  
 Pobe cachorro pelado

21

Tinha munto mais respeito  
 Naquele tempo de outrora  
 Era difice um ocê  
 Era senhor e sinhora  
 Bença mãe e bemça pai  
 Mais véio nus bençuái  
 Meu fio Deus lhe dê miora

É cumpade só sordade  
 Daquele véio mundão  
 Hoje tudo é violença  
 Uma guerra entre irmão  
 Tamo viveno outa vida  
 Aquela foi ingulida  
 Pela tale evolução

22

## ANALFABETO POLÍTICO

Eu sou o Aparicido  
 Aparicido Silvano  
 Aqui no sertão baiano  
 Sou munto bem cunhincido  
 Sou um caba distimido  
 Infrento quarquer bataia  
 Meu sangue inda tem braia  
 Do valente Lampião  
 Se eu der num caba ca mão  
 Se num for forte dismaia

Pureu ser munto falado  
 O pessuá do lugar  
 Resolvero mim falar  
 Mode eu ser canidatado  
 Nisso pensei um bucado  
 Num sabe, bem que pudia  
 Ser prefeito puruns dia  
 Pa cuncertar esses beco  
 Da cidade coco seco  
 No istado da Bahia

23

24

Fui percurar o prefeito  
 Pa nós dois se cunversar  
 Lá num deixaro e o entrar  
 Dissero: não, num tem jeito  
 Fui logo meteno os peito  
 Cum o bico do sapato  
 Dividi a porta in quato  
 Prefeito quero um apoio  
 Ele mim disse ôio a ôio  
 Já tenho meu canidato

Aí num cunversei não  
 Falei bateno no peito  
 Num prciso dum prefeito  
 Pa ganhar uma eleição  
 Vou contra o prefeito intão  
 Pode apertar a cintura  
 Quero essa tá prefeitura  
 E tomém vou avisar  
 Meu fio mais véio vai entrar  
 Na tale viriadura

25

Uma tá riunião  
 Fui logo participar  
 Lá ia se incontrar  
 A tale opusição  
 Mim proguntaro patrão  
 Cunhece as lei das pessoa?  
 Cunheço duas qui é boa  
 Sabe qualé criatura?  
 Já vi falar na lei tura  
 E cunheço bem a lei toa

Eles dero inté risada  
 Da minha sabiduria  
 E eu só de aligria  
 Dei uma bela gaitada  
 Cumas cunversa fiada  
 Mim dissero qui num presta  
 Mió eu num entrar nesta  
 Mostrei umas nota de cem  
 Eles dissero: tá bém  
 Ramo preparar a festa

26



Saí virado a serena  
 Correno atrais de voto  
 Tirei uma ruma de foto  
 Da grande média e piquena  
 Gastano cumo a grenguena  
 Mim incheno de cumprimisso  
 Visitano inté hospicho  
 Subi in um caminhão  
 Autifalante na mão  
 Fiz o premeiro cumiço

Meu povo cocossecano  
 Vim aqui nesse lugar  
 Pidir pa ocês votar  
 In Aparicido Silvano  
 Purque meus povo, meus prano  
 É dar surra de facão  
 Nos vagabunda ladrão  
 Qui a vida é robar galinha  
 Infernizano as vizinha  
 Sem fazer calo nas mão

27

Essa cidade sufrida  
 Pricisa de mais istrada  
 Já tão tudo isburacada  
 Suas entrada e saída  
 Que nem casa mal cubrida  
 Que a ventania disteia  
 Pa istrada eu tenho idéia  
 Meus povo e minhas pova  
 Dispois queu abrir as nova  
 Tapo o buraco das véia

Minha gente tem aqueles  
 Ca gente tapa uns beuraco  
 E vem esses puxa saco  
 Dispois dizer qui foi eles  
 Repara pro jeito deles  
 A gente inventa um invento  
 Quem ganha é esses jumento  
 Parece umas coisa azeda  
 O préa fais a vareda  
 E tatu caminha dento

28

Veno qui num tem saída  
 Eles sai cumas cunversa  
 Qui eu faço umas promessa  
 Qui nunca foro cumprida  
 Vá cuidar de suas vida  
 É assim qui tem que ser  
 Casse outa pa dizer  
 Pra quê cumprida rapais?  
 Se as curta ninguém fais  
 As cumprida vão fazer?

Eu prometo pra ocês  
 Qui num vou prometer nada  
 Essa promessa fiada  
 Inté hoje ninguém feis  
 Eu faço logo de véis  
 Pa num deixar prometido  
 Meu povo aqueles bandido  
 Caquelas língua de cobra  
 Falou queu nunca fiz obra  
 Só seu tiver intupido

29

Ocês vão pa capitá  
 Pra outas terra caminha  
 Minha gente in terra minha  
 Ocês num vão se dá má  
 Nesse mundo disiguá  
 O rico tem mantimento  
 O pobe só sofrimento  
 A coisa tá mermo feia  
 A pança do rico cheia  
 E a do pobe lá dento

Nessa terra de sol quente  
 Vou trabaiar um bucado  
 Vou prantar os meu roçado  
 Pa dar imprego essa gente  
 Vou emprestar a simente  
 Vou fazer incanação  
 Pa moiar as prantação  
 E só quero voto im troca  
 Ocês prantam mandioca  
 Na saída do fejão

30

Meu cumpade, minha cumade  
 Ramicês viro o buato  
 Qui o outo canidato  
 Quer mudar essa cidade  
 Magine qui trocidade  
 Qui mintira mais porreta  
 Dessas pintada de preta  
 Mudar a cidade inteira  
 Será qui é cum inxedeira  
 Ou vai levar nas carreta

Tou isperano ganhar  
 No dia da eleição  
 Quero ver a sua mão  
 In Aparicido votar  
 Pa vê o qui é traibaier  
 Quero deixar ispricado  
 Tire por meus impregado  
 Leva uma boa vida  
 Além de ganhar cumida  
 Ainda dou uns trocado

31

Conde os cumiço acabaro  
 Veio a preparação  
 Pru dia da eleição  
 E eu já tava no preparo  
 E os dia se passaro  
 Inté qui chegou o dia  
 Foi aquela corriria  
 Mim joguei dento dun terno  
 Desses trage meio muderno  
 Fui votar cum a famia

Peguei no papel cum jeito  
 Conde ôiei quage mim perdo  
 Um nome do lado isquerdo  
 O outo do lado direito  
 Trimi qui quage mim deito  
 Tava cum medo de errar  
 Mim dissero divagar  
 Vote cum munto cuidado  
 Pro voto num ser nulado  
 E num perder de ganhar

32

Mostrei os meus documento  
 Entrei pa uma gabina  
 Fui cumprir a minha cina  
 Dispois qui tava lá dento  
 Ali naquele momento  
 Uma atrapaia veuio  
 Fizero uns roubo feio  
 Só tinha nome no lado  
 E pa num votar errado  
 Pinquei o voto no meio

Quage qui num chega o fim  
 A contage demorou  
 Sabe quantos mim votou  
 Num tive um votinho assim  
 Nem o meu contou pra mim  
 Isso é uns roubo de gato  
 Uns ruedor qui nem rato  
 Pirdi no primeiro arranco  
 Votaro num tal de branco  
 Qui nem era canidato

33

Cê sabe cumé qui é  
 A trapaia foi no lado  
 Purisso votaro errado  
 Inté a minha muié  
 Tomém os meus fio inté  
 Famia de atroado  
 A quem pode ter puxado  
 Só num foi de minha parte  
 Que pru lado dessas arte  
 Eu sou um doutor formado

E o cumpade tonhão  
 Qui era ele e mais dois  
 Mim viu uns dia dispois  
 Mim proguntou sabe não  
 Qui dia é a eleição  
 Ô cumpade po favor  
 Vá tomar no sentador  
 Sim cumpade, vou tomar  
 Donde é esse lugar?  
 Na burrice do senhor

34

O meu fio qui pulou fora  
 Num quis mais canidatar  
 Viu qui num ia ganhar  
 Disistiu logo na hora  
 Tou virado a catapora  
 Se mim triscar pego fogo  
 Não jogo mais nesse jogo  
 Quage qui eu mim acabo  
 Gastei um dinheiro brabo  
 E de falar mim deu um gogo

Só quero ser coroné  
 Da cidade coco seco  
 Apanhar no mermo beco  
 Isso é coisa pa mané  
 Inda vou mostrar quem é  
 Coroné Aparicido  
 Vão ficar arrepindido  
 Labutei uns cinco ano  
 Meu pai morreu labutano  
 Isso é pa doido barrido

35

## RECADÃO DO CORAÇÃO

Estes versos é uma carta  
 De um matuto que ama  
 Como gosta de ouvir rádio  
 Ouve até mesmo na cama  
 Procurou um portador  
 Mandou uma carta de amor  
 Para um desses programas

Amigo radiador  
 A minha intrometição  
 É pa falar da muié  
 Qui é a minha paxão  
 É uma coisinha bela  
 Qui conde eu cunhici ela  
 Fiquei foi munto doidão

O que eu tou lhe mandano  
 Dizer nessas duas linha  
 É procê num esquecer  
 Queu sou seu e ocê é minha  
 Pa quem num cunhece a dama  
 Leoporda ela se chama  
 Mais eu chamo é de Pordinha

36

ô meu melzinho de ingenho  
 Sem ocê só sou garapa  
 Acordar sem ter ocê  
 É qui nem levar um tapa  
 Tou qui nem um galo choco  
 O meu peito abriu um oco  
 Que mil remendo num tapa

A sua farta mim doi  
 Minha margura é eterna  
 Meu coração indoidou  
 Que o corpo num governa  
 Tem hora que sai do peito  
 Vai lá po lado dereito  
 Tem hora qui tá na perna

Conde lhe vejo na festa  
 Dançano o baco baco  
 Raxta no chão a chinela  
 Qui fica rancano os taco  
 Caquelas perna cambraia  
 Intonada numa saia  
 Chega ripio o subaco

37

Seu rostinho meu quadrado  
 Seu percocinho meio torto  
 Mim deixa todo assonhado  
 Qui fico dançano sorto  
 E o qui mais deixa eu pirdido  
 É os seus dentinho pudricido  
 E os zoinho de peixe morto

Meu pensamento in ocê  
 Tá vuano qui nem pipa  
 Se tiver mim iscutano  
 Vem pa eu minha chulipa  
 Tou doido pa lhe apertar  
 Um dia eu vou lhe achar  
 Minha farofa de tripa

Quem tiver mim iscutano  
 Passe esse aviso pra ela  
 Pordinha meu sonho é ocê  
 dormir na minha titela  
 Cê tá minha caxola  
 Minha fror que o bizoro inrola  
 O meu peito por ti gela

38

Vou subir na caxa d'água  
 Vou gritar cuma tarasca  
 Vem logo minha pordinha  
 Se não meu peito se lasca  
 Vou isperar cê chegar  
 Qui é peu lhe levar num bar  
 Pa nós tomar umas casca

Donde será que cê anda  
 Minha pordinha pançuda  
 Ruma logo suas trouxa  
 E venha logo de muda  
 Arreda desse lugar  
 Queu tou doído pá bejar  
 Essa boquinha bicuda

Ainda sinto sordade  
 Do seu cherinho injuado  
 Das unha calabriada  
 Dos cabelo rupiado  
 De lhe pegar de verdade  
 E apertar cum vontade  
 Seu corpo mal rebocado

39

Cê mim dá água na boca  
 Minha pipoca sem sal  
 Se nós dois tivesse junto  
 Dava um bunito casal  
 Mais cê se saiu ligeiro  
 Só ficou in mim um cheiro  
 Do perfume de um real

Sordade do seu andado  
 Fazeno aquele requebre  
 Da sua texta lambida  
 Das ureinha de lebre  
 Dos seus sombrinho pendente  
 Daquele seu corpo quente  
 Conde ficava cum febre

Antes de acabar vou  
 Dá os meus gardecimento  
 A ocês qui dero um tempo  
 Pá iscutar meus sofrimento  
 Sou Zezinho namorador  
 A percura dum amor  
 Qui mim deixou no aturmento

40

Eu sei qui esse progama  
 É munto lugar qui pega  
 Purisso mandei a carta  
 Pa ver se o peito sucega  
 Amigo radiador  
 Mim faça mais um favor  
 Toque aí uma musga brega

41

## ARRAIÁ DO CAIPIRA

Vou convidar o cumpade  
 Pa queimar fogueira in casa  
 Vou levar um sofoneiro  
 Dos que conde toca arrasa  
 Qui é pa nós tomar quentão  
 Sortar foguete a rojão  
 E assar munto mio nas brasa

E dinoite raxtar asa  
 Pas minina dançadeira  
 Levar elas po salão  
 Forrosar a noite inteira  
 Prosiar e bater papo  
 E licor de ginipapo  
 Qui fais nós falar besteira

Pa animar a brincadeira  
 Eu vou convidar Tereza  
 Zefa, Maria, Zabezinha  
 Vai ficar xuxu beleza  
 Tonha e Peda de Mané  
 E tudo qui for muié  
 Qui tiver na redondeza

42

Munta cumida na mesa  
 Sã Juão é fexta boa  
 As muié tomano mé  
 E dano risada atoa  
 Dum jeitinho bem caipira  
 Vem um lito a gente vira  
 Bebe tanto qui injoa

E conde a gente amoa  
 Bem no pé do sofoneiro  
 Dá uma pinga pra ele  
 Pede pa tocar ligeiro  
 Só se ver saia rodar  
 E a pueira levantar  
 Dento do salão inteiro

Êta que povo fextero  
 De quando in vêis um arreia  
 Quem num guenta beber munto  
 Fais a cama de areia  
 É bebo in todo lugar  
 Se as muié se imbebedar  
 Aí é qui é coisa feia

43

Quanto mais de cara cheia  
 Mais o balanço é siguro  
 Candineiro acaba o gais  
 Segue a dança nos iscuro  
 As muié perde os marido  
 Só vai achar iscundido  
 Cum outa atrais do muro

Conde os dedo fica duro  
 O som da sofona ingrossa  
 Aí é qui tá beleza  
 Cas muié num tem quem poça  
 Raxta no chão a chinela  
 O suor lava a canela  
 Cum o calor do roça-roça

E o casamento na roça  
 É hora da diversão  
 Pai da noiva, mãe da noiva  
 Delegado, sacristão  
 Noivo e noiva qui se quer  
 Aparece outa muié  
 Tá armada a confusão

44

Xote, forró e baião  
 Se mistura na pueira  
 Home, minino, muié  
 Sorta fogo e fais zueira  
 Todo mundo quer brincar  
 Quem num arruma seu par  
 Se isquenta na fogueira

Êta muié forroseira  
 Sacode as pedra do piso  
 Dançano cum os pé discalço  
 A sola dos pé tá liso  
 Quando cum ela mim tranço  
 Tudo qui tocar eu danço  
 Do tanto qui for prciso

Sã Juão manda um aviso  
 Qui tá gostano da fexta  
 A lua fais o forró  
 Deixa de fazer serexta  
 Os pingunço dá uns grito  
 Bate no fundo dos lito  
 Bebeno o pouco qui rexta

45

Grita povo a hora é esta  
 Grita viva Sã Juão  
 Bota lenha na fogueira  
 Chama as moça po salão  
 Sofoneiro raxta o fole  
 Jogue duro num dê mole  
 Quero ver animação

Isso é qui é diversão  
 Aligria do roceiro  
 Trabaiaador nordestino  
 Mais forte dos brasileiro  
 Dispois de uma jornada  
 No cabo de uma inxada  
 Ganhano pouco dinheiro

Deus ajude o mundo inteiro  
 Pro rico e po pobe eu peço  
 Viva Deus porque nós vive  
 Sem nós num tinha o progresso  
 Você qué cheio do boró  
 É desse nosso suor  
 Qui depende seu sucesso

46

E no final desses verso  
Eu abraço a mutidão  
Mais tá bom qui tá danado  
Tá arretado povão  
Vou sacudir a pueira  
Vou tomar a saideira  
Viva Deus, Viva São João

47

## AGRADECIMENTOS

### AOS LEITORES

Os meus sinceros agradecimentos pelo interesse e admiração demonstrado através do gesto curioso de apreciar esta obra, contribuindo ao avanço literário e poético.

### A DEUS

Agradeço a Deus pelo dom que me concebeu, iluminando minha capacidade criativa, dando-me o orgulho de ser capaz.

### ORAÇÃO DO POETA

Senhor todo poderoso  
Vós que tendes a magia  
A glória e o poder  
O dom da sabedoria  
Protegeis o bom poeta  
Que com palavras concretas  
Constrói sua poesia

48